

LARISSA BERGAMO ZANARDO

**LAÇOS DE AFETO: as homoparentalidades pela via da adoção**

ASSIS

2014

LARISSA BERGAMO ZANARDO

**LAÇOS DE AFETO: as homoparentalidades pela via da adoção**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

ASSIS

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Z271 Zanardo, Larissa Bergamo  
Laços de afeto: as homoparentalidades pela via da adoção /  
Larissa Bergamo Zanardo. - Assis, 2014  
212 f.

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis - Universidade Estadual Paulista.  
Orientador: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

1. Homoparentalidade. 2. Adoção. 3. Crianças adotadas. 4.  
Psicologia social. 5. Afiliação (Psicologia). I. Título.

CDD 158.2  
362.734

ZANARDO, L. B. **LAÇOS DE AFETO: as homoparentalidades pela via da adoção.** 2014. 212 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

## RESUMO

Atualmente constata-se, sobretudo em países ocidentais, maior visibilidade de formas não tradicionais de organização e agrupamentos familiares os quais se configuram como arranjos que se distanciam da estruturação nuclear e patriarcal. Dentre estas atuais possibilidades, a adoção de filh@s por homoafetiv@s ainda é uma temática polêmica que divide opiniões incitando discussões acadêmicas. Uma vez que se constitui como ciência que trabalha com a sexualidade, a intimidade e as relações de parentesco e conjugais, a Psicologia enquanto profissão tem sido chamada a se posicionar nos diálogos sobre o tema. Sensível a estas questões, no presente trabalho buscou-se maior compreensão sobre as famílias compostas por conjugualidades dissidentes das normativas sexuais que rompem com a matriz de formação familiar por laços sanguíneos. Para tal, desenvolveu-se inicialmente um estudo teórico com base em pesquisa bibliográfica explorando-se as questões que envolvem as homoparentalidades pela via da adoção. Procurou-se a desnaturalização de alguns fenômenos tomados como inatos e/ou mais legítimos, bem como, sinalizar para o fato da Psicologia, enquanto ciência e profissão, não poder se ater a modelos teóricos que concebam padrões familiares e de parentalidade de forma rígida e desatualizados do contexto vivido atualmente. A realização deste trabalho se deu por meio de pesquisa de campo, na qual se entrou em contato com dois pares homoafetivos (um de mesmo sexo biológico feminino e outro masculino) que possuíam filh@s pela via da adoção. Através dos relatos de suas histórias de vida familiar e posterior *Análise de Conteúdo* constataram-se os efeitos e sentidos das homoparentalidades pela via da adoção daqueles que as vivenciam. Como resultado, não se obtiveram dados que possam ser generalizados a todas as mães e a todos os pais homoafetiv@s, no entanto, a pesquisa apresentou algumas experiências singulares, as quais sinalizam para as múltiplas formas possíveis e válidas de se constituir em família e se vivenciar os afetos.

Palavras-chave: Homoparentalidades. Adoção. Psicologia. Estudos de Gênero.

ZANARDO, L. B. **TIES OF AFFECTION: the homoparenthood by the adoption.** 2014. 212pp. Dissertation (MA Psychology).– Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

### **ABSTRACT**

Mainly in Western countries have presented the greater visibility of non-traditional ways of organization and family groups which are configured as arrangements that deviate from nuclear and patriarchal structure. Among these current possibilities, the adoption by homosexual is still a controversial subject that divides opinion urging academic discussions. Since it is a science that works with sexuality, intimacy and relationships of kinship and marriage, psychology as a profession has been called to stand in the dialogues on the subject. Sensitive to these issues in the present study, it seeks the greater understanding concerning the families composed by dissident conjugality's sexual norms that break with the array of family formation by blood. Indeed, initially developed a theoretical study based on literature by exploiting the issues surrounding the homoparenthood by way of adoption. Sought the denaturalization of some phenomena taken as innate and / or more legitimate, as well as, signal the fact of psychology while the science and profession cannot stick to devise theoretical models of parenting and family patterns rigidly and outdated context currently lived. This study was done through field research, in which it came into contact with two homosexual couples (one of the same biological sex female and other male) who had children by adoption. Through the reports of his stories of family life and subsequent content analysis found the effects and meanings of homoparenthood by the adoption of those who experience them. As a result, did not obtain data that can be generalized to all mothers and fathers homosexual, however, the research presented some unique experiences which point to the many possible and valid to constitute a family and experience the ways affections.

Keywords: Homoparenthood. Adoption. Psychology. Gender Studies.

*E a vida vai tecendo laços  
Quase impossíveis de romper:  
Tudo que amamos são pedaços  
Vivos de nosso próprio ser.*

(do poema: *A vida assim nos afeiçoa*. In:  
BANDEIRA, M. **A cinza das horas**, 1917.)

*Acontece que a vida é infidelidade a normas e disso não  
escapa nenhum engenho humano. [...] Nem crédulos,  
nem desconfiados, talvez a melhor pergunta sobre o  
amor seja aquela dirigida à nossa vontade de potência:  
como fazer da vida aquilo que queremos e não a cópia  
do que quiseram por nós? (COSTA, 1998, p.18 e 22)*

## AGRADECIMENTOS

Às/Aos participantes da pesquisa pelo carinho com que me receberam e pela permissão em compartilhar suas histórias. Por me abrirem a porta de suas casas e assim, a porta para a efetivação do presente trabalho.

Ao Fernando, por possibilitar a realização deste mestrado, algo tão sonhado por mim. Também pela oportunidade de crescimento oferecendo-me o contato com a clínica e com o ofício da orientação, bem como pela paciência no meu processo de assimilação de uma nova Psicologia.

Ao Wiliam por me apresentar as outras Psicologias possíveis, assim como, conhecimentos para começar a colocá-las em prática.

Ao Leonardo e Maurício por aceitarem o convite em compor a banca do exame de qualificação e pelas significativas contribuições ao trabalho.

Ao programa de pós-graduação e ao *CNPq* pela concessão de bolsa.

À Valéria pelo carinho e atenção na revisão do texto.

Ao *GEPS* e ao projeto “*Laços de amor: adoção, cidadania, gênero e direitos*” pelas obras disponibilizadas em suas bibliotecas, e a seus membros pelas opiniões que contribuíram na escrita deste trabalho.

À Diana e Luisa, por acompanharem os primeiros passos da minha vida acadêmica.

À instituição *UNESP* e suas/seus funcionári@s, pela formação educacional e pessoal que me proporcionaram e às/aos “*unespian@s*”, em especial ao/à Danilo, Ponce, Juliana, Elisa e Lucas por acompanhem e participarem com trocas de saberes, bem como, aos demais colegas da pós-graduação que dividiram as angústias e alegrias deste percurso.

Às/Aos amig@s de Rio Claro por compreenderem minha ausência e me receberem tão bem nas minhas voltas. Em particular Lobo e Renato que se fazem tão presentes em minha vida mesmo com a distância e por serem pessoas com quem sempre eu posso contar.

Às/Aos amig@s de Assis, por me permitirem a construção de um novo lar aqui, em especial às amigas Monique e Pâmela.

A Paulo e Marta por cuidarem da minha saúde, particularmente nesse momento em que ela esteve tão fragilizada.

Ao meu Pai e à minha Mãe, por cumprirem tão efetivamente e tão bem estas funções e por terem me apresentado, de maneira apaixonada, o universo da pesquisa e da docência.

A todos os familiares que estiveram próximos de mim, por abraçarem meus sonhos, e notadamente minha avó Zulmira por me fazer sentir tão amada.

Às Marias da minha vida: Aparecida, Angela, Inez, Fernanda e Dudu, exemplos de um feminino cheio de potência.

*Para aquel@s que ousam viver para além do pressuposto nas normativas sexuais e de formação familiar por laços sanguíneos. Em particular às/aos participantes deste trabalho.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1</b>	
1.1 A Psicologia e as formas de ser família: para além dos modelos teóricos consagrados .....	13
1.2 Refletindo sobre o conceito homoafetividade .....	18
<b>CAPÍTULO 2</b>	
2.1 De quais famílias estamos falando? .....	22
2.2 Tecendo laços: as relações de parentesco em constante transmutação .....	23
<b>CAPÍTULO 3</b>	
3.1 Laços afetivos de parentesco .....	36
3.2 As homoparentalidades pela via da adoção .....	43
<b>CAPÍTULO 4</b>	
4.1 Objetivo geral da pesquisa .....	62
4.1.1 Objetivos específicos .....	62
4.2 Métodos .....	62
4.2.1 A escolha d@s participantes .....	64
4.2.2 Aspectos éticos .....	65
4.2.3 O trabalho de campo .....	65
4.2.4 Forma de análise dos resultados .....	67
<b>CAPÍTULO 5</b>	
5.1 Crônicas sobre @s participantes .....	69
5.1.1 Crônica de Denise, Amanda e Angélica .....	69
5.1.2 Crônica de Jorge, Raul, Lucas e Glória .....	80
5.2 A Análise de Conteúdo .....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	133
<b>ANEXOS</b>	
Transcrição da entrevista com Denise, Amanda e Angélica .....	143
Transcrição da entrevista com Jorge .....	183

## INTRODUÇÃO

Folheando páginas de trabalhos acadêmicos, não raro, e até com bastante frequência, nos deparamos com um fato curioso, parte, talvez de seu protocolo, elemento quase onipresente nos “agradecimentos” é a nomeação de pelo menos um membro da família do pesquisador, citado e reconhecido como alguém, que de alguma forma, possibilitou ao autor a conclusão de tal atividade.

Assim, o tema família é um assunto que de certa maneira diz respeito a todos nós. No meu caso, levando-me ao interesse de tê-lo como temática de estudo científico, para além do item agradecimentos. Meu percurso em pesquisa acadêmica iniciou-se em 2006, quando no curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, por intermédio do Programa Interdisciplinar de Iniciação Científica (PIIC), realizei uma pesquisa intitulada “*O autismo e seus pais: um estudo sobre as relações da família de pessoas autistas*”. Em tal pesquisa, foi a primeira vez que lancei meu olhar sobre as instituições familiares e as relações que se dão dentro delas.

Em um momento posterior, no ano de 2009, mais uma vez tive minha atenção voltada para as configurações familiares, a partir da execução do projeto de iniciação científica financiado pela FAPESP, “*O imaginário de família apresentado por crianças inseridas em novas formas de constituição familiar*”, quando pude fortalecer em mim o desejo de continuar estudando famílias, mais especificamente aquelas que socialmente sofriam algum tipo de estigmatização.

Desse modo, já ao final de minha graduação e atuando como estagiária de Psicologia Clínica junto a pais que desejavam adotar ou já conviviam com filhos adotivos, tive meu interesse voltado a estudar, em nível de pós-graduação, uma disposição familiar que ganhava cada vez mais visibilidade social: a família homoparental, especialmente a formada pela via da adoção. Neste caso, ative-me aos preconceitos que circundam e incidem nas unidades familiares, notadamente naquelas que se afastam da heteronorma na constituição familiar a partir de vínculos bioparentais, e do modelo nuclear estabelecido com o advento da burguesia.

Meu ingresso na pós-graduação, proporcionou-me o amadurecimento do desejo de estudo e o de olhar de forma mais crítica para a família, não a compreendendo apenas por meio de sua função junto ao desenvolvimento infantil, mas enquanto instituição inserida e regulada pelo meio social.

As contribuições foucaultianas sobre a genealogia da *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 1988), dentre elas, a desnaturalização das verdades científicas sobre o sexo, bem como, as contribuições dos Estudos Feministas que desnaturalizaram o sexo do gênero – considerando a anatomia não enquanto destino –, e dos Estudos LGBT<sup>1</sup> que desassociaram o gênero da orientação sexual, vemos surgir uma nova luta dos Movimentos de Adoção que procuram desassociar os laços sanguíneos da “verdade” sobre as constituições familiares. Tais Movimentos pró-adoção, ao fundamentarem os laços familiares a partir da perspectiva do afeto, sobretudo o amor incondicional de pais/mães para com seus/suas filh@s, abrem campos de investigação e problematizam políticas de sexualidade até então tomadas como “verdades” a-históricas. É neste contexto, que as famílias homoparentais ganham maior visibilidade política, econômica e social e tornam-se objeto de estudos acadêmicos.

Uma vez que o sexo biológico não determina o gênero, o caráter e a índole de uma pessoa; uma vez que o gênero não implica em uma relação direta com a orientação sexual, prática sexual e o desejo de alguém, a homossexualidade, portanto, deixa de ser vista como imoralidade social, doença mental, e passa a ser vista como uma diferença dentre os diversos modos de expressão da sexualidade humana. A pessoa homossexual, humanizada, e tão “normal” quanto a pessoa heterossexual, também passa a ser vista como alguém capaz de amar e exercer funções parentais. Em paralelo, os movimentos sociais pró-adoção contribuem com estudos e práticas que combatem a velha associação que condicionava a “verdadeira” família às normas dos laços de sangue. Neste contexto, portanto, a pessoa homossexual, “gente como a gente”, ou seja, equiparada às pessoas heterossexuais nas suas capacidades de desenvolverem laços de amor, relações conjugais, sente-se apta a participar do movimento pró-adoção.

Todavia, esta conjunção: “homoparentalidade humanizada” e “heteroparentalidade consolidada” caminhando unidas no movimento pró-adoção não se dá sem embates. Uma vez disposto que os laços de afeto são os “verdadeiros” condicionantes para a construção de uma família, bem como as contribuições de outras disciplinas, dentre elas a Psicologia, os campos jurídico e sociológico que afirmam que o exercício das funções parentais não está condicionado nem ao sexo, nem ao gênero, nem à orientação sexual e tampouco a laços de sangue, resta saber quais são as práticas regulatórias preconizadas por estes discursos no sentido de definir o ideal de parentalidade para a criação de filh@s. Portanto, se a orientação

---

<sup>1</sup> Acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros

sexual já não é mais um impeditivo para a educação das crianças, se o gênero e o sexo tampouco são importantes para o exercício das funções parentais, quais passaram a ser as percepções, as normas, as concepções que determinam qual deva ser a conjugalidade ideal para a adoção de crianças? Qual deve ser a prática sexual recomendada? A monogamia, por exemplo, seria o padrão ideal? Como os casais homoafetivos interpretam essas regras, normas e concepções? Em quais práticas e princípios regulatórios e normativos os casais homoafetivos se pautam para a construção da parentalidade e da família?

Uma série de normas e práticas regulatórias atuam no sentido de estabelecer formas adequadas do sentir, do viver, de como exercermos nossa sexualidade e de que modo devemos nos constituir em família. Foucault (2003) descreve este fenômeno por meio dos conceitos de biopoder e de biopolítica os quais, quando aplicados no campo da sexualidade, denominam-se dispositivo da sexualidade. A partir deste dispositivo, temos, portanto o exercício do poder direcionado para o controle, adestramento e docilização dos indivíduos. Esse poder disciplinador passa então a ser responsável por controlar os processos de nascimento, vida e morte, exercendo um papel central nas sociedades por meio da normatização de condutas dos corpos. Assim, da mesma forma que desejos e práticas, as configurações familiares que se afastam das normativas estipuladas são marginalizadas socialmente.

Assim, gostaria de convidar o leitor e a leitora a refletir sobre as mudanças nas formas de constituição familiar que foram sendo inventadas e vividas, atentando para a possibilidade da emergência de uma potência que permite a construção de outras maneiras de ser e conviver em família, de se viver laços afetivos e de parentesco, de ser mãe e pai, de cuidar de crianças e de amar. Entendo, como nos mostra Foucault (2010), que estudar o presente constitui-se um modo de explorar as linhas que se insinuam e dessa forma, possibilitar o pensar e o viver a fim de propiciar superações dos esquemas biopolíticos de controle, captura e repetição vigentes.

No presente trabalho, portanto, busco maior compreensão sobre essas famílias compostas por conjugalidades dissidentes das normativas sexuais que rompem também com uma normativa de formação familiar por laços sanguíneos, através das quais compreendemos que o modelo familiar nuclear e consanguíneo heterossexual existente hoje, não corresponde à única forma de relacionamento, afetividade e parentesco possíveis. Procuro, sobretudo, apreender a emergência da diferença em formações familiares contemporâneas, e quanto de diferença cabe nesta “família diferente” e suas linhas de fuga e invenções nesses arranjos contemporâneos.

Para tal, neste trabalho desenvolvo inicialmente um estudo teórico com base em pesquisa bibliográfica buscando explorar as questões que envolvem as formações familiares, os modos legitimados socialmente de maternidade e paternidade, as formas de amar e de vinculação que foram ganhando evidência em nossa sociedade.

Em um segundo momento, atento para os laços afetivos de parentesco, e em seguida, procuro investigar o processo de regulamentação das uniões “*conjugays*”, aqui lançando mão deste curioso neologismo criado por Castro (2007), bem como das homoparentalidades, culminando atualmente em leis e deliberações jurídicas que possibilitam vivermos isso como realidade no presente.

Finalmente, para realização deste trabalho, por meio de pesquisa de campo, entrei em contato com dois pares homoafetivos (um de mesmo sexo biológico feminino e outro masculino) que possuem filh@s<sup>2</sup> pela via da adoção, e através dos relatos de suas histórias de vida e pela ferramenta da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) busco a compreensão deste processo de parentalidade constatando os efeitos, experiências e sentidos daqueles que a vivenciam.

---

<sup>2</sup> Neste trabalho fazemos uso do @ com o “[...] objetivo de reunir as desinências de gênero. Apesar de a língua portuguesa fazer seu plural no masculino, alguns autores consideram importante não validar a desigualdade de gênero presente também no idioma (GROSSI; UZIEL; MELLO, 2007, p.11).

## CAPÍTULO 1

### 1.1 A Psicologia e as formas de ser família: para além dos modelos teóricos consagrados

Constata-se, sobretudo em países ocidentais, uma maior visibilidade de formas não tradicionais de organização e agrupamentos familiares os quais se configuram como arranjos que se distanciam de uma estruturação nuclear e patriarcal. Dentre estas atuais possibilidades, a adoção de filh@s por homoafetiv@s ainda é uma temática polêmica que divide opiniões entre a população, como também incita discussões acadêmicas. Com decisões legais recentes a respeito da parceria civil e casamento entre homossexuais, a perspectiva de formação familiar a partir das homoconjugualidades traz à tona divergentes posicionamentos, advindos tanto dos campos científico e jurídico, bem como dos de ordem religiosa.

Uma vez que nos constituímos como ciência psicológica que trabalha com a sexualidade, a intimidade e as relações de parentesco e conjugais, a Psicologia enquanto profissão tem sido chamada a se posicionar nos diálogos sobre o tema. Desse modo, cabe aqui um questionamento. Será que a Psicologia Clínica contemporânea e suas formulações teóricas, voltadas para o atendimento terapêutico de casais e famílias, está preparada para acolher as demandas trazidas pelas homoconjugualidades e famílias homoparentais? Podemos acreditar, que na atualidade, noss@s colegas profissionais possuem ferramentas para atuar junto a crises e problemas específicos desses casais e famílias? Os terapeutas familiares estariam hoje capacitad@s para receber em seus consultórios famílias com possibilidades de constituição diversas? Permitindo-me aqui até ousar nas indagações propostas: e se esta família fosse composta por um arranjo conjugal formado por três pessoas ou se constituísse como um “relacionamento aberto”? Est@ profissional poderia dialogar com essa família de forma não discriminatória?

Atuando como voluntária junto ao projeto “*Laços de amor: adoção, cidadania, gênero e direitos*”<sup>3</sup> percebo a dificuldade com que nós psicólog@s nos encontramos quando nos deparamos com a “vida real” e as possibilidades já vivenciadas na atualidade, mas, que não

---

<sup>3</sup> Trabalho voluntário realizado junto a este projeto de extensão o qual é financiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX, vinculado ao Departamento de Psicologia Clínica e desenvolvido como estágio no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Dra. Betti Katizenstein” da UNESP, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, e coordenado pelo professor Dr. Fernando Silva Teixeira-Filho.

estão contempladas nos arcaicos modelos teóricos, muito deles advindos da Europa do século XIX. Mesmo pensando na perspectiva da família adotiva, que como veremos não corresponde a uma prática nova nas sociedades, torna-se notável, em muitos casos, a dificuldade do profissional na escuta e na compreensão dessas famílias, uma vez que ao recorrer às teorias psicológicas que conhece, não encontra respaldo teórico. Como entender, por exemplo, o complexo de Édipo em um caso de adoção tardia? Cremos, que em muitos casos, a compreensão tende a se tornar ainda mais difícil caso este terapeuta se depare com uma formação familiar homoparental em busca de atendimento em seu consultório.

Vemos em Poster (1979), que um equívoco nas concepções sobre família formuladas por autores consagrados sobre o entendimento desta temática em nossa profissão, corresponde ao fato de adotarem como norma a conformação de família que se deu na época moderna, passando a considerar este modelo familiar como atemporal. Concomitantemente, como marca Uziel temos que:

Apesar de a sexualidade ser um tema fundamental para a formação psi, os cursos de graduação em Psicologia ainda não incorporaram discussões sobre as temáticas LGBT. Em geral a sexualidade é abordada a partir de ou incorporada a outras problemáticas e conceituações tradicionais e interpretações restritas dos autores são repetidas como verdadeiras (*apud* FARIAS; MAIA, 2009, p.13-14).

Assim vemos que nós, psicólogos, junto a outros “especialistas”, ao construirmos entendimentos sobre pacientes, clientes e analisandos, corremos o risco de muitas vezes cairmos em compreensões que acabem por legitimar alguns modos de vida e negar outras possibilidades de existência, chegando até mesmo a inviabilizar experiências àqueles que não forem julgados condizentes às premissas teorizadas, por meio de laudos resultantes de avaliações psicológicas e pareceres.

Sensibilizada por estas questões, propus-me a pesquisar o processo de parentalidade junto a pares homoafetivos que convivem em união e que possuam filhos pela via da adoção, entendendo que hoje na Psicologia carecemos de estudos que contemplem a família – enquanto laços de filiação, parentalidade e conjugalidade – como um grupo social que se constitui de diferentes modos em acordo com os contextos sócio culturais e com as transformações históricas, realizando um exercício de reflexão sobre as configurações de famílias não tradicionais que emergem em nosso meio social, as quais passam a exigir novos olhares no sentido de ampliar concepções sobre os atuais vínculos afetivos e de parentesco.

Outro ponto que acreditamos ser relevante nesta pesquisa diz respeito a predispor-nos a trabalhar junto às famílias que sofrem discriminações advindas de entendimentos e formulações homofóbicas. A homofobia, sendo um medo ou rejeição da homossexualidade (CASTAÑEDA, 2007), tem suas origens a partir de um paradigma naturalista, sobre as sexualidades e heterossexista. Neste contexto, portanto, a heterossexualidade é algo natural, discriminando-se e oprimindo indivíduos com sexualidades dissidentes deste padrão. Assim, este modelo:

[...] distingue os dominantes, que são os homens ativos, penetrantes, e os outros, aquelas e aqueles que são penetradas/os, logo dominadas/os. E é claramente a homofobia que se aplica àqueles, homossexuais, bissexuais, transsexuais, desvalorizando-os porque eles/elas não adotam, ou são suspeitos de não adotar, configurações sexuais naturais (WELZER-LANG, 2001, p.468).

A homofobia é um fenômeno que cria e se liga a procedimentos de discriminação dirigidos a todos os indivíduos dissidentes das normativas sexuais, podendo, porém, atingir até mesmo àqueles heterossexuais que sejam compreendidos em desacordo com as normas de gênero em suas expressões de masculinidade e/ou feminilidade. Ela surge em decorrência da hierarquização das sexualidades, em que a heterossexualidade é vista como superior, julgamento que extrapola muitas vezes as barreiras ideológicas vindo a gerar quadros de hostilidade e violência.

No Brasil vivemos uma realidade social marcada pela homofobia, sendo hoje nosso país, considerado no mundo, o campeão de assassinatos de homossexuais. (MOTT; CERQUEIRA, 2000) A situação:

[...] perpassa todos os segmentos de nossa sociedade, dos mais letrados à arraia miúda, expressando-se num gradiente de violência que vai do insulto, ameaças, golpes, discriminação em todos os locais e esferas sociais, chegando aos assassinatos – frequentes e brutais, praticados no mais das vezes com requintes de crueldade (p.3).

Atualmente, testemunhamos uma grande exposição sobre temas que envolvem a conjugalidade homoafetiva após decisões jurídicas recentes em relação às regulamentações referentes à união civil e ao casamento entre pessoas do mesmo sexo em nosso país. Entretanto, como nos relembra Mello (2007), deliberações a respeito da união legalmente referendada, assim como disposições favoráveis à adoção por homoafetivos não podem ser vistas:

[...] como a nova panaceia para todos os males, antes de tudo porque, para casar-se com alguém do mesmo sexo, é preciso estar minimamente confortável com sua orientação sexual e confiante de que suas escolhas amorosas e sexuais são tão dignas quanto às do restante da sociedade. Sem isso, não é possível assumir o ônus que a publicização deste casamento implica, que pode se traduzir em homofobia familiar, no círculo de amigos, na vizinhança e no trabalho (p.172).

Assim, percebemos que nem sempre decisões legais são acompanhadas de mudanças efetivas no panorama social. Esta realidade contemporânea ainda solicita, portanto, maiores discussões que possibilitem uma manifestação de novas significações sobre a conjugalidade homoafetiva em uma tentativa de atenuação de preconceitos e estigmatizações.

Em relação às manifestações homofóbicas, a Psicologia, por meio de seu Conselho Federal, desde 18 de março de 1999, por meio da Resolução 1/99, posicionou-se definindo diretrizes para atuação d@ psicólog@ a quem são vedadas falas públicas que patologizem a homossexualidade ou proponham em sua atuação uma “cura” para esta. No entanto, já em 1973, as associações Norte-Americanas de Psiquiatria e em 1975 as de Psicologia haviam se colocado contrárias à discriminação sexual, seguida em 1986, da Associação Brasileira de Psiquiatria (CÂMARA, 2002).

Se hoje por um lado, podemos sentir um crescimento no número de estudos sobre as diversas formas de expressões das homossexualidades (UZIÉL *et al.*, 2006), vivenciamos em contrapartida, um aumento no preconceito, medo e desrespeito às diferenças em nossa categoria profissional apesar do posicionamento anti-homofóbico dos órgãos reguladores de direito à categoria. Assim, por meio deste trabalho pretendemos colaborar com um fomento a estudos dentro da Psicologia, que possam fornecer conhecimento científico para que profissionais venham a se familiarizar com a temática numa tentativa de propiciar uma expansão em nossa área de trabalho de atuação em acordo com as diversidades de práticas e desejos possíveis na experiência humana.

Outro ponto que incide nas famílias participantes de nossa pesquisa se refere à questão da adoção. Estamos inseridos em uma cultura que continua a validar laços consanguíneos em detrimento de vínculos afetivos em relações de parentesco. Fato que, segundo Teixeira-Filho (2010), pode ser creditado à matriz bioparental, isto é, à vinculação da crença na legitimidade biológica como constituinte dos laços “verdadeiros” entre os membros de uma família. Uma legitimidade que é alcançada a partir da conexão desta matriz com outros dispositivos de controle social, tais como o dispositivo da sexualidade. Tal superioridade do biológico é

fomentada também por crenças populares que permeiam o tema, como nos aponta Ladvoocat (2002), produz-se em uma significação de que a adoção representaria “[...] um desvio da norma universal a qual seria a filiação genética e consanguínea” (p.31). A partir desta constatação, outro ponto que justifica nossa proposta se dá por pensar a questão da adoção possibilitando ressignificações.

Refletimos ainda sobre o Censo Demográfico de 2010 e conhecemos que, como aponta o site “G1,<sup>4</sup>” existem em nosso país mais de 60 mil casais homossexuais. Compreendemos que ainda se encontram ausentes os olhares às famílias assim originadas, e sobretudo para a Psicologia, esta temática compreende um campo vasto e pouco explorado (MORIS, 2008).

Tornou-se notável a existência de um desejo por grande parte da população LGBT em relação ao respaldo legal da união conjugal e da parentalidade por homoafetivos, fato que pode ser verificável há algum tempo em situações de eventos como o VIII Encontro Brasileiro de *Gays* e *Lésbicas* (EBGL), realizado em 1995, ocasião em que um de seus grupos de trabalho denominado “Bandeiras de Luta” destacou o “contrato de união civil e adoção” como a terceira mais importante reivindicação dentre treze formuladas, estando atrás apenas do “fim da impunidade e de toda violência homofóbica” e “direitos civis plenos” (MELLO, 2005). Tal constatação demanda maiores compreensões para este fenômeno, que no plano científico ainda se encontram incipientes.

Dentre os trabalhos acadêmicos realizados, enfocando a questão da homoparentalidade, os estudos empreendidos por Zambrano (2006), apontam que há uma tendência em abordar a questão a partir das seguintes perguntas: seriam as pessoas homossexuais boas figuras parentais para as crianças? Seriam el@s capazes de bem desenvolver as funções necessárias para o bom desenvolvimento das crianças? Aqui nos orientamos para outro questionamento visando maior compreensão acerca do par parental, trazendo relevância à nossa pesquisa na medida em que este aspecto até o momento se faz menos conhecido no meio de estudos da temática, como sinaliza Moris: “É comum alguns estudos terem como objeto a família homoparental, entretanto a grande maioria se atém aos filhos, raramente estuda-se o parental” (2008, p.14). O foco se direciona para o

---

<sup>4</sup> Conferir: <http://g1.globo.com>

desenvolvimento dos membros infantis, de um possível dano ao desenvolvimento dos filhos, não se atendo a como e ao que se muda no par parental.

Outra lacuna bibliográfica existente e apontada por Farias e Maia (2009), refere-se a uma maioria de pesquisas com “pais *gays*” limitando-se a estudar aqueles que tiveram filh@s em relações heterossexuais anteriores, assim não agregando concomitantemente a vivência da homossexualidade com a da paternidade. Recorrendo a Armesto (2002, *apud* FARIAS; MAIA, 2009) as autoras sinalizam para o fato de poucas pesquisas terem tido como foco a homoparentalidade com crianças adotivas, esta se constituindo de forma diferenciada a possibilidade de homoparentalidade por filh@s de relações prévias heterossexuais, uma vez que para se adotar, há que se pensar e repensar este desejo por filh@s, avaliando a vontade em se tornar pai e sua competência para tal.

Por fim, compreendemos a relevância da dissertação apresentada em pleno acordo com Louro (2004) que ao pensar as instâncias pedagógicas nos remete a uma aspiração que esperamos também para a Psicologia:

Desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo “comum”, “compreensível”, “corriqueiro”. Daí porque vale a pena colocar essa questão em primeiro plano. Parece-me absolutamente relevante refletir sobre as formas de viver e sentir a homossexualidade, sobre as muitas formas de ser e de experimentar prazeres e desejo; parece relevante também refletir sobre possíveis formas de intervir, a fim perturbar ou alterar, de algum modo, um estado de coisas que considero ‘intolerável’. A escolha de meu objeto de estudo é, portanto, ao mesmo tempo política e teórica. Interessa-me entender não apenas como se constituíram essas posições-de-sujeito, mas analisar como a oposição binária subjacente a esse regime se inscreve na produção do saber, na organização social, nas práticas cotidianas, no exercício do poder. Mais particularmente me interessa compreender como se dá, nas instâncias a que chamamos pedagógicas, a reiteração dessas posições e, para além disso, pensar sobre o que pode ser feito para desestabilizá-las e desarranjar tais certezas (p.57).

Desse modo, nossa intenção de investigação se justifica por ser sensível às possibilidades que se configuram no presente as quais consideram que os laços de parentesco são aqueles que vão além do biológico, constatando a teia de estigmas e preconceitos em que estes encontram-se inseridos e intensificados pela homofobia nos casos de homoparentalidade, contemplando uma necessidade que se faz imperiosa hoje para a Psicologia, indo ao encontro de interesses pessoais e políticos, como também da lacuna existente na bibliografia atual sobre a temática.

## 1.2 Refletindo sobre o conceito homoafetividade

Sentimos a necessidade de problematizar aqui o uso do termo “homoafetivo”. Este foi usado, pela primeira vez, em 2000, pela desembargadora gaúcha Maria Berenice Dias, quando lançou seu primeiro livro sobre o tema: “*União homossexual: o preconceito e a justiça.*” Julgamos nesta pesquisa ser interessante a inclusão do mesmo ao lado de outros conceitos, mais habitualmente usados, uma vez que entendemos que este considera o aspecto afetivo na relação entre pares do mesmo sexo, distanciando-se de outros conceitos patologizantes que comumente foram utilizados para descrever as relações erótico-afetivas entre pessoas do mesmo sexo biológico.

Neste trabalho, em que tratamos das relações de parentesco e união conjugal, apreciamos oportuna a adoção de tal designação levando em consideração o fato de que existe a ideia em relação à homossexualidade de que esta seria construída por uma “natureza” na qual as dimensões do sexo e do afeto seriam incompatíveis (MISKOLCI, 2007). De tal modo que agregando a palavra “homoafetividade” propomos uma concepção que possibilite uma representação do afeto junto à homo-orientação, e em concordância com Moris (2008) e com nossa temática de pesquisa apontamos que:

O emaranhado de conceitos para denominar nosso participante se aloca em diferentes disciplinas e tem vieses em relação ao objetivo que são distintos; como nosso tema de investigação aborda relacionamentos, que envolvem parcerias, afetividade, apego, família, nossa escolha é por um termo mais psicológico (p.13).

Navarro-Swain (2000) ao escrever sobre o lesbianismo nos apresenta os seguintes questionamentos: “Amor ou sexo, qual desses itens define o lesbianismo? Um dicionário retém a emoção, o outro não. Então, o que é ser lésbica? Um sentimento, uma emoção? Ou a prática de uma certa sexualidade?” (p.34). Estas interrogativas se fazem presentes também para nós em nossa busca por uma terminologia mais compatível com nossos posicionamentos e com o que objetivamos trabalhar na presente pesquisa, nos provocando a busca do emprego de uma denominação que abarcasse a ideia de afeto em seu bojo.

Contudo, não pretendemos propor uma hegemonia para o termo, ressaltando também que este possui ainda um caráter identitário, e que seu emprego, neste momento, representa apenas uma simplificação de linguagem. Assim, concordamos com Bom e D'Arc (1979, *apud* MELLO, 1999), quando nos apresenta que:

O homossexual, não mais que o heterossexual, não existe em si. Estamos todos divididos entre nossas tendências. Sobretudo, não se trata de colocar uma etiqueta sobre uma pessoa. Deixemos claro, desde agora, que esta simplificação de linguagem não é a realidade (p.34).

Considerando Costa (1992), entendemos que o vocabulário utilizado deve ser compreendido junto a posicionamentos de ordem ética, política e teórica. A procura por outras expressões no presente trabalho, ao lado do conceito “homossexual”, vai ao encontro do entendimento de que há necessidade de pensarmos outros termos que possam descrever melhor a pluralidade de desejos e práticas, os quais não tragam consigo referências à patologia.

Neste sentido, uma terminologia possível apresentada pelo autor para descrever as práticas e desejos orientados para o mesmo sexo biológico (ou “*same-sex oriented*” como apontado na literatura americana), é a denominação “homoerotismo”, a qual, para Costa (1992), trata de uma expressão mais adequada, uma vez que se apresenta sem cunho pejorativo não indicando identidade, e, deste modo, colaborando numa negativa de existência de uma “substância homossexual” orgânica ou psíquica. Segundo este psicanalista, a construção em torno da palavra homossexualidade é fruto do saber médico do século XIX trazendo, inevitavelmente, esta acepção em seu uso.

A origem da palavra homossexual, segundo Almeida Neto (1999), advém da união do radical grego *homo* significando *igual* e da raiz latina *sexual*. Alguns ainda apontam que o radical *homo* poderia ser de origem latina significando então *homem*, trazendo o sentido de “sexo entre homens” ao invés de “sexo entre iguais”, deixando assim excluídas as relações entre as mulheres.

O termo mais usual ao nos referirmos à homossexualidade feminina é lesbianidade, cuja criação tem suas origens ligadas a Safo, uma poetisa que vivia na ilha grega de Lesbos e escrevia sobre o amor entre mulheres no final do século VII a.C. O surgimento do termo *lésbica* enquanto palavra para significar a homossexualidade feminina inicia-se na literatura francesa em 1842, na inglesa em 1870, e na brasileira em 1894 (MOTT, 1987).

Dados históricos nos apontam que na Idade Média, por exemplo, o termo “homossexual” era desconhecido, havia o emprego do termo “sodomita” (RICHARDS, 1993). Navarro-Swain (2000) atenta, entretanto, que: “No século XVII, a inquisição, para julgar mulheres acusadas de práticas homossexuais, não dispunham de uma palavra com a qual nomeá-las [...] As mulheres homossexuais não tinham direito a um nome, logo à existência” (p.19).

A homossexualidade, bem como, “o homossexual” são invenções do século XIX. Anteriormente a este período as relações sexuais e afetuosas entre pessoas do mesmo sexo eram vistas como sodomia, se constituindo em um exercício pecaminoso. A partir da segunda metade do século XIX, no entanto, esta prática passa a definir aqueles sujeitos que a exercem. Nesse contexto, como aponta Louro (2004) vemos que:

A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um “tipo” humano distintivo (p.30).

Segundo Fry e MacRae (1983), nos Estados Unidos, os grupos que se organizaram visando à integração do homossexual na sociedade através da busca por mudanças nas leis anti-homossexuais do país, mostravam certa rejeição ao uso da palavra “homossexual”, percebendo esta como enfática ao aspecto sexual, adotando assim outras possibilidades como “homófilo” e “homoerótico”.

Também nos Estados Unidos, após a década de 1960, vemos o surgimento da palavra “*gay*”, que rapidamente se espalhou globalmente. Tal palavra, de origem anglosaxônica, tem sua origem na Idade Média a qual inicialmente designava comediante e, no século XIX prostituto, passando, no século XX a designar “alegre”.

Tal palavra, apropriada pelo movimento LGBT dos anos 1960, passou a ser empregada com conotação política dentro da militância contrapondo-se ao termo médico homossexual e representando um esforço de construção de uma identidade baseada no orgulho da diferença (CASTAÑEDA, 2007). No Brasil, como aponta Câmara (2002), uma correspondência a “autoclassificação” dos militantes seria a nomenclatura “entendido”.

## CAPÍTULO 2

### 2.1 De quais famílias estamos falando?

Ao abordarmos as relações familiares, precisamos buscar compreender inicialmente de qual família é esta que estamos falando. Aprender essa definição não é uma tarefa fácil, no contemporâneo nos deparamos com este agrupamento humano vivenciado sob diferentes modelos, estes transcendendo o arranjo tradicional, bioparental, heterossexual, apresentando-se em famílias monoparentais, com guarda compartilhada de filh@s, homoparentais, dentre outras.

Aqui falamos também em desejo de pessoas por filh@s e em cuidar de crianças. Esta vontade seria inata nos seres humanos? Sempre se apresentou da mesma forma independente do tempo histórico em que estamos inseridos? Acreditamos que não. Trabalhamos com o pensamento que vai ao sentido contrário das naturalizações e crenças de que existam características inatas e generalizáveis a tod@s. De tal modo que percebemos que para uma família camponesa a filiação responderia a uma necessidade de mão de obra, para uma família aristocrática destinava-se à manutenção de bens, e apenas com o estabelecimento da burguesia é que vemos o surgimento do conceito afetivo de infância (ARIÈS, 1981).

Os modos de configuração das relações de parentesco a partir de conjugalidades homoafetivas somadas aos novos modelos de família contemporânea contrastam com o já consagrado modelo nuclear burguês e nos impelem a pensar este grupo social, considerando-o em sua pluralidade de formas de apresentação no decorrer histórico, pois, concordando com Fonseca (2008) compreendemos que “[...] ‘a família’, longe de ser uma unidade natural, representa o agregado de diversas relações, é perpassada por diversas forças institucionais e envolve a participação mais ou menos íntima de diferentes personagens [...]” (p.773).

Desse modo, entendemos aqui a família não como um dado natural, mas sim como uma instituição historicamente situada, com relações de parentesco atravessadas por diversas forças:

[...] a ‘arqueologia do saber’ de Foucault nos leva de encontro ao regime de forças de produção histórica destas relações de parentesco, mostrando que elas em nada são naturais. Outrossim, são dependentes dos devires que circulam num plano “caósmico”, que fazem daí um campo problemático que incansavelmente nos apresenta novos problemas. A família, portanto, vai se

transmutando, conforme os problemas novos vão demandando novas soluções (TEIXEIRA-FILHO, 2005, p.171).

Mobilizados por esta realidade, propomo-nos agora a realizar uma introdução sobre as transmutações resultantes da produção histórica que incidiram nas formas de conjugalidade, parentalidade e formações familiares, tendo em vista que: “A família se constitui de diferentes formas em situações e tempos diferentes para responder às necessidades sociais” (ARAÚJO, 1993, p.11).

Cabe ressaltar, entretanto, que os modos de se ser família a seguir apresentados não podem ser compreendidos rigidamente de maneira sequencial e estanque. Os modelos familiares apontados não necessariamente foram substituídos completamente por outros em um tempo histórico posterior, sendo por vezes corrente a coexistência de padrões mais arcaicos com outros mais vanguardistas.

## **2.2 Tecendo laços: as relações de parentesco em constante transmutação**

Conforme descrito por Dupuis (1989), no período de 80.000 a 35.000 a.C., conhecido como Paleolítico Médio ou Musteriano, os grupos humanos viviam isolados geograficamente um dos outros de tal modo que era comum a endogamia, sendo praticadas relações sexuais entre pessoas do mesmo clã, não existindo a mesma noção de família que concebemos hoje. Ocorria uma divisão das atividades por sexo, contudo sem haver uma hierarquia dentro desta. As mulheres responsabilizavam-se principalmente pela coleta de vegetais enquanto os homens eram responsáveis pela caça.

Com o passar do tempo e a domesticação de animais propiciou-se a compreensão do papel do homem exercido junto à procriação; até então existia uma organização social em função da matrilinearidade. O desencadeamento de guerras por volta de 4.000 a.C. expandiu o poder da autoridade masculina nessas sociedades, os homens passaram a assumir posições de chefes de família, reis e até mesmo figuras divinas, e com o advento da patrilinearidade, o tabu do incesto veio a se impor nestes povos. Já no período Neolítico assistimos o surgimento

da posse de terras passando a existir a transmissão de heranças de pai para filho (ENGELS, 1984).

De acordo com Muraro (1994) nos primeiros 1.990.000 anos de existência da espécie humana, no período histórico que chamamos de “Seixo Rolado”, os indivíduos passaram a realizar uniões com membros de outras tribos tendo em vista o aumento do número de aliados para facilitar a sobrevivência em meio à natureza hostil, em um momento em que já se fazia necessária uma busca mais ativa por alimentos como a caça de animais maiores. Assim, a força física masculina foi valorizada; fato que somado ao entendimento do papel do homem junto à reprodução trouxe a regulação sobre a sexualidade feminina buscando-se a monogamia da mulher de modo a garantir o patrimônio familiar e herança de propriedades para filhos legítimos do homem unido a ela.

Avançando para a sociedade grega – esta com estrutura social baseada no escravismo – vemos os modos de configuração das relações de parentesco como uma unidade de produção, cujo chefe, que podia ou não corresponder ao genitor ou pai, mantinha o conjunto de pessoas, objetos e bens sob sua autoridade (TRINDADE; BRUNS, 1999). Em Roma, assistimos o surgimento do termo família, através do nome *famulus*, utilizado inicialmente para designar o grupo de escravos pertencentes a um mesmo homem (ENGELS, 1984).

Como nos aponta Chaui (1984) é deste modelo de família romana, que foi posteriormente cristianizada, que provém nosso conceito de família atual. Com a chegada do cristianismo, os vários modelos de arranjos de relações de parentesco que compreendiam a relação de um homem e uma mulher que gerasse filh@s, advindos dos diversos povos conquistados pelos romanos, foram sendo homogeneizados pela Igreja por meio da repressão incidida especialmente sobre as questões morais e sexuais.

Assim na Idade Média a união conjugal sob a forma de casamento tornou-se, portanto um assunto com forte intervenção religiosa:

Foi na França do século IX que a Igreja iniciou o longo processo de sacralização. Este último adquiriu a forma de estabelecer um contrato sacerdotal sobre a cerimônia do casamento, que havia sido até então um assunto basicamente secular, uma questão de negociação e contrato entre famílias com o padre envolvido apenas de modo tangencial, geralmente para abençoar o leito matrimonial. A sacralização envolvia também o cumprimento de novas regras elaboradas para aumentar o efeito estabilizador do casamento sobre a sociedade: o cumprimento das determinações de

monogamia, indissolubilidade do casamento, a proibição do casamento até o sétimo grau de parentesco consanguíneo, o desincentivo ao segundo casamento e a promoção da ideia de consentimento por parte do casal que se unia (RICHARDS, 1993, p.35).

As concepções acerca da instituição familiar mesmo nos dias de hoje sofrem influência direta da religião, esta ocorrendo tanto nas possibilidades de arranjos familiares quanto na vivência da sexualidade, como nos lembra Zambrano (2011):

Se pensarmos na imagem da sagrada família, veremos que se trata de um pai, uma mãe e um filho e, mais ainda, é uma família na qual a sexualidade está excluída por ser ela constituída por uma maternidade virgem. Essa visão religiosa acaba sendo incorporada nas concepções sobre família, fazendo família e sexualidade estarem sempre em campos apartados (p.112).

Estudos antropológicos apontam a existência de rituais diversos para a união conjugal em diferentes culturas, no entanto, a partir da Idade Média, no mundo ocidental, a Igreja unificou estes costumes diferentes propondo um modelo único de casamento por meio do direito canônico no século XII. Modelo este que vigora até os dias atuais e é acompanhado de proibições sexuais, em que “[...] o cristianismo encontrou um meio de instaurar um tipo de poder que controlava os indivíduos através de sua sexualidade, concebida como alguma coisa da qual era preciso desconfiar, alguma coisa que sempre introduzia no indivíduo possibilidades de tentação e queda” (FOUCAULT, 2004, p.71). Assim, assistimos o casamento visto como uma recomendação moral, em que a sexualidade estaria a serviço da reprodução, e o prazer sendo desqualificado.

Ariès (1981) nos aponta que na época medieval a família já existia como realidade vivida, embora ela ainda não existisse como sentimento ou como valor. Segundo o autor esse sentimento de família nasce e se desenvolve a partir do século XV, e no século XVIII ele se estende a todas as camadas da população. A família nesse contexto serviria basicamente à procriação, à transmissão da linhagem, do nome e do patrimônio.

Posteriormente, podemos destacar uma família notadamente de autoridade patriarcal, na qual os casamentos eram arranjos tendo em vista a manutenção de bens. O matrimônio não era fruto do amor romântico, mas sim fundado em arranjos que visavam o lado econômico, no qual a mulher tinha um papel de objeto de troca e de agregadora de valor, pois levava para o casamento o seu dote. Não possuindo uma função afetiva, a união de cônjuges visava à conservação de riqueza ou ainda à prática de algum ofício em comum em um mundo

não favorável para a sobrevivência de um homem sozinho e menos ainda de uma mulher. (ARIÈS, 1981)

Logo, assistimos a existência de um padrão de família aristocrática, visando o controle de terras, e com privilégios garantidos pela monarquia. O cuidado de crianças era uma responsabilidade de criados, existindo a figura, por exemplo, das “amas de leite”. Vemos também a presença do um modelo familiar camponês, este caracterizado pela alta taxa de mortalidade infantil, sem se constituir em um espaço de trocas afetivas e sem restrições à sexualidade de seus membros infantis, estes, tendo seu desenvolvimento acompanhado de forma coletiva pela aldeia (POSTER, 1979).

Com o aparecimento do que ficou conhecido como família moderna ou nuclear, aproximadamente em meados do XVIII, se estendendo até ao século XX, vemos o casamento como fruto do amor romântico, sendo este considerado um enlace eterno, não se tendo ainda como possibilidade a separação futura deste casal, caso o amor acabasse, pois o matrimônio era entendido como um sacramento religioso, além de ser um contrato civil (ROUDINESCO, 2003).

O sentimento de amor comumente existente até então era o que conhecemos hoje como “amor cortês”, um afeto direcionado ao ato de cortejar distanciado da vivência conjugal, e neste contexto:

À medida que a oposição entre amor e casamento vivida pela tradição “cortês” do século XII, vai, aos poucos, desaparecendo, pelo menos para determinados grupos, o amor-paixão, improdutivo e incompatível com o matrimônio vai cedendo lugar a um amor mais doméstico, próximo ao dever e limitado pelas relações conjugais (TRIGO, 1989, p.92).

Segundo Lasch (1991), na família moderna “a prática do casamento arranjado foi deixada de lado em nome do amor romântico e de um novo conceito da família como refúgio frente ao mundo do comércio e da indústria altamente competitivo e frequentemente brutal” (p.27). Assim percebemos que a fusão da sexualidade com o amor é fruto de um tempo histórico específico, correspondendo a uma forma de amar construída em determinado contexto tendo seu auge no século XIX, porém, nos dias atuais essa junção foi naturalizada, correspondendo a uma imagem idealizada e ganhando *status* de legitimação (LEJARRAGA, 2002).

Esta família que também é conhecida como de modelo burguês, pois se iniciou na burguesia na era vitoriana e em seguida foi absorvida por outras classes sociais, deixou de ter como funcionalidade única a transmissão de bens e de nome, passando a se constituir também como uma instituição moral e de afeto, tendo por características:

[...] a) a livre escolha do cônjuge e a incorporação do amor romântico ao laço conjugal; b) o aconchego da unidade doméstica (“lar doce lar”) que se torna um refúgio contra as pressões do mundo público; e, finalmente c) a importância central dos filhos e da mãe enquanto principal socializadora deles (FONSECA, 1995, p.72).

Nesse contexto, cada vez mais vemos @ filh@ ocupar na família um lugar central, sendo objeto de investimentos afetivos, e, sobretudo econômicos, ou seja, visto “Como herdeiro, o filho é o futuro da família, sua imagem sonhada e projetada, sua forma de lutar contra o tempo e a morte” (PERROT, 1991, p.146). A família cada vez mais se constituiu em uma esfera privada e observou-se uma intensificação afetiva deste espaço, tanto na relação de pais para com seus filhos, como também entre os cônjuges (HEILBORN, 2004).

Com o reconhecimento deste ambiente de afeição no meio familiar aliado à produção do *sentimento de infância* (ARIÈS, 1981), correspondendo à presença de amor pelas crianças e a perspectiva destas enquanto seres em desenvolvimento, tornou-se propícia a intervenção do Estado junto às famílias burguesas, pois estas serviriam à transmissão de seus valores e normas. Também assistiram o estabelecendo de funções para as figuras parentais junto ao cuidado infantil, estas com nítida distinção de papéis sexuais. Ambos deveriam se responsabilizar pelo cuidado das crianças, porém à mãe caberia maior atuação nas funções de higiene e de cuidado afetivo no cotidiano d@s filh@s, e ao pai recairia a incumbência de provedor material.

Assim, percebemos que as funções paterna e materna são um constructo social fruto de um determinado contexto histórico, e mais especificamente em relação a este último:

Aprendemos dos historiadores que o grande valor atribuído ao acompanhamento pessoal que uma mulher dá ao seu filho começou a assumir proporções concretas a partir do século XVIII. Acompanhamos, de Rousseau a Freud, o florescimento do ideal do amor materno que, na realidade, poucas pessoas realizaram antes desse século (FONSECA, 1989, p.103-104).

Com o movimento higienista no século XIX, vemos ainda mais a preocupação com a gritante mortalidade infantil da época se transformar em um enaltecimento da maternidade e em uma campanha em que a naturalização da mulher, enquanto melhor cuidadora para crianças, culminou na criação do mito do amor materno entendendo que é da “natureza feminina” ser boa mãe (BADINTER, 1985).

Para os homens ficava a tarefa de conservar a família sob seu domínio, controlando sua esposa, educando bem seus filhos e governando seus criados, se constituindo enquanto lema para o pai burguês a tríade: “pão, trabalho e reprimendas” (ARIÈS, 1981, p.262). Além da rígida divisão de papéis sexuais, aqui fica clara a hierarquização da família, onde vemos a relação de poder do homem em relação à mulher e destes para com as crianças.

É neste modelo de família construído pela burguesia, caracterizado pelo amor entre cônjuges e o cultivo e exaltação da maternidade que o casal heterossexual é eleito como modelo de sexualidade a ser seguido por mulheres e homens. Decorrente dessas normativas sociais massifica-se a ideia desta conjugalidade como a correta, a que se encontra dentro dos padrões da normalidade e ao mesmo tempo propaga-se a estigmatização da homossexualidade e de práticas sexuais diversas (SILVEIRA FILHO, 2010).

Como nos é lembrado por Pelbart (2009), o sexo ocupou neste momento histórico um papel de instauração dessa organização social. A nobreza até então edificava seu *status* por meio do “sangue azul”, ou seja, pela descendência biológica entre os nobres, no entanto, para a burguesia foi o sexo que veio ocupar este lugar. Passamos assim, segundo o autor, de uma sociedade do sangue para uma sociedade do sexo. A burguesia então lançou mão de todo um aparato de conhecimento científico para estudar e delimitar a sexualidade tendo em vista a manutenção de uma descendência saudável, de tal modo que se para a nobreza sua situação no mundo se dava pela filiação, com o advento da burguesia somos distinguidos pela forma de nos relacionarmos sexualmente.

Foucault (1988) nos aponta este processo de forma detalhada, assim o sexo para a burguesia vitoriana ficou restrito ao mundo privado e a família conjugal patriarcal converteu-se na instância que melhor representava os valores morais vigentes. É nela que as práticas sexuais passam a ser normatizadas e os comportamentos considerados desviantes são prevenidos, vigiados e punidos; como a masturbação infantil, tendo em vista seu potencial de degeneração do corpo e da espécie, e outros são regulados; como o corpo da mulher visto

como frágil e histérico, e ainda instituídos; como o exercício sexual ameaçador da manutenção da ordem e da estrutura social, daquele que passou a ganhar o *status* de bom e correto.

Para tal, se fez necessário a criação de uma especialização e profissionalização de pessoas habilitadas a ajudar a instituição familiar no controle dos exercícios do corpo e do sexo entendido como adequado, com fins de conservação do casal heterossexual, monogâmico e com a sexualidade voltada à reprodução. Assim,

O sexo no casamento deveria ser responsável e autocontrolado; não apenas limitado ao casamento, mas ordenado de modos distintos e específicos. A contracepção era desencorajada. Supunha-se que o controle da dimensão da família devesse emergir espontaneamente da busca disciplinada pelo prazer. Finalmente, foi preparado um catálogo das perversões e descrito os modos de tratamento (GIDDENS, 1992, p.31).

Podemos ver certa modificação neste cenário apenas com a revolução sexual acontecida nas décadas de 1960 e 1970, no pós-modernismo, termo usado por autores da Escola Francesa para denominar esta época marcada pelo capitalismo, neoliberalismo, individualismo, hedonismo, pelo consumo desenfreado e por uma busca incessante do prazer imediato.

Quando nos referimos a pós-modernismo, pós-modernidade, dentre outras denominações, lançamos mão de vários termos para falarmos da época atual, ou seja do contemporâneo. Goldenberg (2000) em busca de descrever o cenário corrente afirma que independente da forma como o nominamos: “Modernidade tardia”, “alta modernidade”, “modernidade avançada” ou “pós-modernidade” (p.43) estamos discorrendo sobre um tempo histórico marcado pela flexibilidade, pluralidade, heterogeneidade e incerteza. De tal modo que nesse contexto vemos a emergência de discursos que sinalizam para a vivência na atualidade de “crises” dos modelos hegemônicos, estes estabelecidos no sentido de pautar os modos de se ser mulher, de se ser homem que definiam papéis de gênero estáticos. Assim, hoje no ambiente familiar criam-se modos de ser mãe, de ser pai e de conjugalidade, porém, a autora salienta que estas novas possibilidades convivem com modelos antigos, não os suplantando totalmente.

A família pós-moderna tem seu início a partir dos anos 1960, e segundo Roudinesco (2003) o que uniria o casal, neste modelo familiar, seria a busca de realização sexual. Hoje

podemos falar que o tipo de união existente é aquela vista como temporária, na qual o casal busca satisfação no relacionamento, mas que ao menor sinal de insatisfação esse pacto conjugal pode ser quebrado.

É próximo deste período que a dissolução do casamento, ou seja, a separação do marido e da mulher conferindo às partes o direito de nova união foi legalizada no Brasil<sup>5</sup>. Com o tempo o divórcio foi se tornando uma prática mais comum e aceita pela sociedade, fato que permitiu o nascimento do que Kehl (2003) veio chamar de “famílias tentaculares”, onde novos vínculos conjugais contam com filh@s concebid@s em relacionamentos anteriores ampliando dessa forma possibilidades de arranjos e rearranjos familiares.

O estabelecimento do divórcio e posteriores recomposições familiares, geraram uma diversificação de laços de parentesco, promovendo a perspectiva de parentalidade desvinculada do biológico, de tal modo, observa-se que:

O laço biológico entre pais e filhos não garante mais a ligação permanente entre eles. Quando as uniões se desfazem, diversos pais que não obtêm ou não querem a guarda terminam simplesmente por não dar mais sinal de vida aos filhos... Inversamente, à medida que as famílias reconstituídas se multiplicam, os homens devem manter relações parentais com os filhos de outra parceira, crianças com as quais não têm laços biológicos. (DORAIS, 1994, p.80)

Vemos assim o surgimento de elementos que, articulados na organização social, possibilitam-nos considerar no presente a existência de laços afetivos e de parentalidade que se distanciam da filiação biogenética, compreendendo-os como apontado por Butler (2003a):

[...] os laços de parentesco que vinculam as pessoas umas às outras podem ser nada mais nada menos que a intensificação de laços comunitários, que podem, ou não, ser baseados em relações sexuais exclusivas ou duradouras, e bem podem consistir em relações de ex-amantes, não-amantes, amigos, membros da comunidade. Nesse sentido, as relações de parentesco atingem fronteiras que põem em questão a distinção entre parentesco e comunidade, ou que clamam por uma concepção diferente de amizade. Isso se constitui numa "ruptura" do parentesco tradicional que não somente desloca o lugar central das relações biológicas e sexuais de sua definição, mas confere à sexualidade um domínio separado daquele do parentesco, permitindo também que um laço durável seja pensado fora da moldura conjugal e

---

<sup>5</sup> Em 28 de junho de 1977, a emenda constitucional de número 9 permitiu a instauração do divórcio em nosso país e a Lei nº 6.515/77 de 26 de dezembro do mesmo ano o regulamentou (BRASIL, 1977).

abrindo o parentesco a um conjunto de laços comunitários que são irreduzíveis à família (p. 255-256).

Dessa maneira, as reconfigurações de modelos de vínculos de filiação, de união conjugal que se afastam do molde familiar nuclear burguês e da família heterossexual concebida por meio do casamento trouxeram ampliações de concepções em relação ao parentesco, admitindo-se que na contemporaneidade as famílias possuam contornos flexíveis, com arranjos que podem variar movimentando-se por alianças eletivas (GROSS, 2003). Entretanto, como nos recorda Kipnis (2005), a escolha de parceiros amorosos mesmo nos dias atuais não se dá tão independente de considerações econômicas:

A racionalidade econômica não foi eliminada quando os indivíduos começaram a escolher seus parceiros em vez de deixar a tarefa para os pais; ela tem o grande papel que sempre teve. Apesar de toda a suposta liberdade, a maioria de nós escolhe parceiros com uma semelhança notável conosco – economicamente e na esfera social, da educação e da raça. Isto é, escolhemos parceiros “adequados”, e calculamos com precisão seus atrativos, cada parte aferindo como parte de sair bem no mercado aberto, conhecendo exatamente seu próprio valor de troca e o de seus possíveis parceiros (p.77).

Costa (1998) acrescenta a essa compreensão:

Sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe, “raça”, religião ou posição econômico-social que limitam o rol dos que “merecem ser amados”. Na retórica do romantismo, o amor é fiel apenas à sua própria espontaneidade. A realidade social e psicológica dos sujeitos diz outra coisa. O amor é seletivo como qualquer outra emoção presente em códigos de interação e vinculação interpessoais (p.17).

No presente, segundo Bauman (2003), as relações se fundamentam numa falta de compromisso real, na qual a segurança de uma união sólida, baseada no amor eterno e incorruptível é preterida em relação à liberdade dos relacionamentos líquidos; este adjetivo escolhido pelo autor, nomea as relações atuais caracterizadas por extrema fluidez e precariedade. As uniões afetivas nesta conjuntura podem ser caracterizadas como temporárias, uma vez que o casal ao menor sinal de insatisfação em seu relacionamento rompe o vínculo até então existente.

As conjugalidades contemporâneas estão calcadas na autorrealização, preza-se muito mais o prazer do que o amor, tendo a função reprodutiva do casal sido colocada em segundo plano. É nesta conjuntura que passa a ser inteligível a família formada a partir de homoconjugalidades (FONSECA, 1995).

Outra alteração na sociedade de nossos tempos que trouxe modificações significativas à expressão das relações familiares foi o aumento da entrada de mulheres no mercado de trabalho, que somada a outras conquistas sociais, advindas do movimento feminista, transformaram as configurações de família, possibilitando, por exemplo, a emergência das famílias monoparentais e/ou chefiadas por mulheres, desvinculadas do famigerado modelo burguês prevalente com as figuras parentais representadas pela imagem do pai provedor e da mãe devotada integralmente ao cuidado d@s filh@s.

Como nos aponta Silveira (2005), o modelo de família nuclear mesmo que ainda presente, obteve uma diminuição numérica especialmente nas últimas décadas do século passado. Houve aumento do número de pessoas que moram sozinhas bem como o de mães e pais solteiros, contudo, mesmo com essa realidade sendo amplamente perceptível, o que se tem ainda em mente sobre família é o modelo burguês, de modo que outras formações e arranjos, para muitos, ainda alude a uma desestruturação e isto é entendido como algo negativo e prejudicial.

Atualmente, os frutos de lutas feministas como o planejamento familiar livre e a ser decidido pelo casal, e algum olhar visando coibir a violência intrafamiliar também se fazem presentes colaborando neste processo. Outra característica da família pós-moderna então, seria uma autoridade mais difusa vivida nas relações estabelecidas entre os cônjuges. Por meio da ressignificação das diferenciações de gênero que definiam os papéis nas funções familiares, e que, aliada à quebra de alguns paradigmas relativos à homossexualidade promove maior multiplicidade de composições conjugais na atualidade (GOLDENBERG, 2000). Assim, segundo Costa (2004) uma qualidade que marca as novas definições constitucionais de família, é que esta passa a poder ser mais inclusiva, apresentando-se menos preconceituosa e compondo-se a partir da igualdade de gêneros na união conjugal.

Alguns fatores apontados para a mudança nas concepções de família dizem respeito também à separação entre a sexualidade e reprodução promovida pelo advento da pílula anticoncepcional entre outros avanços tecnológicos. Assim,

A sexualidade passou a fazer parte de uma progressiva diferenciação entre o sexo e as exigências de reprodução. Com a elaboração adicional de tecnologias reprodutivas, essa diferenciação hoje em dia tornou-se completa. Agora que a concepção pode ser artificialmente produzida, mais que apenas artificialmente inibida, a sexualidade fica afinal plenamente autônoma (GIDDENS, 1992, p.37).

Corroborando com este pensamento, Ribeiro (2004) aponta que do mesmo modo que os métodos anticoncepcionais representaram um sustentáculo para uma revolução nas formações familiares e no modo das pessoas se relacionarem, para as mulheres efetivando o desligamento entre a vivência da sexualidade e da maternidade enquanto destino a partir da década de 60, hoje, as novas tecnologias de reprodução assistida vêm colaborar, pelo menos num âmbito simbólico, o desvinculamento da sexualidade e procriação.

Um fator a ser observado, no entanto, é que as famílias compostas pelos recursos da tecnologia reprodutiva, bem como as recompostas e até mesmo as monoparentais são formações familiares que admitem o que Zambrano (2011) chamou de “recriação da heterossexualidade”, pois permitem uma ficção de procriação. Já nas famílias homoparentais, o pressuposto da possibilidade procriativa é descartado, correspondendo a uma circunstância que, segundo a autora, motiva o forte repúdio de muitos a esta e que se estende até entre o campo “psi”.

Observa-se a dificuldade mesmo entre os estudiosos das relações humanas em romper com as concepções tradicionais de família, pois:

[...] as famílias homossexuais reivindicam uma sexualidade não-procriativa, o que a sociedade não pode suportar. As estatísticas existentes sobre a dissolução do laço conjugal e os debates sobre o assunto, sejam psicológicos ou sociológicos, restringem-se a heterossexuais. Se são evidentes a dissolução do laço conjugal e a instabilidade das relações heterossexuais, estas não podem mais ser desculpas para negar a constituição de lares homossexuais. O crescimento da coabitação sem casamento distorce as fronteiras da estabilidade, não é possível avaliá-la, bem como são inviáveis estatísticas sobre casais do mesmo sexo, ao menos no Brasil. No censo 2000, parceiros do “chefe da família”, se do mesmo sexo, eram categorizados como agregados, misturados a todos os outros que se encaixavam nesta categoria (UZIEL, 2007, p.66-67).

Cientes deste panorama que se nos apresenta, em concordância com Silveira (2005), compreendemos que rejeitar outros modos de se ser família vividos na atualidade,

[...] é reafirmar a ideologia dominante da organização nuclear, é negar as inúmeras transformações que se deram nas redes de parentesco na sociedade contemporânea, é negar a própria realidade da vida cotidiana no tocante à existência de famílias monoparentais, e ainda do que está demonstrado na prática: a capacidade de uma pessoa de assumir com competência os cuidados e a educação de uma criança (p.96-97).

Produziu-se em nossa cultura uma naturalização do modelo de família nuclear, levando-nos à ideia de que ele sempre existiu dessa forma e de tal modo a vincular imprescindivelmente o fato biológico da reprodução ao parentesco e aos cuidados parentais, e segundo Zambrano (2006), “isso acontece porque, ao percebermos “pai” e “mãe” apenas como aqueles que dão a vida à criança, concebemos essa relação como tão “natural” que nem pensamos possa ser ela submetida à lei social.” (p.126).

Nota-se, entretanto, que é muito difícil uma definição de grupo familiar na contemporaneidade, com todos esses novos modos de arranjos familiares, em que é possível considerar família, um homem unido a uma mulher sem ser pelo casamento, onde existem filh@s de outr@s parceir@s conjugais convivendo no mesmo lar, avós e outros familiares que cuidam de seus parentes mais novos, casais homoafetivos que adotam filh@s, dentre outras tantas formas.

Assim, não temos um modelo único de ser família no contemporâneo, ao contrário, como afirmam Ferrari e Kaloustian (2004), a família hoje “[...] se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares” (p.14), e nesta conjuntura de diversidade de vivência da afetividade na atualidade, vemos também os homossexuais estabelecerem relacionamentos estáveis e comporem disposições familiares.

A flexibilização das constituições familiares traz discussões sobre o seu enfraquecimento e deterioração, todavia, esta ainda conserva-se como um espaço distinto de socialização, demonstrando-se enquanto lugar primeiro para o exercício da cidadania (Idem, Ibid., p.31). Vemos no ambiente familiar uma “[...] reprodução social através da função ideológica que exerce ao veicular a introjeção por seus membros, valores, papéis e padrões de comportamento que serão repetidos pelas sucessivas gerações” (RAMIRES, 1997, p.19).

Nos textos jurídicos de nosso país temos a importância da família ressaltada no sentido de ser aquela que é responsável pela proteção da criança, temos na “Declaração Mundial sobre a sobrevivência, a proteção e o desenvolvimento da criança nos anos 90” que a inserção

das crianças na cultura, valores e normas sociais começa na família, de modo que, para prover um desenvolvimento infantil satisfatório deve-se existir um ambiente familiar às crianças onde este contenha uma “atmosfera de felicidade, amor, e compreensão” (UNICEF, 1990, parágrafo 18). No artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), também temos a relevância da entidade familiar, sendo a convivência em família prevista em lei desde 13 de julho de 1990 enquanto um direito para as crianças e adolescentes brasileiros.

Por fim, como aponta Neder (2004), atentamos no presente trabalho para a relevância em se trazer à tona olhares para essas famílias que “fogem da norma”, pois consideramos:

[...] que não existe, histórica e antropologicamente falando, um modelo padrão de organização familiar; não existe a família regular. Menos ainda que o padrão europeu de família patriarcal, do qual deriva a família nuclear burguesa (que a moral vitoriana da sociedade inglesa no século XIX atualizou historicamente para os tempos modernos), seja a única possibilidade histórica de organização familiar a orientar a vida cotidiana no caminho do progresso e da modernidade. Pensar as famílias de forma plural pode significar uma construção democrática baseada na tolerância com as diferenças e com o outro (p.28).

Desta forma, as famílias existentes no século XXI podem também nos fazer refletir a cerca da potência inventiva que delas surge. A pluralidade de arranjos familiares, não mais exclusivamente heteronormativos que se apresentam, traz consigo um potencial de libertação de modelos rígidos que atinge até mesmo os heterossexuais, e em conformidade com o manifestado por Cassal (2011), apreendemos que:

As novas configurações familiares falam por um lado da manifestação de desejos singulares e potentes. Sua diferença permite colocar em análise a forma como construímos as regras e nós mesmos. Uma família composta por duas mães (ou dois pais) com uma criança nos interroga esses limites. O encontro com essa diferença permite pensar que há possibilidades para além das normas (p.127).

Ir além das normativas e dos papéis ditados para a sociedade, uma conquista trazida também pelas famílias homoafetivas, nos apontam modelos alternativos de conjugalidade e sexualidade, torna visível características de mulheres e homens quando estes se tornam autônomos do outro sexo e assim vemos que a luta contra a ignorância e os preconceitos se fará libertadora não somente para os homossexuais (CASTAÑEDA, 2007). Do mesmo modo que quando da implementação da lei do divórcio em nosso país, inicialmente as famílias que gozaram dessa conquista sofreram processos de rejeição social, e hoje encontram maior

respeito, imaginamos que em um futuro próximo, a homoparentalidade também venha desfrutar da condição de maior aceitação.

## **CAPÍTULO 3**

### **3.1 Laços afetivos de parentesco**

Embora a adoção de crianças e adolescentes não seja uma prática recente, muitos ainda hoje não a incluem em suas representações de família, pois partem da proposição inicial de consanguinidade para a existência de vínculos de parentesco: “[...] o poder da premissa dos ‘laços de sangue’ incide sobre os corpos daqueles que ousam questioná-lo segregando-os e excluindo-os nos registros simbólicos, imaginários e reais da sociedade, já que a filiação consanguínea é pressuposta em todos os contextos sociais” (TEIXEIRA-FILHO, 2010, p.246).

A adoção existe desde a antiguidade, como mostram os primeiros documentos legais

(estando entre os temas regulamentados no Código de Hamurabi<sup>6</sup>), assim como apontam também as produções artísticas, mitos gregos como a famosa história de Édipo, e relatos bíblicos como o de Moisés.

Ariès (1981) relata que, na Idade Média, era habitual a prática familiar de enviar filhos para outras famílias e receber também em suas casas, crianças em idade próxima aos oito anos de vida, com o objetivo de ensino de boas maneiras e para o exercício de funções similares a de um criado, ou aprendiz.

Surgiram, nesse mesmo período, as chamadas “Rodas dos Expostos” ou “Roda dos Enjeitados”, nomes que ilustram um aparelho cilíndrico usado para o abandono de bebês, sem a identificação do expositor. O mesmo possuía uma parte interna ligada a uma instituição que passaria a cuidar desse bebê que foi recebido no lado externo. Esta prática se manteve no Brasil até a década de 1950, correspondendo a uma primeira forma de instituição para acolhimento de crianças, então ligada a entidades religiosas, nas quais a ideologia cristã trouxe esta possibilidade em contraste às práticas de infanticídio que faziam parte das sociedades grega e romana (CAMPOS, 2001).

Na era Moderna, com Napoleão, constata-se uma tentativa de legalização da adoção, ocorrendo, no entanto, de forma discriminatória. Segundo Weber (2000), “o próprio Napoleão disse que a adoção era uma *‘imitação, através da qual a sociedade quer plagiar a natureza’*. Esta frase aparece em inúmeros tratados jurídicos sobre o tema, denotando o preconceito de que uma *imitação* não é verdadeira, não é legítima” (p. 20).

Em algumas culturas, no entanto, a adoção não se reveste deste conteúdo de ilegitimidade, pelo contrário, ela pode ser percebida como um dos aspectos do parentesco, como uma forma de solidariedade social ou, ainda, como uma resposta às condições demográficas (WEBER, 2001, p.29). Verificam-se relatos de práticas de adoção tais como os exemplos a seguir: nas Ilhas Tonga no Pacífico Sul se um indivíduo se tornar órfão este é prontamente adotado (ROBERT, 1989 *apud* WEBER, 2000); na Polinésia Francesa a adoção não ocorre por uma situação especial de ausência parental, mas corresponde a uma regra, em que todas as crianças vivem com suas famílias adotivas (CHARLES, 1997 *apud* WEBER, 2000); na Oceania, com frequência, as mães oferecem seus bebês a uma parente estéril ou a uma idosa solitária (SOUZA, 2008, p.31).

---

<sup>6</sup> Código de leis vigente durante a monarquia de Hamurabi que comandou a Babilônia entre os séculos XVIII e XVII a.C.

De tal modo que, como apontado por Levinzon (2004) podemos compreender que:

Nem todas as famílias apresentam uma configuração na qual há uma continuidade biológica, e as relações parentais que se formam na família adotiva baseiam-se mais especificamente nas intersecções afetivas que caracterizam os seus membros. Como uma experiência humana básica, a adoção ocorre em todas as culturas, e existe desde tempos imemoriais (p.12).

Considerando o contexto atual de nossa sociedade e cultura, concordamos com Darós (2010), que aponta todo processo de filiação como:

[...] um vínculo eminentemente adotivo, o qual não tem relação necessária com a consanguinidade. Assim, postulo que todo filho, para que como tal se constitua, há de ser adotado, quer seja por seus genitores ou outros interessados, caso contrário não passará de um rebento, o que requer encaminhamento, urgente, à família substituta (p.377).

No campo legislativo atual de nosso país a adoção é a inserção de forma definitiva de uma criança ou adolescente que por algum motivo encontram-se ausentes de convivência familiar e cujos genitores ou a família biológica estejam destituídos do poder familiar, em uma nova família. (FIGUEIRÊDO, 2009)

Na legislação brasileira as primeiras regulamentações referentes à adoção, ao poder familiar, à tutela e aos bens dos órfãos são provenientes do Código Civil de 1916, o qual limitava a adoção por pessoas solteiras, exigindo que @s adotantes contassem com idade superior a cinquenta anos e não possuíssem “filhos legítimos”. Notadamente perceptível é o foco nos interesses d@s adotantes em detrimento d@s adotand@s, tendo a adoção assim a finalidade de atender àqueles que não possuíam filh@s biologic@s, sendo pouco versados sobre direitos dessa criança ou adolescente (BRASIL, 1916).

No Código Civil de 1916 a adoção tinha um caráter contratual, realizava-se uma escritura pública sem interferência do Estado e os casais não passavam por nenhum processo de avaliação psicológica e/ou social, não existindo direitos sucessórios se o casal adotante viesse a ter filh@s biologic@s. Na lei eram previstas também, nos incisos do art. 374, duas possibilidades de dissolução da adoção: quando existisse esse desejo por parte de ambos, casal e filh@, ou quando @ adotad@ cometesse ingratidão com seus pais. (BRASIL, 1916)

No Código de Menores de 1927, também sobressai o interesse d@s adotantes não havendo determinação de qualquer tipo de proteção e garantia de direitos aos adotand@s; além d@s filh@s adotiv@s serem tidos como “filh@s de criação”, estes não eram equiparados em legitimidade aos biológicos (LIMA; DOMBROWSKI, 2013).

No mês de maio de 1957, com a Lei nº 3.133, modifica-se o Código de 1916, alterando a idade mínima exigida d@s adotantes para trinta anos, possibilitando aos solteir@s e aquel@a que já possuíssem filh@s o direito de adotar. Passou-se a requerer o consentimento d@ adotand@ para a realização do vínculo adotivo, havendo exclusão do termo “ingratidão”. A possibilidade de dissolução da adoção continuou a existir, essa agora nos casos em que a deserdação prevista em lei fosse também admitida (BRASIL, 1957).

Em 02 de junho de 1965, vemos o surgimento da Lei nº 4.655 que foi denominada “Legitimação Adotiva”, na qual a adoção passa a ser irrevogável e mesmo que os pais adotivos viessem a ter filh@s biológic@s, ainda chamados nessa lei de “filhos legítimos”, estaria garantida @s adotiv@s a equiparação de direitos. (BRASIL, 1965)

A Lei nº 6.697/79 conhecida como Código de Menores de 1979, trouxe a possibilidade de duas formas de adoção: a simples e a plena. A primeira, destinada a crianças em situação irregular, não havendo total rompimento do vínculo destas com a família biológica. A segunda, era irrevogável, porém ainda persistia a distinção entre “filhos legítimos”, especialmente dos nascidos do matrimônio, e os “adotivos”.

É apenas com a Constituição de 1988 que vemos o estabelecimento do princípio de igualdade entre @s filh@s, o processo de adoção passou a ser assistido pelo poder público, representando uma primeira preocupação legal visando ao direito d@s adotand@s.

No Brasil, constatou-se uma mudança significativa no que diz respeito à proteção de crianças e adolescentes, a partir da promulgação do “ECA” (Estatuto da Criança e do Adolescente), em 1990. Instituído pela Lei nº 8.069 o Estatuto prevê prioridade absoluta no atendimento dos direitos de crianças e adolescentes enquanto cidadãos brasileiros. A lei salvaguarda que estes têm, dentre outros, o direito à convivência familiar. Dessa forma, a adoção passa a ser vista como uma possibilidade de permitir que crianças tenham assegurado seu direito de pertencer a uma família, como explicitado por Granato (2005):

Esta é, realmente, a finalidade da moderna adoção: oferecer um ambiente familiar favorável ao desenvolvimento de uma criança, que, por algum motivo, ficou privada da sua família biológica. A adoção, como hoje é entendida, não consiste em “ter pena” de uma criança, ou resolver situação de casais em conflito, ou remédio para a esterilidade, ou ainda, conforto para a solidão. O que se pretende com a adoção é **atender às reais necessidades da criança**, dando-lhe uma família, onde ela se sinta acolhida, protegida, segura e amada (p.26, grifo da autora).

Em acordo com esta finalidade, no ano de 2009, a Lei nº 12010 trouxe as mais recentes reformulações para a legislação sobre adoção no Brasil. Um ano antes, em 2008 criou-se o Cadastro Nacional de Adoção, reunindo informações de brasileiros aptos para adotar, bem como se estabeleceu a necessidade de que tod@s @s candidat@s passassem por uma preparação psicológica.

A “nova lei da adoção” como ficou conhecida, também trouxe a possibilidade do “acolhimento familiar”, representando uma família que cuidará de crianças ou adolescentes de forma provisória, até que estes possam retornar ao convívio familiar definitivo. Outra novidade é a avaliação da situação de crianças que vivem em instituições de acolhimento por períodos de seis em seis meses, sendo que o prazo máximo de permanência em abrigo, salvo exceções, deve ser de dois anos. No entanto, uma falha notável dessa nova legislação se dá na não contemplação, de modo explícito, da adoção por pares homoafetivos, porém, como veremos adiante, o Poder Judiciário já permitiu em muitos casos que estas fossem realizadas em nosso país.

Entendemos a adoção enquanto uma forma legítima de constituição familiar, compreendendo que esta, sendo realizada por casais homoafetivos, reafirma ainda mais questionamentos sobre os vínculos de parentesco possíveis. Ao buscarmos maior compreensão acerca dos temas que envolvem a prática de adoção vemos que esta é permeada por mitos, sobre estes, Motta (2005) nos fala:

Desde nossos ancestrais primitivos, os mitos tiveram importantes funções, tal como a de emprestar sentido, significação e finalidade a determinados aspectos da vida, colocando ordem nas experiências cotidianas ou cada vez que um aspecto da vida e da existência era visto como problemático ou carregado de ansiedade e perigo e, portanto, considerado extraordinário (p.64).

Uma grande parte dos mitos que vemos rondar a questão da adoção advém da compreensão de que a filiação adotiva traria maiores complicações em comparação a uma

biológica, se traduzindo em pensamentos como os de que a adoção em algum momento trará problemas aos adotantes, que uma filiação adotiva é inferior a uma biológica, que a adoção de um bebê se faz mais adequada – uma vez que, assim se torna possível um encobrimento do processo adotivo –, que crianças adotadas nunca se recuperam psicologicamente do abandono sofrido, que estas possuem uma herança genética ruim que se expressará, entre muitos outros.

Como nos aponta Camargo (2005): “Os preconceitos geradores dos mitos, que por sua vez geram a cultura, estão a todo tempo sendo disseminados e vão assim retroalimentando crenças, valores, medos, expectativas e fantasias negativas acerca da adoção” (p.86). Para o autor, a vulnerabilidade frente a estes mitos infundados tem feito que famílias busquem crianças com características muito específicas e próximas a dos pais. Segundo Weber (2000), no momento da adoção, os pretendentes geralmente têm preferência por crianças recém-nascidas, de peles claras e que sejam saudáveis, também sendo perceptível a tendência de preferência pelo sexo feminino.

A busca por bebês com características semelhantes às dos pais adotivos refletem a força dos mitos e preconceitos relacionados aos laços de sangue. Como sinaliza Eldridge (2004), [...] “muitas famílias adotivas aceitaram sem saber o mito, baseado na vergonha, de que elas devem ser exatamente iguais às famílias formadas biologicamente [...]. Famílias formadas por meio da adoção têm seus próprios desafios, e também sua beleza única” (p. 31).

Muitos dos pretendentes buscam ao adotar um recém-nascido, além de uma aproximação ao modelo de uma família biologicamente constituída, amenizar o que eles consideram o “trauma do primeiro abandono”, ou seja, possíveis marcas da rejeição promovida pelos genitores, bem como traumas relacionados ao seu período de institucionalização. Pensa-se ainda que a criança pequena não possui o caráter formado, dessa forma colaborando com a possibilidade de lhe promover melhor educação.

Creemos que algumas teorias psicológicas, como do Apego de Bowlby (1990) e a de Spitz (1979) sobre a angústia do oitavo mês, entre outras teorias desenvolvidas principalmente no período de pós-guerra, tendo com amostras os órfãos da guerra, ajudaram a sedimentar esta ideia do “trauma da separação” ou de um “trauma da rejeição” como uma fatalidade das crianças postas à adoção. Este mito ligado ao medo que os pretendentes têm de que a criança não venha a se recuperar de experiências que teve antes da adoção, considerando que a institucionalização traz vícios e marcas irreparáveis para a criança, pode atuar mesmo em famílias que vieram a realizar uma adoção considerada tardia.

Este se reflete no cuidado dispensado a seu/sua filh@, na medida em que os pais acreditem que el@ necessite receber uma “compensação afetiva” pelo período que ficou institucionalizad@ ou que conviveu com seus genitores, implicando assim, em uma superproteção da criança, ou ainda atuando junto ao mito de “gratidão aos pais adotivos”, onde se espera que os filh@s adotiv@s sejam gratos pelo “favor” de terem sido adotad@s, sendo “livrad@s” assim de um destino ruim.

A escolha por crianças de pele clara, além de muitas vezes ser uma maneira de deixar a adoção não evidente, considerando que a maioria dos pretendentes é da cor branca, se traduz também em uma forma de não enfrentar o preconceito racial. A predileção pelo sexo feminino pode refletir os mitos que envolvem as questões de gênero, atribuindo às meninas características de amabilidade, docilidade e maior afetividade, as quais supostamente colaborariam a maior disponibilidade ao estabelecimento de laços afetivos e de disciplina (DONZELOT, 1986). Aqui, porém nos atentamos para o fato de que os comportamentos e características atribuídos a homens e mulheres foram culturalmente construídos (SCOTT, 1990; LOURO, 2001).

Felizmente, atualmente podemos constatar mudanças recentes nesse panorama e o surgimento de uma nova cultura da adoção mais receptiva a adoções tardias (adoção de crianças que contam com mais de dois anos de vida), aumentando também hoje o número de adoções inter-raciais e em um número menor de crianças com deficiências (CeCIF, 2001, 2002, 2003).

Ao tentarmos buscar as razões disto ponderamos que uma delas se refere ao fato de que os movimentos sociais pró-adoção ganharam imensa visibilidade e força política desde a década de 1980. Tal visibilidade os fizeram se constituir em grupos de auto-ajuda, de confraternização. Esta troca de experiências obrigou a uma revisão de teses clássicas da Psicologia sobre a origem e repercussão das experiências humanas traumáticas. Houve grande investimento na política, digamos, fraternal, do amor, como matéria-prima fundamental e primordial para a constituição de laços de afeto familiares, fomentado também por novas pesquisas acadêmicas junto a esta população, as quais com uma reavaliação das teorias do pós-guerra colaboraram para a atenuação de mitos.

Uma segunda explicação poderia advir dos movimentos sociais LGBT com a busca da homoparentalidade que ao recorrerem a crianças postas à adoção já classificadas como “mais

velhas”, impeliram, mais uma vez, a revisão da literatura científica sobre o “trauma da separação”.

Outro mito refere-se ao fato da criança carregar consigo “genes ruins” de sua origem biológica. Weber (2000), neste sentido nos aponta:

Na verdade, tentar atribuir certas características comportamentais aos genes às vezes é muito cômodo, porque nos livra da responsabilidade de ter construído ou contribuído para tal comportamento. [...] Nas famílias adotivas [...] se algo vai bem, muitas vezes, e até de maneira não consciente, colocam a responsabilidade nos genes do “outro”, no “sangue ruim” que esta criança pode ter trazido (p.23).

Assim, observamos que “muitas pessoas acham que *‘crianças adotadas, cedo ou tarde, trazem problemas’* como se filhos biológicos viessem ao mundo com seguro e garantia” (WEBER, 2000, p.22). O medo do desconhecido parece fundamentar essa consideração, que vem acompanhada do fantasma dos problemas herdados, tecem-se fantasias em torno das possíveis características dos genitores, estes vistos como marginais, promíscuos, etc. e dos possíveis danos causados por uma “privação de amor materno” sofrido pela criança que passa pelo processo de entrega à adoção.

Um mito que também parece ser frequente e relatado por Weber (2000) refere-se ao medo de adotar uma criança de quem, posteriormente, @s genitor@s venham a requerer a guarda novamente. O ECA, no artigo 48 (BRASIL, 1990) garante que a adoção seja irrevogável, no entanto, como vimos, este estatuto data de 1990, sendo recente a irrevogabilidade da adoção. Corroborando na fomentação deste mito temos também a premissa de que “o sangue fala mais alto” sinalizando para o valor que a produção histórica discursiva resultante da matriz bioparental ganha junto ao imaginário popular quanto às formas de constituição familiar validado pelo biológico.

Os discursos que permeiam o tema da adoção, também nos apontam para o mito do parentesco ser sempre heterossexual (BUTLER, 2003a) apoiando-se na crença de que a sexualidade serviria apenas para fins procriativos, considerando uma continuidade entre o sexo, o gênero, o desejo e as práticas sexuais (BUTLER, 2003b).

O mito da “missão instintiva” de todo adulto em ser mãe e pai, corrobora com o mito citado acima, onde a impossibilidade biológica de gerar descendentes é entendida como uma

deficiência. Vemos aqui que a matriz bioparental tem forte e potente impacto na percepção que o indivíduo tem sobre si mesmo e sobre o seu papel social. A ideia de instinto e de desejo “natural” de procriação, na verdade, são discursos que atravessam a vivência subjetiva da construção das identidades de gênero das pessoas. Badinter (1985) apresenta como já trabalhado anteriormente, por exemplo, como ocorreu na história a naturalização do papel da mulher como mãe.

Assim, ao refletirmos sobre os mitos que incidem na adoção, vemos que na construção destes existe uma forte influência da matriz bioparental, esta baseada em referenciais heteronormativos, estando implicada em um projeto de nação, em uma operação de poder, em um plano eugênico e heteronormativo de linhagem familiar e de cuidado de crianças. De tal modo que, a parentalidade ganha maior legitimação pela sociedade e pelo Estado a partir dos “laços de sangue”, dando um “estatuto biologizante a algo (a perfiliação) que é do registro do simbólico” (TEIXEIRA-FILHO, 2010, p.248).

### **3.2 As homoparentalidades pela via da adoção**

As homoparentalidades<sup>7</sup> podem ser consideradas um fenômeno social novo: “Embora a homossexualidade tenha uma longa história em vários cenários culturais, nos quais, muitas vezes, as pessoas tinham filhos, só muito recentemente a homoparentalidade vem se tornando mais visível no contexto social brasileiro” (PASSOS, 2005, p.32). Em meados dos anos 70, no exterior, observou-se a ocorrência do que foi denominado de *Baby Boom gay* e lésbico (WESTON, 1991), propiciando o início de pesquisas referentes ao tema em 1975 (ZAMBRANO, 2006).

As conjugalidades homoafetivas, assim como as homoparentalidades, representam um acontecimento recente, mesmo sendo conhecido o fato destas uniões existirem ao longo da história humana, é apenas no final do século XX, após a epidemia de HIV/AIDS no mundo,

---

<sup>7</sup> Termo cunhado pela *Association des Parents et futurs parents Gays et Lesbiennes* (APGL), na França em 1997, para articular a homossexualidade com o exercício de paternidade/maternidade.

que relações amorosas estáveis homoafetivas começaram a sair do anonimato, ganhando visibilidade social inédita (MELLO, 1999).

A partir da década de 90, vemos inicialmente buscada por casais homoafetivos norte-americanos, o requerimento de legitimidade para as configurações familiares estabelecidas pelas homoparentalidades (MOSCHETA; SANTOS, 2007), fomentando o estabelecimento do exercício de funções parentais por homoafetiv@s enquanto um repertório possível no campo do parentesco, este desassociado da reprodução, reforçando o aspecto socioafetivo que na realidade constitui os processos de filiação.

As possibilidades encontradas hoje para composições familiares por homoafetiv@s foram descritas por Passos (2005):

1. A recomposição, na qual um membro do casal traz para sua relação homossexual o(s) filho(s) de um casamento heterossexual anterior.
2. A coparentalidade, em que um dos membros do casal homossexual gera um filho com um homem ou uma mulher, não necessariamente homossexual, e este filho passa a fazer parte do núcleo parental de um dos pais biológicos.
3. Uma terceira forma é a adoção, legalizada ou não, feita pelo casal.
4. Há ainda a possibilidade da inseminação artificial realizada com o sêmen de um doador, no caso de um casal de mulheres, ou de uma mãe substituta, que gera um filho com o sêmen de um dos parceiros do casal homossexual masculino (p.35).

As diferentes formas de realização do exercício homoparental têm repercussões diferenciadas sobre o campo jurídico. Nos casos de recomposição, por vezes problemas judiciais ocorrem sobre a posterior atuação parental daquela ou daquele que passa a viver um relacionamento homoafetivo, incidindo no direito de guarda e visitas sob a alegação de proteção à criança, partindo-se da premissa que a homoafetividade da mãe ou do pai represente perigo ao desenvolvimento infantil adequado (ZAMBRANO, 2006).

O nosso Código Civil atual não contempla a possibilidade de filiação por coparentalidade, bem como, não se encontram regulamentações referentes ao uso das tecnologias reprodutivas; o que temos hoje se reduz a normativas apresentadas por uma resolução do Conselho Federal de Medicina. Se por um lado aqui não se tem nenhuma ingerência por parte da legislação, deixa-se uma lacuna, por outro, no sentido de proteção legal às famílias assim compostas.

Sobre a possibilidade de adoção, o “ECA” não apresenta nenhuma restrição calcada na orientação sexual dos postulantes, porém, considera como impeditivo que esta venha a ser realizada por pessoas ou famílias que apresentem um potencial de risco para crianças e adolescentes, assim, o entendimento de que a homoafetividade d@s adotantes possa se constituir risco para adotand@s pode ser apontado por alguns juízes, no entanto, essa concepção não encontra respaldo científico nos estudos realizados sobre o tema (UZIEL, 2007).

Mesmo sem restrições explícitas na lei, outra dificuldade que pode ser encontrada para a realização da adoção por homoafetiv@s é aquela apontada por Silveira (2005):

Apesar das mudanças nas formas de viver e de se organizar em família no contexto da adoção, o modelo conjugal é bastante valorizado. No atendimento dos interesses psicológicos e sociais de uma criança e/ou adolescente em situação de vulnerabilidade, prevalece ainda a visão de família conjugal como melhor modelo. Na seleção de pretendentes a pais adotivos, o perfil idealizado dos candidatos perpassa a visão naturalizada que se tem da família e não as transformações mais amplas que ocorrem em seu interior. Nessa perspectiva, há uma certa tendência em preferir os grupos familiares constituídos do casal unido pelos laços legais do matrimônio e que tenham estabilidade afetiva e econômica. Embora a lei brasileira relativa à adoção não faça qualquer distinção entre os tipos de família que está em condições de adotar, os ‘avulsos’-solteiros, viúvos, divorciados ou homossexuais – podem permanecer muito mais tempo na fila de espera e nem sempre são considerados aptos a assumir os cuidados e a educação de uma criança, principalmente se esta for recém-nascida. Nesse modo de pensar, as vivências e as experiências dessas pessoas no seio de suas famílias não são levadas em conta. Quando são considerados aptos para adotar, os avulsos são indicados, no geral, para adoção de crianças maiores, de adolescentes ou que apresentem dificuldades ditas especiais (p.94).

Nota-se que em casos em que o requerente à adoção é do sexo biológico masculino a distinção pode ser ainda maior, dada a atribuição de uma “natureza feminina” mais devotada ao cuidado de filh@s; este preconceito chega a atingir a esfera judicial resultando em maior facilidade de adoção às lésbicas (UZIEL, 2002). A partir destas constatações Uziel (2007) nos fala da importância da existência de melhor preparo dos profissionais que atuam junto à adoção em busca da garantia de direitos iguais a tod@s @s requerentes:

A pergunta que deve ser feita é no sentido da busca da melhor família possível para aquela criança naquele momento, e não sobre a adequação entre orientação sexual e parentalidade. As semelhanças entre requerentes

homo e heterossexuais são muito maiores que as diferenças: em ambos os casos investe-se na relação e na possibilidade de integração de uma família que não foi formada “naturalmente” (p.74).

Reafirmamos aqui a necessidade de treinamento envolvendo questões de gênero e sexualidade a psicólog@s do judiciário, entre outr@s profissionais, tendo em vista o constatado pela pesquisa de Uziel *et al.* (2006) junto ao movimento homossexual<sup>8</sup> no Brasil. Esta apontou que a adoção é a possibilidade de filiação mais considerada tanto entre as lideranças de grupos lésbicos quanto por parte das lideranças *gays*.

A história desses agrupamentos em nosso país tem seu início em meados de 1978, datando o surgimento do que é considerado o primeiro grupo organizado de homossexuais no Brasil, inicialmente denominado “Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais” passando posteriormente a se chamar “SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual”.

Em 1979 o grupo, formado até então somente por homens, obteve maior visibilidade após participação de uma semana de debates intitulada “O caráter dos movimentos de emancipação” na Universidade de São Paulo, gerando o ingresso de novos membros, dentre estes, as primeiras mulheres. Pouco tempo após, vemos o nascimento do “Subgrupo Lésbico Feminista” correspondendo ao primeiro grupo homossexual organizado de mulheres em nosso país, composto por um número grande destas que se afastaram do “SOMOS”. A partir de então, outros novos grupos passaram também a existir em todo Brasil (PINAFI, 2010).

As constituições familiares formadas a partir de conjugalidades homoafetivas – vividas socialmente em uma realidade contemporânea – correspondem a uma demanda por reconhecimento legal desde a década de 90. No Brasil, até então, tínhamos como reivindicações dos grupos organizados de homoafetiv@s a proibição de discriminações por orientação sexual. Câmara (2002) nos aponta, por exemplo, que com esse intuito, sob a liderança do Grupo Triângulo Rosa do Rio Janeiro, a militância conseguiu assegurar a expressa igualdade entre homossexuais e heterossexuais na Constituição de 1988.

---

<sup>8</sup> Aqui, bem como em outros momentos do capítulo, nos referimos a “movimento homossexual” mantendo a nomenclatura apresentada pelos autores citados, contudo, gostaríamos de acrescentar a compreensão de que talvez pudéssemos pensar em “movimentos” uma vez que tais agrupamentos não são hegemônicos. Ramos e Carrara (2006) ao nos trazer a questão sobre a nomeação de grupos que defendem a cidadania para homoafetiv@s em nosso país apontam que inicialmente estes eram chamados de “Movimento Homossexual Brasileiro” e que mais recentemente passaram a ser intitulados como movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBT) em uma busca de consideração às especificidades das múltiplas experimentações da sexualidade e do gênero dissidentes da heteronormatividade. Note-se que recentemente houve o acréscimo das letras TI a este acrônimo buscando-se a inclusão de Transexuais e Intersexos nesta nomenclatura.

Como observado por Facchini (2011), uma das principais ferramentas que o movimento LGBT utiliza para gerar visibilidade para suas questões hoje são as “Paradas”. Constituindo-se em uma manifestação que visa, entre outras coisas, o reconhecimento das políticas públicas para temas específicos, é interessante observarmos que a oitava parada, que reuniu 1,8 milhão de pessoas em 2004, foi denominada “Temos Família e Orgulho” e a do ano seguinte, em 2005 contando com a participação de 2,5 milhões de pessoas, chamou-se “Parceria civil, já! Direitos iguais: Nem mais, nem menos” (COSTA NETTO; FRANÇA; FACCHINI, 2006).

Assim, percebemos que o reconhecimento das constituições familiares por homoafetiv@s integrou as demandas apresentadas pelos grupos de militância LGBTTL. Assistimos também o movimento de reivindicação pela legalização da união civil bem como do casamento, sobretudo, vemos uma militância no sentido da saída de um território de marginalidade para a entrada no campo da legalidade.

A perspectiva dos Direitos Humanos tem assumido pautas advindas de grupos que defendem a cidadania para homoafetiv@s; o direito de sucessão e da dependência previdenciária buscados por casais homoafetivos geraram concessões jurisprudenciais e motivaram a apresentação de um Projeto de Lei ao Congresso Nacional para a regulamentação da parceria civil entre pessoas do mesmo sexo (FIGUEIRÊDO, 2009), como veremos mais adiante neste capítulo.

Entretanto, cabe problematizarmos o fato de que “Tradicionalmente, o movimento LGBT no século XX, em sua maior parte formado por homens *gays*, valorizou a expressão do desejo masculino livre, opondo-se à ideia de casal, que era entendida como sinônimo de dominação heterossexual” (GROSSI; UZIEL; MELLO, 2007, p. 10).

Castro (2007) nos aponta que alguns setores do movimento *gay* fazem uma crítica a esta nova postura entendendo que estas uniões e formações familiares estariam atreladas a uma lógica heteronormativa, a mesma que oprimiu e continua oprimindo *gays* e lésbicas. Para a autora, “os homossexuais teriam que lutar, então, não apenas pelo direito de serem iguais aos ‘normais’ e poderem reproduzir e demonstrar essa ‘normalidade’, mas também lutar pelo direito de serem diversos, diferentes, criativos, sem que isso os transforme em párias” (p.105). Corroboramos aqui a ideia de Castro no sentido de poder ver, por outro lado, estas relações enquanto, também, possibilidade de subversão a uma ordem patriarcal, promovendo o

esmaecimento das fronteiras sexuais e ressignificando conceitos como família, amor, sexualidade, gênero, poder e identidade.

Por heteronormatividade entendemos um conjunto de preceitos que fundamenta processos sociais de regulação e controle compreendendo a heterossexualidade como intrínseca aos sujeitos. A heteronormatividade pode ser vista como uma estruturação da organização social, enquanto um instrumento de controle dos corpos (BUTLER, 2003b), de tal modo que apresenta a heterossexualidade como adequada e assim privilegiada. Esses privilégios ganham materialidade nos discursos jurídicos, médicos, educativos, midiáticos, nas produções culturais estabelecendo hierarquias e regulando as relações sociais tendo por princípio a heterossexualidade como natural (PELÚCIO, 2007).

Contribuindo para a compreensão sobre heteronormatividade, Rich (1980) nos apresenta o conceito de “heterossexualidade compulsória”, sinalizando que a heterossexualidade não é uma escolha, e muito menos da natureza dos indivíduos, mas sim uma imposição, programando padrões e valores, orientando o relacionamento entre os sexos e em contrapartida, lançando mão de mecanismos que ocultam outras formas possíveis de relação.

Os discursos em relação à sexualidade até o século XVIII restringiam-se ao campo religioso, as relações amorosas e sexuais vistas como sodomia eram examinadas e julgadas pela Igreja. No século seguinte, com o olhar científico tomando o tema como objeto de estudo assistimos a “invenção da homossexualidade e do sujeito homossexual”: “[...] a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado como desvio da norma [...]” (LOURO, 2004, p.29).

Segundo Foucault (1988) a partir do século XVIII, a propagação de discursos sobre o sexo acontecendo por meio de instituições do saber médico, religioso, da escola e da família, através das confissões, dos relatos clínicos, relatórios pedagógicos, e da autoridade familiar possibilitaram um controle dos indivíduos. Estudar o sexo, dividi-lo em categorias, resultou em criações de normativas em torno dele, sendo ditado cientificamente um padrão do que seria normal ou anormal, hierarquizando práticas sexuais e conferindo a algumas, grau de patologia, assim estabelecendo formas adequadas do sentir e do viver.

Foucault (2003) descreve este fenômeno por meio do conceito de biopoder e de biopolítica, que seriam formas de exercício de poder direcionadas para o controle, adestramento e docilização dos indivíduos. Esse poder disciplinador passa então a ser responsável por controlar os processos de nascimento, vida e morte, no sentido de um “[...]”

direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no ‘como’ da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências [...]” (p.294) , exercendo um papel central nas sociedades por meio da normatização de condutas dos corpos.

Em decorrência desses processos passou-se a desenvolver o que hoje chamamos heteronormatividade, cujos desejos e práticas que se afastam da heterossexualidade são marginalizadas socialmente, tecendo assim discursos que “[...] tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade” (WITTIG, 1992, p.2). E assim, a partir do momento em que se estabelece uma matriz de gênero tomada como normal o que se encontra fora dela passa a ser considerado abjeto. Para Butler (1999), abjetos seriam os habitantes de zonas excluídas da vida social, aqueles que “não gozam do *status* de sujeito” (p.155).

A partir destes entendimentos em relação ao sexo torna-se possível constatar então a existência de uma hierarquização da sexualidade, tal como aponta Rubin (1993), na qual manifestações da diversidade sexual podem ser estratificadas e classificadas como “sexo bom” e “sexo ruim”, formando uma pirâmide erótica em que os heterossexuais reprodutores e casados se encontram no topo, sendo seguidos pelos monogâmicos não casados. Abaixo estariam casais homossexuais em relação estável sendo seguidos pelos homossexuais promíscuos, transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas e trabalhadores do sexo.

De acordo com a autora, quanto mais no alto da pirâmide estiver localizado o indivíduo, este atingirá maior recompensa social, respeitabilidade, e até mobilidade nos meios físico e social, uma vez que para os sujeitos que se encontram na base da pirâmide, já existem delimitados os espaços urbanos e territórios possíveis de circulação.

Sedgwick (1993) em “*A epistemologia do armário*”, também nos traz interessantes reflexões, apontando através de relatos verídicos, a existência de uma primazia heterossexual de valores no meio social e em visibilidade, ao passo que para *gays* e *lésbicas* restaria muitas vezes a opção de uma invisibilidade sob a forma de “armário”, nos recordando mais uma vez as estratégias de manutenção de uma ordem heterossexista que acaba por fomentar processos de exclusão, os quais em nossa sociedade atual, de forma extrema, chegam a ser literalmente de exclusão da vida, como os, assustadoramente freqüentes, crimes homofóbicos que ocorrem em nosso país.

Embasados por estes entendimentos uma questão que se apresenta é se estes direitos que assumiram relevância para a militância LGBTTI, ao contrário de momentos históricos anteriores nos quais a ideia de casamento, estaria muito mais ligada a algo a ser combatido, pois este se aproximaria de uma instituição de normativas heterossexistas, não representaria uma busca de saída deste espaço de abjeção, através da incorporação de moldes de relacionamento que estão no “topo da pirâmide”.

Hoje as homoafetividades apresentam uma significação política e se encontram fortemente presentes no debate político-social:

Atualmente, quase todas as discussões sérias sobre os direitos civis, a liberdade individual, a tolerância ou o pluralismo passam, em algum momento, pelo debate sobre a homossexualidade. Essa não é mais uma questão apenas de teólogos ou de padres, de juízes ou de médicos: é um tema de reflexão para cada um de nós (CASTAÑEDA, 2007, p.37-38).

Rich (1986) nos sugere que a heterossexualidade, bem como a maternidade, teriam que ser reconhecidas e estudadas como instituição política, especialmente por indivíduos “[...] que acreditam ser, em sua experiência pessoal, os precursores de uma nova relação social entre os sexos” (p.51).

Se por um lado vemos que a visibilidade das “minorias” sexuais conseguida atualmente colabora para um reconhecimento não discriminatório destas, por outro, assistimos setores sociais “[...] realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais de família até manifestações de extrema agressão e violência física” (LOURO, 2004, p.28). Como nos fala Uziel (2002) a condenação da homoafetividade está ligada à ordem moral da família enquanto santuário, e do casamento visto como pedestal do estabelecimento e segurança da filiação.

Conforme Bourdieu (1996) mesmo a família sendo uma construção social e histórica, está instituída nas representações coletivas enquanto universal e natural, e aí se ocultam suas dimensões negociada e arbitrária. Segundo o autor, em nossa sociedade a família ganha um *status* de ideal e de norma. Assim refletindo sobre o desejo em homoafetiv@s em constituir formações familiares, este poderia se alicerçar neste *status*, representando um ideal de vida, no qual os sujeitos que se adequam a esta prescrição podem gozar do “*lucro* simbólico da normalidade” (p.130).

Esta compreensão vai ao encontro do apresentado por Miskolci (2007), segundo o qual, a imposição da heterossexualidade se transformou na segunda metade do século XX a partir dos processos de despatologização e descriminalização, hoje se tornando: “[...] visível o predomínio da heteronormatividade como marco de controle e normatização da vida de *gays* e lésbicas, não mais para que se ‘tornem heterossexuais’, mas com o objetivo de que vivam como eles” (p.6). Construindo assim a conjuntura denunciada por Bourdieu (2003, p.147):

[...] tudo se passa, de fato, como se os homossexuais, que tiveram que lutar para passar da invisibilidade para a visibilidade, para deixarem de ser excluídos e invisibilizados, visassem voltar a ser invisíveis, e de certo modo neutros e neutralizados, pela submissão à norma dominante. Basta pensar em todas as contradições que a noção de “arrimo de família” implica quando aplicada a um dos membros do casal homossexual.

Moreno e Pichardo (2006) aprofundando este entendimento nos apresentam a concepção de que este processo culminou também na criação de uma “homonormatividade” que produz um território normatizado para a vivência dissidente sexual, colaborando na manutenção de um sistema binário e hierárquico.

De tal modo, vemos uma hierarquização se fazendo entre o “*gay* moderno, consumidor, intelectualizado, formador de opinião, com estabilidade familiar e profissional, e que vai, aos poucos, conseguindo ser assimilado nos mapas cognitivos, afetivos e sexuais de nossas sociedades contemporâneas” (PAIVA, 2007, p.40) contando com um lugar acima na pirâmide sexual (RUBIN, 1993), daquele ligado “àquela representação carnalizada da homossexualidade, na qual se aglutina toda sorte de preconceito” (PAIVA, 2007, p.41).

Levando-nos à percepção do apresentado por Castañeda (2007):

Não há dúvida de que a tolerância e o respeito com os homossexuais progrediram muito.

Mas o que os heterossexuais aceitam cada vez mais não é necessariamente a homossexualidade em si. Estão dispostos a tolerar indivíduos e casais homossexuais desde que se assemelhem ao modelo heterossexual. Se a relação for antiga; se o casal homossexual for estável e monogâmico; se a sua sexualidade for discreta; em resumo, se o casal homossexual for bem-comportado, será tolerado pela sociedade heterossexual (p.204).

Com isto percebemos que o desejo por legitimação das formações familiares homoparentais encontra-se envolto em contradições, sobre estas, Butler (2003a) nos aponta que as considerações acerca das leis, entendidas como naturais, que amparariam a inteligibilidade humana estariam sendo colocadas em risco a partir da existência famílias que se distanciam do modelo originado por uma díade heterossexual regulamentada por meio do casamento. Para a filósofa:

A legitimação tem uma dupla fronteira: é crucial que politicamente reivindicemos inteligibilidade e reconhecimento; é crucial que politicamente mantenhamos uma relação crítica e transformadora em relação às normas que governam o que irá ou não contar como aliança e parentesco inteligíveis e reconhecíveis (p.242).

Neste sentido, a autora nos aponta o dilema que envolve a questão, uma vez que se faz necessário a requisição de legitimidade legal, não se podendo esquecer também que a demanda por reconhecimento traz consigo formas de hierarquização social, ampliando também o poder do Estado. Se por um lado a conquista desses direitos para alguns é vista como um grande potencial de posituação da homossexualidade, cumprindo uma função significativa junto ao afastamento do preconceito e trazendo uma ampliação para a cidadania, uma vez que, o *status* para o valor “família” em nossa sociedade é expressivo (ZAMBRANO, 2006), por outro lado Butler (2003a) atenta para o conservadorismo que é conceber o casamento enquanto a única forma de legitimar a sexualidade, reduzindo-o à norma.

Como nos aponta Grossi (2005):

Em menos de dez anos, as lutas GLBTT se transformaram. Da simples demanda por parceria civil, que reconhece apenas alguns direitos de conjugalidade, passou à demanda por casamento, ou seja, pela equiparação total de direitos conjugais de díades compostas por indivíduos de mesmo sexo com aquelas formadas por parceiros heterossexuais (p. 9).

Assim, outro ponto complexo neste cenário corresponde ao fato de ainda se ter como modelo único de viver os afetos o casamento heterossexual, perpetuando-se certa opressão, uma vez que a aderência a dado modelo ainda indicará a norma, o legítimo. Butler (2003a)

nos alerta também para a necessidade de se modificar a ideia tradicional de parentesco, possibilitando a compreensão deste desvinculado da sexualidade, bem como pensar vínculos duráveis para além da forma conjugal, permitindo assim um entendimento do parentesco como um conjunto de laços comunitários não reduzidos à família.

Atualmente assistimos o *status* que o casamento ganha, representando o ideal de realização dos indivíduos. Essa instituição torna possível socialmente a junção entre amor e sexo, tendo, contudo a finalidade da reprodução, atingindo hoje também os dissidentes das normativas sexuais, pois como argumenta Costa (1992):

Em nossa cultura, toda linguagem amorosa, que é essencialmente a linguagem do amor romântico, foi imaginariamente rebatida sobre o casal heteroerótico. Da primeira “paquera” até o altar e depois ao berçário, tudo que podemos dizer sobre o amor está imediatamente associado às imagens do homem e da mulher (p.93).

Acrescenta Castañeda (2007): “[...] todas as crianças crescem com a ideia de que um dia vão se casar e formar família: é o que lhes repetem incansavelmente seus pais, a escola, a cultura e a sociedade em geral” (p.91).

Entretanto, segundo Passos (2005) as famílias homoparentais se constituem em uma modalidade que apresenta as mais significativas alterações nas relações afetivas, na medida em que elas negam a diferenciação sexual tida como paradigma para a origem da família:

As diferentes modalidades de família surgidas nos últimos tempos expressam transformações muito significativas na relação família-indivíduo-sociedade. Algumas dessas modalidades estão fundadas em nuances muito singulares; no entanto, nenhuma é tão revolucionária quanto a família homoparental, já que esta destitui um princípio fundamental na constituição do grupo familiar: a diferenciação sexual (p.32).

Por não contar com a possibilidade de reprodução, a homoafetividade em diversos períodos históricos, se apresentou como uma prática erótico-sexual ameaçadora aos projetos de nação (TEIXEIRA-FILHO, 2011). Ainda nos dias atuais, vemos a procriação enquanto eixo organizador das formações familiares, sobre isto Navarro-Swain (2000) nos indaga:

[...] como afirmar que a reprodução **sempre** ordenou o mundo, **sempre** conjugou as relações humanas e sexuais? Porque [*sic*] o prazer e o desejo estariam atrelados à perpetuação da espécie? Quem cortou as asas do amor e restringiu a expressão da emoção? (p.35, grifo da autora)

Hoje a homoparentalidade traz no bojo de sua demanda o requerimento de um referencial parental independente do sexo, do gênero e da orientação sexual. A bilateralidade do sexo biológico masculino e feminino embora sustente o sistema de filiação consanguíneo, não se apresenta em todas as formas de parentalidade existentes, mesmo considerando os modelos de famílias mais tradicionais, como por exemplo, em situações de afastamento parental após uma separação do casal e nos casos de adoção, aqui esta ainda podendo permanecer simbolicamente quando se trata de um casal heterossexual, mas já não se tendo por obrigatoriedade a diferenciação sexual (UZIEL, 2007).

Essa concepção de parentalidade é calcada no biológico, no “natural”, entretanto, como atenta Mourão (2011), a paternidade e a maternidade não são processos naturais:

O ser humano não tem essa característica de naturalidade, na verdade para exercer a paternidade e a maternidade precisa-se também ter a capacidade de uma espécie de adoção, pois todo(a) filho(a) precisa ser adotado(a) para se tornar efetivamente filho(a) – isso faz parte do processo de afiliação. A maternidade, a paternidade e a afiliação só podem ser construídas em ato, e sem esse tipo de adoção, sem essa prática cotidiana, não se pode falar de maternidade e paternidade (p.120).

As famílias monoparentais, compostas por apenas uma mãe ou somente por um pai, são uma realidade hoje vivenciada por brasileiros (IBGE, 2010). Takashima (2004) nos aponta que mesmo em famílias compostas por um casal parental heterossexual existe a queixa da figura masculina por vezes pouco participativa junto ao cuidado infantil. Também contamos atualmente com a possibilidade de adoção por uma pessoa solteira; dados que sinalizam para a existência de composições familiares que não contam com a bilateralidade de sexos biológicos, no entanto, estas dispõem da garantia de direitos e de proteção legal que são negados às homoparentais.

Badinter (1993) ao refletir sobre os estudos desenvolvidos nos Estados Unidos e no Canadá sobre a homoparentalidade relata que persistem, mesmo sem comprovação, os mitos em torno de pais *gays*, vistos como promíscuos e com tendência a abusar de seus/suas filh@s. A autora relata: “[...] a opinião pública é bem mais severa em relação a esse pai do que com aquele que desaparece para sempre da vida do filho [...]” (p.177-178). Segundo Mourão (2011), a homoparentalidade causa maior polêmica quando se tratam de dois homens

postulando a adoção, sendo considerada ainda mais complicada em casos de requerentes travestis e transexuais, uma vez que se fortalecesse a associação a uma sexualidade incontrolada intensificando o fantasma do abuso sexual.

A diferenciação sexual tida como preceito para a existência familiar também é sinalizada por Uziel (2007) enquanto um forte mito que motiva a rejeição à homoparentalidade. A autora denuncia que: “A procriação, ainda que potencial, determina a constituição de uma família, até mesmo a conversão do matrimônio em família. Quase um século depois, esta compreensão está viva nos discursos dos operadores do Direito e dos técnicos [...]” (p.66).

De tal modo, nos questionamos até que ponto a bilateralidade dos sexos biológicos deve ser levada em conta nos casos de adoção, fato que incide diretamente em casos de pleitos por homoafetiv@s, uma vez que esta se constitui essencialmente em um processo de filiação instituído pelo Direito e não pela natureza (GROSS, 2003). Sabemos que, em grande parte, essa concepção foi fomentada pela Psicologia, ou melhor, por um tipo de Psicologia, a qual difunde enunciados como, por exemplo, o expresso por Silveira (2005): “Os funcionalistas apontam a definição diferenciada dos papéis atribuídos ao homem e à mulher no contexto nuclear como de suma importância na formação da personalidade da criança” (p.95).

A concepção de que para o desenvolvimento infantil saudável se faz necessária a presença de referências masculinas e femininas que não seriam disponibilizados em uma formação familiar homoparental, levaria assim seus membros infantis a terem prejuízos em sua “identidade de gênero”, ou ainda correriam o risco de tornarem-se homoafetiv@s além de outros “problemas psicológicos”, muitas vezes encontram embasamentos em interpretações inflexíveis e desatualizadas de teorias psicológicas.

Kehl (2003), ao buscar uma releitura da Psicanálise mais consoante com a contemporaneidade, nos fala que ao invés de pensarmos o papel tradicional da maternagem exercido por uma mulher e da paternagem<sup>9</sup> exercido por um homem, podemos considerar o exercício de funções, tal como apresentado por Lacan, na qual a função materna e paterna não necessariamente corresponda ao exercício de cuidado infantil realizado por sujeitos de sexo biológico feminino e masculino respectivamente.

---

<sup>9</sup> Segundo This (1987) o termo se refere aos cuidados oferecidos pelo pai ao filho, tendo por analogia a maternagem.

Repensar a atuação das funções parentais vinculadas ao sexo biológico junto ao desenvolvimento infantil se faz indispensável nos casos de homoparentalidade, no entanto, se considerarmos a atualidade familiar, na qual:

Os homens, hoje, esperam que as mulheres também desempenhem bem suas funções profissionais e colaborem com o orçamento doméstico. As mulheres por sua vez, esperam de seus parceiros uma atitude mais feminina no que diz respeito às tarefas domésticas e ao cuidado com os filhos (RIBEIRO, 2004, p.23).

Devemos também abarcar em nossas compreensões psicológicas, mesmo em se tratando de um modelo tradicional de família, a ressignificação dos papéis de gênero enquanto definidoras dos lugares na dinâmica familiar na atualidade. Neste sentido, Calligaris afirma que:

Quando a gente diz que a criança precisa de um pai e uma mãe, o que queremos dizer é que ela necessita de um pólo materno, relacionado ao acolhimento, e outro paterno, que forneça as regras. Mas esses dois pólos na vida de uma criança não são necessariamente o senhor pai e a senhora mãe, felizmente. Qualquer adulto é capaz de preencher essa função (*apud* SOUZA, 2008, p.79).

Assim, modernizando algumas compreensões psicológicas sobre a paternagem e maternagem, trazendo-as para a realidade atual, entende-se que quando se fala, por exemplo, de “mãe”, compreende-se uma referência àquele sujeito que é @ agente da maternagem, não se constituindo uma prerrogativa da função materna que esta seja exercida por uma mulher, bem como não necessariamente haja precisão de alguma ligação biológica com aquele@ a quem est@ assiste.

Assim como destaca Dor (1991), autor que faz uso de considerações psicanalíticas lacanianas, o pai não é uma figura, ele é uma função. O autor afirma ao nos falar da noção de pai em psicanálise que esta não remete fundamentalmente a um “pai encarnado”:

[...] por pouco que tenhamos entretanto que considerá-lo como um ser, trata-se menos de um ser encarnado do que de uma entidade essencialmente *simbólica* que ordena uma *função*. Devido à preeminência desse modo de existência simbólica, tal é então seu caráter fundamentalmente operante e estruturante para cada um, isto é, qualquer que seja o sexo daquele que a ele se acha referido. Em outras palavras, é porque esse pai *simbólico* é universal – daí a essência de ser tocados pela incidência de sua função, que estrutura nosso ordenamento psíquico na qualidade de *sujeitos*. Com efeito, nenhuma

outra saída é proposta ao ser falante a não ser curvar-se ao que lhe é imposto por esta função simbólica paterna que o *assujeita* numa sexuação. De resto, é na medida dessa especificação que se propõe o sujeito um espaço de identidade sexual que não tem, necessariamente, adequação biunívoca com a partição biológica dos sexos (p.14, grifo do autor).

No entanto, essa releitura de teorias psicológicas não é compartilhada por todos os autores contemporâneos. Uziel *et al.*(2006) citam Anatrella (2001) e Hamad (2002) para os quais, embasados na ausência de uma diferença dos sexos, a adoção por homoafetiv@s se faz perigosa para o adequado desenvolvimento infantil. Uziel (2007) apresenta alguns autores, calcados em um referencial psicanalítico, os quais afirmam que na homoparentalidade seria relevante considerar “[...] o risco de ruptura com o Édipo, resultando em identidades de gênero aberrantes e comportamento sexual impróprio [...]” (p.73), já para os teóricos da modelação social, uma desaprovação se daria na medida em que “[...] a criança aprenderia sua identidade de gênero com modelos do mesmo sexo [...]” (idem).

Faz-se necessário notarmos que o casal homoafetivo não elimina a diferença entre os sexos, uma vez que convivemos em sociedade, e esta continua existindo no meio social onde a criança irá interagir. Contudo vemos que ao passo que homoafetiv@s apresentam seu desejo de serem mães e pais: “O direito, a sociologia, a antropologia, a psicologia e a psicanálise têm sido convocados a dar respostas. Estes saberes não devem se furtar a propor novas questões, para que as velhas respostas não restrinjam as novas realidades” (UZIEL, 2007, p.203).

A Psicologia chamada a responder esta demanda social da homoparentalidade pela via da adoção no Brasil se posicionou de forma oficial com a publicação da cartilha, “*Adoção: um direito de todos e todas*”, pelo Conselho Federal de Psicologia em 2008. Neste documento, a Comissão Nacional de Direitos Humanos do CFP buscou a opinião sobre o tema advinda de psicólog@s de diversas vertentes teóricas e de atuação profissional e estúdios@s de outras áreas sobre o tema; incluindo também uma visão jurídica.

Um panorama favorável à adoção configura-se como resultado desta publicação em contraponto a preceitos psicologizantes de uma ciência e profissão insensíveis às transformações sociais em que se faziam impossíveis as interpretações destas para além de questões patologizantes. Concepção apontada por Verona e Castro que assinam a apresentação da cartilha:

Para falarmos, hoje, sobre a adoção por homossexuais ou em casamentos homoafetivos, é preciso dar visibilidade para as novas

relações, para os laços sociais e para as configurações familiares, na contemporaneidade. Mas, acima de tudo, faz-se necessário desconstruir preconceitos, muitas vezes estimulados por conceitos estigmatizantes, formulados anteriormente pela própria Psicologia (CFP, 2008, p.11).

Corroborando para uma compreensão do papel atual da Psicologia junto às questões da homoafetividade, Castañeda (2007) assinala que a luta pelos direitos civis deve ser acompanhada do estudo visando colaborar ao melhor entendimento da dinâmica psicológica do público homoafetivo:

Como qualquer população específica, os homossexuais deveriam poder consultar profissionais que conheçam a fundo seus problemas e suas necessidades. Exatamente como as crianças, os adolescentes, as mulheres ou as pessoas da terceira idade, os homossexuais apresentam toda uma série de traços e dinâmicas específicas que merecem toda a atenção, o conhecimento e o respeito daqueles que trabalham com eles (p.42).

Além da Psicologia, outro campo que permeia as compreensões acerca da homoparentalidade é o da religião:

O maior preconceito contra o homossexualismo provém das religiões. Cultura, religião e sexualidade profundamente entrelaçadas censuram ao extremo os chamados pecados da carne. Baseada no Gênesis e na história de Adão e Eva – de que a essência da vida é o homem, a mulher e a sua família, – a concepção bíblica busca a preservação do grupo étnico. Na filosofia natural de São Tomás de Aquino, justifica-se o sexo como caminho da procriação, pela necessidade de ocupação dos vazios geográficos e para a reposição da humanidade, que tinha uma expectativa de vida de cerca de 30 anos.

O matrimônio era considerado como um remédio que Deus deu ao homem para preservá-lo da *impudícia* e da *luxúria*. *O amor carnal enquanto associado ao prazer é um rival do amor de Deus. O opróbrio do pecado mortal é distanciar o homem de Deus.* Toda atividade sexual com uma finalidade diversa da procriação constitui pecado, infringindo o mandamento “crescei e multiplicai-vos” (DIAS, 2000, p.25).

Assim, também como apontado por Vainfas (1992) e por Foucault (1988) o poder da Igreja delegou à sexualidade apenas uma função reprodutiva. Todas as variações do erotismo que não tivessem essa finalidade, incluindo, portanto, as que se afastassem da heterossexualidade, foram consideradas desviantes. Esta lógica religiosa delimitava desse modo uma sexualidade controlada e profícua para o Estado.

Um terceiro âmbito que junto às concepções religiosas se encontra presente nas questões que envolvem a família homoparental é o do Direito. A compreensão, por exemplo, de que casamento significa a união entre um homem e uma mulher possui atravessamentos da legitimação estatal e da bênção religiosa (UZIÉL *et al.*, 2006). Neste sentido, Dias (2010) é categórica: “Qualquer igreja pode não abençoar essas uniões, mas o Estado não pode deixar de fazê-lo” (p.23).

Sobre especificamente o campo do Direito, nota-se que este “[...] raramente se antecipa aos fatos sociais, cabendo ao Judiciário solver os conflitos que lhe são trazidos [...]” (DIAS, 2000, p.19). Como lembra-nos Figueirêdo (2009), a constituição legislativa vigente representa o pensamento médio de 1988, época na qual não se cogitava as uniões homoafetivas como entidade familiar e menos ainda o casamento entre pessoas de mesmo sexo biológico, de tal modo, as primeiras conquistas pelo direito de união e de adoção por homoafetiv@s advém de jurisprudências.

As jurisprudências, apesar de representarem uma conquista inicial para muitos casos envolvendo a família homoparental, não se constituem como uma resolução definitiva, dado que estas são: “[...] uma fonte de direito secundária, tendo a lei como fonte de direito primária. É a lei que obriga, interdita, disciplina; a jurisprudência, desde que conhecida, apenas orienta uma decisão que deve ser tomada com base na lei (UZIÉL *et al.*, 2006, p.217).

No ano de 2001 vemos um avanço na afirmação de direitos às conjugalidades homoafetivas por meio da Justiça gaúcha. Obteve-se a primeira decisão em nosso país que reconheceu os direitos sucessórios, avançando no sentido de entender como entidade familiar uma parilha homossexual, evento que fomentou deliberações análogas em outros estados brasileiros. A partir de então, diferentes tribunais como o da Bahia em 2001, o do Rio de Janeiro em 2006 e o de Minas Gerais em 2007, também reconheceram enquanto entidade familiar a união homoafetiva. A Justiça gaúcha também foi pioneira na admissão da adoção a um casal de mesmo sexo biológico de forma conjunta (DIAS, 2010).

Os casos de homoparentalidade pela via da adoção primeiramente divulgados pela mídia no Brasil se referem ao ocorrido em Bagé no Rio Grande do Sul, no qual duas mulheres obtiveram o reconhecimento do Superior Tribunal de Justiça (STJ) para a adoção. Na cidade de Catanduva, interior de São Paulo, um casal formado por dois homens conseguiu adotar de forma conjunta uma criança. E, na cidade de Ribeirão Preto, também em São Paulo, outros dois homens realizaram a adoção de quatro irmãos (CFP, 2008).

A pesquisa de Almeida (2012) realizando o levantamento de casos de adoção efetivados por casais homoafetivos nas cinquenta e seis Comarcas-Sede existentes no interior do Estado de São Paulo no período de 1990 (ano de promulgação do ECA) a 2011, conseguiu verificar a existência de seis casos de adoção conjunta, dentre estes, três processos já encontravam-se concluídos, todos formados por casais de mesmo sexo biológico masculino, e outros três ainda estavam em tramitação e eram pleiteados por um casal de *gays*, um de lésbicas e um por uma travesti e seu companheiro.

O pesquisador também buscou dados sobre essa mesma população nas inscrições efetuadas no Cadastro de Adoção no mesmo período, tendo por resultado o total de sete tentativas; destas, três correspondiam a candidat@s que mesmo vivendo em união homoafetiva solicitaram a adoção como solteir@s (dois casais formados por lésbicas e dois por *gays*). As inscrições aprovadas foram seis, apenas um cadastro foi reprovado, correspondendo a uma tentativa de adoção efetuada no começo da década de 90 por um *gay* solteiro. Dos outros seis pleitos, quatro correspondem a casais homoafetivos masculinos, e dois de lésbicas.

No cenário mundial o primeiro relato de que se tem notícia em relação à adoção por casais homoafetivos se deu em 1999 na Dinamarca, onde foi permitida ao parceiro do pai a responsabilidade legal compartilhada da criança, mas foi a Holanda que, em 2001, se tornou o primeiro país a reconhecer e permitir a adoção por um casal homoafetivo sem relação prévia de parentesco por um dos membros (AMARAL, 2003).

A Dinamarca, Noruega, Suécia, Groelândia, Islândia, Portugal, Hungria e Alemanha são os estados onde inicialmente as uniões homoafetivas contaram com amparo legal. Na Holanda, Bélgica, Espanha e Canadá têm-se as primeiras efetivações do casamento entre pessoas de mesmo sexo equiparado em estatuto ao casamento civil entre heterossexuais. A possibilidade de adoção pelos dois membros do casal tendo reconhecimento em lei, no entanto é limitada a poucos países, como exemplo, a Holanda e a Espanha (MELLO, 2005).

Também pioneira no reconhecimento da união homoafetiva no ano de 1989, a Dinamarca concedeu pela primeira vez a casais homoafetivos o direito de troca de sobrenome, atitude seguida em 1993 pela Noruega e em 1995 pela Suécia, mas a autorização legal para o casamento civil homoafetivo teve seu precedente na Holanda em 1998, ainda não sendo possível nesta época a adoção, mesmo em casos inseminação artificial por uma das parceiras em casais lésbicos (DIAS, 2000).

No plano legislativo, no Brasil vemos a partir da apresentação do Projeto de Lei nº 1.151/95 de autoria de Marta Suplicy, uma primeira manifestação em relação à legitimação da união homoafetiva, inicialmente abarcando a possibilidade de adoção em seu texto, o qual em momento posterior foi retirado à custa da não aprovação pelo Congresso Nacional (MELLO, 2005).

Tendo em vista sua aprovação, outra alteração na redação do Projeto de Lei nº 1.151/95 refere-se ao termo “parceria civil” que passou a ser utilizado para que o reconhecimento legal das uniões entre pessoas de mesmo sexo biológico não remetesse a uma ideia de casamento, excluindo uma alusão mais forte ao desejo de constituição de famílias e de existência de relação afetiva. Assim o texto restringiu-se à garantia de direitos de sucessão, patrimoniais e previdenciários (UZIEL, 1999).

Apenas em maio de 2011 é que o Supremo Tribunal de Justiça sancionou a união estável homoafetiva em nosso país, e no mesmo mês do ano de 2013, o Conselho Nacional de Justiça efetivou-a por meio de uma resolução obrigando cartórios de todo país a realizar o casamento civil. Assim, nota-se como apontado por Dias (2010) mudanças em que: “[...] o conceito de família migrou da genitalidade para a afetividade. Adquiriu relevância a natureza do vínculo que une as pessoas. Às claras, emprestou-se efeitos jurídicos ao afeto, inserindo-o no âmbito de proteção do Estado” (p.22).

Todavia, observa-se uma dificuldade de admissão plena para esta concepção atualizada sobre família. A aceitação para a adoção conjunta por homoafetiv@s ainda é polêmica mesmo com as recentes conquistas de legitimação alcançadas no campo da conjugalidade. Sobre as decorrências surgidas com este obstáculo, Zambrano (2011) nos informa:

Os aspectos jurídicos, as consequências jurídicas são muito sérias para quem não consegue adotar como casal, porque as crianças ficam sem vínculo com o parceiro não adotante, perdem uma série de direitos que as crianças de famílias heterossexuais mantêm. Assim, a discriminação não

é apenas contra o casal homossexual, é uma discriminação contra a criança de família homoparental.

Fica claro que a preocupação com o bem-estar da criança é, na verdade, uma falácia, pois o sistema judiciário está deixando as crianças de famílias homossexuais absolutamente desprotegidas pelo Estado (p.114).

Como também assinala Figueirêdo (2009), a não contemplação legal da adoção por homoafetiv@s não se faz inteligível uma vez que a adoção trata menos do direito daquel@s que a pleiteiam do que o direito d@s adotand@s em serem adotad@s.

Questionar os rígidos modelos tradicionais de família flexibilizados hoje no cotidiano em nosso meio social não é uma exclusividade dos arranjos familiares homoparentais. Uma sociedade mais igualitária, menos heterossexista e sensível às mudanças que se apresentam no plano da conjugalidade e do parentesco, se constitui enquanto um ganho protetivo a tod@s, neste sentido, o poeta e ex-presidente da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, Costa (2010), em discurso de Abertura do IV Congresso da ABEH assim se expressa:

[...] se nossa busca de felicidade for respeitada, e daí garantida pelo Estado e suas leis, a busca da felicidade de todos será mais veraz e, portanto, todos poderão ser mais felizes. Não nos esquivemos e nem se iludam aqueles que querem negar, obstruir, diminuir ou conflitar-se com nossa luta: nós também lutamos por eles, e quando ganharmos, porque vamos fazê-lo, eles o saberão porque com nossa vitória serão mais felizes. Neste momento, aqui agora, nós já estamos encaminhando-os à felicidade. No futuro, não só serão felizes conosco, mas também, ao menos parcialmente, devido a nós. Porque a lei que a todos dá cabida e, em princípio, a todos deve proteger e reger por igual, tem em nós uma fronteira ética que necessita franquear, para terminar de honrar e de caber em seus pressupostos éticos mais basilares (p.14).

Na época presente, observamos que tanto aqueles com orientação sexual heterocentrada quanto aqueles dissidentes das normativas heterossexuais estão procurando novas formas de convivência. As questões trazidas com as conjugalidades e parentalidades homoafetivas revelam e geram maior visibilidade às múltiplas formas de constituição de laços de afeto e de parentesco possíveis, denunciando o caráter social e não desvencilhados dos contextos históricos por el@s vivenciados.

## CAPÍTULO 4

### 4.1 Objetivo geral da pesquisa

Na presente pesquisa, tivemos por objetivo investigar o processo de parentalidade junto a pares homoafetivos que conviviam em união e que possuíam filh@s pela via da adoção.

#### 4.1.1 Objetivos específicos

Na qualidade de objetivos específicos buscamos:

- Averiguar quais questões permeiam a vivência das homoparentalidades;
- Compreender as concepções sobre a parentalidade pela via da adoção, expectativas, motivações e experiências em relação a esta junto @s participantes do estudo;
- Apreender as expressões de vivências das homoparentalidades de seus/suas protagonistas.

### 4.2 Método

O presente trabalho trata-se de um estudo dentro de um referencial de pesquisa qualitativa. Esta, originada nas Ciências Sociais e se diferenciando da modalidade quantitativa – por muito tempo considerada a única possível dentro do campo científico – é, atualmente, bastante empregada também na Psicologia. A eleição desta abordagem é resultante da compreensão de que ela pode melhor trabalhar com os processos que não pertencem a uma realidade passível de quantificação, como em nossa pesquisa. Assim o foco não se restringe às questões estatísticas, volta-se atenção para as falas obtidas por meio das entrevistas apresentadas em suas singularidades.

Com o intento de atingirmos nosso objetivo de estudo, lançamos mão do uso de entrevistas abertas enquanto técnica de pesquisa. Segundo Boni e Quaresma (2005): “A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais

utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos” (p.72).

As entrevistas abertas, assim chamadas por não contarem com um roteiro de perguntas, correspondem ao processo de detalhar questões de pesquisa no qual um entrevistador, ou uma entrevistadora, apresenta um tema inicial para @s participantes permitindo que est@s discorram livremente sobre ele, buscando-se mínima interferência nas falas d@s entrevistad@s. A forma aberta de entrevistas assiste à necessidade de pesquisador@s que procuram obter a maior quantidade possível de informações como em situações de descrição de casos de individuais (MINAYO, 1993).

A escolha de nosso procedimento para a coleta de dados também considera o fato deste permitir a livre expressão d@s participantes envolvid@s, tendo em vista o interesse em se dar voz a uma população que, historicamente, teve e continua tendo suas falas obscurecidas no social. Assim, as entrevistas feitas sem um roteiro rígido nos possibilitaram ouvir o que as pessoas que vivenciam a homoparentalidade desejam e têm a dizer.

Na situação de entrevista apresentamos uma questão disparadora para as falas de noss@s participantes, mostrando o desejo em conhecer melhor a história de vida desta unidade familiar, solicitando que el@s falassem sobre quando e de que forma o par se conheceu, seguindo para eventos que foram importantes neste histórico conjugal até os dias atuais, convidando-@s para que discorressem posteriormente, sobre como se deu o desejo de parentalidade, incluindo questionamentos tais como, por quais motivos pensaram na possibilidade de adoção, e se cogitaram outras formas de constituição familiar.

De tal modo, buscamos deixar que noss@s participantes pudessem escolher quais recortes fariam, que trechos lhes eram marcantes em sua história pessoal e quais mereceriam ou não nos serem relatados, o que permitiu que cada entrevista resultasse em um encontro singular mesmo que por vezes possamos observar temas recorrentes em ambas.

No entanto, uma limitação neste tipo de método diz respeito à impossibilidade de generalização dos dados. Todavia, não buscamos que noss@s participantes falassem em nome de todos os pais e mães homoafetiv@s, pois o que nos interessa é poder apresentar e compreender um pouco de experiências singulares que apontam para o sentido de mostrar que não existe uma forma única de se constituir em família e de se vivenciar os afetos.

Consideramos que o número de entrevistas realizadas foi adequado uma vez que estas originaram material suficiente para que pudéssemos efetuar uma análise compatível com um trabalho em nível de mestrado. Com o término da captação de dados realizamos a transcrição

das entrevistas, conforme indicações apresentadas por Bourdieu (1999) e viabilizadas por meio da escuta atenta das gravações. Em seguida, executamos um estudo pormenorizado localizando falas que apareceram de forma recorrente nos depoimentos d@s participantes e/ou que se constituíam significativas para atingirmos o intento do presente trabalho, o que propiciou a posterior análise de conteúdo destas.

#### **4.2.1 A escolha d@s participantes**

A realização da presente pesquisa se deu por meio de entrevistas áudio-gravadas junto a dois casais, um composto por um par do sexo biológico feminino e outro masculino, que convivem em união e que possuem filh@s pela via da adoção. Não selecionamos previamente noss@s participantes com base em outras categorias, tais como: classe social, geração, raça/etnia, etc. No entanto, as consideramos em situação de análise dos resultados, uma vez que, nossa abordagem teórica toma os marcadores sociais de diferença como constitutivos dos processos de subjetivação.

A delimitação de nossa amostra com dois casais participantes justifica-se pelo viés qualitativo do estudo, considerando que “O termo qualitativo implica uma partilha densa com as pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.” (CHIZZOTTI, 2003, p.221).

A opção por incluir em nossa amostragem, tanto companheiras de mesmo sexo biológico feminino, quanto os de sexo biológico masculino se deu a partir do apontamento de diversidades entre esses dois grupos, como aquelas descritas por Grossi (2003) em que a conjugalidade homossexual masculina tem sido entendida como decorrente do surgimento da AIDS, enquanto interpretações sobre a conjugalidade lésbica corresponderiam a ser esta um projeto já solidificado resultante de um modelo individualista de classe média brasileira.

Grossi (2003) ainda acrescenta que a militância para o reconhecimento da parceria civil surgiu como prioridade no movimento lésbico, quando o desejo pela maternidade apontou ser um intenso ponto constitutivo nas mobilizações. Explicações para este fato poderiam ser advindas do fácil acesso que as mulheres têm por técnicas de reprodução assistida. De outro lado, como sugere Giorgis (2006), outro fator que pode ser apontado é o de certo desinteresse masculino ao exercício da parentalidade, acontecimento que segundo Zambrano (2006) é originado de representações sociais de gênero que reforçariam a ideia de

que homens possuem menor capacidade de cuidado comparativamente às mulheres, uma vez que estas são entendidas como seres naturalmente maternais.

Para a localização d@s participantes divulgamos nosso interesse de estudo e a necessidade de colaboradores com as características citadas em grupos de apoio à adoção, comunicação que foi facilitada por meio do trabalho junto ao projeto vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX “Laços de Amor: adoção, cidadania, gênero e direitos”, coordenado pelo Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, cujo projeto por meio da promoção e participação em eventos versando sobre o tema da adoção, a nós tornou-se viabilizada certa proximidade e efetivação de parcerias com grupos de apoio à adoção.

#### **4.2.2 Aspectos éticos**

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Campus de Assis, por se tratar de um estudo que envolve seres humanos, recebendo deste parecer favorável em 14 de setembro de 2012. Nossa coleta de dados, dessa forma, se deu com consentimento livre e esclarecido d@s participantes com termo confeccionado nos moldes solicitados pelo CONEP, resguardando o anonimato d@s mesmos e seguindo as demais solicitações éticas em acordo com a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde. Aos/às convidad@s a participar da pesquisa foi fornecida total liberdade para retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo dos mesmos. As conversas realizadas se deram em ambientes favoráveis e indicados pel@s participantes, sendo áudio-gravadas e posteriormente transcritas. Possíveis riscos ou desconfortos foram evitados e no decorrer da pesquisa, todos os procedimentos foram esclarecidos @s participantes antes de serem realizados.

Por motivo de sigilo ético os nomes d@s participantes aqui apresentados foram alterados e algumas informações que poderiam favorecer identificações foram suprimidas.

#### **4.2.3 O trabalho de campo**

Após a requisição junto a grupos de apoio à adoção começamos a receber respostas de pessoas de todo país. Uma das primeiras pessoas que nos procurou, se encontrando no perfil

solicitado, e que morava no mesmo estado que eu, foi Denise. Na maioria, as respostas que obtivemos a nosso pedido vieram de lésbicas, no entanto, estas residiam em estados distantes, dificultando o acesso a elas, uma vez que, priorizamos entrevistas pessoais, acreditando que realizá-las por meio virtual empobreceria muito o conteúdo de informações adquiridas. Os poucos casais de *gays* que nos atenderam demonstravam-se mais receosos e menos receptivos.

Denise, desde o início, mostrou-se muito solícita, após algumas trocas de *e-mail* em que apresentamos maiores informações sobre nosso interesse de estudo, nos deu seu número de telefone. Na ligação telefônica marcamos de nos encontrar para a realização da entrevista em sua residência em um final de semana próximo. Para nossa surpresa continuamos conversamos um longo período, durante o qual Denise nos falou sobre sua vida, adiantando alguns dados que foram pormenorizados em nosso encontro pessoal.

No dia combinado, chegamos ao apartamento de Denise onde estava Amanda, sua companheira, Angélica, sua filha, e mais duas amigas da família. A mesa estava posta e fomos convidadas a nos juntar a elas para tomar o café da manhã. Ainda não conhecíamos Angélica que neste momento se aproximou de forma muito afetuosa e curiosa em relação ao gravador digital que eu levava comigo, assim começamos a brincar com ele e nos divertimos ao ouvir nossas vozes gravadas.

Fui muito bem recebida por todos e criou-se um clima de certa proximidade. Já havia passado algum tempo e solicitamos que começássemos a conversar de maneira mais formal, assim Denise e eu fomos até a varanda enquanto Amanda retirava a mesa e cuidava de Angélica que depois se juntou a nós. Amanda também conversou comigo no início da tarde e em seguida encerramos o encontro devido ao horário já avançado.

Após alguns meses à procura de outros participantes, Jorge entrou em contato comigo e assim marcamos de nos encontrar em seu estabelecimento comercial no período da manhã. Tivemos um período de conversa em torno de um total de quatro horas que foi interrompido com a chegada de Raul, seu marido. Nesta ocasião, mais uma vez, compartilhamos de um clima amistoso com os entrevistados, Raul ao ver o gravador digital brincou ao questionar se se tratava de um bafômetro visando averiguar as condições de sobriedade do entrevistado.

Após um ano nos preparando teoricamente foi muito bom estar frente a frente com aquelas pessoas que viviam no cotidiano o que eu apenas estudava abstratamente. Estar com Denise, Amanda, Angélica, Jorge e Raul e ver os laços de afeto estabelecidos, as histórias contadas com brilho nos olhos, sorrisos e lágrimas, nos fizeram ter mais motivação e a certeza de que esta pesquisa é significativa.

Penso que muitos legisladores, a opinião pública, e até mesmo profissionais da Psicologia, por falta de uma experiência como esta que tivemos, acabam por não abarcar em suas concepções a família formada pela via da adoção por pares homoafetivos e a legitimidade da mesma. Esperamos que os relatos aqui compartilhados possam de alguma forma, colaborar e/ou propiciar mudanças na percepção dessa nova construção familiar que se instaura.

#### 4.2.4 Forma de análise dos resultados

A análise do material obtido foi balizada pela Análise de Conteúdo conforme a proposta de Laurence Bardin (1977). Com a obra originalmente chamada “*L’analyse de contenu*” vemos o surgimento deste referencial usado até os dias atuais. (MONZATTO E GRZYBOVSKI, 2011) (MONZATTO; GRZYBOVSKI, 2011)

Segundo Bardin (2009), este método apresenta-se como ferramenta de investigação nos estudos das comunicações de massa bem como para o campo da psicossociologia, e ainda para linguistas, historiadores, jornalistas, psicanalistas ou políticos, no qual, através de procedimentos sistemáticos busca-se a descrição do conteúdo de mensagens. Nas palavras de sua idealizadora, a Análise de Conteúdo trata de:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p.44).

Na época em que Bardin concebeu esta metodologia, o campo científico tinha como premissa a objetividade, assim, inicialmente a Análise de Conteúdo restringia-se a uma leitura quantitativa dos dados. Com o tempo passou-se a considerar também a perspectiva qualitativa, eleita por nós no presente estudo. Hoje se observam três perspectivas de pesquisa neste método: a qualitativa, a quantitativa, ou a combinação destas duas (MONZATTO E GRZYBOVSKI, 2011).

Na versão quantitativa, a informação que se busca primordialmente refere-se à frequência do aparecimento de certos conteúdos. Na dimensão qualitativa, investiga-se a presença ou ausência de determinados conteúdos, de tal modo, para Bardin (1977), “[...] fazer

uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (p.131). Chizzotti (2006) complementa nossa assimilação da Análise de Conteúdo ao afirmar que esta tem por finalidade “[...] compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (p.98).

O processo de análise dos conteúdos corresponde a três fases. Inicialmente faz-se uma pré-análise do material a ser trabalhado, no qual se escolhe e organizam-se os documentos a serem submetidos ao estudo, em seguida realiza-se uma exploração destes, formulando-se hipóteses para a elaboração de indicadores para que, finalmente, cumpra-se um tratamento dos resultados a partir de inferências e de interpretações (BARDIN, 2009).

Seguindo as etapas propostas, as transcrições das entrevistas foram exploradas tendo assim seu conteúdo classificado conforme o procedimento denominado de Análise Categorical (BARDIN, 1977), no qual o texto é desmembrado em unidades e após a verificação de sentidos análogos, estas são reagrupadas em categorias, assim, com esta organização dos dados, torna-se possível o conhecimento de “[...] índices invisíveis, ao nível dos dados em bruto” (idem, p.147).

Após este processo surgem os temas a serem analisados:

[...] o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não diretivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupo, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são frequentemente, analisados tendo o tema por base (BARDIN, 1977, p.131).

Freitas, Cunha Junior e Moscarola (1997) apresentam-nos a compreensão de que a Análise de Conteúdo trata-se de uma técnica que exige dedicação do pesquisador(a) que se dispõe a utilizá-la, pois, demanda intuição, imaginação e criatividade no momento de definição das categorias de análise. Triviños (1987) acrescenta que também se impõe àqueles que trabalham com este procedimento a necessidade de não se aterem apenas aos conteúdos manifestos procurando assim também sensibilidade aos conteúdos latentes apresentados nas falas dos entrevistados. Em nossa pesquisa, após um trabalho inicial de separação dos dados por temas, percebemos entre alguns, certa aproximação de sentido,

originando um novo processo de organização, no qual, agrupando categorias similares, chegamos ao total de catorze categorias temáticas.

## **CAPÍTULO 5**

### **5.1 Crônicas sobre @s participantes**

As crônicas apresentadas a seguir se constituem enquanto uma ferramenta para melhor apresentação dos dados fornecidos pel@s participantes na situação de entrevista. As falas se encontram transcritas na íntegra em anexo. Buscamos aqui construir histórias para facilitar o reconhecimento d@ leitor/leitora na ordem cronológica em que se deram os fatos na vida de Denise, Amanda, Angélica, Jorge, Raul, Lucas, e Glória.

#### **5.1.1 Crônica de Denise, Amanda e Angélica**

Denise é uma mulher de 42 anos, branca, vivendo em uma cidade cosmopolita. Sua carreira profissional consolidada lhe possibilita uma condição econômica satisfatória. Nascida em 1970, no interior de Minas Gerais, possuiu uma infância típica de pessoas que crescem em meio à natureza.

Em tenra idade, a então ainda menina Denise, inserida nesse meio de cultura rural brincava livremente, não com brinquedos industrializados ou jogos pré-determinados, mas sim interagindo com o meio ao seu redor, fazendo uso lúdico do que encontrava por perto, como argila ou madeira. Assim, passavam-se as tardes da infância desta garotinha, com diversões variadas que iam desde brincar de “casinha” até outras brincadeiras socialmente percebidas como masculinas.

Denise era a quarta de cinco filhas de uma família numerosa, talvez por este motivo sempre se concebesse, no futuro, com uma família, sendo difícil para ela se imaginar sozinha na velhice. Em suas projeções idealizava uma casa cheia na qual o ar denunciasse, todas as tardes, o cheiro de café com leite.

Com o passar dos anos, Denise, como muitas outras crianças, passou a ser questionada sobre o que gostaria de ser quando crescesse. Assim, a menina, ao tentar pensar a respeito, ponderava: “Eu quero ser feliz!” Este desejo foi mantido por toda sua vida, no entanto, que significados eram atribuídos à felicidade para ela? O que seria necessário para chegar até este estado de espírito? Em momentos íntimos de reflexão, foi ficando cada vez mais claro para ela: “ser feliz era ter alguém a seu lado”. Sim, uma pessoa, não necessariamente um homem.

Ainda jovem e sem ter muito discernimento sobre sexualidade, Denise apenas refletia sobre o fato de ter uma companhia de vida, um amor, porém sem nenhum modelo previamente estabelecido, modelos que se fazem tão comuns a nós que fomos criados escutando contos de fadas em que príncipes magníficos encerram finais felizes.

O tempo passou e aos vinte anos de idade Denise conheceu Miguel com o qual iniciou um namoro. A essa época a jovem encontrava-se em um curso universitário não escolhido ao acaso já que este ia ao encontro de sua vontade de prestar cuidados às pessoas, algo com um toque de maternidade. Seu relacionamento com Miguel durou até que se iniciasse sua vida profissional, pois ela se mudou para uma grande cidade, afastando-se dele.

Em seu ambiente de trabalho Denise conheceu muitas pessoas, e entre suas novas amigas havia algumas que se relacionavam com outras mulheres. Ela se lembrou de como na infância havia sempre aquela amiga predileta, embora não se apresentasse naquela época nenhuma erotização dessas relações. Contudo, agora, com mais idade e com este convívio, Denise passou a se questionar e a se perceber semelhante a estas amigas. Esse sentimento se expandiu e a aproximou dessas colegas, especialmente de Clara, por quem se apaixonaria.

Ao se perceber apaixonada por outra mulher Denise se amedrontou. Pensou suas condições, pois era jovem e filha de uma família provinciana, conservadora, com a qual mantinha um contato assíduo, embora vivesse em uma cidade distante. Perguntava-se muitas vezes: como seria viver tal relacionamento? Apesar de pensar e repensar Denise acabou por se envolver com Clara, no entanto o relacionamento foi efêmero e se esvaiu, precipitando seu final. Denise sofreu muito e isso a fez lembrar o passado, sua boa relação com Miguel. Depois se lembrava de seus dias ao lado de Clara e de como foram tempos desgastantes, soturnos e sofríveis, já que nem o apoio de sua família ela pudera requisitar. Finalmente concluiu: “caso seja para sofrer que seja numa relação aceita por minha família”.

Denise adora o convívio em família e para ela seria bastante penoso estar ausente das festas, das reuniões familiares. Embora não se considerasse bissexual pensou em suas relações com os homens, considerando-as satisfatórias. Denise decidiu que lhe seria mais cômoda a opção de não se relacionar com outras mulheres, mesmo que a pessoa que amasse fosse uma mulher.

A vida seguiu seu rumo e Denise conheceu Saulo, um homem mais velho e divorciado. Saulo era pai de dois filhos, oriundos de seu antigo relacionamento. Em questão de dias, Denise foi morar com Saulo, convivendo com dois adolescentes. O tempo passou e os filhos de Saulo tiveram filhos. A união entre Denise e Saulo a esta altura já se arrastara por mais de nove anos.

A celebração de seu casamento não foi uma comemoração formal. Estabeleceu-se apenas uma união civil, comemorada numa churrascaria com um breve almoço. Denise nunca ansiou o casamento clássico, o véu e a grinalda. Ateve-se sempre aos sentimentos e às emoções ante as convenções sociais.

À medida que o tempo passava Denise se deparava com o desejo de ser mãe. Ela sempre desejara uma família grande e agora vislumbrava a possibilidade de realizar tal desejo. Era o antigo sonho ali, pungente e se materializando. Ela sempre pensou na adoção como forma de se tornar mãe e em todos seus relacionamentos ela comentava sobre esta vontade pessoal, com Saulo não foi diferente.

Saulo já tinha filhos e inicialmente abraçou a ideia de Denise, no entanto era uma tentativa de agradá-la, mais do que realmente um desejo pessoal. Ele, em conversas com Denise, explicitava também a vontade de ter filhos biológicos. O casal realizou infrutíferas tentativas para engravidar e, mais tarde, Denise descobriu uma má formação no útero que a impossibilitaria de gerar uma criança. Entretanto, tal descoberta não abalou Denise, talvez pelo fato de presenciar o mesmo ocorrer com suas irmãs. Denise se permitiu realizar um luto compartilhado de sua maternidade biológica.

Denise acompanhou as tentativas de gestação de suas irmãs, conviveu lado a lado aos sete abortos sofridos por uma delas, assistiu as descobertas de más formações em fetos gerados por outra, e a dificuldade de conceber uma gravidez vivida por mais uma delas. Assim, engravidar já não era uma vontade internalizada em Denise após estas experiências compartilhadas em família, pois simbolizava aflição e provações.

Denise não queria buscar a maternidade biológica, pois considerava alto o investimento financeiro necessário para se realizar uma inseminação ou algum outro tipo de tratamento. Preferia investir esse dinheiro na manutenção de boas condições de vida para a criança ao invés de investi-lo para gerá-la. Também em virtude de sua experiência religiosa Denise compreendia a adoção como alternativa para a construção de uma família, pois esta não se vinculava exclusivamente aos laços consanguíneos como os responsáveis para o estabelecimento de um núcleo. Antes disso ela acreditava num plano espiritual predominante sobre o biológico para uma formação familiar.

Assim, Denise se viu ainda mais impelida a ser mãe pela via da adoção. Saulo, entretanto, começou a criar impedimentos para a realização desse desejo, pois ele gostaria de adotar um bebê, mas não adotaria uma criança negra, por exemplo. Denise tentava negociar com ele, buscando contornar tais reivindicações enquanto preparava toda a papelada necessária para requisitar o pedido de adoção no Fórum.

Saulo se manteve distante desse processo, porém com a necessidade de apresentar sua digital para documentação, foi possível para Denise perceber o não comprometimento de seu companheiro. Ficou claro então ser ela quem estava fazendo tudo para conseguir a adoção numa busca solitária. Tomada pelo descontentamento Denise rasgou em pedacinhos aquele processo que já estava pronto, Saulo tentou voltar atrás em suas atitudes, porém para Denise era tarde demais.

Esses acontecimentos colaboraram para o fim do relacionamento, afinal o casamento mais se assemelhava a uma amizade e eles também eram sócios no trabalho. Denise considerou que a relação entre eles funcionava muito mais nessas esferas do que enquanto marido e mulher. Hoje, anos depois o carinho entre eles ainda existe, bem como um convívio amistoso e a relação da sociedade comercial.

No fim de seu casamento ressurgiu em Denise o desejo de se relacionar com mulheres, já que ela não tinha perdido o contato com suas amigas e passou a se questionar se a relação com Saulo era o que realmente iria fazê-la uma pessoa feliz. Denise então conversou sobre isso de forma franca com Saulo, inclusive se abrindo sobre os relacionamentos que havia mantido no passado.

Para Denise concretizar esse fim de casamento foi doloroso, afinal foram nove anos juntos. Sobreveio uma fase de tristeza, de sofrimento, sua família a acompanhava e percebia o

quanto ela estava infeliz. Assim, com o tempo Denise notou que sua família desejava vê-la feliz, independentemente da forma como isso iria se processar.

Foram quase três anos para que Denise conseguisse se separar definitivamente de Saulo. Ela retomou o processo psicoterapêutico que já havia iniciado quando teve seu primeiro relacionamento com outra mulher e, mesmo após algumas tentativas não satisfatórias de compreensão por parte de terapeutas, Denise voltou a procurar atendimento psicológico, pois gostava de ter esse espaço de autoconhecimento em sua vida e, especialmente, nesse momento sentia a necessidade de apoio.

Algum tempo passou e Denise conheceu Sonia por meio de amigas em comum. Sonia morava em outro estado, bastante distante de Denise, e mesmo com este empecilho se relacionaram por um ano. Denise se sentia muito acolhida pela família de Sonia e a cada visita a intimidade e o convívio familiar a surpreendiam. Isto lhe mostrava como é possível viver um relacionamento homoafetivo e ter, ao mesmo tempo, o carinho de familiares.

Essa experiência de aceitação familiar foi muito importante para Denise. Ela não buscava a aprovação de sua família, agora gostaria sim que eles a aceitassem sem excluí-la e tinha a intenção de que sua família tratasse bem sua companheira. Felizmente foi o que aconteceu.

Em uma ocasião de festividades de Natal, a mãe de Denise visitou sua filha na cidade em que ela morava num apartamento com apenas um dormitório. Denise acomodou sua mãe na sala, junto ao sofá. Separara o quarto para ela e Sonia sugerindo à mãe o relacionamento que mantinha com Sonia. Posteriormente, a mãe de Denise a inquiriu “É, ela não é só uma amiga não é filha?” Denise esclareceu positivamente e afirmou estar feliz. Sua mãe concordou afinal, pois para ela o importante era justamente isso, a felicidade de sua filha.

O término do namoro aconteceu quando Sonia conheceu outra mulher que morava mais próximo de sua cidade. Contudo o relacionamento de Denise com a família de sua ex continua vigorando até os dias atuais. Poucos meses depois Denise veio a conhecer Amanda com quem está hoje, relacionamento que soma três anos de união.

No momento em que conheceu Amanda, Denise estava decidida a ser mãe, sentia que o momento chegara, já estava estabilizada financeira e profissionalmente, além do fato de ver aumentado o seu desejo pela maternidade. Após sua desilusão com Saulo, Denise estava

determinada a adotar mesmo que sozinha, sentia que não podia mais depender da vontade de outrem e Amanda chegava à sua vida neste momento.

Amanda foi logo avisada desta decisão de Denise e inicialmente se assustou, pois afinal mal se conheciam. Amanda não havia pensado ainda sobre a possibilidade de ser mãe. Denise tentou acalmá-la, explicando-lhe que seguiria só nessa jornada, que não contaria, necessariamente, com a participação de Amanda no processo legal da adoção. No entanto, compreendia também que sua parceira teria uma grande participação na vida da criança que estava prestes a chegar às suas vidas.

Denise mantinha em seu pensamento, de maneira sempre presente, a ideiação de procurar novamente o Fórum e retomar um processo de requisição à adoção. Então, em pouco tempo, ela mais uma vez se munuiu dos diversos documentos para realizar seu sonho. A ansiedade causada pela demora da convocação para as entrevistas, bem como o enorme espaço temporal seguido entre uma entrevista e outra, eram penosos à Denise. Eram dias difíceis!

Ela sempre se apresentou ao Fórum como tendo uma namorada. Encorajou-se a isso, pois, considerava que trabalhando ali, uma pessoa que tivesse um preconceito de ordem pessoal, em sua atuação profissional deixaria isto de lado, uma vez que as discussões sobre a adoção homoparental já haviam ganhado espaço na mídia, o que para Denise assegurava que neste momento, ao contrário de tempos anteriores, ela não sofreria nenhum prejuízo.

Como parte integrante do processo de adoção foi-lhe apresentada, no Fórum, uma ficha, a qual deveria ser preenchida com os dados que caracterizassem a criança desejada. Denise considerou muito difícil ter que realizar essa caracterização, pois, ao contrário da maioria de pessoas, não apresentou tantas exigências. Ela aceitava até dois irmãos com idades até oito anos, não selecionando previamente também o sexo, etnia, e não tendo restrições a problemas de saúde, incluindo crianças soropositivas e com Síndrome de Down.

Ela se sentia preparada para ser mãe de crianças que poderiam sofrer estigmas sociais. Denise percebia que poderia ajudar um filho tanto no sentido de orientá-lo a se colocar perante os outros, bem como entendendo o que é ser vítima de preconceitos.

Denise apenas excluiu da caracterização fatores relacionados ao autismo, esquizofrenia e doenças mentais, exatamente por estarem associados a não vinculação na troca de afeto. Também a preocupava o fato de ter uma criança com fortes prognósticos para

óbito, porém à exceção desses fatores, Denise considerou outros elementos na seleção de seu filho, afinal em uma gestação não existia esse processo de seleção e ela não se sentia nesse direito de fazer tantas exclusões. O que ela queria mesmo era ser mãe e viver as trocas possibilitadas por essa relação.

Assim que deu entrada em seu pedido junto ao Fórum Denise passou a frequentar um grupo de apoio à adoção, o mesmo que frequenta até os dias de hoje. Inicialmente ia sozinha, pois Amanda, devido ao trabalho, não conseguia acompanhá-la nas reuniões. Posteriormente ela conseguiu mais espaço e começou também a ir com Denise, sendo apresentada como sua companheira.

Denise sempre visitou instituições de acolhimento infantis. Ela trabalhava como voluntária realizando festas e levando mantimentos. Era uma maneira de conviver com essas crianças, algo que ela sempre gostou de fazer. Em uma dessas visitas Denise conheceu duas irmãs com as quais se identificou e pelas quais teve grande carinho. Com esse convívio ela acabou criando grande expectativa em poder adotá-las, no entanto, as meninas haviam sofrido uma situação de abuso na instituição de acolhimento em que estavam e foram transferidas para outro em segredo de justiça. Foi uma difícil experiência para Denise ter que se desvincular das meninas.

Logo em seguida, no entanto, Denise recebeu sua habilitação para adotar. Ao todo o processo demorou um ano e meio, mas como ela não apresentou tantos impedimentos na caracterização da criança desejada ela foi chamada logo que sua habilitação foi efetivada. Rapidamente ela foi contatada pela equipe do Fórum, pois queriam indagá-la se desejava adotar uma menininha de dois anos e dez meses.

Essa garotinha era Angélica, nome dado pelo juiz responsável pelo caso. Ela nasceu com seiscentos gramas, com apenas vinte e quatro semanas de gestação. Por estes motivos, quando veio ao mundo Angélica permaneceu no hospital para cuidados médicos até os dez meses de idade. Sua genitora era usuária de crack e abandonou-a após o parto. Para Denise, Angélica é uma vitoriosa que sobreviveu a várias adversidades desde seu nascimento. Realmente Angélica teve muitos prognósticos ruins sobre seu estado de saúde, acompanhados de muitas cirurgias reparadoras para a visão, audição etc.

Denise teve ciência do histórico de Angélica ao ler seu processo. Durante quatro horas não tirou os olhos do enorme dossiê. Ao lê-lo se emocionava muito, pois sentia que

estava lendo a história de sua filha. O medo e a alegria vieram ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Anteriormente três casais já haviam sido chamados a conhecer Angélica, mas ao lerem seu processo e tomarem consciência de suas condições de saúde se recusaram a conhecê-la. Ao final, quando questionada sobre sua decisão, Denise pensou consigo: “eu não irei recusar pelo o que estou vendo neste papel, eu quero conhecer Angélica!”

Com a autorização do Fórum para que fosse ao abrigo conhecer Angélica, Denise correu ansiosa, chegando a tomar uma multa de trânsito por alta velocidade, pois tinha pouco tempo para estar com sua futura filha e o horário de visitas do abrigo se encerraria em breve. Passavam em sua cabeça pensamentos sobre como seria este encontro, o que sentiria ao ver esta criança? Ela já seria chamada de mãe naquele momento? No fundo ela trazia a certeza que se não fosse chamada de mãe verbalmente por Angélica, algo em seu olhar, ou no contato físico, iria dizê-lo.

Ao chegar ao abrigo Denise foi informada sobre o protocolo usual. Teria que ter contato com todas as crianças e não somente com Angélica, uma vez que muitos casais e pessoas solteiras acabam optando por não adotarem aquela criança que conheceram. Desse modo, busca-se evitar um maior sofrimento aos abrigados. Em dado momento a assistente social que acompanhava Denise lhe apresentou Angélica, uma menina expansiva e que foi logo apresentando todos os amiguinhos do abrigo para ela. Angélica apresentava problemas na fala, porém, Denise compreendeu tudo que o ela lhe falava.

Por ser uma sexta-feira Denise rapidamente informou ao Fórum sobre seu desejo de visitar o abrigo durante o final de semana. Lembrar-se do momento em que conheceu Angélica é, até hoje, muito emocionante para Denise. Ela se recorda exatamente do que sentia, mergulhada num agitado mar de emoções, num mar agitado e bonito.

Ao sair do abrigo e mal tendo entrado em seu carro Denise ligou para o Fórum chorando, com a certeza de que queria estar com Angélica, de que ela era sua filha, pois era uma noite fria e ela já se preocupava se Angélica dormiria, ou se estaria agasalhada e alimentada. Denise passou todo o tempo que lhe foi permitido com Angélica naquele final de semana e, no sábado, foi chamada de mãe. Ao mostrar fotos de sua família apontando parentes para a menininha, esta apontou Denise na imagem afirmando que aquela era sua mãe. Neste momento Denise ficou maravilhada, pois adorou ouvir aquilo e teve certeza do vínculo de afeto entre mãe e filha já constituído.

No domingo realizou uma grande compra adquirindo tudo o que Angélica precisava ter: roupas, móveis, brinquedos e também os medicamentos que ela tomava. Ela teve cinco dias para preparar tudo para a chegada da filha em sua casa. Denise também revelou fotografias das duas juntas tiradas no final de semana e as espalhou em porta-retratos pela casa, atentando para o fato de colocá-los na altura de Angélica, assim ela poderia ver e reconhecer aquele espaço como dela.

Denise curtiu muito aqueles primeiros dias morando junto com Angélica. Ela era uma criança calma. Angélica ouvia pouco e conseqüentemente tinha dificuldades com a fala em virtude de complicações físicas, sanadas posteriormente por intervenção cirúrgica. Denise acompanhou o desenvolvimento do vocabulário de sua filha com enorme felicidade.

Denise ainda se aflige com os sofrimentos que Angélica enfrentou tão precocemente, pelas condições de sua gestação e pelos problemas de saúde decorrentes dessa experiência. Assim, preocupa-se em mimar Angélica, pois deseja que sua filha possa sempre ter a autoestima elevada, buscando conversar abertamente com ela sobre a genitora, apresentando-a como “aquela que te trouxe na barriga para a mamãe”.

Para Denise é muito satisfatório ver que sua filha consegue ter uma boa imagem de sua genitora, pois, de certa forma, sente-se grata à mulher que possibilitou o nascimento de sua Angélica, a sua filha. Já Angélica, hoje com quatro anos, compreende que “morou na barriga de outra mulher” e ao seu modo infantil já mostrou à mãe compartilhar também deste sentimento de gratidão.

As famílias de Denise e de Amanda participam da vida de Angélica, estão presentes nos cuidados diários e também em oportunidades de celebração, mas para Denise é muito importante ter ocasiões onde possam fortalecer o vínculo entre as duas a sós. Ela procura sempre que possível fazer viagens para que ambas vivenciem momentos de mãe e filha. Para a família de Denise a questão da adoção é hoje vista de forma muito tranquila, significando uma continuidade da linhagem, uma vez que ela e suas irmãs que são hoje mães o foram pela via da adoção. Após a perda de seu pai, a importância de continuar a família pareceu-lhe ainda mais eminente.

Denise tem hoje uma família extensa e multiétnica, o que para ela representa a quebra de muitos preconceitos existentes, inclusive dentro de sua própria família. Nas reuniões familiares atuais ela apresenta Amanda como sua namorada e faz questão de mostrar

como está feliz em tal união. Quando, certa vez, questionada por um parente sobre o que seu falecido pai acharia sobre ela viver conjugalmente com uma mulher ela prontamente respondeu: “Ele deve estar feliz! Ele certamente está feliz em me ver bem!”

Hoje Denise se sente feliz e percebe que realizou muitas coisas com as quais sonhou. Gostaria apenas de complementar este sonho com mais um filho. Angélica, incentivada por sua mãe, mantém contato e amizades com outras crianças do abrigo em que viveu, visitando-o com frequência e, assim, nutrindo um carinho especial por Renan, seu antigo amiguinho que quer ter como irmão.

Denise tem vontade de adotá-lo, porém por motivos burocráticos isso talvez não seja possível. Ela explica para a filha que talvez ele continue a ser seu irmão apenas do coração e que para tê-lo como irmão morando na mesma casa é preciso esperar. Como Denise já sofreu com a expectativa e a impossibilidade de adotar uma criança, ela tenta não trazer essa dor para Angélica.

Angélica foi matriculada em uma escolinha perto de seu trabalho. Quando foi realizar o cadastro Denise se deparou com uma ficha a ser preenchida. Nessa ficha constavam os campos “nome da mãe” e “nome do pai”, sendo que preencheu o seu como responsável materna e no espaço paterno fez um risco. Naquele momento para ela ficou claro a necessidade de serem repensadas socialmente estas questões. Ela considera que neste espaço deveria constar nome da família ao invés dessas duas opções.

Em situações de dia dos pais, a escola de Angélica já tem o cuidado de trabalhar atividades temáticas como o dia da família devido a muitos casos de pais separados ou de alunos vivendo em famílias monoparentais. Porém, Angélica, após este evento, questionou sobre onde estaria seu pai. Denise conversou com a filha, explicou que namorava a tia Amanda e que ter um pai, tal como suas amiguinhas de escola, não seria possível, mas que ela poderia escolher alguém que ela quisesse chamar assim.

Angélica escolheu Vitor, um amigo da família que também é pai pela via da adoção e vive um relacionamento homoconjugal. As duas famílias convivem juntas, viajam e realizam passeios, o que para Denise é muito importante no sentido de fornecer uma imagem masculina ao convívio de Angélica. Denise, juntamente com Amanda, procuram, nessas situações, interagir com os filhos de Vitor e ser uma presença feminina para eles.

Com Amanda, Angélica tem uma relação que, em alguns casos, aproxima-se de um vínculo fraternal, em outros é como uma forte amizade e, algumas vezes, percebe-se algo como uma ligação maternal entre ambas. Amanda busca Angélica na escola quando Denise não pode fazê-lo, está junto nos cuidados diários, mas tem a sensibilidade de explicar para Angélica que sua mãe é Denise.

Amanda teve uma infância com poucas condições materiais, trabalhando desde pequena no campo e hoje, em seu contato com Angélica, acaba vivendo um pouco desta infância que não teve em sua plenitude, assim como acontece, também, com os filhos de Vitor. Entrega-se às brincadeiras junto de Angélica e compra para ela todos os brinquedos que gostaria de ter tido para si quando garotinha.

Amanda, hoje com trinta e seis anos de vida, nasceu no nordeste do Brasil. Com apenas dez anos de idade já trabalhava para complementar a renda da casa. Seu pai, um homem rude, desejava ter um filho menino, o que fez Amanda nunca se sentir realmente amada por ele. O contraponto era sua mãe, uma mulher muito carinhosa e afável que, de certa forma, supria sua necessidade de afeto.

Aos dezesseis anos a mãe de Amanda faleceu e seu pai se casou com outra mulher que trazia filhos de uma antiga relação. Então, desde muito jovem, Amanda aprendeu a cuidar de crianças, sendo praticamente uma mãe adotiva para seus irmãos. Hoje ela sonha em poder viver rodeada de crianças e gostaria de ter uns dez filhos. Devido a sua experiência de vida e por se considerar uma lutadora deseja ter filhos para deixar essa lição. Outro aspecto diz respeito às conquistas materiais porque pensa em ter alguém para deixar o que conseguiu financeiramente.

Atualmente, Amanda tem um apartamento em um bairro de classe média alta e sonha em vendê-lo no futuro. Denise compartilha seu sonho e espera que com o dinheiro a ser obtido com a venda de seus apartamentos possam comprar um maior e mais confortável, onde possam viver com mais espaço para futuros filhos. As irmãs e sobrinhos de Amanda sabem de seu relacionamento com Denise, contudo, ela prefere esconder esta particularidade daqueles com quem trabalha. Ela é autônoma, trabalha junto ao público e seus clientes são compostos, em sua grande maioria, por mulheres com ótima condição financeira.

Em seu trabalho Amanda sente o preconceito das pessoas, entendendo que se assumisse sua orientação sexual, naquele local, teria problemas e perderia alguns clientes. Em

algumas situações em que, de alguma forma, isto ficou subentendido para algumas delas, a relação de trabalho veio a ser cortada. Ela inclusive já pensou em mudar de profissão por diversas vezes para poder viver de forma mais tranquila ou não ter que se preocupar em omitir coisas de sua vida para poder manter-se no emprego.

Hoje Amanda pondera que gostaria de ter entrado no processo de adoção junto com Denise, mas no fundo considera que o fato de documentar o processo não muda seu sentimento e sua relação de afeto com Angélica.

Antes de seu relacionamento com Denise, Amanda já havia se relacionado com homens. Também havia se relacionado seriamente com uma mulher por muitos anos, sendo que sua ex-companheira se preocupava muito em esconder socialmente o fato de viver afetivamente com alguém do mesmo sexo, inclusive mantendo alguns “relacionamentos de fachada” com homens.

Amanda hoje pensa por vezes em viver de forma aberta sua união com Denise, podendo também assim transitar mais tranquilamente com Angélica em situações sociais. Todavia, como em diversas situações teve que omitir seu relacionamento, criando outra história de vida para contar às pessoas, torna-se difícil, agora, admitir perante elas tantas mentiras. Outro desejo de Amanda é adotar uma criança que tenha entre cinco e oito anos de idade, não deixando de lado a possibilidade de engravidar para ter um bebê, talvez por intermédio de Vítor.

Amanda e Denise são mulheres que venceram na vida, saindo de cidades interioranas para conquistar a cidade grande. Seu único meio foi o seu trabalho que hoje lhes garante uma confortável condição financeira. Ambas sonham em ter uma família maior e uma casa repleta de crianças lhes parece algo sinônimo de felicidade.

### **5.1.2 Crônica de Jorge, Raul, Lucas e Glória**

Eram meados da década de noventa quando em uma casa noturna Raul observa interessado um rapaz que estava ali com amigos, esse jovem era Jorge. Este vivia naquele momento uma fase complicada em seu relacionamento amoroso de três anos com Silvio, o que vinha deixando-o bastante abatido. Incentivado por colegas de trabalho viajou para uma

cidade vizinha no interior do estado de São Paulo, para se distrair. Nessa noite um dos amigos que acompanhava Jorge o alertou sobre os olhares de Raul. Ele não deu muita importância, continuou dançando, aproveitando a música que tocava no ambiente, afinal ele ainda era comprometido com outra pessoa.

Jorge já considerava terminar seu relacionamento, acontecimentos o levaram a perceber que Silvio não era a pessoa que tinha planos de morar com ele no futuro ou de manter uma vida conjugal, chegando inclusive a propor para Jorge que cada um mantivesse um relacionamento heterossexual de fachada e que eles continuassem a ter um envolvimento de forma encoberta. Para Jorge essa proposta era absurda, pois ele jamais ficaria tranquilo sabendo que estaria enganando uma terceira pessoa. Ele se sentia no direito de viver seu relacionamento sem precisar esconder isto de ninguém, porém ainda não conseguia se desvencilhar emocionalmente de Silvio.

Aproximando-se o fim da noite, Raul intervém e tenta uma aproximação com Jorge, que continua indiferente. No momento em que ele e os amigos decidem deixar a boate, Raul novamente tenta conversar com Jorge que decide dar uma oportunidade para o rapaz, resolve continuar mais um pouco ali e acaba dando seu número de telefone a Raul. No dia seguinte à tarde, Raul telefona buscando saber sobre a possibilidade de encontrar novamente Jorge na danceteria da noite passada, mas por esta se localizar em outra cidade, ele diz que provavelmente não iria novamente.

Jorge comentou com os amigos sobre o telefonema de Raul e seus colegas logo insistiram para que fossem à casa noturna novamente lembrando-o de como ele andava desanimado ultimamente. Eles não gostavam de Silvio, desejavam que Jorge pudesse conhecer alguém que tivesse mais a ver com ele e que o fizesse mais feliz. Eles foram e assim Jorge e Raul iniciaram um relacionamento restrito ao âmbito da amizade.

Jorge passou a ir à cidade de Raul para que eles fossem juntos a festas e com o tempo começou a surgir uma afetividade maior entre eles. Foram se aproximando cada vez mais até que Jorge resolveu colocar fim ao seu complexo relacionamento com Silvio, e logo em seguida, também saiu do emprego em que trabalhava. Assim, sem mais nada que prendesse Jorge na cidade em que morava, ele se mudou para a cidade onde mora atualmente, local onde já residia Raul. Os dois eram jovens com idades próximas, brancos e contavam com uma condição financeira satisfatória.

Raul desejava montar um negócio próprio no qual Jorge seria seu sócio. Em conjunto eles adquiriram um ponto comercial, o reformaram e construíram um espaço no fundo para Jorge morar. Planejaram uma viagem, para terem a oportunidade de se conhecer melhor.

Como o relacionamento progredia, em pouco tempo, resolveram ir viver em uma mesma casa. Inicialmente a família de Raul se manteve mais distante, havia dificuldade por parte de seus pais para aceitar a relação, mas em curto período de tempo notou-se uma mudança nesta postura, inclusive receberam ajuda financeira dos pais para a construção da atual moradia do casal.

Jorge desejava filhos desde seu contato com Adriano, seu sobrinho, filho que sua irmã concebeu solteira. Sua irmã teve o apoio e a compreensão familiar e o sobrinho cresceu sob seus cuidados e apoio financeiro.

O pai de Jorge era um homem muito amável com os filhos, desejava sempre os ter por perto, era compreensível, gostava de crianças. Seus pais tiveram dez filhos dos quais Jorge foi o caçula. Jorge sempre foi muito próximo de sua família, no entanto nunca lhes comunicou sua orientação sexual, e nem existiu um dia em que isso fosse expresso verbalmente; esta comunicação se deu de forma natural no cotidiano familiar.

Seus familiares nunca demonstraram preconceitos ou alguma forma de não aceitação à sua afetividade e sexualidade. Ao atingir a maioridade, Jorge sentia-se ainda mais no direito de viver do modo como quisesse, contudo, se preocupava em não agredir ninguém. Para Jorge os filhos jamais conseguem enganar os pais, e desde adolescente seu pai relatava-lhe sobre um parente que nas primeiras décadas do século passado não se casou e por isso foi, socialmente, vítima de zombarias, vindo a se suicidar por não conseguir lidar com a questão. Nesta história ficava subentendido para Jorge a homossexualidade deste ente familiar, sendo utilizada por seu pai para mostrar-lhe a aceitação de sua orientação sexual, reafirmando a importância da felicidade e desta forma assegurando-lhe sua compreensão e amor acima do preconceito.

Outra criança cujo desenvolvimento foi efetivamente acompanhado por Jorge foi o de seu outro sobrinho, Valdir. Seu irmão não sendo um pai muito presente, era Jorge quem participava das reuniões da escola e era figura assídua em seu cotidiano. Em razão dessa dedicação, quando pequeno, Valdir reconhecia e chamava Jorge de pai. Jorge lhe explicava que não era seu pai e sim seu tio, mas ser assim chamado foi algo que o tocou muito. Jorge se entristecia pelo fato de, na época, não poder contar com a possibilidade de se casar e nem de ter filhos, uma vez que neste tempo era praticamente impensável se falar em homoparentalidade e a possibilidade de união conjugal reconhecida legalmente para homossexuais ser algo ainda muito distante da realidade social vivida. Quando criança ouvira seu pai cogitando a possibilidade de adoção, o que não se concretizou, porém, desde então Jorge considerou esta a forma de ser pai no futuro.

Nesse momento Raul não vislumbrava a ideia de ter filhos, achava que não gostava de criança, que essa história não era uma coisa para ele. Jorge entendia que Raul assim pensava pelo fato de nunca ter tido contato mais próximo com crianças. Com o envolvimento maior de Raul junto à família de Jorge ele veio a ter proximidade com Valdir, que na época tinha dois anos de idade.

Quando Jorge viajava para sua cidade natal, Raul o acompanhava e eles realizavam passeios e brincadeiras com Valdir. O garoto também começou a passar finais de semana com o tio e cada vez mais se apegava a Raul. Jorge passou a adaptar as coisas da casa para que pudesse receber mais confortavelmente uma criança. Até a adolescência as visitas de seu sobrinho se fizeram constantes. Hoje, já adulto, Valdir as realiza mais esporadicamente, porém sempre demonstrando muito afeto pelos tios.

Para Jorge foi interessante essa experiência de ver uma criança crescendo junto a eles. Para ele, Valdir é uma prova de que a orientação sexual dos cuidadores não influencia diretamente na orientação sexual da criança, além de que, este convívio pode propiciar, no ser em desenvolvimento, diminuição na formação de preconceitos.

Seu desejo de ter um filho aumentou na medida em que Adriano se tornou adulto e Valdir crescia. Faltava-lhe uma criança em seu cotidiano. Jorge percebia que as horas mais alegres das vidas de seus sobrinhos eram vividas com seus pais. Raul inicialmente se assustava com a ideia. Jorge fazia questão de enfatizar seu desejo e considerava que independente do fato de seu companheiro concordar ou não, ele iria realizar este sonho, mesmo que sozinho.

Em uma ocasião em que Jorge falou sobre sua vontade em ser pai para seus familiares a mãe de Valdir, sua ex-cunhada, ofereceu-se para, caso fosse necessário, casar-se no papel com ele para que então pudesse adotar uma criança, e receber posterior ajuda para os cuidados na criação desse filho. Na época Jorge não tinha conhecimento sobre a possibilidade de adoção enquanto solteiro. Sua antiga cunhada também se ofereceu para “emprestar” o útero caso ele desejasse um filho biológico.

Raul percebeu neste momento que seu companheiro estava realmente empenhado em ter um filho, mas ele questionava: ‘como é que vão dar uma criança para a gente?’ ‘Uma criança para dois homens cuidarem?’ Jorge respondia que se sentia seguro para ter um filho e que isto era o que importava. Ele argumentava tendo como ponto de partida o exemplo de duas crianças que tinham crescido junto a eles e hoje eram jovens saudáveis, educados, pessoas de bem. Raul se preocupava com o preconceito, mas com constantes conversas, ele foi repensando essa questão.

Um dia uma cliente de Jorge comentou com ele sobre sua filha e como tinha sido o processo de adoção desta. Ele falou sobre seu desejo em adotar também, e foi aí que ela lhe informou sobre a possibilidade legal de se adotar sozinho. Jorge ficou muito feliz em receber essa notícia, mesmo com a disponibilidade apresentada por sua ex-cunhada em ter um filho biológico, para ele o que importava não eram os laços de sangue, ele sabia do vínculo que o amor e o carinho dispensados a uma criança é capaz de criar, com sua experiência junto ao cuidado de sobrinhos isto havia ficado muito claro.

A ideiação da adoção ficava cada vez maior para Jorge; em contato com as pessoas sempre surgia alguém que havia adotado, e em conversas com sua irmã que era casada há anos, porém com dificuldades para engravidar, esse assunto sempre vinha à tona com histórias de mulheres grávidas em cidades distantes que ao cabo da gestação estariam dispostas a entregar o bebê para pessoas que quisessem ficar com a criança. Um dia a irmã de Jorge soube de uma moça que estava grávida e já tinha outras crianças maiores para as quais não oferecia o cuidado necessário.

Segundo as informações que chegaram até ele tratava-se de uma jovem que medicava seus filhos ainda muito pequenos para que eles dormissem e ela pudesse sair à noite deixando-os em casa sozinhos. Glaucia já tinha dado à luz a três crianças, frutos de relacionamentos diversos, e ao engravidar novamente ela comunicou seu desejo em dispor esta criança à adoção. Jorge indignava-se com o descaso que via nessa maternidade e mesmo assim aproximou-se dessa mulher para que pudesse realizar seu sonho de ser pai.

Jorge passou a realizar contatos com a gestante que inclusive lhe ofereceu a possibilidade de levar para morar consigo seu outro menino. Ele não quis pois já havia cuidado de duas crianças que eram seus sobrinhos, porém, não eram seus filhos, e sabia que ao partirem deixavam um grande vazio, ele não queria mais ser apenas um cuidador, agora ele desejava ser pai. A data prevista para o parto de Glaucia se aproximava e ela chegou a pedir dinheiro para Jorge, ele ficou irritado com esta solicitação, compreendeu que a intenção de Glaucia era entregar para ele a criança em troca de benefícios financeiros, isso era comprar um filho! Ele não colaboraria com isto!

Apesar de não compreender muito como funcionava legalmente o processo de adoção e de ainda não ter procurado um Fórum para se inscrever, Jorge sabia que este modo ao qual estava recorrendo para se tornar pai poderia trazer-lhe problemas, inclusive possibilitando em um futuro que Glaucia viesse a requerer a guarda desta criança, no entanto, o desejo de constituir uma família falava mais alto nele, especialmente agora que se sentia ainda mais próximo de concretizar este sonho de sua vida. Nesse momento Raul já se mostrava

totalmente aberto à possibilidade de ter um filho, esta já era uma vontade compartilhada pelo casal. Jorge não comunicou à Glaucia sobre seu relacionamento com Raul, mas também não procurou dela esconder.

A gestação de Glaucia prosseguiu e Jorge foi avisado do nascimento da criança quando esta ainda estava no hospital. Glaucia não havia comentado na Maternidade que não desejava cuidar daquele bebê para que Jorge pudesse ficar com a criança sem passar por intervenções jurídicas. Após o nascimento Jorge concedeu um tempo para que Glaucia pudesse pensar e decidir de forma consciente a entrega ou não daquele menino que acabava de gerar. Após a alta médica de Glaucia, Jorge visitou o garotinho, levou coisas que ele necessitava, bem como, remédios para o outro filho de Glaucia que se encontrava sempre adoecido.

Jorge se comovia ao ver a criança adoentada e nada poder fazer além de levar medicamentos para ele. Jorge se zangava com Glaucia ao ver o frasco de remédio cheio e compreender que ela não medicava seu filho, se irritava com o descaso com que a via tratar todos seus filhos. Assim, Glaucia comunicou que entregaria o bebê que acabava de conceber para ele, porém, gostaria de amamentá-lo em sua primeira semana de vida. Jorge preocupou-se. Entendia que isto poderia fazê-la vincular-se ao bebê complicando em seguida o processo de entrega da criança, mas acabou por concordar com seu pedido.

Transcorrida uma semana, Glaucia telefona para Jorge e propõe que eles fizessem um documento em que ela, junto ao seu atual marido, assinariam para oficializar o não desejo deles em serem pais daquele bebê. Jorge foi até Glaucia e aguardou a vinda de seu marido que demorou a chegar o que o fez pensar que não daria mais certo a adoção, que ele estaria desistindo de entregar-lhe a criança. Finalmente com o aparecimento do marido de Glaucia, Jorge solicitou a ambos uma cópia de seus documentos, pois ao entrar em contato com um advogado, este lhe explicou que para regularizar a adoção posteriormente junto ao Fórum isto se fazia necessário.

Assim Jorge voltou para sua casa com um bebê em seus braços. Uma preocupação do casal era como a família de Raul iria lidar com esta notícia. A mãe de Raul ao ser comunicada sobre a adoção se assustou, mas ao ir visitar o bebê, ela e o restante dos familiares foram tomados por um sentimento de alegria pela chegada deste novo membro. Jorge e Raul ficaram surpresos com o carinho que receberam, pois estavam receosos quanto à maneira pela qual suas famílias acolheriam a nova situação, mas felizmente a reação de todos foi a melhor possível.

A preocupação da mãe de Raul era presenciar seu filho e Jorge sendo vítimas de preconceito, de comentários na rua, e que isso gerasse sofrimento para ambos. Mas estava feliz em ser avô e isso parecia superar este medo inicial. A casa de Raul e Jorge neste dia ficou repleta de familiares. O menino que recebeu o nome de Luca, dado por Jorge por ser o nome de seu avô, recebeu muitos presentes e paparcicos de todos que o visitaram.

Passada apenas uma semana o telefone toca pela manhã e Jorge atende sendo informado de que se tratava de uma ligação do Conselho Tutelar procurando notícias sobre Luca. Às dezoito horas do mesmo dia chega ao estabelecimento comercial de Jorge e Raul um Oficial de Justiça com a informação de que eles estavam ilegalmente com uma criança que havia sido retirada de sua responsável legal. Glaucia tinha ido ao Conselho Tutelar e comunicado que Jorge, com a desculpa de ajudá-la levando o bebê para realizar tratamento médico, teria raptado a criança.

Adriano estava com seu tio nesse momento e o acompanhou ao Fórum junto com Raul, para explicarem a história para a Conselheira Tutelar que os acusava de terem sequestrado aquele bebê. Na ocasião relataram a realização da entrada na documentação para a adoção junto ao Fórum que já havia sido encaminhada. Após pesquisa foi encontrada a carta assinada por Glaucia e seu marido, desse modo, ficando clara a história irreal que Glaucia havia contado.

Jorge, Raul e seus familiares ficaram desolados, pois estavam muito felizes com a chegada de Luca, mas por conselho do Promotor do Fórum decidiram entregar a criança. O Promotor os aconselhou a tomar essa atitude sensata uma vez que eles já estavam inscritos no Fórum, assim só necessitariam participar de um estudo psicossocial e tudo transcorrendo adequadamente estariam habilitados a realizar uma adoção plena sem o risco de passarem novamente por situação como aquela que estavam vivendo.

Assim, Jorge desistiu de dar continuidade ao processo de adoção de Luca, vindo saber notícias de omissão e de falta de cuidados mínimos de Glaucia em relação ao pequeno. Sensibilizado, ele chegou a acionar o Conselho Tutelar para que alguma atitude fosse tomada, e soube que medidas legais foram efetivadas junto a Glaucia e seu marido.

Jorge deu continuidade em seu processo de habilitação para a adoção, sabendo que uma das etapas necessárias a esse fim se constituía em um estudo psicossocial do requerente. Foi então que lhe surgiu a dúvida se deveria revelar ou não seu relacionamento com Raul. Ele se preocupava em sofrer algum prejuízo por viver conjugalmente com outro homem. Como seria isso aos olhos de um juiz? Jorge então procurou pela opinião de uma psicóloga. Ele se lembrou de Célia, profissional que atendia seu sobrinho Adriano e explicou-lhe sua situação.

Célia orientou-o a falar a verdade, e nas entrevistas com a assistente social e a psicóloga do Fórum ele assim o fez. Mesmo tendo entrado com a requisição enquanto solteiro, Raul foi procurado pelas profissionais como participante do estudo.

Na época a adoção homoparental conjunta era um tema praticamente inexistente no Brasil, não eram veiculadas notícias na mídia e não se tinha conhecimento sobre jurisprudências neste sentido em nosso país. Felizmente Jorge conseguiu habilitação para adotar enquanto solteiro, agora ser pai era uma questão de espera. Para ele foi difícil este período, pois estava ansioso por ter um filho, tinha ficado muito abatido com a expectativa frustrada na adoção de Luca. Em casa possuía um enxoval preparado para uma criança, ele havia reformado um cômodo e feito todo um investimento que não era apenas financeiro.

Um dia, uma de suas funcionárias percebeu que Jorge encontrava-se muito desanimado e foi questioná-lo sobre o motivo daquela tristeza estampada. Ele lhe contou a respeito de seu desejo de adotar um filho, de seu sonho e o quanto estava sendo difícil esse processo de espera. Flávia então se lembrou de que conhecidos seus tinham passado pela mesma angústia, conseguindo, entretanto, um final feliz ao adotarem um casal de gêmeos no nordeste do país, que por se ser uma região mais pobre do Brasil facilita o processo de crianças à adoção.

Após uma semana Flávia trouxe para Jorge o contato desse casal de conhecidos para que ele pudesse obter maiores informações sobre a possibilidade de adoção neste estado nordestino. Jorge ligou para o casal. Eles já haviam adotado três crianças que nasceram lá e também conheciam outros pais que encontraram maior facilidade em realizar a adoção contatando serviços de abrigo naquela região.

Nessa época, diferente do momento da entrevista, não existia em nosso país um cadastro nacional para a adoção, o que impulsionou Jorge a fazer cópias de seu processo e enviá-lo para vários estados brasileiros. De alguns deles Jorge sentiu certo preconceito, pois seu *dossier* relatava sua união com Raul. Um dos momentos em que mais sentiu preconceito foi quando, por intermédio de um de seus clientes, seu processo chegou às mãos de uma juíza de religião evangélica.

Jorge continuou sua busca, até que conseguiu o contato de uma assistente social que trabalhava em um dos estados nordestinos que ofereciam facilidades de adoção. Ao entrar em contato com Telma ela explicou que em seu estado não existia fila de espera de requerentes à adoção, na verdade, sequer possuíam estruturas de abrigo para crianças, aconselhando Jorge a enviar seu processo ao Fórum de lá para que pudessem tomar conhecimento oficial sobre seu desejo de adoção. No telefone ele não contou à Telma sobre seu relacionamento com Raul,

porém por meio da leitura do processo ela tomou conhecimento e não apresentou nenhum impedimento. Em situação posterior alertou Jorge sobre a existência de outras assistentes sociais da cidade, por serem muito religiosas não terem visto a possível adoção com os mesmos bons olhos que ela.

Jorge e Telma passaram a conversar com frequência e construíram uma relação de amizade. Pela inexistência de estrutura física que pudesse abrigar as crianças na cidade de Telma, era nas casas de assistentes sociais, como ela, que aqueles que precisavam de um lar provisório ficavam, desse modo não raramente estas profissionais se apegavam àqueles que assistiam. Sempre que uma nova criança ficava aos cuidados de Telma ela comunicava a Jorge, foi o caso de Bruno um menino de três anos de idade que apresentava a possibilidade de ser adotado, porém com o convívio, Telma se afeiçãoou a ele, a ponto de adotá-lo legalmente.

Uma vez mais Jorge via sua expectativa frustrada. Ele passou a sonhar com frequência com crianças, sonhava que tinha sido chamado a adotar um menino e passava os dias tristes. Jorge não tinha exigências com relação às características de seu futuro filho, gostaria que fosse um recém-nascido, porém, se fosse uma criança um pouco mais velha, não seria um impedimento.

Certo dia Raul recebe um telefonema de Telma pedindo-lhe que Jorge entre em contato com ela. Porém Raul já estava descrente da possibilidade de Telma um dia ligar para seu companheiro e trazer-lhe notícias de uma criança que pudessem adotar, porém neste dia, foi o que aconteceu. Havia nascido um menino próximo à cidade de Telma e ela solicitava que Jorge fosse o mais rápido possível ao seu encontro, pois aquele bebê não teria onde ficar por muito tempo e provisoriamente estaria na casa de Carmen, outra assistente social.

Jorge mobilizou a família, organizou-se no trabalho para poder ficar alguns dias fora de sua loja e embarcou com Raul para o nordeste. Ao chegarem ao estado do Nordeste onde estava a criança para adoção, Jorge recebeu um telefonema de um dos Fóruns de outro estado nordestino onde havia entregado uma cópia de seu processo para a adoção, indagando sobre sua vontade de adotar um casal de irmãos. Ao responder à ligação para a funcionária do abrigo informou-lhe que no momento estava em outro estado, pois havia sido também ali chamado para conhecer uma criança. A funcionária avisou que ele poderia procurá-la posteriormente caso não se concretizasse a adoção para a qual tinham vindo.

Jorge ficou feliz, naquele dia teve a certeza de que em breve teria um filho. À noite conheceram Bruno, filho de Telma e enfim, ela pessoalmente. Em seguida Jorge foi ao *shopping* comprar roupinhas e acessórios essenciais, pois Telma o informara que a criança a

ser adotada não tinha nada. Ao amanhecer Raul alugou um carro para que pudessem viajar para a cidadezinha do interior do estado onde a criança havia nascido. Jorge foi com Telma em seu carro cuidando de Bruno e Raul os foi seguindo por cinco horas até o destino.

Jorge estava ansioso. Ao chegarem à residência da conselheira tutelar que cuidava do recém-nascido, uma casa simples e pequena, foi possível ver o bebê sobre a cama de casal protegido por um mosquiteiro. Ela falou para Jorge:

– ‘Pegue seu filho no colo!’

Ele prontamente assim o fez. Foi um momento de grande felicidade para ele e para Raul. Mesmo tendo sido registrado com um nome pela genitora, Jorge deu-lhe o nome de Lucas, o mesmo de seu pai. Eles logo iniciaram os cuidados de Lucas, porém ainda sem sua guarda. Para não terem problemas legais, e para também não terem que se afastar daquele que já sentiam como filho, Telma que na época apenas namorava seu atual marido os hospedou em sua casa onde morava sozinha com Bruno.

Jorge procurou um advogado da prefeitura daquele município e deu-se o início da parte burocrática do processo para obterem a guarda de Lucas. O juiz e o promotor responsáveis pelo caso informaram para Jorge que para eles o que importava era a promoção do bem-estar da criança e não apresentaram nenhum preconceito pelo fato de seu relacionamento com Raul. Realizou-se uma audiência no Fórum com a presença da genitora e o juiz informou-lhe que o bebê a quem ela tinha dado à luz passaria a ser filho de dois homens.

A genitora então tentou voltar atrás em sua decisão alegando que não mais gostaria de dispor seu filho à adoção. Após um tempo de negociação, a genitora consentiu na sua incapacidade de cuidar da criança e isto somado ao fato de em sua família não possuir mais ninguém disposto a se responsabilizar por este cuidado, fazia com que, de qualquer forma, esta criança fosse disposta à adoção.

O juiz explicou para a genitora de Lucas que ele teria uma vida melhor com os dois homens que estavam ali presentes e esta acabou assinando os papéis necessários para o processo de adoção. O deferimento do juiz saiu dois dias após essa audiência. Neste espaço de tempo as famílias de Jorge e Raul procuravam saber o que havia sucedido, porém, Raul resolveu que só iria contar quando estivesse completamente formalizado o processo de adoção, uma vez que só se sentiria seguro com a certidão de Lucas em mãos.

Da primeira tentativa até aquele dia se contaram oito anos, oito longos anos de espera e de um desejo cada vez maior de ser pai. Assim que foi permitido a Jorge ir ao cartório cancelar a certidão de nascimento anterior e registrar Lucas em seu nome ele o fez de forma

rápida. Voltou com Lucas e Raul para a cidade em que moravam e foram recepcionados no aeroporto por toda a família. A mãe de Raul veio no carro chorando de emoção por poder segurar seu neto no colo, e neste dia à noite Jorge contou com a presença de mais ou menos cinquenta familiares em sua residência.

Em seus primeiros dias de vida e agora morando com Jorge e Raul, Lucas chorava muito; seus pais tinham que passar madrugadas ao seu lado tentando acalmá-lo e eles começaram a reparar que Lucas apresentava um “tique nervoso” o que lhes preocupou bastante. Raul afirmou que mesmo que aquilo significasse um problema maior de saúde não teria importância, que Lucas era seu filho e que eles cuidariam disso.

Jorge e Raul levaram Lucas ao médico para a realização de um diagnóstico. Lucas fazia uso de dois medicamentos desde que nasceu, remédios que, segundo o médico, não poderiam ter sido receitados para um recém-nascido. Ao cortarem a medicação, Lucas não mais apresentou o problema que vinha preocupando seus pais.

O relacionamento conjugal de Jorge e Raul havia melhorado com a chegada de Lucas, eles discutiam menos e continuaram a viajar e passear bastante, ao contrário do que a família pensava que aconteceria com a vinda de uma criança. Em todos os hotéis e restaurantes que foram nunca tiveram problemas por ser um casal homoafetivo com uma criança, por vezes passam por consternações de ordem prática. Em uma sociedade que está acostumada a cuidadores mulheres, eles se deparam com dificuldades, por exemplo, não encontrarem trocadores em espaços públicos fora do banheiro feminino.

Jorge não queria esperar mais para aumentar sua família, estava tão feliz com o convívio com Lucas, queria ser pai novamente, mas desta vez de uma menina. Três meses depois voltava a conversar com Telma para que ela o comunicasse assim que surgisse a oportunidade. Ele foi ao Fórum, atualizou seu cadastro e sempre se comunicava com Telma que lhe informava sobre as crianças que estavam sendo por ela assistidas, bem como por suas colegas de profissão da região.

Nesse momento a mídia divulgava a possibilidade de adoção conjunta homoparental, e como é sabido, a união estável para casais de mesmo sexo biológico fora legalizada no Brasil. Jorge procurou legalizar a união, pensando assim em facilitar um futuro processo de adoção e para, principalmente, terem seus nomes na certidão de nascimento deste filho. Esta aconteceu sem nenhuma comemoração e não trouxe modificações à relação afetiva do casal.

Toca o telefone, Jorge atende e do outro lado da linha Telma diz:

– ‘Sua filha nasceu! Sua filha nasceu! É uma menina! Nasceu esta madrugada às duas horas da manhã! A assistente social acabou de me ligar dizendo que eu vá buscar, pois a

genitora já está saindo do hospital e não quer ficar com a criança. Ela não deu de mamar à menina. Ela não tem para onde ir! Você tem que vir imediatamente pra cá!’

Jorge tremia ao escutar Telma ao telefone. Assim que desligou, imediatamente ligou para Raul e pediu que ele viesse correndo ao seu encontro; ao ser questionado sobre o motivo da urgência, Jorge respondeu:

– ‘Nossa filha nasceu! Temos que ir agora para o nordeste!’

Jorge comprava as passagens aéreas enquanto Raul arrumava as malas. Lucas estava na escola, e contava na época com quatro anos de idade. Sabendo do desejo de seus pais em lhe dar uma irmã, já havia solicitado a eles que quando ela chegasse recebesse o nome de Glória. Os familiares de Jorge e Raul ficaram cuidando de Lucas e eles seguiram novamente para o nordeste do país.

Com a situação legalizada foi possível constar na certidão de nascimento a paternidade compartilhada de Raul e Jorge. A realização do sonho de mais uma vez serem pais, trouxe-lhes grande felicidade. Com a chegada de Glória, sentiam-se plenamente satisfeitos com a linda família que juntos conseguiram constituir.

## **5.2 A Análise de Conteúdo**

As categorias temáticas construídas, resultantes do estudo das transcrições das entrevistas realizadas, referem-se a assuntos que apareceram de forma recorrente no depoimento d@s participantes e/ou que são significativos para atingirmos o intento do presente trabalho. Conforme a metodologia por nós empregada, trabalhamos o conteúdo presentes nessas falas, citando algumas que ilustram o tema a ser trabalhado, os quais foram organizados em catorze grupos, assim distribuídos:

- 1) O desejo por parentalidade;
- 2) Experiências anteriores junto ao cuidado infantil;
- 3) A parentalidade pela via da adoção;
- 4) A parentalidade pela via biológica;
- 5) Que filh@ desejavam?

- 6) Genitores e prévio sofrimento da criança;
- 7) Tornar-se mãe/pai;
- 8) Expectativas frustradas de adoção;
- 9) Casamento;
- 10) Preconceitos, homofobia e dificuldades encontradas;
- 11) A Psicologia;
- 12) O Poder Judiciário;
- 13) Influências de religiosidade;
- 14) A família extensa.

### 1) O desejo por parentalidade

@s participantes de nossa pesquisa no decorrer da entrevista nos apresentaram como se deu o desejo de ser mãe/pai:

*“[...] a minha vontade por ser mãe por adoção vem desde a adolescência. Quando eu me projetava adolescente, sempre foi uma coisa assim, um sonho meu, um desejo meu.”*  
(Denise)

*“Eu sempre tive!”* (Jorge, sobre o desejo em ser pai).

*“Eu quero os meus filhos porque eu lutei tudo. “Deusôlivre” eu lutei tanto, pra não ter pra quem deixar?”* (Amanda)

De tal modo, nos questionamos: a construção do desejo parental se daria do mesmo modo entre as pessoas que vivenciam a dissidência heteronormativa e heterossexuais? E mais, se dariam de forma igual para *gays* e *lésbicas*, participantes de nossa pesquisa? Por que desejar ser mãe/pai quando a homoconjugalidade ainda é foco de tanto preconceito?

Castañeda (2007), ao nos falar sobre as homoconjugalidades, aponta que uma compreensão possível para o desejo em vivenciar a maternidade/paternidade neste contexto, poderia advir da indisponibilidade de regras, ritos e processos instituídos que marquem e sustentem as uniões homoafetivas, de modo que, um/uma filh@ poderia vir a cumprir esta função, possibilitando ao casal melhor trânsito e aceitação social.

Uma observação significativa, entretanto, se refere ao fato de nossos participantes apresentarem seu anseio em serem mães/pais previamente ao estabelecimento de suas relações conjugais. Denise e Jorge ressaltam também que independentemente da consideração que Amanda e Raul apresentassem eles realizariam esse desejo.

*“No dia que nossas amigas em comum nos apresentaram, na mesa ali do barzinho conversando eu já falei que eu ia ser mãe, e que eu representava um pacotinho, que pra se relacionar comigo... [...] Na verdade assim, a adoção, na teoria, não tem a ver com a Amanda. Na verdade, a Amanda chegou junto na adoção, mas, a minha vontade por ser mãe por adoção vem desde a adolescência.”* (Denise)

*“É, mas então, foi aí que o Raul começou a se interessar e eu falei pra ele tô afim de adotar uma criança. Ele levou um choque! O que? Adotar uma criança? [...] Eu falei pra ele, com ou sem você eu vou ter filho! Você pode ter certeza disso! Isso na frente de todo mundo da minha casa, com ou sem você eu vou ter filho! Até a minha cunhada mãe do V. (sobrinho) que eles estão separados, ela do meu irmão, falou: ah! Se for o caso a gente até casa, adota uma criança e você cria, eu te ajudo no que for preciso!”* (Jorge)

Ao recorrermos à bibliografia buscando entender o desejo por parentalidade, temos que “[...] o desejo de continuidade (ou o desejo sublimado de não morrer) é a principal motivação subjacente ao desejo de paternidade” (BERTHOUD, 1997, p.118). Uma das compreensões possíveis então sobre a vontade em ser mãe/pai corresponderia ao significado de deixar um pouco de nós, seres finitos, ainda em existência no mundo. Caruso (1986) tece uma consideração neste sentido, apontando a função dos filhos como parte de um projeto existencial para os pais:

Para os pais, os filhos são partes de uma corrente contínua de si mesmos, onde seu ser é transmitido como os impulsos se transmitem nas células nervosas, formando uma cadeia, onde a origem primária deve ser preservada. Cada pai sente-se comprometido nessa preservação da origem e na medida em que contribui para a formação de mais um elo da corrente, parece ter cumprido parte de seu projeto existencial (p.98).

Na tentativa de nos aprofundar sobre o que constituiria este “projeto existencial”, nota-se que boa parte da literatura sobre o tema em Psicologia aponta que este seria inato ao narcisismo, como afirmado pela psicanalista francesa Chasseguet-Smirgel (1986):

[...] o desejo de fazer e de ter um filho existe também muito antes que o ser humano tenha a capacidade de satisfazê-lo. Tratar-se-ia então de um desejo inato, fundamental, que sua impossível realização fisiológica antes da puberdade destinaria ao recalçamento em razão da ferida narcisista à qual está irremediavelmente associado (p.50).

Entretanto, em consonância com nossas identificações teóricas que se dão no sentido de problematizar concepções essencialistas, nos permitimos aqui indagar se o próprio narcisismo apontado como inato, não seria, de outro modo, uma construção dos processos de subjetivação.

Foucault, um dos autores com o qual apresentamos maior afinidade teórica, colabora para a compreensão sobre o desejo por parentalidade enquanto participante de um dispositivo do governo liberal. Os filhos, segundo Foucault (2008), fazem parte de um mecanismo de produção de indivíduos. Sobre este processo defende:

[...] se eu quiser ter um descendente cujo equipamento genético seja pelo menos tão bom quanto o meu ou tanto quanto possível melhor, terei mesmo assim de encontrar para me casar alguém cujo equipamento genético também seja bom. Vocês veem muito bem como o mecanismo da produção dos indivíduos, a produção dos filhos, pode se encaixar em toda uma problemática econômica e social a partir desse problema da raridade dos bons equipamentos genéticos. E se vocês quiserem ter um filho cujo capital humano, entendido simplesmente em termo de elementos inatos e de elementos hereditários, seja elevado, fica claro que será necessário, da parte de vocês, todo um investimento, isto é, ter trabalhado suficientemente, ter renda suficiente, ter uma condição social tal que lhes permitirá tomar por cônjuge, ou por co-produtor desse futuro capital humano, alguém cujo capital também seja importante (p. 314).

Esta referência à ideia de família capturada por um modelo bioparental, também pôde ser percebida quando Denise nos relata sobre a preocupação no seu âmbito familiar ao constatar que ela e suas irmãs apresentavam dificuldade de gestar uma criança, fato que inicialmente foi compreendido como uma impossibilidade de perpetuação da família:

*“Isso juntou como se fosse uma perda familiar, como uma dificuldade da gente estender a família do meu pai com a minha mãe, né? De parar na gente, de não ter uma continuidade”.*

Outro pressuposto apontado como motivador para a parentalidade, como salienta Berthoud (1997) seria a de que para os homens a paternidade corresponderia a uma prova de sua masculinidade.

[...] sua virilidade se confirma pela fertilidade, pela procriação. A cobrança, a nível individual e social, é maior em relação ao macho que deve provar, pela extensão de sua prole, a si e aos outros, sua masculinidade. Portanto, a fertilidade significa muito mais do que a realização do desejo de continuidade, pois estaria também vinculada à confirmação da condição de macho, potente e viril (p.120).

Ainda em um entendimento calcado no gênero, sabemos o quanto a subjetivação feminina historicamente foi fortemente marcada pela capacidade das mulheres gerarem filhos, persistindo até os dias atuais a ideia de que uma mulher apenas se tornaria completa sendo mãe: “A falta de maternidade é frequentemente encarada como uma falha que envolve a própria identidade da mulher. Não sendo mãe que mulher é essa?” (MOTTA, 2005, p.63).

A hipótese levantada por Berthoud, assim como a de Motta, embora possam ser verificadas em outros contextos, em nosso estudo, ao pesquisarmos junto a pares homoafetivos, os quais tiveram sua paternidade realizada pela via da adoção, aponta-se uma possibilidade de quebra desse paradigma, sinalizando para o fato da adoção na homoparentalidade emergir como um dos poucos processos que permitem às pessoas desnaturalizarem o essencialismo definidor da parentalidade, instaurando outras possibilidades de circulação dos afetos nas relações humanas.

Em noss@s participantes percebemos a construção de um desejo de parentalidade muito mais ligado ao anseio por convívio junto a crianças, como mostram as seguintes falas de noss@s participantes:

*“Eu sempre gostei do cheirinho de café com leite à tarde e a casa cheia!” (Denise)*

*“[...] eu acho que essa necessidade de querer construir uma família e ter um filho cresceu, o A. e o V. (sobrinhos) já estavam crescendo, então eles foram distanciando, as horas mais felizes eles passavam com os pais deles, eles não passavam com a gente, então eu falei, tem alguma coisa errada aí, a gente tá precisando ter um.” (Jorge)*

*“Lógico! De constituir uma família mesmo! Todo mundo tinha, tem os sobrinhos dele que ficavam muito com a gente! O L. nasceu no final de 94, eu já estava com o Raul quando o sobrinho dele nasceu, então o L. conviveu muito com a gente também, a gente levava o L. pra passear, pra ir no cinema, levava nos parques, levava em circo, e o V. também, depois nasceu os outros sobrinhos dele também a mesma coisa.” (Jorge)*

Assim vemos a construção de um desejo por parentalidade atrelada à vontade de desfrutar da convivência com crianças, existente em noss@s participantes em período remoto à adoção de seus filh@s.

## **2) Experiências anteriores junto ao cuidado infantil**

As experiências anteriores junto ao cuidado infantil foi um tema bastante recorrente nas falas de noss@s participantes. A vivência prévia com crianças que tod@s tiveram, revelou-se um fator decisivo para o desejo de serem mães/pais.

*“Os filhos dele (ex-marido) moraram com a gente, quando a filha dele engravidou eu fui “Vó torta” o G. é um fofo! Está com seis anos o G. (apelido para o nome G.) Isso tudo aconteceu no período do nosso casamento, o F. (filho ex-marido) morou com a gente, a F. (filha ex-marido) morou com a gente [...]”* (Denise)

*“[...] ela já tinha relato de infância dela do nordeste, do sítio que você acaba criando as crianças que têm menos condição que você, mas não uma adoção assim de fato...”* (Denise sobre Amanda)

*“Eu quero adotar, sempre quis adotar... Por sinal eu já adotei uma criança! Quando minha mãe faleceu eu tinha 16 anos, eu adotei uma menina de 3 anos e fiquei com ela até os 6 anos, porque foi aquela adoção, a mãe tinha 21 filhos e morava na mesma cidade e não tinha como criar, eu levei dois na verdade. A menina que eu chamava de J. e o menino que chamava R. O menino só ficou 3 meses e a J. ficou cinco anos comigo. [...] Eu tenho desde sobrinhos. Eu convivi com sobrinhos dentro de casa, eu que cuidava, eu adoro cuidar, eu gosto de dar o remedinho, de arrumar, de levar e buscar na escola, de arrumar aquela roupinha. O pior de tudo é o bolso, porque tudo que eu vejo na rua eu quero comprar sabe? (risos)”* (Amanda)

*“[...] esse rapaz que você viu aqui em baixo é meu sobrinho né? A minha irmã teve ele solteira então praticamente quem cuidou dele fui eu. [...] as crianças nasceram a gente que cuidava, depois de muito tempo sem criança em casa veio o A. (sobrinho). Quando o A. nasceu eu tinha 18 anos, eu levava ele nas reuniões de escola, na psicóloga, que ele por não ter contato com o pai ele teve muito problema, tanto é que ele me chamava de pai, a primeira palavra dele foi papai e foi pra mim. A gente foi ensinando que não era pai, que era tio...”* (Jorge)

Jorge também relata o contato posterior de Raul com seu sobrinho, o que segundo ele, fez seu parceiro perceber o quanto é prazeroso o contato com crianças, bem como repensar sua capacidade junto ao cuidado infantil, possibilitando-lhe vislumbrar a paternidade no futuro, o que efetivamente veio a acontecer.

As expressões de Denise quando se autodenomina “avó torta” ou do sobrinho de Jorge o chamando de pai, bem como o fato de Amanda ter realizado uma adoção, apontam para uma prévia experiência com vínculos de parentesco construídos pela via socioafetiva. Segundo Carvalho (2012) o vínculo socioafetivo é aquele:

*[...] construído na convivência familiar por atos de carinho e amor, olhares, cuidados, preocupações, responsabilidades, participações diárias. Investe-se no papel de mãe ou pai aquele que pretende, intimamente, sê-lo e age como tal: troca as fraldas, esquentar a mamadeira, dá-lhe de comer, brinca, joga bola com a criança, ensina andar de bicicleta, leva-a para a escola e para passear, cuida da lição, ensina, orienta, protege, preocupa-se quando ela está*

doente, leva ao médico, contribui para sua formação e identidade pessoal e social. Daí o instituto da posse de estado de filho, como instrumento adequado para a caracterização da filiação socioafetiva, revelando o aspecto social e afetivo da filiação germinado na convivência familiar (p.107).

Aqui vemos que muitas vezes a figura de cuidado junto à criança, independentemente do fato de tê-la gerado, vem representar a função de mãe e pai apontando concomitantemente para o fato de que “[...] ser filho é algo mais que ser geneticamente herdeiro de seu genitor, portanto a figura paterna pode não ter contribuído biologicamente para o nascimento daquele que é seu filho, porém possibilitou que o vínculo fosse construído sobre outras bases, que não genéticas” (ALMEIDA, 2003, p.179).

### **3) A parentalidade pela via da adoção**

Em várias falas de noss@s participantes podemos vislumbrar algumas concepções sobre a adoção. Uma delas é a apresentada por Amanda, a qual considera que a adoção pode ser entendida como um “modismo”:

*“Todas minhas amigas de (estado natal de Amanda localizado no nordeste do país). Eu tenho umas quinze. Todas elas adotaram agora! Todas! Todas! Eu tenho uma que é o. (profissão) e ela falou assim, só eu que não adotei ainda, eu falei assim, até brinquei, porque o (estado natal de Amanda localizado no nordeste do país) é muito modista! Aliás o nordeste né? Se você passar na televisão uma pessoa com um cacho de banana na cabeça, lá todo mundo vai por porque é moda. O nordeste em si ele é modista. Então, vocês têm consciência do que vocês estão fazendo ou é porque fulana adotou que você também quer adotar? Né?”*

Sobre isto, Bittencourt (2008) afirma que a “Adoção bem sucedida é a que nasce da vontade de dar afeto. Motivações de outras ordens podem ser desastrosas: modismo, vaidade e filantropia não são compatíveis com este encontro de almas” (p.11).

A mídia é reconhecidamente um forte meio de disseminação de ideias e formadora de opinião, em nosso país muitas novelas, já abordaram o tema da adoção em suas tramas, recentemente tivemos uma ampla discussão realizada por grupos de apoio à adoção representados pela ANGAAD (Associação Nacional dos Grupos de Apoio à Adoção) em relação à propagação de preconceitos e estigmas relativos à adoção na novela “*Fina*

*Estampa*<sup>10</sup> da Rede Globo de televisão. Como resposta, a emissora realizou uma campanha pró-adoção usando a protagonista do referido folhetim como porta-voz para o incentivo dessa prática.

Também é bastante veiculado hoje na mídia casos de celebridades, tanto em âmbito nacional como internacional, que realizam a adoção de crianças. No entanto, como nos faz pensar algumas falas de nossos participantes, necessitamos de maiores contribuições da mídia no sentido de ampliar a transmissão de informações sobre o assunto. Jorge aponta em suas falas, por exemplo, a necessidade de maior veiculação de esclarecimentos sobre a possibilidade de adoção para solteir@s:

*“Na TV ainda não saía esses assuntos ainda, aí eu falei: como vou adotar uma criança? [...] Aí tinha uma cliente minha que trabalhava num fórum da região, e tinha adotado uma menininha, e ela adotou a menina já grandinha, e eu falei pra ela, nossa eu tenho tanta vontade de adotar, ela falou, então por que você não adota? E eu expliquei pra ela... E ela falou: não! Mas você pode adotar como solteiro! [...] ela falou, sua cunhada não precisa adotar com você, aí eu pensei: nossa! então tem essa possibilidade!”*

O depoimento de noss@s participantes aponta também que o conhecimento sobre a prática de adoção bem como as primeiras considerações sobre a possibilidade desta deu-se no âmbito familiar:

*“[...] o meu pai queria até adotar uma criança, eu devia ter uns nove, dez anos de idade, ele sempre gostou de criança, e, mas, aí acabou não dando certo lá, mas aí eu sempre tive essa vontade.”* (Jorge)

Neste sentido também temos a experiência de Denise com irmãs que realizaram a parentalidade pela via da adoção, bem como Amanda que nos relata:

*“E assim adoção na minha família tem muito, meu pai adotou 13 né?”*

Em alguns momentos da entrevista noss@s participantes reproduzem falas que apresentam suas concepções sobre a parentalidade ainda atreladas apenas ao biológico, ao ato de gerar uma criança:

*“[...] como elas não querem nem saber de ter filhos mesmo, elas preferiram adotar.”*  
(Amanda)

---

<sup>10</sup> *Fina Estampa* foi uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo, de 22 de agosto de 2011 a 23 de março de 2012, em 185 capítulos.

*“É óbvio que eu parei pra pensar: nossa eu não posso ser mãe? Mas acho que isso veio somado ao fato de minhas irmãs não poderem ser mães... Então isso pra mim, talvez se fosse só eu não ter a possibilidade da maternidade isoladamente das minhas irmãs talvez não fosse tranquilo [...]” (Denise)*

*“[...] eu liguei pra ele, aí ele falou não, ele me contou que tem três ou quatro filhos que são de lá, que não é natural, que não é dele, que não é filho biológico” (Jorge)*

As falas “filhos mesmo”, “filhos [...] que não é dele”, apresentando a ideia de que filhos por adoção talvez não possam ser tão filhos quanto os biológicos, e “não poder ser mãe”, excluindo a possibilidade da maternidade pela via da adoção, indicam um possível atravessamento da matriz bioparental, afirmando a legitimidade do fator biológico enquanto definidor das relações familiares. Aqui vemos a incidência deste atravessamento também em famílias que se constituíram para além dos laços biológicos. Ou seja, ainda quando se fala em família, a primeira representação parece ser a da família geneticamente constituída.

A esse respeito, Bittencourt que é pai pela via da adoção e também pela via biológica, nos relata:

Falar sobre a adoção em família e sociedade é essencial para se vencer a ideia de que a filiação biológica é superior à adotiva. Esta impressão é sub-repticiamente lançada por expressões comuns e aparentemente inofensivas. “Quantos filhos são seus mesmo? Este é seu filho mesmo ou adotado? Este é o que você está criando?” Sei que as pessoas não fazem por mal, mas exteriorizam uma visão preconceituosa da adoção quando agem assim. Todos os filhos são nossos, em afeto, em amor, em construção de nossa biografia em conjunto. Todos os filhos biológicos ou adotivos, são criados por nós. Nosso cuidado, exercido no dia a dia, é que nos legitima como pais (2008, p.27).

Outra concepção sobre a parentalidade apresentada, também neste sentido, é que esta só seria possível dentro de um casamento:

*“A minha preocupação era realmente: ‘Putz’! Eu não vou casar! Como é que vou ter filhos?” (Jorge)*

Aqui, outro atravessamento perceptível é o da heteronormatividade contribuindo junto à matriz bioparental para determinar subjetivamente, quem pode ser pai/mãe e quem não o pode.

#### **4) A parentalidade pela via biológica**

Algumas falas de noss@s participantes revelam concepções sobre a parentalidade concretizada pela via biológica, tais quais:

*“[...] e aí eu comecei a ter pavor nesse tempo. A gestação já não era um desejo, ela passou a ser um medo. Lá em casa pra qualquer uma de nós ainda hoje se você ligar pra família pra falar: olha tô grávida, qualquer uma das cinco, a gente vai ter mais medo do que alegria, porque ficou assim, a (nome da irmã de Denise) quase morreu, porque ela tinha infecções depois desses abortos, ela foi pra U.T.I. sangrava horrores e chocava de tanto que sangrava...” (Denise)*

Aqui vemos o depoimento de Denise que, por sua história pessoal, hoje compreende a possibilidade da filiação biológica carregada de aspectos negativos, o que a leva a não apresentar nenhum desejo de maternidade biológica, atual ou futuro.

*“E aí quando, no casamento com o (nome ex-marido) veio esse desejo, (por uma filiação biológica) esse desejo foi importante, mas não foi fundamental né? Então quando eu me vi com essa dificuldade, eu falei pro (nome ex-marido) olha não vamos gastar dinheiro com inseminação, não vamos fazer isso, não vamos... É eu acho que o dinheiro que se investe com isso a gente adota uma criança e a gente consegue prover pra ela aí um ou dois anos de uma bela educação, de uma condição de vida e depois é por nós mesmos, então né, porque né?... Vai ser filho da mesma forma...” (Denise)*

Denise também nos fala que inicialmente apresentou o desejo de engravidar, e após tentativas frustradas, somadas àquelas vividas por suas irmãs, passou a considerar a possibilidade de adoção, vendo-a com equidade em relação à realização da parentalidade pela via biológica, mesmo, na época, não recebendo o apoio do marido.

Amanda também apresenta a possibilidade de compreensão da filiação adotiva equiparada à filiação biológica, quando nos fala de Angélica e quando conta que já foi cuidadora de uma criança:

*“[...] G. (apelido de Angélica) pra mim não é adotada, pra mim ela já nasceu da gente mesmo entendeu? Não tem esse negócio de achar que...”*

*“Mas a menina me chamava de mãe, até parecia comigo, todo mundo falava, é sua filha mesmo! Me chamava de mãe era um amor muito grande [...]”*

Jorge ao ser questionado sobre a vontade de realizar a parentalidade pela via biológica reafirma a força dos laços de afeto:

*“Não nunca tive isso! Tanto é que meus sobrinhos gostavam mais de mim do que dos pais deles!”*

Entretanto, se em muitos momentos observamos que noss@s participantes apresentam a valorização dos vínculos afetivos e da adoção vista em equiparação à filiação biológica, em outros pudemos perceber falas que apontam um atravessamento da matriz bioparental, uma vez que suas práticas e crenças, ainda encontram-se respaldadas em modos de subjetivação que priorizam o discurso biológico.

Amanda nos relata que já chegou a pensar em realizar uma inseminação artificial, contando com a ajuda de um amigo homoafetivo, que já é pai pela via da adoção:

*“Se eu posso, se eu tenho essa facilidade de ter, eu quero um filho meu mesmo, sabe? Eu fico imaginando como será um filho meu, uma filha sabe? Então eu quero deixar essa garra do que já passei na minha vida, do que eu já passei pra ele sabe?”*

Também Jorge, mesmo se colocando a favor da adoção, em meio a seu discurso exibe uma fala que sugere que uma filiação pela via da adoção pode não equivaler à biológica:

*“Eu não me preocupava com isso, eu não me preocupava com vínculo biológico, isso nunca me preocupou, porque **sendo seu ou não**, o que vai definir é o amor e o carinho que você vai dar, a educação que você vai dar, isso na minha cabeça foi bem resolvido...”* (grifo nosso)

Nesta categoria temática constatamos que, por vezes, @s participantes apresentam falas em que tanto a parentalidade estabelecida pela via da adoção quanto aquela realizada pelos meios biológicos podem ser vistas em equidade, porém em outros momentos percebemos um atravessamento da matriz bioparental reforçando o fator biológico enquanto legitimador das relações de parentalidade. Assim notamos uma ambivalência permeando este assunto.

### 5) *Que filh@ desejavam?*

Em noss@s participantes do estudo podemos observar uma flexibilidade em relação às exigências de características requeridas na ficha de cadastro para a adoção, estando em concordância com o apontado por Silva Júnior (2008):

A partilha e a divulgação das experiências de paternidade/maternidade de solteiros e de casais homossexuais, por adoção (no Brasil, em especial, após a década de 90 do século XX), apontam para o fato de os adotantes não terem demonstrado predileções especiais ou exigências específicas – comumente observadas nos pleitos de casais heterossexuais. Ao que tudo indica, pelo fato de terem sofrido preconceito com base em suas orientações sexuais ao longo das suas vidas, estes pais e mães procuram, justamente, quebrar estereótipos e

desfazer estigmas que pesam sobre os menores em situação de abandono (p.169).

Denise afirma:

*“[...] eu nunca quis caracterizar muito a criança, eu sempre quis a criança um pouco mais velha... [...] eu já queria uma criança até cinco anos, e o (nome ex-marido) não, ele queria bebê de até um ano, ele queria bebê, bebê mesmo, de meses.”*

Aqui, em contraste com a flexibilidade de Denise, vemos uma característica comumente apresentada por pessoas que pleiteiam uma adoção, o desejo por bebês. Seu ex-marido, que aqui chamamos de Saulo, também buscava uma criança branca, o que vai ao encontro dos dados apresentados por Weber (2000), o qual constata que no momento da adoção, os pretendentes geralmente têm preferência por bebês recém-nascidos, de peles claras e saudáveis. Tal fato revela a produção social de desejos individuais mobilizados por inúmeros estigmas ligados à adoção que trataremos ao longo destas análises.

Amanda apesar de considerar a possibilidade de engravidar futuramente não descarta a vontade de realizar uma adoção, ela deseja uma criança mais velha, não se atentando para outras características para est@ filh@.

Jorge em relação às exigências na situação de adoção nos fala:

*“Eu até pegaria mais velho, [...] não teria problema não, eu não fiz uma exigência que fosse recém-nascido, bom, se fosse eu iria gostar muito, mas não necessariamente. Eu aceitava criança, moreno, pardo, não teria problema [...] Chamaram eu pra adotar uma criança no Paraná com nove anos, era um menino tal, eu aí já não quis, eu achei muito a idade dele, e o Raul falou... Ah, nove anos é muita coisa pra gente... Se a gente não tivesse tido o Lucas agora a gente até podia pegar... Ia ser muito legal, porque eu tive convivência com o V. com o A. (sobrinhos), eu sei o histórico da criança lá, era uma criança tadinha... Ela estava tendo problemas aparentemente psicológicos né?”*

Raul e Jorge após já serem pais de Lucas, preferiram não adotar um menino de nove anos, continuando cadastrados em busca de outra criança para a adoção. Jorge nos aponta que este menino apresentava um histórico de sofrimento psíquico. Isto nos remete ao dado de que muitos pretendentes buscam a adoção de uma criança recém-nascida, como foi o caso de Glória, procurando amenizar o “trauma do primeiro abandono”, ou seja, marcas de rejeição e abandono promovidos pelos genitores. A adoção de bebês, também promove a oportunidade de vivenciar os primeiros cuidados e experiências com os filhos, estando mais próxima de uma relação existente quando se trata de uma filiação biológica (CAMARGO, 2005).

Em sua segunda tentativa de adoção, que resultou na chegada de Angélica, Denise, podendo sozinha preencher a ficha de cadastro, apontou:

*“Minhas exigências foram muito pequenas: Eu aceitava dois irmãos, até 8 anos independente de cor [...] podiam ser dois meninos, duas meninas, um casal, tanto fazia, tanto fazia a cor, eu aceitava todos problemas de saúde. Embora não tenha AIDS, eu aceitava crianças com HIV positivo. [...]Pra mim de todo o processo, pra mim o pior foi a caracterização da criança! [...]Então, eu sabia que naquele momento eu sentia que eu dava conta de ter uma filha ou um filho com Síndrome de Down, que pra mim não fazia questão se a criança tivesse HIV, se ficar fazendo controles e dando coquetéis e tratando e cuidando... Eu acho até que eu ia conseguir ajudar a criança a vencer o preconceito social depois. [...]Então assim... É... Eu não queria, falei assim, eu não estou numa prateleira, sabe assim? Escolher uma embalagem mais perfeita... Eu queria me sentir mãe [...].”*

Aqui vemos um posicionamento de Denise que vai ao encontro da atual consideração sobre a adoção, que é a de possibilitar que crianças sejam cuidadas e amadas, e não apenas de ser levar em conta o desejo d@s requerentes. Assim um apontamento necessário em relação aos formulários do Cadastro Nacional de Adoção, dá-se no momento em que estes ainda vêm a enfatizar os desejos d@s adotantes, em que a criança é vista como um ser que deve suprir tais expectativas. Neste sentido, é importante lembrar-nos que muitas vezes:

Diante de razões vinculadas a certas particularidades, crianças e jovens, mesmo declarados pela autoridade judiciária como abandonados, não conseguem ser inseridos em famílias adotivas. São sujeitos que são discriminados em razão de não atenderem aos modelos estéticos, culturais e econômicos produzidos por uma estrutura social e antagônica (SILVEIRA, 2005, p.31).

O relato de Denise nos aponta o estranhamento causado naqueles que atuam cotidianamente junto @s adotantes face à sua disponibilidade em adoção, acabando por denunciar que não é comum @s requerentes apresentarem tamanha flexibilidade em suas expectativas para filh@s:

*“Eu fui habilitada [...] eles me chamaram lá no Fórum porque eles queriam se certificar de eu adotava criança com deficiência mesmo. Assim, eles achavam absurdo eu aceitar tanta coisa sabe? Todo mundo queria conversar comigo! Até a juíza! Aí nesse dia [...] a juíza me chamou no Fórum: Você aceita mesmo? Eu falei: eu aceito! Porque o que você coloca aqui a gente tem muitas crianças na nossa Comarca! Você não vai esperar quase nada...”*

Esta “facilidade” encontrada por Denise nos remete ao descrito por Uziel (2007) como “adoção *step*”, também chamada de “adoção de segunda categoria”, na qual os profissionais

não apresentam restrições à adoção por homoafetiv@s nos casos em que crianças tenham problemas de saúde, idade elevada, ou quaisquer outras características que inviabilizem ou, no mínimo, dificultem a inserção destas em uma família heterossexual tradicional.

### **6) Genitores e prévio sofrimento da criança**

Esta categoria temática aborda as falas que enfocam @s genitores, bem como sofrimentos apontados na convivência das crianças com el@s. Estas falas foram recorrentes e muito detalhadas por noss@s entrevistad@s, compondo-se em um dos momentos em que noss@s participantes mais se emocionaram.

Denise, ao nos contar sobre Angélica, relata:

*“[...] quando a assistente social me ligou pra falar que tinha uma menininha de 2 anos e 10 meses, que tava num Fórum, que tinha nascido com 600 gramas, de 24 semanas de gestação, e que era uma batalhadora! Porque ela nasceu, ficou em ventilação mecânica... A genitora dela era usuária de crack, então aí vem toda a coisa cruel da história né? [...] Não, a C. que é o nome da genitora dela, a C. por ser usuária de crack moradora de área de invasão no centro da cidade, nem documento ela tinha, ela foi levada pela polícia na Santa Casa, chegou em trabalho de parto né? Deu à luz, provavelmente o trabalho de parto dela foi muito complicado, ela usava muita droga, e a Angélica nasceu foi direto pra U.T.I. ela nunca viu a Angélica e a hora que ela recobrou depois do parto dela, foi parto normal, ela fugiu da Santa Casa.[...] Foi solicitado pra ela ir na Santa Casa ela disse que não iria, que já tinha outras crianças e que a família tava cuidando e que ela não sabia o destino das crianças, que umas tinham ido pra adoção, que umas estavam com a família, e que ela não tinha intenção de ir na Santa Casa e ela nunca foi mesmo! [...] A história dela é triste assim... Eu fiquei quatro horas no Fórum lendo um dossiê que parecia a Barsa completa [...] E aí eles contaram pra mim que três casais já tinham dito não...(sobre adotar Angélica) [...] Que pena que a Angélica foi gestada com crack, que pena... Sabe? Que pena que ela nasceu com 600 gramas, que pena que ela sofreu pra vir ao mundo, que pena que ela ficou respirando por aparelho, que pena que ela tem muitas manchas pelo corpo e ela pode ser uma adolescente com dificuldade de se aceitar, que ela tem manchas que ela nunca vai perder da gestação com crack, então assim, têm coisas que eu não vou tirar dela, eu espero dar sustentação a ela, pra que ela encare numa boa, pra que ela sofra o menos possível. [...] É, então, eu quero dar assim uma sustentação pra ela, eu quero! [...] eu quero que ela seja mimada acima de qualquer coisa, quero que ela tenha a melhor autoestima possível. Que essa ferida original que ela tem, não seja um bloqueio, não seja algo que vá prejudicar o desenvolvimento dela, sabe? Então eu vou provocativamente falando, vamos vibrar pra C. filha? Que foi a pessoa que te trouxe na barriga pra mamãe, não sei o que, não sei o que lá... [...] Porque se não fosse ela você não tava aqui comigo agora! Eu não seria sua mamãe e você não seria minha filha! A gente tem que mandar todas as estrelinhas do mundo pra que ela fique bem! [...] Daí eu falei não, lembra a C. que a gente manda estrelinha pra ela? Você nasceu da barriga da C. Daí ela começou, e ela mãe? Como é que está ela? Menina! Ela me fez umas quinze perguntas, onde ela tava, com quem ela mora, aonde ela vai, se eu conheço, se ela trabalha, se ela estuda... Tudo que eu acho que ela podia perguntar ela perguntou. Eu dei todas as*

*respostas que eu achei que eu podia dar pra ela. Eu falei pra ela que eu não sabia. Eu falei pra ela, você lembra que eu te conheci na (nome da instituição de acolhimento), você lembra que foi o Fórum que aproximou a gente? Eu não sei quem é a C., eu não sei se ela trabalha, tudo que eu podia eu respondi, sempre fazendo o link do que de fato aconteceu com a gente. Né?*

Amanda também atribuiu à Angélica um passado de sofrimento:

*“E tanto que quando eu vejo foto dela pequena... Eu penso, queria ter ido já lá ter pegado ela pequenininha, ela deve ter sofrido [...]”*

Sobre a genitora de Lucca, Jorge nos comunica:

*“Aí surgiu uma possibilidade de uma criança em A. (cidade natal de Jorge), a moça engravidou e ela não cuidava, e eu ficava revoltado com isso! Como é que pode? [...] E eu achava um absurdo! Me revoltava ver uma coisa dessa! E ela engravidou de novo, o menino dela tava com um ano e pouco e ela engravidou e ela falou que ia dar. [...] Ela morava com um rapaz, ela tinha tido três filhos, as duas meninas cada uma de um pai diferente... [...] Aí a criança nasceu. Ela mandou me avisar que ela estava no hospital, ela não comentou no hospital, porque se ela tivesse comentado já tinha ficado lá, ela não comentou no hospital, eu dei um tempo pra ela pensar! Ela teve alta, eu fui lá ver o menino, eu comecei, eu levei coisas pra ele, eu levava até remédio para o outro moleque, o moleque vivia doente, e aquilo me comovia, ver aquele menino doente e ela não fazer nada!”*

Em relação à genitora de Lucas, Jorge não tinha muitas informações, quando nos relata sobre a situação em que esteve com ela, após esta ter desejado voltar atrás em sua decisão de dispor a criança para a adoção, ele nos fala:

*“Ela olhava muito pra mim, ela olhava muito, ficou olhando muito pra mim, aí ela acabou assinando tudo, aí veio a parte do depoimento meu, o juiz me ouviu a promotora me ouviu, aí ele perguntou se ela tinha algum questionamento pra mim, alguma pergunta, aí ela falou não, pra mim, tá tudo tranquilo, não vejo problema nenhum.”*

Jorge também nos relata outros casos de genitoras comunicando os sofrimentos a que as crianças disponíveis para a adoção viveram antes desse processo. A esse respeito somos informados de que: “As famílias cujos filhos são entregues para a adoção são representadas, em sua maioria, por mulheres: mães abandonadas pelo companheiro, mães adolescentes, mães solteiras, mães desaparecidas” (SILVEIRA, 2005, p.88). Os relatos de noss@s participantes confluem com este dado, não sendo apontadas informações sobre os genitores homens.

Uma observação necessária a ser feita aqui, portanto, se dá no sentido de considerar o quanto a figura da mulher que gesta um bebê é revestida socialmente daquilo que a filósofa Elisabeth Badinter (1985) investigou em livro homônimo: “*O mito do amor materno*”.

Aquelas mulheres que entregam crianças/adolescentes para a adoção tendem a ser discriminadas pela sociedade que, apoiada nesse mito espera que as genitoras amem, criem e cuidem incondicionalmente de seus rebentos.

Enquanto a ideologia da maternidade nascida na sociedade burguesa patriarcal e presente até os dias atuais se perpetuar, pensando a faculdade de ser mãe como algo intrínseco e natural à mulher, haverá a propagação de preconceitos em relação a essas genitoras. Tais preconceitos, atingem até mesmo o judiciário, no qual nos processos de destituição do poder familiar, a genitora é tratada como ré (MOTTA, 2005).

Mesmo em se tratando de relatos que podem conter histórico de sofrimento, cremos que “Os futuros pais adotivos devem ter acesso à história da criança e aos dados referentes à sua identidade para, no momento oportuno, transmitirem-nos aos filhos.” (BECKER, 2004, p.73). E ainda, como relembra Weber (2000), “poucos filhos têm desejo real de conhecer sua família biológica, mas a maioria absoluta quer encontrar sua identidade passada, conhecer suas raízes. As fantasias podem ser mais danosas que a cruel realidade” (p. 26).

O pensamento que uma criança adotada terá problemas psicológicos, ou dificuldades, por ter sofrido um “abandono”, e/ou por ter sido privada do “amor materno” no início de sua vida, não leva em consideração que um novo ambiente propício para o desenvolvimento desta criança seja capaz de superar esse “trauma” inicial sofrido e ao contrário do que desejam os pais, podem trazer mais sofrimento a esta criança, uma vez que:

A criança entregue em adoção parece receber duplo estigma: um quando é “entregue” ou, como dizem, abandonada, outro quando é salva de sua condição de desfavorecida e deficiente que, no entanto, pode marcá-la e identificá-la por toda a vida. Esta criança será sempre o adotado, alguém diferente que foi salvo de um destino terrível. Alguém que, mesmo tendo sido “salvo”, será sempre diferente ou deficiente se comparado aos demais. É esta perspectiva que tenderá a remeter o adotado a uma visão que o prejudica e o estigmatiza (MOTTA, 2005, p.173).

Neste sentido, é importante frisarmos que mediante a adoção, possibilitando a garantia de direitos das crianças e adolescentes, as genitoras puderam realizar algo previsto em lei em benefício daquele a quem concebeu como afirma Gueiros (2007):

Por exemplo, ao entregar um filho para adoção ou ao solicitar seu abrigo, a mãe (ou os pais) pode estar expressando o seu amor e a sua preocupação em protegê-lo de situações que ela (ou eles) considera (m) de muita vulnerabilidade para a criança (p.224).

De tal modo que a entrega é uma opção importante, como vimos nos casos apresentados por noss@s participantes em que essas genitoras não apresentavam capacidade de cuidado, de condição material e afetiva para com essas crianças.

### 7) *Tornar-se mãe/pai*

Nesta categoria temática contemplamos o discurso de noss@s participantes nos relatando a experiência de tornarem-se mães e pais, levando nosso olhar à procura do que permitiria aos indivíduos a construção e a legitimação no nível subjetivo desse vínculo parental: seria um documento, uma decisão judicial, a convivência cotidiana, os laços biológicos ou os afetivos?

Ao buscarmos essas informações, vemos que el@s nos contam que a vinculação com seus/suas filh@s foi imediata, correspondendo ao momento em @s conheceram, sendo este carregado de muita emoção.

*“É como se meu coração tivesse parado de bater. A única coisa que eu queria era ir lá e conhecer a Angélica, mas eu não sabia definir, aliás, eu ainda não sei definir o que eu sentia, era medo e alegria, com mesmo medo, mesma alegria, na mesma intensidade, na mesma proporção, então assim, igualzinho os dois, e aí quando eu cheguei no Fórum uma sensação de anestesia, eu aí com o processo e elas perguntando e eu não vou recusar... Eu pensava pra mim né, eu não vou recusar, eu não vou recusar por papel, eu quero ver! Quero ver a Angélica, aí eu fui zunindo lá pro abrigo. [...]É uma dúvida que todo mundo tem, vai bater sininho? Não vai bater sininho? O que você vai sentir? ...né? E aí eu acho que é meio... Não dá pra comparar porque os amores são diferentes, mas é quando você bate o olho em alguém e você se apaixona a primeira vista, num namoro... [...]e aí nessa hora quando eu fui para o abrigo, eu fui o tempo todo preocupada se eu ia ser chamada de mãe... Meu desejo era muito grande né? ... De ser chamada de mãe. [...]E aí quando eu cheguei lá no abrigo, chamaram a Angélica [...]Me chamou de mãe, sábado lá no abrigo, eu a conheci na sexta, sábado ela me chamou de mãe, porque eu peguei o telefone pra mostrar foto da família toda pra ela né? Aqui é vovó, aqui é tia Amanda, aqui é a pequena, que é minha irmã caçula que eu chamo de pequena, aqui é fulano, ciclano, aqui são meus gatinhos... E aí uma educadora passou por nós e falou, G. (apelido de Angélica) o que você está fazendo? To vendo fotos! É? Me mostra? Olha, mamãe e G.[...] nosso vínculo foi imediato, nosso afeto foi imediato! Sabe assim?[...]” (Denise)*

*“E eu olhei pra cara dele e eu já tive a certeza que ele era meu! Aquilo lá, não sei porque mas, veio aquela emoção muito forte né? E... Ela falou assim, eu lembro até hoje, pega seu filho no colo né? Peguei o menino no colo e era uma felicidade muito grande! O Raul então... Não se cabia né?” (Jorge)*

No caso de Jorge, talvez pelo histórico de sua tentativa frustrada de adoção, o sentimento de efetivamente se tornar pai só se concretizou após a realização da certidão de nascimento constando seu nome. Infelizmente não sendo possível ainda nessa oportunidade contar com o nome de Raul no documento:

*“Até o escrivão me chamou lá e falou pra mim, fica tranquilo! Já deu certo! E eu falei: olha, eu só acredito na hora em que eu estiver com a certidão de nascimento na mão! Tanto é que eu nem falei pra ninguém aqui, o que tinha dado! Eu falei, não, não saiu nada aqui ainda... E eles ficavam querendo notícia, querendo notícia e eu quieto e o Raul quieto.”*

Na realização da adoção de Glória, ao receber o telefonema da assistente social responsável pelos cuidados à menina, a própria amiga de Jorge já o nomeava pai:

*“Jorge! Nasceu! Sua filha nasceu! É menina, nasceu essa madrugada [...]”*

Buscando compreender como se dá o processo de tornar-se mãe e de tornar-se pai refletimos agora sobre o fato de que nos casos em que uma mulher gesta a criança, a figura d@ médic@ no momento do parto a autoriza como mãe daquel@ recém-nascid@, e comparativamente, um homem como pai de uma criança após comprovação por um exame de DNA. Ao passo que, nas situações de adoção, temos a fala d@ juiz/juíza que autoriza legalmente uma mulher ou um homem a tornar-se mãe ou pai. Apesar desta equivalência simbólica, porém, observamos que em ambos os casos se faz necessário um processo de subjetivação no qual o próprio indivíduo venha a se perceber, de fato, mãe e pai.

Segundo os depoimentos de noss@s participantes, vemos que este processo, para el@s, deu-se no mesmo momento em que conheceram seus/suas filh@s. Assim, no caso de Denise sendo marcada pela nomeação de “mãe” por sua filha e no de Jorge a partir da emissão da certidão de nascimento. Vemos também que as falas sobre a vinculação adotiva em noss@s participantes acompanham uma perspectiva mística, em que a criação dos laços afetivos parece não se construir nas práticas cotidianas, excluindo as contradições, que na realidade marcam esse processo.

### **8) Expectativas frustradas de adoção**

Anteriormente à adoção de seus/suas filh@s, noss@s participantes do estudo passaram por experiências pelas quais a expectativa da realização de adoção foi frustrada. Denise, ao nos relatar esta situação vivida, chega a metaforizar essa vivência como um aborto. Jorge

detalha como aconteceu este processo com ele e Raul quando tentaram adotar Lucca sem passar pelos trâmites legais:

*“Aí na mesma semana veio isso, a moça veio atrás, até o advogado falou: olha você não é obrigado a entregar agora, porque já passou das seis da tarde, pode entregar na segunda [...] E aí a gente foi pro Fórum, arrumei as coisinhas dele, a malinha dele, até o nome dele eu dei, o nome de Lucca que era o nome do meu bisavô [...] Levamos, fomos pro Fórum, e aí veio a conselheira tutelar, o A. (sobrinho de Jorge) começou a conversar com ela, e falou nossa mas que estranho, ela deu o menino pra ele, ela assinou o papel! Ela falou: ela assinou papel? Porque ela tá contando uma outra história! Ai eu falei então ela tá mentindo! [...] Aí o Raul conversou com ela [...] Nossa! Eu fiquei arrasado, fiquei desolado, na segunda feira eu fui falar com o promotor da vara da infância, fui falar com o juiz, o promotor me aconselhou a desistir, falou: olha desiste, é a melhor coisa que você tem a fazer, você já está inscrito no Fórum, faz todo estudo psicossocial, se habilita na adoção que é a melhor coisa que você tem a fazer, que é uma coisa concreta... [...] aí eu tava muito arrasado com essa história aí do menino [...] Nossa! com berço, com quarto montado! Eu gastei acho que uns cinco mil reais só pra refazer o quarto né? Não era pelo dinheiro...”*

As adoções ilegais em nosso país representam, para alguns, ainda uma possibilidade de tornarem-se mães e pais (MALDONADO, 2001). Porém, em acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 48 (BRASIL, 1990), apenas as adoções realizadas pelas vias judiciárias apresentam caráter de irrevogabilidade. Denise nos relata que, ao contrário de Jorge, sempre procurou o Poder Judiciário visando à adoção. Todavia, assim como ele, também sofreu uma frustração semelhante quando desejou ser mãe de duas irmãs:

*“Eu fiz o trâmite quadrado. Eu na verdade, sou voluntária de abrigos há muitos anos. Já tive muitas paixões por crianças, desde menorzinha, eu já fiz muitos trabalhos de festas pros abrigos, de ir brincar com as crianças, nunca foi uma atividade assim... sempre foi muito presente. [...] Fiz isso em instituições diferentes (citou nomes e lugares de instituições). Eu levava caixa de leite lá e ficava brincando com as crianças, e daí foi que eu conheci a L. e L. e daí deu tudo errado, elas foram transferidas de abrigo, aí que eu fiquei sabendo que elas tinham sido vítimas de abuso, e elas tiveram processo de adoção delas... Porque a criança tem que estar liberada pra adoção. Né?”*

Noss@s participantes da pesquisa tiveram longo tempo de espera para conseguirem conviver com seus/suas filh@s. Atualmente, isto parece ter colaborado para o fato de não nos apresentarem, em situação de entrevista, dificuldades com a inserção de seus/suas filh@s no ambiente familiar. Assim, acreditamos que uma vez que a parentalidade não foi conseguida facilmente por el@s, deixou-se pouco espaço para a problematização e consideração de eventuais adversidades neste processo.

## 9) Casamento

O casamento, enquanto ritual e formalização da união, para noss@s participantes do estudo não aparece como algo idealizado, estando mais ligado a uma necessidade do que a um desejo, como apontam as seguintes falas:

*“Duas coisas que eu nunca sonhei: casar de véu e grinalda. Nunca quis. [...] Eu queria ser feliz, eu queria estar com alguém, sendo feliz independente de casar pra isso né? Então véu e grinalda nunca foi sonho, nem gestação!” (Denise)*

*“Eu sempre quis isso, eu sempre quis fazer e ele também, o Raul sempre me cobrava, sempre me cobrou isso! [...] Por segurança! Mais por segurança, porque ele falou, se eu tiver que passar tudo para o seu nome eu passo sem problema nenhum, mas se acontece alguma coisa comigo ou com você? A gente tem que ter uma segurança, e foi aí que a gente foi atrás, e eu tenho uma amiga advogada que pegava muito no meu pé, ela falou: vocês já foram atrás disso? Já pensaram no Lucas amanhã? Como é que vai ser isso? [...] Na época não havia essa possibilidade... A gente não se preocupava com esse papel, com isso, mas tinha sim, que nem, a gente tem imóveis essas coisas, como é que fica? E amanhã ou depois? [...] É amanhã morre um ou outro e quem vai ficar com o que? [...] hoje temos a união estável já, logo que saiu eu já fiz. [...]o Lucas está só no meu nome, o juiz... Foi negado aqui a paternidade do Raul, o juiz aqui negou, por falta de... Ele fala que foi por falta de esclarecimento, de alguma outra coisa, de algum documento que comprovasse a união tal, por isso que eu fui atrás pra fazer, e daí a gente acabou fazendo, como eu vou dar entrada ( em outro processo de adoção) fora daqui novamente, então o juiz falou pra que a gente providenciasse isso.” (Jorge)*

Castañeda (2007) nos fala de um luto experimentado por pessoas que vivenciam a homoafetividade referente ao fato de não se casarem e/ou não terem filh@s. Assim, vemos que as recentes decisões legais, e talvez futuras conquistas de ampliações de direitos, colaborem neste sentido, pois, como a autora afirma:

Isso provavelmente mudará, à medida que os direitos civis dessa população se estenderem: se os homossexuais pudessem se casar e adotar crianças, se gozassem de todos os direitos que são atualmente reservados aos heterossexuais, a sensação de perda, evidentemente, não seria a mesma (p.92).

A autora aponta para a importância da garantia legal das uniões homoafetivas, porém, para noss@s participantes o que parece sobressair em muitas falas é a vontade de viver a conjugalidade independentemente da necessidade de oficialização ou de uma celebração:

*“Com pouco tempo que eu e a Amanda tava de namoro, a Amada veio morar junto... Mas casar de jeito nenhum. (Denise)*

*“[...]Jeu sinto falta de família mesmo sabe? Eu tenho a (apelido de Angélica) a Denise, eu até falei, vamos vender nossos apartamentos e comprar um maior? É isso que eu quero! 2013 já falei pra ela! Eu vou fazer! O que eu ponho o pé na frente eu vou! Eu falei pra ela: Pode dar seus ‘pitís!’ Ela falou: não, vou ver isso direitinho. (Amanda)*

Matos (2000) ao se reportar às “reinvenções do vínculo amoroso” nos aponta um entendimento sobre o casamento compreendido a partir da conjugalidade correspondendo a “[...] uma forma possível de gestão compartilhada da sexualidade e dos afetos, [...] um *locus* ou uma cena onde se situam as trocas afetivas, sexuais e cognitivas [...]” (p.163). Assim, o que podemos notar é que presentemente, de um modo geral, atingindo também noss@s participantes da pesquisa, as conjugalidades apresentam maior flexibilidade em relação a um contrato formal de casamento, no qual os pares entre si acabam por definir e estruturar seus próprios modos de viver em casal.

### **10) Preconceitos, homofobia e dificuldades encontradas**

Esta categoria temática é resultante do agrupamento de temas onde após a realização da análise do conteúdo em separado num momento inicial, verificou-se a existência de proximidade de sentido.

Segundo Weber (2000) o preconceito pode ser compreendido como:

Um conceito formado antecipadamente e sem fundamento razoável; uma opinião formada sem reflexão, sem base; é uma ideia que não leva em conta os fatos, mas o que se “diz sobre ele”. O preconceito se desenvolve a partir das influências que experiências passadas generalizadas têm sobre os indivíduos. A sociedade cria preconceitos sobre aqueles que são estigmatizados, exclui os diferentes como uma maneira de tentar garantir a sua própria normalidade (p.19).

Uma das denúncias de preconceitos sofridos apontadas por noss@s participantes refere-se à situação na qual Jorge buscou oficializar sua união com Raul:

*“Eu liguei em um cartório, e eles me disseram o seguinte: que o chefe lá do cartório, que assina assim as coisas lá né, eu não sei, ele é muito conservador, eu não sei se ele vai concordar com isso, ele não quer nem fazer. Eu já descartei de cara! [...] Mas daí liguei em outro cartório e a moça disse, olha não tem problema nenhum [...]”*

Noss@s participantes com seus depoimentos realizam uma denúncia de preconceitos vividos, na maioria das vezes advindos da homofobia. Conforme Viñuales (2002) a homofobia corresponde a um sentimento de superioridade em relação àqueles que colocam em questão os papéis de gênero por meio de discursos ou práticas. Denise, ao nos contar sua

relação com o grupo de apoio à adoção que frequenta, descreve-nos como lida com a homofobia:

*“[...] apresentei a Amanda como uma companheira, embora a adoção fosse sozinha [...] Eu já apresento de uma forma assim que se a pessoa tiver preconceito pra mim ela não vai falar que ela é preconceituosa! Eu chego apresento, falo pronto e se a pessoa for preconceituosa ela vai ser! [...] É meio trator assim mesmo, meio atropelando. E não tenho a necessidade de transformar nada disso em uma situação velada né?”*

Denise também nos relata o acontecido em uma reunião familiar:

*“[...] na festa da família, eu levei a Amanda e apresentei ela como namorada. Um dos meus primos falou assim, e o tio L.? (se referindo ao pai de Denise já falecido) O que deve tá pensando disso? Eu falei pra ele: meu pai deve estar muito feliz! Ele tá com a família dele tão unida! A filha dele tão realizada né? E aí que eu te falo, eu vou como trator e eu atropelo! O preconceito tá na caixinha de cada um!”*

Verificamos em Denise um posicionamento interessante, pois em acordo com Farias e Maia (2009):

As pesquisas têm apontado que para um bom desenvolvimento psicossocial de filhos de pais e mães homossexuais é importante que estes estejam preparados para admitir suas relações familiares e conjugais para as outras pessoas, quando isso se demonstrar necessário, caso contrário, as crianças podem pensar que há algo de errado com seus pais/mães e, desse modo, algo de errado com eles também. Os pais e mães homossexuais deveriam auxiliar seus filhos no sentido de que estes não se sintam envergonhados acerca da sexualidade, e ensinar-lhes que tanto a sexualidade quanto o gênero podem ter características diversas (p.77-78).

No entanto, Amanda apresenta maior dificuldade em lidar com a homofobia:

*“[...] você sabe né? A sociedade é muito preconceituosa [...] Eu levei a Angélica (em uma festa infantil) olha eu falei pra ela, (anfitriã da festa) o D. (versão de um nome masculino para o nome real da companheira) não vai porque ele vai fazer uma prova, mas aí eu vou levar um amigo, o V. que tem as duas crianças. [...] Eu falo assim, ela é minha filha, mas ela me chama de tia [...] eu levei na festa porque eu falei lá ela não vai ter muito contato com a Angélica, na casa dela ela ia falar: e a mamãe? E o papai? Tá entendendo?”*

Jorge, assim como Amanda, nos mostram como a homofobia interfere nos relacionamentos, fazendo com que os indivíduos sintam a necessidade de manterem no armário seu envolvimento afetivo (SEDGWICK, 1993). Ele nos conta que um antigo namorado propôs que eles paquerassem duas meninas para ter um “namoro de fachada” e poderem assim se relacionar de forma escondida.

Ainda neste sentido, Jorge relata que seu companheiro Raul se preocupou muito no momento em que demonstrou o desejo de adotar uma criança, temendo pela incompreensão social que este fato poderia suscitar:

*“Aí ele tomou um choque quando eu falei que eu queria adotar uma criança, ele falou como assim adotar uma criança? Ele se preocupou com que os outros iriam falar... [...] a preocupação dele era: como é que vão dar uma criança para dois homens?”* (Jorge sobre Raul)

Observamos que a preocupação apresentada por Raul, não se trata de um receio infundado, uma vez que, quando eles entraram em contato com um abrigo buscando a realização da adoção de seu primeiro filho ouviram o seguinte comentário da assistente social responsável pela instituição:

*“Daí eu liguei, falei lá com a mulher do abrigo, e ela falou, **eu já sei do problema de vocês**, ela falou, pode ficar tranquilo, não tem problema nenhum, vocês podem vir pra cá [...] (grifo nosso)*

Aqui podemos visualizar a homoparentalidade vista como “um problema”, mesmo que, posteriormente, na fala da profissional, possamos vislumbrar um posicionamento favorável a esta possibilidade de adoção. Viñuales (2002) atenta para o fato de que a “tolerância” à homoafetividade ainda representa uma forma de homofobia, uma vez que:

Tolerar a diferença é uma atitude que situa quem tolera em uma posição de superioridade moral. É uma relação desigual e se expressa através da ausência de interesse por conhecer e, portanto, reconhecer o outro, duas atitudes fundamentais para o pacto social entre iguais (p. 104).

Jorge relata ainda sentir discriminação, também em outros momentos, advinda de profissionais que trabalham com a adoção:

*“Eu tirei cópia do processo, que aquela época não tinha entrado o cadastro nacional ainda, tirei cópia do processo e mandei pra vários lugares, mandei para um juiz em B. (nome de cidade) mandei pro Paraná, para o Paraná mandei para umas quatro ou cinco cidades, fiz vários contatos, mandei pra Santa Catarina, foi pra Minas, pro Mato Grosso, e aí fui distribuindo o processo... [...] em alguns lugares eu senti uma certa discriminação, porque no processo tava ali o Raul junto, ali tava, era categórico, era evidente que eu mantinha um relacionamento, então eu vi que algumas pessoas não via com bons olhos.”*

Denise nos apresenta uma reflexão que assinala o que pensa sobre as recentes conquistas de direitos que atinge o público homoafetivo, sobre a necessidade de mudanças

visando à atenuação de discriminações, bem como, da existência de uma homofobia internalizada:

*“Eu acho triste que precise existir essa luta, podia ter sido uma coisa tão mais natural, mas é óbvio que são ganhos, são ganhos! A questão dos documentos... O direito a documentos... Agora é que se você tem um caso de adoção em família a justiça manda nominar mãe-mãe, pai-pai, só que assim, você não tem os RGs os CPFs, os documentos ainda não são preparados... Na escola da Angélica mesmo! Vem a matrícula lá pra eu preencher, nome do pai. Eu boto um “riscão” em cima! Sabe assim? Eu acho que tem que ser nome da família! Eu já falei pra escola dela! [...] Tem que ser assim, casal um, casal dois, sei lá qualquer forma! Não tem que ter o artigo “o” “a”. E eu acho que ótimo que estão começando a abrir as mentes né? Pra mim não tanto (sobre importância dada a conquista da possibilidade legal de união homoafetiva) eu acho bom pra Angélica, pra que ela cresça numa sociedade mais acolhedora, pra que ela cresça sem comparações... Porque pra mim, eu to com 42 anos! Meu auto preconceito eu acho que ele foi, ele foi grande, grande por uma falta de maturidade, mas foi muito bom. Eu não escreveria uma vida diferente pra mim do que uma vida que eu vivi, eu não escreveria não. Cada etapa, cada pessoa que fez parte da minha vida foi muito legal, foi.”*

Denise relata não sentir discriminação por parte da escola de Angélica, por exemplo, quando nos fala que a instituição particular de ensino em que a filha está matriculada consegue lidar adequadamente com datas comemorativas como o “dia dos pais”, substituindo a comemoração por “dia da família”.

Em nosso estudo, no momento de seleção de nossa amostra, não foi possível levarmos em conta marcadores sociais de diferença tais como: classe social, geração, raça/etnia, etc. Porém, não ignoramos o fato de que noss@s participantes são pessoas brancas com um nível aquisitivo e de escolaridade alto, possibilitando a est@s maior aceitação social.

Uma dificuldade encontrada por Jorge e Raul em seu cotidiano de pais refere-se à ideia preconcebida socialmente de que apenas uma mulher é vista como a cuidadora adequada de uma criança, especialmente em se tratando de bebês:

*“[...] os restaurantes que eu vou em A. (bairro da cidade de São Paulo) tem que trocar né? (sobre a troca de fraldas) E todo trocador é em banheiro feminino! Como que vai fazer né? [...] Eu falo lá com a chefe dos garçons, e ela fala olha não tem problema nenhum, a gente fecha o banheiro, a gente avisa, se tiver mulher lá dentro você espera sair... [...] Ela até chegou a falar, se você quiser eu troco pra vocês! [...] Eu falei não! Quem vai trocar é eu ou o Raul!”*

Conforme Mourão (2011):

Certamente existem razões que nós conhecemos: razões histórico-sociais, culturais e psíquicas em jogo para tantos receios e para que ainda se associe a ideia de que se precisa ter uma mulher em uma função materna e um homem em uma função paterna (p.121).

Percebemos aqui quão forte são essas representações sobre as funções familiares atribuídas aos gêneros, onde mesmo em uma cidade cosmopolita e do porte de São Paulo encontra-se o despreparo para receber as demandas das atuais configurações familiares.

Jorge ressalta que muitas vezes tem que contar com a “colaboração” de funcionários dos estabelecimentos para conseguir realizar os cuidados de higiene em seus filhos:

*“Eu fui em um (referência ao estabelecimento comercial), e lá é muito grande, e a moça falou assim pra mim, eu falei, olha eu vou precisar levar o neném no fraldário e ele é no banheiro feminino! Ela falou assim, olha não tem problema nenhum, vamos lá, vocês entram e eu fico lá com vocês, não vai ter problema nenhum, sabe... Pessoas dispostas a ajudar e vendo, a gente vai pra restaurante as pessoas ficam olhando pra gente com o menino no bebê conforto aqui em ... (nome da cidade em que residem).”*

Em acordo com o informado por Jorge, atentamo-nos para o fato de que dois homens parecem sofrer maior discriminação comparativamente a um casal homoafetivo de mulheres.

*“[...] uma pessoa que eu conheço desde quando eu era criança, é... Esse cara tem dois ou três filhos [...] Ele falou pra mim, onde é que já se viu dar uma criança pra dois homens cuidar? [...]”*

Lemos em Castañeda (2007) que as práticas sexuais entre homens historicamente ganharam maior atenção e conseqüentemente sofreram mais proibições em comparação àquelas exercidas entre mulheres, isto se deve ao fato da compreensão que nega a sexualidade nestas, entendendo o sexo enquanto uma questão restrita ao universo masculino:

*[...] a amizade entre mulheres foi vista como uma forma de relação normal entre seres frágeis e inocentes que possuíam grande sensibilidade, mas desprovidos de sexualidade, Ninguém se surpreendia com relações amorosas entre mulheres, pois não se imaginava que pudessem ser sexuais (p.39).*

A maior invisibilidade das relações entre mulheres e a visão social do feminino atrelado à maternidade (GROSSI; UZIEL; MELLO, 2007) possibilita o observado em pesquisa de Teixeira-Filho, Toledo e Godinho (2007), a qual demonstra que a parentalidade lésbica é mais aceita do que a realizada por gays.

Contudo, observa-se que aqueles@s que ousam viver para além do esperado pela sociedade, ou seja, para além do disposto no sistema sexo/gênero/práticas sexuais (RUBIN, 1989), para além dos papéis sexuais obrigatórios, acabará sofrendo discriminações:

Sendo assim, o que resta às pessoas é apenas viver um possível pré-estruturado no campo em que se encontram. Por exemplo, se você é uma mulher, de tal idade e de tal classe, é preciso que você se conforme a tais limites. Se você não estiver dentro destes limites, ou você é delinquente ou você é louca (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.43).

Em consonância ao apresentado por Guattari e Rolnik (1986), Butler (2003b) acrescenta:

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero” parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformaram às normas da inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero (p.39).

Assim, a emergência de outros modos de existir carrega consigo um forte potencial criativo, subversivo e libertador, mas, concomitantemente, são existências alvos de estigmatização e discriminação por parte daquel@s que se enquadram nos modelos tradicionais ou que desejam reificar a arbitrária verdade dos mesmos.

## ***11) A Psicologia***

Esta categoria temática contempla as falas de noss@s participantes em relação à Psicologia. A aparição destas nos surpreendeu, uma vez que, inicialmente, não apresentamos interesse em melhor conhecer as considerações à nossa profissão. Conseqüentemente, também buscamos apreender os posicionamentos que @s psicólog@s apresentaram às demandas manifestadas a el@s por noss@s entrevistad@s.

Denise faz terapia há algum tempo. Ela nos relata que sua primeira terapeuta, de orientação psicanalítica, afirmava que sua analisanda não seria homoafetiva, apesar de na época manter um relacionamento com uma mulher. Denise considerava essa declaração um engano, o que veio suscitar-lhe o desejo de trocar de terapeuta. Sua busca a fez realizar atendimentos com @s mais divers@s profissionais, e ela relata os seguintes acontecimentos:

*“Ela (a terapeuta) falava comigo e lágrima escorria como se estivesse acontecendo algum problema entendeu? Aí eu não aguentei ficar muito tempo com ela, eu não sentia... (risos) Aí depois eu fui com Lacan, eu saía de lá e parecia que o F. me dava flechada o tempo todo, eu falava assim: meu! Que? Ele falava umas coisas tipo assim: quem mandou gostar de mulher? Eu me sentia às vezes meio agredida por ele, sei lá, não deu, não deu, tem umas coisas que não deu, daí eu comecei com a V.”*

Hoje em atendimento com “V.” que trabalha com a linha Junguiana, Denise buscou saber o posicionamento de sua terapeuta sobre a possibilidade de vir adotar mais filh@s, chegando, até mesmo na situação de entrevista, a me interrogar sobre o que eu julgava mais adequado. “V.” sinalizou para Denise a conveniência na adoção de crianças mais novas, uma vez que assim Angélica poderia contar com uma posição de ascendência perante seus futuros irmãos.

*“[...] Deixei até 8 anos, aceitava irmãos, na verdade eu queria aceitar até três, mas minha terapeuta falou se você aceitar três eu te condeno! (risos) Eu vou lá no Fórum e falo que é demais pra você. Duas crianças é um número legal ela falou, a V. sempre falou pra mim.[...] eu queria conversar com outra psicóloga, você é psicóloga também... Ao mesmo tempo em que parece fazer um sentido danado, me deixa uma coisa meio vaga... [...] Porque eu não tenho esse preconceito em relação à idade! E daí me dá uma cerceada muito grande né pra ampliar a família. Tem a possibilidade, tem garotos mais velhos lá que já tem esse vínculo com ela, e Larissa, eu... Eu... Seria uma mãe muito feliz deles! O M. mesmo que é um garoto de 9 anos né? Que são garotos que não perfazem essa caracterização da maior parte dos casais, não posso dizer dos casais, mas dos adotantes, porque hoje as famílias são tão diferentes! [...] Então e eu perguntei isso pra C. que é a psicóloga do Fórum. E a C. me deu uma resposta mais próxima de você.”*

Nossa compreensão em relação à adoção leva mais em consideração a pré-disposição d@ adotante do que os modelos de estruturas familiares para uma inserção de uma criança em uma família, estando em acordo com a compreensão da profissional atuante no Fórum, também questionada por Denise.

Jorge também buscou obter orientação de uma psicóloga. No momento em que decidiu se cadastrar para realizar a adoção sentiu a necessidade de procurar a profissional que atendia seu sobrinho buscando a opinião desta sobre revelar ou não sua relação com Raul, avaliando que esta informação pudesse prejudicar a realização de uma adoção.

*“Aí eu conversei com uma psicóloga, que era uma psicóloga do A. (sobrinho) eu nunca tinha comentado com ninguém, eu nunca tinha falado sobre isso com ninguém, eu falei C. tá acontecendo isso, isso e isso, eu não sei como reagir, se ela perguntar eu falo a verdade? Eu*

*omito? O que que eu faço? [...] e ela falou não, eu acho melhor se eles te perguntarem você falar a verdade, vai ser a melhor coisa, eu tenho certeza que não vai ser problema.”*

Por meio destes depoimentos inferimos que noss@s participantes do estudo compreendem @s psicólog@s como portador@es de um saber, o que nos remete aos estudos de Foucault (1999) sobre os campos de saber, incluindo aqui a Psicologia, engendrando relações de poder. Observamos que o discurso científico, e mais especificamente em nosso caso, o discurso do especialista, acaba exercendo o poder de instituir verdades.

Assim, detentores da percepção da amplitude que nossos enunciados podem atingir, nós psicólog@s não podemos nos eximir de uma atuação ética e política, independentemente de qual linha teórica venha a ser por nós adotada, de forma a não pactuar com práticas regulatórias de corpos, de existências e de vidas.

Como discutido em nosso primeiro capítulo desta dissertação, compreendemos que nós, psicólog@s, ao construirmos entendimentos sobre pacientes, clientes, analisand@s, corremos o risco de, muitas vezes, cairmos em compreensões que acabem por legitimar um único modelo de família que, como também constatamos, é fruto de uma construção histórica, que nega a multiplicidade de outras formas de relações de parentesco possíveis e tão válidas quanto às tradicionais.

## ***12) O Poder Judiciário***

Noss@s participantes do estudo não apresentaram muitas queixas em relação ao Poder Judiciário, mesmo que, num primeiro momento, pudessem ter algum receio de como seus relacionamentos homoafetivos seriam compreendidos pela Instituição. Esta, que a princípio causou temor, demonstrou a seguir ser confiável e capaz de efetivar a adoção.

Silva Júnior (2008) nos aponta que @s profissionais que atuam junto ao Poder Judiciário não consideram nos nossos dias a orientação afetivo-sexual d@s postulantes como um dado isolado que por si desqualifique uma pessoa a ser mãe e/ou pai. Entretanto, observamos que o temor inicial, no caso de Jorge, o impeliu a procurar realizar sua primeira tentativa de adoção sem passar pelos trâmites legais.

Segundo Maldonado (2001), a grande burocracia existente em nosso país para a realização de processos de adoção, leva muit@s brasileir@s a buscar na adoção ilegal, peculiarmente apelidada de “adoção à brasileira”, a realização de seu desejo de exercer a

parentalidade. Posteriormente, obtendo maiores esclarecimentos sobre a possibilidade de adoção, Jorge procurou o sistema judiciário.

Levando em conta o perfil de noss@s participantes do estudo, pertencente às camadas média e média alta da população, com alto nível de escolaridade, podemos considerar como Zambrano (2006) que:

Essas características se afirmam como significativas no fato de todos buscarem a adoção através do sistema judiciário, mesmo admitindo a possibilidade de enfrentar preconceitos. É preciso levar em conta que existe, para esses informantes, não apenas uma consciência maior dos direitos de cidadania, mas, também, **recursos financeiros para lutar por eles** (p.143, grifo nosso).

Denise aponta sua confiança na Instituição judiciária relatando-nos que compreende que mesmo existindo a possibilidade de que @s profissionais venham a ter preconceitos, estes não terão reflexo em sua atuação profissional, percebendo a mídia enquanto colaboradora neste processo:

*“[...] deixei muito claro no Fórum que eu tinha uma namorada, não me senti vítima de preconceito em nenhum momento, se a pessoa tinha preconceito pessoal, ali ela não podia ter um preconceito profissional porque isso tudo foi meio paralelo com a discussão da união estável por pessoas do mesmo sexo... [...] e a mídia tem um peso muito grande né? Talvez se eu tivesse feito esse movimento um pouco antes talvez eu tivesse sido vítima, eu não fui, então eu não posso dizer isso do Fórum [...]”*

Houve também uma aprovação do atendimento recebido, fato que, entretanto, nos é intrigante, uma vez que Jorge e Denise pleitearam a adoção individualmente:

*“Um dos dois tinha que dar a entrada, como eu estava mais engajado no assunto ele falou pode ir você, depois se eu precisar ir, eu vou também, não tem problema nenhum, porque não se cogitava duas pessoas do mesmo sexo adotar, aí logo que eu fiz isso aí, aconteceu aquele caso acho que de... Uma cidade do interior...”* (Jorge)

*“Acho que com você vai demorar mais (sobre adotar em conjunto com Amanda) então eu falei tudo bem, ela já queria filho e pra mim foi normal [...]”* (Denise)

A adoção realizada apenas por um membro do casal representa um risco na medida em que, como nos informa Dias (2000), subtrai os direitos que poderiam ser adquiridos em plenitude no caso de uma adoção conjunta:

Feita a adoção por um só dos parceiros, eventual direito a alimentos, a benefícios de cunho previdenciário ou sucessório só poderão ser buscados com relação ao adotante. Quer pela separação do par, quer

pela morte do que não é legalmente o genitor, dita limitação acarreta injustificável prejuízo ao menor, por não poder desfrutar de qualquer direito com relação àquele que também tem como verdadeiramente seu pai ou sua mãe. É imperioso concluir que, de forma paradoxal, o intuito de resguardar e preservar o menor resta por subtrair-lhe a possibilidade de usufruir direitos que de fato possui limitação que afronta a própria finalidade protetiva ao menor decantada na Carta Constitucional e perseguida por lei (p.97).

Denise nos apresenta que o que poderia ter sido visto como excesso no processo de avaliação, para ela representou segurança, a qual mesmo sendo rigorosamente avaliada, reuniu condições para ser habilitada para a adoção.

*“Eles me viraram do avesso, viraram meu umbigo do avesso, eu acho que a psicóloga principalmente, a C. principalmente, e eu achei ótimo, porque assim, na hora que a Angélica chegou e eu me senti assim naquela responsabilidade da maternidade e aí é pra valer, você não pode voltar atrás, você valoriza até, hoje eu valorizo até, esse um ano e meio que demorou. Toda ansiedade que eu tive, todo o sofrimento que eu tive... [...] Então, de tudo do Fórum pra mim a única dificuldade foi essa, foi sofrido, cada pergunta que a psicóloga falava: Ah! Mas você quer um filho que ande de muleta? Ah mas você quer um filho que anda de cadeira?”*

Denise relata a grande burocracia e a demora em seu processo de pleito à adoção, porém, não as considera como resultado de discriminação:

*“[...] um ano e meio! Porque o J. (nome do Fórum), o meu Fórum, ele é um Fórum mais burocrático, lá em S. (nome do Fórum procurado anteriormente) eu posso dizer de carteirinha, porque esse grupo que eu faço parte há dois anos e meio, ele tem, noventa e nove por cento de pais pretendentes à adoção ou de pais adotivos no Fórum S. por condição geográfica, porque ele tá lá próximo ao fórum, é... O Fórum de S. é muito mais rápido, no J. não. [...] quando eu fui no fórum eu peguei lá a lista tremenda de documentos que você tem que separar. Separei tudo, demorou muito pra eles me chamarem pra primeira entrevista, coisa assim de quatro, cinco meses, entre uma entrevista e outra sempre uma demora muito grande.”*

Outro ponto que merece destaque, é o fato de profissionais atuantes junto ao processo de adoção pleiteado por Denise não apresentarem interesse em entrevistar Amanda:

*“[...] a assistente social conheceu a Amanda quando ela veio aqui em casa, mas não quiseram falar com ninguém da minha família [...] Tinha sido dito pra mim que talvez eles quisessem falar com alguém da minha família, mas eles ficaram satisfeitos só comigo mesmo! (risos) Não quiseram falar com ninguém, até quando eu perguntei pra ela, se elas iam precisar chamar alguém da minha família elas disseram que não, elas chamavam quando sentiam a necessidade de confirmar alguma coisa, mas que comigo não tinha sido preciso isso [...]”*

De forma diferente, Raul foi procurado pelas profissionais responsáveis pela avaliação psicossocial de Jorge após este ter confirmado seu relacionamento afetivo:

*“[...] comecei a contar tudo né? Tudo que eu estou te falando, com exceção sobre o Raul, falei que a gente tem uma sociedade que a gente mora no mesmo local, contei a história do V. e do A. (sobrinhos) Aí elas me perguntaram se o Raul era meu companheiro, e eu falei é. Assim muito tranquilo.”*

Jorge, em seu processo de avaliação para a habilitação à adoção, foi inquirido sobre a possível interferência de sua sexualidade na educação dos sobrinhos.

*“Até no Fórum lá, quando perguntaram como é que era, porque até chegar no Fórum de adoção, como é que foi, porque elas quiseram saber, saber como é que foi a história do V. do A. (sobrinhos), elas perguntaram como que é a sexualidade deles. Eu falei: bem definida!”*

Aqui se observa um mito muito presente na homoparentalidade. Garcia *et al.* (2007) ao realizarem esta constatação nos alertam sobre o perigo em se tomar como fator positivo em estudos psicossociais a heteroafetividade d@s filh@s de homoafetiv@s, pois:

[...] significa afirmar que as famílias homoparentais só seriam “normais” se as crianças nelas criadas não se tornassem mais facilmente homossexuais do que as criadas em famílias heteroparentais, o que mostra uma contradição evidente: para se afirmar o direito dos pais homossexuais, nega-se o direito do filho à orientação homossexual (p. 284-285).

Jorge relata que a convivência de seus sobrinhos com ele e Raul influenciou não em relação à sexualidade destes, como foi questionado, mas sim, resultou na atenuação de preconceitos e maior compreensão das múltiplas formas possíveis das pessoas viverem seus afetos e sexualidade:

*“[...] até hoje, o V. esta com vinte e um anos, quando ele vê ele (Raul), ele abraça, beija, sem nenhum preconceito sabe?”*

Em mais um relato podemos constatar a homofobia de um profissional em sua atuação junto ao Poder Judiciário:

*“[...] o juiz ouviu ela (genitora de Lucas) primeiro e a primeira coisa que ele falou pra ela foi que o menino ia morar com dois homens. Olha só! [...] aí começaram a falar pra ela, olha se eles não adotarem seu filho, vão adotar outro, porque sem criança eles não vão ficar, e vai ter uma vida melhor, não sei o que né? E... Você tem condição de criar? Ela*

*falou, não, eu não quero, ela falou. Então você vê bem, pensa bem né? O juiz mandou chamar ela de novo me chamou de novo também... [...] O juiz já tava ciente já, o juiz já sabia do meu caso, o promotor já sabia, eles falaram não tem problema nenhum, a gente não tem preconceito nenhum aqui, o importante é o bem estar que nós vamos dar pra essa criança... [...] E aí ela ficou meio assim, ela falou, ah! Não vou dar mais, não vou dar mais, e ela começou com essa... E aí o juiz conversou com ela, a assistente social da cidade dela, as conselheiras tutelares da outra cidade que eu não conhecia estavam com ela, as que foram levar ela lá, e explicaram pra ela que... Falando pra ela que não tinha problema nenhum que se não fosse pra mim ia ser pra outro porque pra ela não ia voltar mais porque ela não tinha condição de cuidar, falou: sua mãe não quer, seu irmão não quer, ninguém quer, e não tem abrigo. [...] Depois ele me chamou e falou, olha se ela realmente não quer dar pra vocês eu não posso fazer nada, só que pra ela não vai voltar, porque ela não tinha condições mentais pra isso. [...] E... Aí ele conversou com ela e ela falou, não, eu vou dar sim, eu vou dar sim e não tem problema nenhum começou a falar pra ele, falou a senhora tem certeza? Você não quer pensar de novo? Eu te dou mais um tempo... Não! Não, não quero não. Pode ser pra ele, eu quero assinar, dá o papel que eu quero assinar ela falava. E assim, eu muito calmo tranquilo não abri minha boca, fiquei quieto!”*

Em nossa compreensão do acontecido esse posicionamento do juiz, expondo Jorge a esta situação, solicitando o consentimento da genitora de Lucas sobre a possibilidade de adoção homoparental indica uma atitude discriminatória, uma vez que não consta no protocolo de processos de adoção a necessidade de concordância de uma genitora, que já expôs sua vontade em entregar a criança em adoção, ao seu futuro encaminhamento familiar.

Diante desta constatação, percebe-se a necessidade de uma atuação mais ética também de profissionais que atuam junto ao Poder Judiciário. Sendo que estes apresentam o agravante de prestarem serviços a um órgão que deveria promover o acesso de tod@s aos direitos e à cidadania, sem distinção ou discriminação. Assim, o exercício profissional destes deveria contemplar essas premissas, de tal modo a não representar um instrumento a favor da segregação e disseminação de preconceitos.

Compreendemos também que o rigor empregado no processo de avaliação por parte do Judiciário sentido pel@s noss@s participantes, somado ao fato das dificuldades encontradas por estes para virem a efetivamente poder conviver com um filho/uma filha, parece apontar para a grande expectativa em torno da criança e de que esta adoção viesse a ser bem sucedida, deixando poucas possibilidades para eventuais dificuldades no processo de adaptação e inserção da criança no novo lar. Assim, vemos que o contexto que envolve a relação com o Poder Judiciário pode vir a influenciar diretamente nas relações afetivas estabelecidas no meio intrafamiliar.

### ***13) Influências de religiosidade***

Em alguns momentos de nossas entrevistas vislumbramos a influência da religiosidade pautando compreensões e práticas, tanto por parte de noss@s participantes quanto por parte d@s profissionais que atuam junto aos processos de adoção. A aproximação entre o tema religião e adoção não é algo novo. Como esclarece Motta (2005), o cristianismo foi o campo de referência para as normas de organização familiar e para a criação e manutenção de instituições como a Roda dos Expostos.

Denise, por exemplo, sob influência de crenças advindas de sua religião espiritualista, atribuiu um sentido “*carmático*” à impossibilidade de que ela e suas irmãs apresentaram face à maternidade pela via biológica. Também compreende o processo de vinculação imediato à Angélica tendo por base a espiritualidade:

*“Pra mim tá tudo pautado na espiritualidade né?... Pra mim a espiritualidade responde tudo que não tem muito bom senso pra gente, tudo que não é matemático, eu acho que a espiritualidade ela tem uma sustentabilidade muito grande. A Angélica é minha filha acima de qualquer coisa e isso... [...] É, é transcendental, só pode ser espiritual... Só pode ser espiritual...”*

Ela e Jorge buscaram iniciar seus filhos nas religiões que praticam atribuindo lhes ser importante uma educação religiosa. Denise leva Angélica às aulas de evangelização infantil em um Centro Espírita próximo à residência da família e Jorge batizou seu filho Lucas na Igreja católica pretendendo, futuramente, também batizar Glória.

Sobre o batismo de Lucas, ele nos conta:

*“O batismo foi assim, eu liguei na Igreja, tinha que ir lá, eu não falei nada, porque se eu falasse teria problema, como na certidão só estava meu nome, mas eu pensava muito no Raul porque ele é pai, ele faz papel de pai, eu me preocupava como é que ele ia se sentir em relação a isso, aí ele falou, não, não tem problema nenhum, a gente vai lá e batiza! O importante é batizar ele, ele queria muito batizar, até que quem batizou ele foi o A., meu sobrinho e com a C. assistente social, eu convidei ela pra ser madrinha.”*

Um relato que mostra claramente a influência da religião extrapolando o âmbito íntimo é o apontado por Jorge, que nos conta que na época em que ainda não existia o Cadastro Nacional de Adoção, ele contou com a ajuda de amig@s para apresentar seu interesse de adoção em outras cidades:

*“[...] essa juíza de B. (nome de cidade) tem um marido que é juiz também, só que ela não é mais daquela área lá, e ela é evangélica, então... A pessoa foi levar em mãos pra ela,*

*têm umas pessoas que resolveram me ajudar, aqui, clientes meus da loja, resolveram ajudar. E ela foi levar em mãos pra ela, ela ficou meio assim...”*

Deparamo-nos com uma situação parecida também quando Jorge verifica junto à sua amiga assistente social a possibilidade de vir adotar uma criança no Nordeste brasileiro:

*“Ela (assistente social) falou não tem problema nenhum, você pode ficar tranquilo, eu estou conversando com as pessoas aqui, as conselheiras tutelares são tudo muito católicas, e ela falou pra elas, (sobre relação de Jorge com Raul) elas ficaram tudo meio assim tal, mas também não acharam nenhum empecilho.”*

Assim, notamos que a influência da religião tanto pode colaborar para a compreensão da possibilidade de vinculação, quando esta não é dada por laços de consanguinidade, quanto vir a impossibilitar a boa receptibilidade às famílias homoafetivas, apontando que ainda há muito trabalho a ser feito junto @s profissionais que atuam nos processos de adoção.

#### **14) A família extensa**

Nesta última categoria temática, agrupamos outras subcategorias que apresentavam assuntos referentes ao âmbito familiar. O título deste item tem como referência o termo “família extensa” como empregado no Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 1990).

Em seu parágrafo único do artigo 25: “Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade.”

Verificou-se, como já apontado por Uziel (2007), que somando aos parentes próximos, existe um apoio de amig@s também estabelecendo relações de proximidade com @s filh@d@s noss@s participantes da pesquisa. Segundo a autora: “Entre gays e lésbicas é mais costumeiro contar com o apoio de amigos que entre os heterossexuais” (p.76).

*“No ano passado, no dia dos pais, a Angélica começou a me questionar... Cadê meu papai? Do ano passado pra esse ano. [...] Aí eu falei, a gente pode escolher. Quem você quer que seja seu pai? Porque eu falei pra ela... Mamãe namora a tia Amanda, então assim, papai como a M. e a S. (amiguinhas da escola) tem a mamãe não pode te dar, mas eu posso te dar um outro tipo de papai, né? Aí eu peguei todas as figuras masculinas que a Angélica tem na vida dela e que ela tem um vínculo legal, que é o S., um deles, que é meu ex-marido.[...] E aí quando ela veio com isso, foi quando eu tava dirigindo pra casa eu falei pra ela, olha o padrinho C. pode ser seu papai... o Tio V. [...]E ela escolheu o tio V. (V. é um amigo de Denise pai adotivo e homoafetivo) Eu falei pra ele, ele ficou super feliz. [...] Daí quando a*

*gente vai viajar a gente meio que combina, vamos pra um lugar juntos, lá eu fico com os filhos dele e ele fica com Angélica O C. é muito ligado comigo e a S. tem um denço com a Amanda (filhos de V.) e aí eu boto eles pra dormir... Meio que a gente virou uma família de apoio... É o que a V. (terapeuta de Denise) fala pra mim, é uma família perfeita! Quando vocês estão juntos vocês se complementam.”*

Aqui observamos que apesar do pressuposto de que a função parental deveria ser exercida por uma figura masculina, como já expomos anteriormente, é na verdade, uma compreensão fruto de uma criação situada histórica e socialmente, e que apesar de bastante reificada por alguns, não dever ser imperativa para o bom desenvolvimento infantil. O relato de Denise assinala como a sua rede de amizade atua favorecendo a socialização de Angélica, que se fortalece pelas visitas à casa de colegas da escola:

A socialização de Angélica também é complementada pelas visitas à casa de colegas da escola:

*“É ela vai pra casa de amiguinhas dela, na escola quem não sabia ficou sabendo, quem desconfiava teve certeza. (sobre a homoafetividade de Denise)”*

Nas ocorrências em que a família de origem não aceita a homoafetividade de seus membros, as crianças adotadas, possivelmente, serão subtraídas do convívio da família extensa. Nos casos aqui apontados, @s participantes se envolvem com seus núcleos familiares de origem, contando também com o apoio de outros parentes, permitindo trocas e colaboração mútua:

*“A minha mãe foi comigo buscar a Angélica comigo no abrigo, a D. minha irmã... Porque assim, eu não podia levar a família comigo no abrigo. A aproximação é só você e a criança.” (Denise)*

Amanda também aponta a interação familiar existente:

*“Minhas sobrinhas sabem que eu convivo tudo (em família com Denise e Angélica). Minhas irmãs ficam pra Denise e aí cunhadinha? Sabe assim... Minha tia que mora aqui e minha irmã falam.*

Jorge também conta com um convívio familiar intenso:

*“Junto, sempre junto! No Natal eu passo com a minha família, e ano novo com a família dele. Tranquilo... Os primos dele são todos formados, quando eu vim pra cá eles eram todos moleques, hoje um é dentista, outro é professor da (nome de universidade estadual), outro é professor da (nome de curso) na (nome de mais uma universidade estadual), outro sobrinho dele é médico em (cidade do interior de SP), então a gente se dá muito bem, eu*

*frequento a casa dele, teve um casamento da família dele lá em (cidade do interior de SP) duas semanas atrás, festas de aniversário, outros daqui também... Eu sou bem entrosado na família dele, mais na dele do que ele na minha! Porque eu convivo mais aqui... [...] O pai dele tem uma situação financeira bem definida né? Não é rico... [...] Ele tinha uma área em um bairro bem afastado, e tem esse sítio onde o avô e avó do Raul moravam e falou que a gente podia escolher... Eu escolhi morar no sítio onde o avô e a avó do Raul moravam. E o pai dele falou: tá vendo? Ele é mais sensato ao invés de ficar longe ele quis ficar perto... Tanto é que os pais dele moram hoje lá no sítio, construíram uma casa enorme do lado da minha, por causa dos netos, entendeu? ...Que estão lá agora.” (Jorge)*

Ele, entretanto, nos faz saber que nem sempre pôde contar com essa boa convivência com a família de seu companheiro, e que isto se deu com o tempo:

*“A família dele (Raul) demorou mais assim, o pai e a mãe dele, pra aceitar assim... Na minha frente não, mas por trás, eu sabia porque ele comentava, isso foi logo no comecinho... Mas depois o pai dele viu, viu que a gente tava realmente engajado querendo trabalhar e tirando o lado afetivo tinha muito trabalho mesmo nisso, vontade de constituir uma família... [...] Tanto é que o pai dele não... eu vim pra cá em Março. Julho o tio dele foi assaltado e acabou morrendo no assalto, eu acabei correndo com tudo pra eles porque eles estavam muito abalados e o pai dele ofereceu uma área pra gente construir, construir uma casa, fazer um hotel... Tanto é que essa loja aqui o pai dele comprou e deu pra gente...”*

Em relação à adoção, a família de Denise se mostrou bastante receptiva, uma vez que outros casos de laços construídos pelo afeto já perfaziam sua realidade familiar:

*“Bom, com a minha mãe foi sempre muito tranquilo, a gente já tinha o M. (sobrinho) né? E aí a minha irmã mais velha que tinha acidez que nunca tinha engravidado, ela e o marido também já estavam em um processo de adoção aguardando a M.J e aí quando o Fórum me chamou pra falar da Angélica o Fórum já chamou os dois pra falar da M.J que estava no Paraná. [...] Menina! Na minha família se não fosse de três netos adotivos minha mãe não seria avó, então a adoção na nossa família é uma celebração. Então ao mesmo tempo que eu penso que como te falei é um problema de saúde pública deixar tantas crianças ficarem abrigadas, se não fossem essas crianças nossa família não teria continuidade, se não fosse essas crianças o sobrenome do meu pai e da minha mãe não iria perdurar! [...] Minha mãe é apaixonada nessas crianças! E o melhor de tudo é que minha mãe sempre foi muito preconceituosa, minha mãe tem preconceito contra gay. O M. é negro a Angélica é mulata, eu acho que ela é mais que parda, ela é meio mulatinha, M.J é branquelinha de cabelo sarará, o pior cabelo é o da M.J! A mais branquela (risos) e o cabelo mais sarará é da (apelido pra M.J). Então, é assim, é a vida ensinando pra gente que preconceito não vale a pena!” (Denise, grifo nosso)*

As famílias de Jorge e Raul também mostraram-se felizes com a chegada de novos membros, mesmo após o receio inicial:

*“A gente pensava na família no Raul de como eles iam aceitar isso, a gente pensou, primeiro a gente pega, depois eu comunico a minha família, eu fui pra casa com o menino, e ele foi contar pra mãe dele: a mãe dele falou o que? Você está ficando louco! Tomou um susto! [...] Aí ligou pra irmã do pai dele, a mãe dele né, e contou, porque a preocupação dele era a família, ela é uma pessoa muito centrada, a irmã dele, ela falou nossa, mas que coisa linda! Eu quero ver! Vamos lá ver! Vamos lá ver! E já contou pra mãe dela, que é a avó do Raul. Isso foi umas 6h da noite, quando foi umas 7h minha casa encheu de gente! Aí veio a avó dele com 90 anos que tava desesperada né? Porque é bisneto! Foi lá pra conhecer a tia dele, o primo dele com a mulher... [...] Foi assim uma coisa que até eu fiquei surpreso! Sabe aquilo de um monte gente em casa, todo mundo querendo pegar a criança, querendo ajudar, levando presente... E aí a mãe do Raul ficou mais tranquila, porque a preocupação dela, qual era? Era pensar o que os outros iam falar, e a gente sofrer com o comentário dos outros, eu entendo muito bem ela porque eu me dou muito bem com ela! Até ela fala que eu me dou melhor com ela do que o Raul com ela! Os dois as vezes ‘se pega!’ Não tanto porque eu vivo ‘podando’ ele! Eu tenho essa preocupação... [...] Cheguei no aeroporto já estava a mãe do Raul o pai do Raul a cunhada dele, todos esperando, a mãe dele a hora que pegou o moleque no colo ela chorava lá no carro, do aeroporto pra cá ela veio chorando com o menino no colo, e da minha casa, eu cheguei num sábado, foi num sábado que eu cheguei, foi no sábado a noite que eu cheguei, no domingo tinha assim umas cinquenta pessoas na minha casa da família dele, mas encheu! Todo mundo, aí a prima dele de C. (cidade do estado de São Paulo) que tinha bebezinho também, levou carrinho, levou bebê conforto, roupa, é... Praticamente eu não comprei nada, me deram tudo, foi aquela felicidade né?”*

Uma preocupação apontada pela irmã de Jorge refere-se ao fato de compreender que uma criança interferiria nos momentos de lazer do casal:

*“Minha família! Minha irmã falava, nossa, mas vocês viajam tanto... Vai ser difícil, vocês não vão conseguir viajar, vocês são loucos! Minha irmã falava! Vocês são loucos! Onde já se viu? Arrumar filho e não sei o que, e começou a falar um monte pra mim... Eu falei olha eu sei muito bem o que eu estou querendo, olha eu vou, vocês apoiando ou não apoiando eu falei, quem vai cuidar vai ser eu! Eu vou adotar sim! Eu quero! [...] Pelo contrário! Eu só não fiz viagem de avião com o Lucas, porque ele só viajou de avião quando ele tinha vindo, mas com um ano e meio, um ano e sete meses eu fui pra F. com ele, nós ficamos dez dias lá com ele, viajei com ele normal, só que eu ia mais perto, às vezes daí deixava de ir pro litoral ia pra S. (cidade turística do interior de SP) ia pra algum lugar... Ia pra casa da minha família também em O. (cidade do interior de SP) ficava com ele, e eu nunca tive problema pra chegar num hotel eu e o R. com ele junto...”*

Denise relata-nos também o fato de Angélica e seus primos proporcionarem maior proximidade dos familiares:

*“A nossa família sempre foi unida, mas as crianças uniram a gente muito mais, a gente hoje celebra qualquer coisa, festinha na escola a gente celebra, páscoa a gente celebra, aniversário a gente celebra. [...] a caçula (irmã caçula de Denise) mora aqui na frente, hoje a gente vai almoçar junto, a (nome de irmã de Denise) e o marido moram no (Denise cita nome de bairro diferente ao que reside) essa que perdeu vários bebês, a D. vem almoçar hoje.”*

Em relação à compreensão da homoafetividade por suas famílias, noss@s participantes apontam:

*“E aí foi muito interessante que todas minhas irmãs, em dias diferentes, não foi na mesma semana, mas num prazo muito curto de tempo, e todas elas vieram pra mim e tipo assim por a mão nos teus ombros e dizer assim, seja feliz D. (apelido para seu nome), a gente te ama de qualquer jeito. Eu senti essa frase de cada uma das minhas quatro irmãs, meu pai já tinha falecido nessa época e minha mãe sempre foi muito preconceituosa, mas eu falei bom, não dá mais pra brincar de faz de conta [...] É aí nessa hora eu falei: mãe, eu to com... Na época eu... Mãe, eu to com trinta e oito anos, a senhora já me viu feliz como eu to agora? Ela falou não, eu falei então mãe, ela falou, é isso que importa né filha? Nunca mais ela falou nada.” (Denise)*

*“Meu pai sabe, não porque eu falei, porque ele nunca me perguntou!” (Amanda)*

*“Eu nunca fui encanado com isso, eu nunca cheguei pra família e falei olha eu sou isso eu sou aquilo, nunca. Como eu já era maior de idade não tinha o porquê de eu ficar dando satisfação, embora eu não fizesse nada que afetasse alguém ou agredisse alguém. [...]A turma fala assim: mas como seu pai aceitou você? Veja bem, você pode enganar quem você quiser, mas os pais jamais os filhos enganam, não conseguem enganar! [...] meu pai não era bobo, não era bobo, ele contava uma história pra mim quando eu era criança, já adolescente, que ele teve um tio que veio da I. (país europeu) junto com o pai dele, irmão do pai dele, e esse tio com trinta e poucos anos cometeu suicídio, e tudo isso aconteceu porque uma pessoa brincou com ele, falou, ah não sei não, você é muito estranho, não vai casar, não sei o que, não namora... Então meu pai conta que esse tio com certeza ele devia ser homossexual [...] uma família muito religiosa, muito católica, você imagina, isso era um tabu. [...]É, e meu pai contava isso, hoje eu entendo que ele contava isso pra ver se ele conseguia dar uma certa tranquilidade que ele aceitava... A minha mãe já era assim mais autoritária, mas ela sempre foi assim aquela mãe protetora, então a afetividade assim dentro de casa... Eu fui muito próximo dos dois, por seu o caçula né? Fui muito próximo... Então quer dizer, eu não tive problema na família, meu pai nunca chegou a me podar disso ou daquilo, pelo contrário, eu tive mais liberdade que meus outros irmãos. Ele falava, olha eu confio mais em você do que nos outros!”(Jorge)*

Percebemos existir uma correlação entre a satisfatória inserção da criança na família extensa de noss@s participantes com o bom entendimento da homoafetividade no seu meio familiar. A combinação desses fatores parece sinalizar para o interessante intercâmbio existente nessas famílias, indo ao encontro da percepção de que o temor social no sentido de instabilidades e ataques aos modelos tradicionais de família, que as famílias homoafetivas poderiam causar, aqui não se comprovam, na medida em que esta possibilidade de laços de parentesco congrega-se àqueles mais tradicionais de forma mútua e não excludente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente item, que corresponde ao término de nosso trabalho, optamos pelo título “Considerações finais” uma vez que a nomenclatura mais usual “Conclusão” remete, mais, ao encerramento de fato, ao encontro de respostas e soluções prontas e acabadas, do que ao que realmente encontramos ao final deste percurso: algumas reflexões que não esgotam, em absoluto, as possibilidades de se compreender as homoparentalidades. Partindo da perspectiva de que a Psicologia não pode ser a-histórica e atemporal, nos damos por satisfeitos em obtermos como resultado, questões que ainda demandam maiores estudos e olhares, compreendendo que estas incentivam a revisão e talvez até a ruptura, com o conhecido, motivando novos caminhos, novos possíveis.

Assim, diferentemente também do buscado por trabalhos acadêmicos tradicionais, esperamos que o que apresentamos em nossa dissertação seja superado, venha a se tornar ultrapassado, compartilhando dos anseios de Rubin (1975), que nos fala sobre o “[...] sonho de uma sociedade andrógina e sem gênero, (mas não sem sexo), em que a anatomia de cada um é irrelevante para o que cada um é, faz, ou com quem cada um faz amor” (p.22).

No decorrer de nosso texto nos empenhamos na busca da desnaturalização de alguns fenômenos tomados como inatos, como mais legítimos, e que não seriam frutos da construção social, bem como nos preocupamos em sinalizar para o fato da Psicologia, enquanto ciência e profissão, não poder se ater a modelos teóricos que concebam padrões familiares e de parentalidade de forma rígida e desatualizados do contexto vivido atualmente, bem como, se prender àqueles que afirmam que apenas com a bilateralidade de sexos biológicos parentais prover-se-ia o desenvolvimento psicológico infantil adequado.

Em relação a concepções sobre a adoção, vimos que a Psicologia também pode atuar embasando práticas de exclusão, por exemplo, sedimentando a ideia de “trauma irreparável de separação” propiciando o mito ligado ao medo em mães e pais adotantes que seus/suas filh@s não venham a se recuperar de experiências de seu período de institucionalização ou do convívio com @s genitor@s.

Ao enfatizarmos essas problemáticas em conjunto com as experiências reais de quebra desse paradigma trazidos por noss@s participantes, buscamos viabilizar um conteúdo para a problematização de reiterações dessas posições. Neste trabalho, não temos dados que possam ser generalizados a todas as mães e a todos os pais homoafetiv@s, no entanto, nossa pesquisa

apresentou algumas experiências singulares, as quais sinalizam para as múltiplas formas possíveis de se constituir em família e de se vivenciar os afetos.

O encontro com as famílias participantes de nosso estudo nos proporcionou o contato com experiências concretas das homoparentalidades, estas se processando sem grandes conflitos, em contraste com os preconceitos, fantasias e inverdades que são ventilados no senso comum. Sem a pretensão de um estudo visando à padronização para a compreensão do tema, no presente buscamos fornecer subsídios para quem trabalha junto à temática da adoção, especialmente as homoparentais.

A *Análise de Conteúdo* de nossas entrevistas apontaram para o desejo por parentalidade ligado ao anseio por convívio com crianças trazido pela vivência com elas, o qual também proporcionou a percepção de que a construção de laços de afeto se dá de forma independente do fato de se ter gerado um (a) filh@, bem como, veio confirmar a competência de noss@s participantes ao assumir o exercício da parentalidade. Vimos que as concepções em torno da adoção podem sofrer influência direta da mídia, a qual nem sempre atua de forma a positivar esta prática, entretanto, as experiências no âmbito familiar possibilitaram a noss@s participantes uma significação desta enquanto válida.

Em alguns momentos pudemos constatar que mesmo com a experiência satisfatória da adoção, surgiram falas compreendendo o fator biológico enquanto definidor das relações familiares, contudo, observamos em outros, que a parentalidade dada pelos laços de afeto pôde ser vista em equidade àquela realizada através da reprodução. Assim notamos uma ambivalência permeando este tema junto a noss@s participantes e a existência de um campo tensionado e conflitivo. Tal dado revela que há uma discrepância entre o que se diz e o que se faz relativamente às práticas de cuidados junto às crianças adotadas. Se, por um lado, observamos que os familiares buscam racionalmente valorizar os laços afetivos, por outro, suas práticas e crenças, ainda estão respaldadas em modos de subjetivação que de certa forma priorizam o discurso bioparental.

Ainda que não se apresente de forma constante, é reconfortante e motivador perceber o poder de resistência dos indivíduos às verdades absolutas que regem suas formas de sentir, filiar-se e/ou exercer sua parentalidade, evidenciando a necessidade em relação à instauração de redes de apoio visando preparar e acolher as famílias que se aventuram na subjetivação pela via da adoção, especificamente, para ajudar-lhes a enfrentar os estigmas decorrentes da matriz bioparental.

Isso implica em dizer que mais estudos se fazem necessários para que possamos desconstruir a suposta “verdade”, ou ainda, a legitimidade das constituições familiares advindas prioritariamente dos laços biológicos. @s participantes de nossa pesquisa tiveram um longo tempo de espera para conseguirem conviver com seus/suas filh@s. Fato que talvez tenha propiciado a não percepção de dificuldades na inserção dest@s no ambiente familiar, assim um outro ponto que parece demandar maiores trabalhos junto a estas famílias se dá no sentido de problematizar eventuais adversidades no processo de vinculação afetiva, o qual é marcado por contradições e construído no cotidiano e não de maneira automática e imediata.

Nossa pesquisa também verificou em acordo com a literatura sobre as homoparentalidades pela via da adoção, a presença de certa flexibilidade em relação às exigências de características requeridas na ficha de cadastro. As homoparentalidades assim se mostram como potentes junto a quebras de estereótipos e estigmas na cultura da adoção, possibilitando uma ressignificação das constituições familiares formadas a partir dos laços de afeto de forma mais ampla.

Os dados obtidos também apresentaram algumas das formulações homofóbicas que permeiam o exercício das homoparentalidades. Estas influenciando o modo d@s participantes se relacionarem com o meio social, ora assumindo posturas de enfrentamento dos preconceitos, ora tendo que recorrer ao “armário” enquanto recurso para lidar com posicionamentos discriminatórios das pessoas de seus convívios. Concepções sobre fortes representações em relação às funções familiares atribuídas aos gêneros também se evidenciaram colaborando para dificuldades encontradas no exercício das homoparentalidades.

Mesmo não se constituindo enquanto nosso objetivo de pesquisa, verificamos a necessidade de ressignificações da prática da adoção homoparental também junto ao âmbito jurídico. Em mais de um momento pudemos constatar a homofobia de um/uma profissional sendo evidenciada em sua atuação junto ao Poder Judiciário. A influência da religiosidade por vezes também colaborou para um quadro de discriminação do exercício homoparental.

Para noss@s participantes o casamento, ou ainda a oficialização da união conjugal, não aparece na qualidade de um desejo ou envolvimento em idealizações românticas, mas sim enquanto uma necessidade para o usufruto de direitos. Notamos também um interessante intercâmbio entre o núcleo familiar participante de nossa pesquisa com suas famílias extensas, sugerindo uma congregação dos modelos tradicionais de família aos homoparentais.

No presente trabalho, portanto, buscamos maior compreensão sobre essas famílias, compostas por conjugalidades dissidentes das normativas sexuais, as quais rompem também com uma normativa de formação familiar por laços sanguíneos. Compreendemos que o modelo familiar nuclear e consanguíneo heterossexual existente hoje, não corresponde às únicas formas de relacionamento, afetividade e parentesco possíveis. Procuramos, sobretudo, apreender a emergência da diferença em formações familiares não tradicionais, e quanto de diferença caberia nesta “família diferente” e suas linhas de fuga e invenções nesses arranjos atuais.

Observamos que por vezes as vivências das famílias aqui estudadas, se fazem em parte em um território normatizado dentro do previsto no *script* familiar já conhecido, incorporando valores da família tradicional, no entanto, ao entrar em contato com outros efeitos, experiências e sentidos da parentalidade exercida junto a homoafetiv@s pudemos visualizar também a emergência de modos de constituição de laços de afeto que carregam consigo ainda um forte potencial criativo, subversivo e libertador, por exemplo, dos moldes biparentais e dos rígidos papéis de gênero delegado às funções de parentalidade.

Por último, notamos que estas existências familiares, na atualidade, ainda são alvo de estigmatização e de discriminação por parte daquel@s que se enquadram nos modelos tradicionais ou que desejam reificar a arbitrária verdade dos mesmos. Em relação a isto, gostaríamos de finalizar reiterando a fala de uma de nossas participantes: “*Então, é assim, é a vida ensinando pra gente que preconceito não vale a pena!*” (Denise, grifo nosso).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. *DNA e estado de filiação à luz da dignidade humana*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.

ALMEIDA, M. R. Os processos subjetivos no acolhimento e na adoção de crianças por casal homoafetivo: um estudo de caso. São Paulo. 2012. 223f. Tese (Doutorado em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALMEIDA NETO, L. M. *Família no Brasil dos Anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. Distrito Federal. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal.

AMARAL, S. M. *Manual prático dos direitos de homossexuais e transexuais*. São Paulo: Edições Inteligentes, 2003.

ANATRELLA, T. *La différence interdite*. Paris: Flammarion, 2001.

ARAÚJO, M. F. *Família igualitária ou democrática? As transformações atuais da família no Brasil*. São Paulo: PUC/SP, 1993.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARMESTO, J. Developmental and contextual factors that influence gayfather's parental competence: A review of the literature. *American Psychological Association*, (3)2, 67-78, jul. 2002.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. *XY: Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, M. A cinza das horas (1917). In: \_\_\_\_\_. *Manuel Bandeira: poesia completa e prosa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECKER, M. J. A ruptura dos vínculos: quando a tragédia acontece. In: KALOUSTIAN, S. M. *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 2004. p.60-76.

BERTHOULD, C. M. E. *Filhos do coração*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1997.

BITTENCOURT, S. *Manual do pai adotivo*. Niterói: Nota Bene, 2008.

BOWLBY J. *Apego*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*; (2)1, 68-80, jan./jul. 2005.

BOURDIEU, P. O espírito da família. In: \_\_\_\_\_. *Razões práticas*. Campinas: Papyrus, 1996. p.124-135.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Brasília: Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Departamento da Criança e do Adolescente, 2002.

\_\_\_\_\_. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Contagem populacional, 2010.

\_\_\_\_\_. Lei nº 3.071. *Diário Oficial da União*. Brasília: 1916.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 17.943. *Diário Oficial da União*. Brasília: 1927.

\_\_\_\_\_. Lei nº 3.133. *Diário Oficial da União*. Brasília: 1957.

\_\_\_\_\_. Lei nº 4.655. *Diário Oficial da União*. Brasília: 1965

\_\_\_\_\_. Lei nº 6.515. *Diário Oficial da União*. Brasília: 1977.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6.697. *Diário Oficial da União*. Brasília: 1979.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.151-125.

\_\_\_\_\_. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, Campinas, (21), 219-260, 2003a.

\_\_\_\_\_. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b.

CÂMARA, C. *Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

CAMARGO, M. L. *Adoção tardia: representações sociais de famílias adotivas e postulantes à adoção (mitos, medos e expectativas)*. Assis. 2005. 300f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis.

CAMPOS, N. M. V. *A família nos estudos psicossociais de adoção: uma experiência na vara da infância e da juventude do Distrito Federal*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Distrito Federal.

CARUSO, I. A. *Paternidade: uma forma de existir*. São Paulo. 1986. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, C. S. de. *Filiação socioafetiva e “conflitos” de paternidade ou maternidade*. Curitiba: Juruá, 2012.

CASSAL, L. C. B. *Novas configurações familiares: colocando a sexualidade em questão*. In: *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011. p.123-129.

CASTAÑEDA, M. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CASTRO, R. B. Amor e ódio em relações ‘conjugays’. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.89-107.

CeCIF (Org). *101 perguntas e respostas sobre adoção*. São Paulo: CeCIF, 2001.

\_\_\_\_\_. *101 perguntas e respostas sobre abandono e institucionalização*. São Paulo: CeCIF, 2002.

\_\_\_\_\_. *101 Perguntas e respostas sobre alternativas de convivência familiar: família de apoio, guarda, e apadrinhamento afetivo*. São Paulo: CeCIF, 2003.

CFP. *Adoção: um direito de todos e todas*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2008.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *As duas árvores do jardim*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CHAUI, M. *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221-236, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, A. C. G. A família como questão social no Brasil. In: KALOUSTIAN, S. M. *et al. Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 2004. p.19-25.

COSTA, H. Discurso de Abertura do IV Congresso da ABEH. In: \_\_\_\_\_. *et al. Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p.9-18.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

\_\_\_\_\_. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA NETTO, F.; FRANÇA, I. L.; FACCHINI, R. *Parada 10 anos do orgulho GLBT em SP*. São Paulo: Editora Produtiva, 2006.

DARÓS, L. E. S. Homoparentalidade e práticas sutis de discriminação à diversidade sexual: um estudo de caso. In: COSTA, H. *et al. (Org.). Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p.369-380.

DIAS, M. B. *União homossexual: o preconceito e a justiça*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

\_\_\_\_\_. A união homoafetiva e a Constituição Federal. In: COSTA, H. *et al. Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p.21-26.

DONZELOT, J. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DOR, J. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

DORAIS, M. *O homem desamparado*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DUPUIS, J. *Em nome do pai: uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ELDRIDGE, S. *Vinte coisas que filhos adotados gostariam que seus pais adotivos soubessem*. São Paulo: Globo, 2004.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Global, 1984.

FACCHINI, R. Visibilidade é legitimidade? O movimento social e a promoção da cidadania LGBT no Brasil. In: Conselho Federal de Psicologia (Org). *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: CFP, 2011. p.179-197.

FARIAS, M. O. ; MAIA, A. C. B. *A adoção por homossexuais: a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica*. Curitiba: Juruá, 2009.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. A importância da família. In: KALOUSTIAN, S. M. *et al. Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 2004. p.11-15.

FIGUEIRÊDO, L. C. B. *Adoção para homossexuais*. Curitiba: Juruá, 2009.

FONSECA, C. Pais e filhos na família popular. In: D'INCAO, M. A. *et al. Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p.95-128.

\_\_\_\_\_. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3), 769-783, 2008

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREITAS, H. M. R., CUNHA JUNIOR, M. V. M.; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo. *Revista de Administração da USP*, 32(3), 97-109, 1997.

FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GARCIA, M. R. V. *et al.* “Não podemos falhar”: a busca pela normalidade em famílias homoparentais. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 277-299.

G1. *Supremo reconhece união estável de homossexuais*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/supremo-reconhece-uniao-estavel-de-homossexuais.html>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

GIORGIS, J. C. T. *O direito à homoparentalidade*: cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais. Porto Alegre: IAJ – Instituto de Acesso à Justiça, 2006.

GOLDENBERG, M. *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GRANATO, E. F. R. *Adoção: doutrina e prática: com abordagem do Novo Código Civil*. Curitiba: Juruá, 2005.

GROSS, M. *L'homoparentalité*. Paris: PUF, 2003.

GROSSI, M. P. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, (21) 261-280, 2003.

\_\_\_\_\_. *Parceria civil: Realidade ou utopia?* In: *Novas famílias: conjugabilidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.9-12.

GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. *Conjugalidades e parentalidades não-hegemônicas: um campo em construção*. In: *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.9-19.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUEIROS, D. A. *Adoção consentida: do desenraizamento social da família à prática de adoção aberta*. São Paulo: Cortez, 2007.

HAMAD, N. *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

HEILBORN, M. L. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

KEHL, M. R. *Em defesa da família tentacular*. 2003. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2010.

KIPNIS, L. *Contra o amor: uma polêmica*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LADVOCAT, C. *Mitos e segredos sobre a origem da criança na família adotiva*. Rio de Janeiro: Booklink, 2002.

LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração: a família - santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEJARRAGA, A. L. *Paixão e ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

LEVINZON, G. K. *Adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LIMA, A. F. S.; DOMBROWSKI, C. A adoção irregular no Brasil: uma análise a partir da doutrina da proteção integral e do princípio do melhor interesse da criança e do adolescente. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, (14) 94, nov. 2011.

LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MALDONADO, M. T. *Os caminhos do coração: pais e filhos adotivos*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

MATOS, M. *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte, Editora UFMG/IUPERJ, 2000.

MELLO, L. *Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. Distrito Federal. 1999. 353p. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Distrito Federal.

\_\_\_\_\_. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. *Matrimônio entre pessoas do mesmo sexo na Espanha. Do perigo social à plena cidadania, em quatro estações*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L.

*Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.169-188.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu* (28), Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/ Unicamp, 2007.

MORENO, A.; PICHARDO, I. Homonormatividade y existencia sexual. Amistades peligrosas entre género y sexualidade. *AIBR – Revista de Antropología Iberoamericana*, España, (1)1, 143-156, jan./fev., 2006.

MORIS, V. L. *Preciso te contar?* - paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos. São Paulo. 2008. 205p. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MOSCHETA, M. dos S.; SANTOS, M. A. Metáforas da vida a dois: sentidos do relacionamento conjugal produzidos por um casal homoafetivo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, (17)2, 217-232, 2007.

MOTT, L. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MOTT, L.; CERQUEIRA, M. *Causa mortis*: homofobia. Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.

MOTTA, M. A. P. *Mães abandonadas*: a entrega de um filho em adoção. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOURÃO, J. C. Psicologia, sexualidade, novas configurações familiares e aspectos legais da promoção de direitos. In: *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011. p.117-122.

MURARO, R. M. *Homem/mulher*: início de uma nova era. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.

NAVARRO-SWAIN, T. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, S. M. et al. *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 2004. p.26-46.

PAIVA, A. C. S. Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.).

*Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.23-46.

PASSOS, M. C. Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. *PSIC. CLIN.*, Rio de Janeiro, (17)2, 31-40; 2005.

PELBART, P. P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PELÚCIO, L. *Nos nervos, na carne, na pele: umas etnografias sobre prostituição travistam e o modelo preventivo de AIDS*. São Carlos. 2007. 313f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

PERROT, M. A Família triunfante. In: PERROT, M. *et al. História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RAMIRES, V. R. R. *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

RAMOS, S.; CARRARA, S. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *PHYSUS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, UERJ, (16)2, 185-205, 2006.

RIBEIRO, A. C. *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3), 769-783, 2008.

RIBEIRO, M. F. R. *Infertilidade e reprodução assistida: desejando filhos na família contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

RICH, A. Compulsory heterosexuality. *Signs*, 5(4), p.631-660, Summer, 1980.

\_\_\_\_\_. *Of woman born: motherhood as experience and institution*. New York; London: W. W. Norton & Company, 1986.

RICHARDS, J. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RUBIN, G. Reflexionando sobre o sexo: notas para uma teoria radical de la sexualidad. In: VANCE, C. S. (Compiladora). *Placer y peligro: explorando la sexualidad feminina* (seleção de textos). 2. ed. Madrid: Hadlan las Mujeres, 1989.

\_\_\_\_\_. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality (1984). In: ABELOVE, H.; BARALE, M. ; HALPERIN, D. (eds.). *The lesbian and gay studies reader*. Nova York: Routledge, 1993.

SCOTT, J. Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre, (15)2, 1990.

SEDGWICK, E. K. Epistemology of the closet. In: ABELOVE, H. *et al.* *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993. p.45-61.

SILVA JÚNIOR, E. D. *A possibilidade jurídica de adoção por casais homossexuais*. Curitiba: Juruá, 2008.

SILVEIRA, A. M. *Adoção de crianças negras: inclusão ou exclusão?* São Paulo: Veras Editora, 2005.

SILVEIRA FILHO, F. M. A crise da masculinidade contemporânea. In: COSTA, H. *et al.* *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p.323-332.

SOUZA, H. P. *Adoção: exercício da fertilidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SPITZ, R. A. *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. São Paulo: Martins Fontes, 1979

TAKASHIMA, G. M. K. O desafio da política de atendimento à família: dar vida às leis – uma questão de postura. In: KALOUSTIAN, S. M. *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 2004. p.77-92.

TEIXEIRA-FILHO, F. S. *As transmutações do corpo e a invenção da extrofia vesical*. 2000.

\_\_\_\_\_. Apontamentos para uma Psicologia contra-homofóbica. In: *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011. p.49-66.

\_\_\_\_\_. Os segredos da adoção e o imperativo da matriz bioparental. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(1), 241-261, 2010.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; TOLEDO, L. G.; GODINHO, P. H. A homofobia na representação de mães heterossexuais sobre a homoparentalidade. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. *Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.301-319.

PINAFI, T. Assimetrias de poder na militância entre gays e lésbicas. In: COSTA, H. *et al.* *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p.333-342.

THIS, B., *O pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

TRIGO, M. E. B. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, M. A. *et al. Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p.88-94.

TRINDADE, E. ; BRUNS, M. A. T. *Adolescentes e paternidade: um estudo fenomenológico*. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

TRIVIÑOS, A. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UNICEF. *Declaração Mundial sobre a sobrevivência, a proteção e o desenvolvimento da criança nos anos 90*. Disponível em: <[http://www.mp.rs.gov.br/infancia/documentos\\_internacionais/id117.htm](http://www.mp.rs.gov.br/infancia/documentos_internacionais/id117.htm)> Acesso em: 15 jan. 2012.

UZIEL, A. P. Reflexões sobre a parceria civil registrada no Brasil. *Sexualidade*, 1999.

UZIEL, A. P. *Família e homossexualidade: velhas questões, novos problemas*. Campinas. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. *Homossexualidade e adoção*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

UZIEL, A. P. *et al.* Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, (12) 26, dez. 2006.

UZIEL, A. P.; GROSSI, M. P. Parceria civil e homoparentalidade: o debate francês. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.189-210.

VAINFAS, R. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1992.

VIÑUALES, O. *Lesbofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2002.

WEBER, L. N. D. *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba: Juruá, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sentimentos*. Curitiba: Juruá, 2001.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, (2), 460-482, 2011.

WESTON, K. *Families we choose: lesbians, gays, kinship*. New York: Columbia University Press, 1991.

WITTIG, M. *The straight mind and others essays*. Boston: Beacon, 1992.

ZAMBRANO, E. *et al.* *O direito à homoparentalidade: cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais*. Porto Alegre: IAJ – Instituto de Acesso à Justiça, 2006.

\_\_\_\_\_. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 12(26), 123-147, jul./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Psicologia, sexualidade, novas configurações familiares e aspectos legais da promoção de direitos. In: *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

## ANEXOS

Os textos aqui apresentados podem conter erros gramaticais, pois são transcrições literais das entrevistas áudio-gravadas. As falas estão grafadas em itálico e os comentários da autora sem destaque. Os nomes dos locais e profissões nem sempre são explicitados.

### **Transcrição da entrevista com Denise, Amanda e Angélica**

**Larissa:** *O que veio antes: o relacionamento mais estável ou a adoção? Como você começaria a me contar esta história?*

**Denise:** *Na verdade assim, a adoção, na teoria, não tem a ver com a Amanda. Na verdade, a Amanda chegou junto na adoção, mas, a minha vontade por ser mãe por adoção vem desde a adolescência. Quando eu me projetava adolescente, sempre foi uma coisa assim, um sonho meu, um desejo meu.*

(apenas ao ouvir a gravação percebi Angélica falando ao fundo ‘o meu também né?’).

*Eu fiz o movimento da minha vida, em busca disso! Né?*

**Larissa:** *Entendo... Na infância você tinha então essa coisa de brincar de ser mãe?*

**Denise:** *Sempre brinquei! Minhas brincadeiras... elas foram muito ecléticas, eu adorava brincar de indinho do forte apache, adorava brincar de carrinho e adorava brincar de casinha. Como eu sou de Minas Gerais eu tive uma infância muito ligada à natureza eu adorava brincar de argila, a gente construía casinha de argila, fazia as panelinhas no fogão,*

*os bonequinhos, as famílias todas na argila, a gente construía as casinhas com madeira e argila. E eu brincava muito, então minha infância foi muito dividida, minhas brincadeiras não tinham... Elas tinham uma conotação super natural: Infância de quem cresce no interior mesmo né?*

(Angélica interrompe entrevista falando que ela iria escrever também uma coisa. Denise questiona se ela não faria um desenho para a Larissa sobre sua família. Eu participo falando que iria ser muito legal, Denise afirma que seria muito bonito: *'Igual você fez na escolinha no dia da família'*)

**Denise:** *Então assim, em todos relacionamentos sérios que eu tive na minha vida eu sempre disse do meu desejo de ser mãe por adoção. Duas coisas que eu nunca sonhei: casar de véu e grinalda. Nunca quis. Nessa fase de transição entre infância e adolescência, quando você começa a pensar o que você vai ser quando crescer, eu sempre pensava em duas coisas que me mantiveram a vida toda; uma era que eu queria ser feliz, quando eu pensava em ser feliz era ter alguém do meu lado, e isso era uma coisa de sexo indefinido, eu não tinha noção da minha homossexualidade nessa época não, mas era muito nítido, a minha lembrança era muito nítida que era assim, eu queria beijar na boca e ser feliz, eu não tinha o príncipe encantado dos sonhos não...*

**Larissa:** *Você não se imaginava numa velhice sozinha?*

**Denise:** *Não, não, não. Eu sempre gostei do cheirinho de café com leite à tarde e a casa cheia!*

**Larissa:** *Você tinha já a família grande?*

**Denise:** *Eu sou a quarta de cinco filhas. Minha mãe tem poucos irmãos, minha mãe tinha só três irmãos, mas meu pai era o caçula de doze, então a gente sempre teve uma família muito numerosa, né? E uma família muito unida! Então minha família extensa é grande demais. A última reunião de primos que a gente fez éramos 230.*

**Larissa:** *Nossa!*

**Denise:** *Porque ali você tinha várias gerações reunidas, várias gerações misturadas, então a última a gente tava em 230. Eu tenho até o livro de registro porque eu sou uma das organizadoras da festa.*

**Larissa:** *Então é mesmo uma "graaande família"! (Fiz referência apontando para um retrato que se encontrava à minha frente, nele tinha uma inscrição: "Graaande família" com a foto da mesma).*

**Denise:** *Então, essa foto da "grande família" foi uma foto da festa dos primos, que a gente juntou esses 230. Então esse desejo meu é adolescente, de... de... De me ver... É como se eu tivesse profetizando a minha vida né? Eu queria ser feliz, eu queria estar com alguém, sendo feliz independente de casar pra isso né? Então véu e grinalda nunca foi sonho, nem gestação! Na verdade, durante meu casamento com S. que durou... Que foi de aproximadamente 9 anos, durante o casamento, quando a gente tava mais ou menos do segundo para o terceiro ano de casados, aí eu cheguei a desejar engravidar.*

**Larissa:** *Então como foi assim? Pra gente fazer uma linha do tempo...*

**Denise:** *Eu demorei pra começar a namorar, demorei mesmo, o meu primeiro namorado eu tinha vinte anos. Foi o M.*

**Larissa:** *Que ano era este que você estava com vinte anos?*

**Denise:** *Com o M. foi em 80. Mentira! Em 90! Eu sou de 70! Como é que foi 80? (risos). 1970 eu nasci e o M. foi em 90. Eu tava na faculdade, no segundo ano da faculdade quando eu conheci o M.*

**Larissa:** *Você fez enfermagem, não é isso?*

**Denise:** *Fiz. Sou enfermeira. Formei em 1992.*

**Larissa:** *Eu penso que a enfermagem tem uma ligação né com a maternidade... Uma coisa do cuidar...*

**Denise:** *Tem! E eu fiz enfermagem com ênfase em obstetrícia e eu adorava fazer parto...*

**Larissa:** *Você acha que a enfermagem tem alguma coisa a ver com uma vontade sua de contato com criança... Com o cuidar?*

**Denise:** *É, foi com o cuidado. Foi com o cuidado em si, com a possibilidade de cuidar.*

**Larissa:** *A sua profissão de “Home Care” é muito “o cuidado”...*

**Denise:** *É, é puro cuidado, então, nessa linha cronologia... Eu tive uns namoricos, óbvio! Antes do M., mas sempre com meninos também... Eu tinha na verdade, desde a infância, sempre aquela amiga predileta da sala de aula, eu queria ser a melhor amiga dela, meu sonho era ser amiga, mas não tinha nada de... Não tinha nenhum desejo. Não tinha necessidade de toque...*

**Larissa:** *Não tinha uma erotização né da amizade...*

**Denise:** *Não tinha! Não tinha, eu acho que isso foi muito infantil assim, eu acho que era uma amizade mesmo, eu acho que era um desejo, é... Eu queria ser a melhor amiga dela. Queria estar brincando junto, mas nunca teve erotismo, nunca! E... E aí eu tive esses namoricos que foram aquelas “ficadinhas” que a gente fica em baladinha, em carnaval, aquelas coisas, mas namoro mesmo assim de apresentar e conviver dentro de casa, aí foi o M. A gente ficou junto três anos, eu fiquei os últimos três anos da faculdade com ele e o meu primeiro ano de vida profissional aqui em São Paulo.*

**Larissa:** *Você veio pra São Paulo pra estudar?*

**Denise:** *Pra trabalhar. Eu vim formada. Eu me formei em (cidade interior de MG), fiz faculdade lá mesmo, eu vim pra trabalhar, aí a gente se dava muito bem, assim que eu vim, a gente tinha até ideia... O M. é fisioterapeuta, a gente já tinha até ideia dele vir pra cá, porque pra mim o campo aqui é muito melhor que o campo em Minas... Mas aí, o M. foi tomando outro rumo... Pra mim eu tava no começo da minha vida profissional, que pra mim era mais importante, e aí acabou o namoro... acabou... a gente até tentou voltar depois, mas não... Depois de um ano... Tentativa distante... Daí eu tive outros namoricos em São Paulo, é... Terminei com o M. em 1993, em 95 eu só tinha me relacionado com meninos, e aí nessa ocasião em 95 eu conheci... Eu tinha muitas amigas no hospital que eu trabalhava, muitas amigas gays... E aí eu comecei... Aí que eu comecei na verdade a me “antear” e falar: eu acho que eu também tenho coisas muito semelhantes delas! (risos) né? E aí eu comecei a... Mudei um pouco meu círculo, meu círculo de amizades mesmo.*

*Eu comecei a estar mais próximo a elas. Eu comecei a conversar com uma delas que é minha amiga até hoje, a V. E... Foi com a V. que eu falei um dia: olha eu acho que... Eu acho que eu quero experimentar isso, né? Nesse estilo... Sabe assim? (risos)*

**Larissa:** *Em que ano? 97?*

**Denise:** *Não, tudo 95. E aí eu conheci uma das meninas, uma que tinha acabado de terminar um relacionamento, daí eu tive um “affaire” com a C. Ela é enfermeira também. A gente se*

conhece ainda, a gente não tem uma amizade, mas a gente é... Eu encontro ela com uma certa frequência porque eu sou enfermeira e ela trabalha no C., e eu tenho os problemas da empresa que vira e mexe tem que resolver no C., então a gente se encontra, conversa super bem. Hoje ela é mãe de um filho com a companheira dela, ela sabe da Angélica também, já viu fotos da Angélica, de tudo mais, mas eu fico com uma amizade distante.

Daí na época eu tive um “affaire” mesmo assim com a C. ... Mas eu... Eu me apaixonei! Pra mim foi muito complicaaado! ...Porque eu vivi o grande paradigma da minha vida naquele momento ali né? A C. pra mim então não representou só um namoro que deu errado. Ela meio que quebrou uma série de... de coisas... de paradigmas mesmo assim, e aí o meu medo foi grande demais!

... Na verdade eu era muito jovem na época. Muita, muita, pressão da minha família, pressão que não era dirigida exatamente a mim, mas eu sentia, sentia uma família mineira, extremamente conservadora.

**Larissa:** *Você morando aqui voltava pra festas? Final de ano?*

**Denise:** *Não! Eu ia pra (cidade interior de Minas) direto! Direto, direto, eu ia duas vezes por mês assim, todas minhas folgas eu estava lá.*

**Larissa:** *Então você mantinha essa ligação forte?*

(Denise chama a atenção de Angélica que estava brincando ao nosso lado e no momento estava gritando. **Denise:** *Angélica, você prefere continuar brincando aqui ou lá dentro?* **Angélica:** *Aqui!* **Denise:** *Então você vai ficar quietinha pra eu conversar com a Larissa se não você vai lá pra sua mesinha filha! Olha aí as tintas! Faz uma pintura pra ela.* **Angélica:** *Eu não quero mais desenhar!* **Larissa:** *Você quer gravar também né? Depois que eu terminar aqui a gente pode brincar mais de ouvir nossas vozes.*

**Denise:** *E aí então, com a C. foi isso... Foi um momento muito importante de eu fazer um ponto de tudo, mas daí na época eu não segurei a... Na verdade eu acho que o que eu não segurava... Eu não tinha maturidade pra encarar minha família não, e eu sou uma pessoa...*

(Denise chama a atenção de Angélica novamente: “Eu já falei que ou você fica quietinha ou você vai lá pra dentro!”)

... Aí na verdade, eu fiz uma conclusão muito simplista e me vesti com ela, que era assim, se era pra eu sofrer, do jeito que eu tinha sofrido com essa ruptura da C. que foi um namoro que eu acho que a gente não ficou nem um mês junto, foram alguns encontros, e... E o M. foi um namorado que eu tinha amado muito, eu achava que ia ser feliz com ele, a gente achava que ia envelhecer junto, fazer família, ter filho, e tinha sido uma relação feliz né? E aí eu falei assim, bom, já que é pra sofrer, eu vou sofrer por uma coisa que a minha família... Que eu não vou ter que bater de frente com a minha família. Pra mim era muito importante, ter esse apoio da família sempre porque eu sou muito transparente.

**Larissa:** *Você é muito família?*

**Denise:** *Eu sou muito transparente, eu não ia conseguir enganar minha família, eu não ia conseguir ter festas importantes e não estar com a pessoa do meu lado... Pra respeitar minha família, mas daí minha família também tinha que me respeitar e daí eu acho que eu não... Diferente de muitas meninas que são minhas amigas hoje que são “gays de berçário” e que tiveram aversão ao sexo masculino, eu não tive isso. Minhas relações masculinas foram muito prazerosas sabe assim? O sexo era muito bom, o carinho era muito bom, então eu não tinha problema com isso assim...*

**Larissa:** *Mas você tem a preocupação de se classificar? Como você se classificaria assim?*

**Denise:** *Eu sou só homossexual mesmo, eu não sou bi não, eu não sou não, na verdade eu não tinha cacife interno de me posicionar mesmo, por isso que eu demorei, eu tive que me amadurecer pra isso né? Então eu vivi etapas do processo, então eu continuei com meus namoricos fugazes até que eu conheci o S. em 97 e aí eu fiz um casamento relâmpago, em treze dias ele foi morar no meu apartamento que eu já tinha, ele já era separado, pai de dois filhos, que são meus xodós e a gente vive junto, a F. e o F. e então o S. é dez anos mais velho do que eu...*

**Larissa:** *Você viveu então um pouco da maternidade com os filhos dele?*

**Denise:** *Vivi! Os filhos dele moraram com a gente, quando a filha dele engravidou eu fui “Vó torta” o G. é um fofo! Está com seis anos o G. (apelido para o nome G.) Isso tudo aconteceu no período do nosso casamento, o F. morou com a gente, a F. morou com a gente, o S. é meu sócio ainda hoje, o F. me chamou pra ser madrinha dele já depois da separação, depois de saber das minhas relações femininas, então é... Eu acho que as relações que eu tive foram construções muito transparentes, eu acho que é por isso que eu tenho o respeito do S. e da família toda dele!*

*No aniversário da Angélica agora de quatro anos estava todo mundo! No aniversário dela do ano passado estava todo mundo!*

**Larissa:** *Ah! Eles te conheceram, conviveram com você, viveram com você né!*

**Denise:** *É, ficou um afeto sincero, e acima de tudo esse afeto sincero... Que não é porque eu de repente eu me “descurtindo” pra mim mesma e pra ele que eu deixei de ter meu carinho ou credibilidade entendeu?*

**Larissa:** *Foi um término tranquilo...*

**Denise:** *Foi.*

*(Angélica me pede uma folha sulfite. Denise solicita para Angélica que ela faça um desenho bem lindo para a Larissa)*

*Então foi assim, voltando um pouquinho a esse passado, minha relação com S. foi extremamente rápida. Na época ele tinha se separado e voltado a morar na casa com o pai...*

**Larissa:** *E os planos de maternidade?*

**Denise:** *Veio depois né? Na verdade, eu continuava querendo fazer a adoção... Em todos meus relacionamentos eu falava da adoção... Com o M. eu...*

**Larissa:** *(interrompi Denise) Por quê? Por que a adoção? Você tinha já na sua família algum...*

*(Denise me interrompeu)* **Denise:** *Não, na família próxima não, acho que veio junto comigo, eu acho que eu nasci com a adoção meio arraigada na minha veia, assim sabe, não tenho um momento que isso começou, mas na adolescência foi que isso ficou mais claro, mais forte esse desejo, e ele só veio acompanhando. Em todas as relações sérias que eu tive a adoção sempre foi uma questão que eu deixava transparente. “Olha! Eu quero ser mãe por adoção!” Tipo assim, “você que ficar comigo? Então você sabe que eu vou encarar essa!”*

**Larissa:** *Fazia parte da negociação do relacionamento...*

**Denise:** *É, é, é então, quando você coloca suas aspirações né, dentro de uma vida entre duas pessoas.*

**Larissa:** *E era bem aceito?*

**Denise:** *Ah! Aí cada um tinha um pensamento diferente né? O M., por exemplo, topava, mas ele queria filho biológico também, daí seria uma relação mista.*

**Larissa:** *Ia ser uma troca? Eu te dou uma coisa que você quer e você me dá outra que eu quero?*

**Denise:** *É eu tive poucas relações na minha vida assim, meus relacionamentos são duradouros, mas eu não fui... Meu currículo não é extenso, ele é pequenininho. De relações masculinas que a gente chegou discutir bastante isso... Discutir assim, no bom sentido. Foi com o M. esse namoro de três anos e com o S. que foi um casamento de nove anos, quase dez, né?*

*Com o S. na época a gente chegou a ir ao Fórum (nome do Fórum próximo a moradia da Denise na época), cheguei a pegar documentação, mas aí a gente preparou todo o processo... Não é certo falar que a gente preparou! Porque eu fiz tudo né? Eu fiz tudo do processo! Eu conversava muito com ele, ele dizia que queria e não sei o que, mas no fundo eu sentia que eu tava pressionando... Era muito mais a mim do que a ele, muito mais pra mim do que pra ele. Até porque, como pai da F. e do F. ele já tinha o desejo da paternidade dele...*

**Larissa:** *Satisfeito.*

**Denise:** *É... Não era uma coisa que ele queria ampliar. Ele topava por mim, por gostar de mim ele queria construir aquilo comigo. Mas na verdade ele sempre deixou claro que ele queria um filho biológico, e eu falava pra ele... Eu não queria! Não queria porque nesse momento que eu desejei isso na gravidez e não aconteceu. Durante alguns meses a gente tentou e isso não aconteceu aí que eu fui fazer exame pra saber por que que eu não engravidei e aí que eu fui saber que eu tinha uma má formação no útero, aquilo pra mim não foi um problema! Muitas mulheres têm assim um sofrimento absurdo né? De morrer, de querer se rasgar, de se sentir infértil, de ser uma coisa muito ruim. Pra mim ele veio com um peso muito mais leve.*

*É óbvio que eu parei pra pensar: nossa eu não posso ser mãe? Mas acho que isso veio somado ao fato de minhas irmãs não poderem ser mães... Então isso pra mim, talvez se fosse só eu não ter a possibilidade da maternidade isoladamente das minhas irmãs talvez não fosse tranquilo, mas eu já tinha nessa época uma irmã que tinha sofrido vários abortos espontâneos e a mais velha que estava casada há “trocentos” anos e nunca tinha engravidado. E aí... Isso juntou como se fosse uma perda familiar, como uma dificuldade da gente estender a família do meu pai com a minha mãe, né? De parar na gente, de não ter uma continuidade.*

*E na época, eu acho que a minha sensação de perda foi por esse coletivo, né? Pelas impossibilidades das minhas irmãs. E mais pelas perdas da De. Né? No total, até hoje, a De. teve sete, seis abortos, um deles era gêmeos, então ela perdeu sete bebês na verdade. Então eu acho que a minha dor foi coletiva, não foi tão pessoal. Na época eu quis ter uma conversa séria com o S., a gente sentou e eu falei, eu não vou fazer inseminação, não vou fazer tratamento nenhum, eu acho que o dinheiro que eu vou gastar pra isso nesse investimento...*

**Larissa:** *Suas irmãs chegaram a fazer tratamentos?*

**Denise:** *Inseminação artificial nenhuma delas fez. É porque cada uma tinha uma situação diferente. A De. sempre engravidou, ela engravidou com muita facilidade, a dificuldade da De. era manter a gestação.*

**Larissa:** *E vocês tiveram alguma elaboração disso?*

**Denise:** *Pra mim isso tudo tem sentido “carmático” espiritual.*

**Larissa:** *Você tem então alguma religião?*

**Denise:** *Eu sou espírita. A gente só não está no Centro Espírita agora porque marcamos com você, a Angélica vai comigo no Centro Espírita, ela faz evangelização infantil, tem aqui o Centro Espírita em frente de casa, olha se você aqui... você vai ver que tem um Centro Espírita.*

**Larissa:** *Você acha importante então né dar essa educação religiosa...*

**Denise:** *Sim! Eu fazia cursos aqui no Centro Espírita, eu já trabalhava, eu já dava passe, eu já tava fazendo preleção, que são as palestras, mas aí eu me afastei...*

**Larissa:** *Você acha que de alguma forma você ter uma compreensão espiritualizada da vida influencia na sua compreensão da adoção?*

**Denise:** *Pra mim tá tudo pautado na espiritualidade né?... Pra mim a espiritualidade responde tudo que não tem muito bom senso pra gente, tudo que não é matemático, eu acho que a espiritualidade ela tem uma sustentabilidade muito grande. A Angélica é minha filha acima de qualquer coisa e isso...*

**Larissa:** *Você tem uma explicação de um vínculo que não precisa passar pelo biológico.*

**Denise:** *É, é transcendental, só pode ser espiritual... Só pode ser espiritual... Até por essa situação são cinco mulheres na minha casa, a mais velha não engravidou porque ela tinha uma acidez que matava os espermatozoides, então ela chegou na época fazer tratamento pra diminuir essa acidez, mas não deu certo. A segunda que é a De. que perdeu essas seis gestações e perdeu esses bebês todos, porque na verdade na primeira gestação dela, o primeiro marido dela, ele é veterinário, ele transmitiu pra ela uma doença animal, Brucelose, que é uma doença de vaca, que é uma doença que não é pesquisada quando você está no pré-natal e isso a gente tá falando de 25 anos atrás, né?*

*A De. casou em 86, naquela época, hoje talvez, não sei quais exames são feitos no pré-natal, mas naquela época não era feito. Naquela época, ainda mais em Minas, a De. engravidou em Minas, ultrassom era uma coisa que pouquíssimos médicos tinham. Então ela levou uma gravidez, pra gente super saudável, até os sete meses e meio, quando um belo dia, tava tudo pronto, uma baita curtição, eu dava aula particular, meu dinheiro todo mês era pra comprar presentinhos pra essa criança que ia nascer, e a gente sabia o nome, se fosse menino, se fosse menina, essa coisa toda, e aí um belo domingo ela começou a ter contração e evoluiu pra trabalho de parto, e a criança, era um menino, P.H seria.*

*Ele seria registrado como P.H não chegou a ser registrado, porque foi natimorto, se ele tivesse nascido vivo e sobrevivido um pouquinho ele teria o registro, e aí no caso ele tinha uma hidrocefalia monstruosa, e a médica não fez uma cesárea, ela deixou ela fazer o parto normal e dilacerou o útero todinho da De., e aí a Brucelose a gente ficou sabendo depois, porque a gente foi pesquisar porque a criança tinha tantas más formações, a criança era totalmente má formada.*

(Angélica interrompe para mostrar o desenho)

*A criança tinha muitas más formações, aí que viu que era Brucelose, e aí eles foram tratar pra poder ter outros filhos saudáveis, e aí na época...*

(Angélica interrompe falando: “quem quer brincar de pintura levanta a mão!” Denise explica que agora não iríamos brincar junto com ela.)

**Larissa:** *E você acompanhou todo esse processo junto com ela né?*

**Denise:** *E aí não tem jeito né? Porque família é família muito unida e a gente vivia e sofria junto né? Pra mim foi uma perda grande, eu lembro que eu chorava horrores, ele seria meu primeiro sobrinho, “nãnnã” aquela história toda...*

*E aí a De. se tratou, se curou, foi liberada pra tentar novas gravidezes, e ela engravidava e o útero não sustentava o peso da criança, daí ela fazia aqueles repouso absurdos, fazia circlagem que é fechar o colo do útero pro nenê não descer, não nascer, ficar não sei quantos dias na cama sem levantar pra fazer xixi nem cocô, ficar deitada, e mesmo assim o útero não sustentava o peso a medida que a criança ia desenvolvendo e aí ela abortou todos os filhos que ela engravidou depois, todos fetos saudáveis. O único mal formado foi o primeiro, então ela abortou bebês perfeitos e todos do sexo masculino, então pra gente foi um sofrimento coletivo mesmo.*

*A C. que é a terceira nessa ordem das cinco aí, ela engravidou também, e ela teria uma menininha, e quando foi fazer o primeiro ultrassom que é um morfológico que mostra... Que já é um recurso mais atual né foi fazer o morfológico e viu que a criança tinha a parte aqui da formação da medula, entre o cérebro e o começo da formação da medula muito aberto, e aí foi fazer outros exames pra pesquisar e viu que a criança tinha uma doença rara, uma síndrome rara de uma formação genética também, e era abortivo também o processo e ela abortou também essa filha.*

**Larissa:** *E quando você estava nesse processo de engravidar essa lembrança vinha?*

**Denise:** *Foi tudo muito paralelo, e aí eu comecei a ter pavor nesse tempo, a gestação já não era um desejo, ela passou a ser um medo. Lá em casa pra qualquer uma de nós ainda hoje se você ligar pra família pra falar: “olha tô grávida”, qualquer uma das cinco, a gente vai ter mais medo do que alegria, porque ficou assim, a De. quase morreu, porque ela tinha infecções depois desses abortos, ela foi pra U.T.I. sangrava horrores e chocava de tanto que sangrava...*

**Larissa:** *Dores... Até físicas?*

**Denise:** *Ah sim! Piração! A De. mudou muito, perder sete filhos não é pra qualquer um né?*

**Larissa:** *Sim...*

**Denise:** *Então isso foi vindo em paralelo e um sonho de adolescência ficou assim como sendo uma profetização: Meu futuro vai ser esse. Eu fortaleci mais mesmo isso, né? O meu contexto familiar foi contando pra isso. E aí quando, no casamento com o S. veio esse desejo, esse desejo foi importante, mas não foi fundamental né? Então quando eu me vi com essa dificuldade, eu falei pro S., olha não vamos gastar dinheiro com inseminação, não vamos fazer isso, não vamos... É eu acho que o dinheiro que se investe com isso a gente adota uma criança e a gente consegue prover pra ela aí um ou dois anos de uma bela educação, de uma condição de vida e depois é por nós mesmos, então né, porque né? ... Vai ser filho da mesma forma...*

*E aí o S. tinha uma série de... De... Ele queria que a criança fosse só branca, que a criança fosse bebê, ele tinha medo de alguém se algum dia olhasse pra criança e falasse, e chamasse de neguinho e ele sentisse qualquer tipo de preconceito ele falava que ia arrebentar a quem falasse porque ele não ia admitir ouvir isso, né? E aí eu nunca quis caracterizar muito a criança, eu sempre quis a criança um pouco mais velha...*

**Larissa:** *Naquela ficha de cadastro...*

**Denise:** *Eu estava com 27anos na época, eu já queria uma criança até cinco anos, e o S. não, ele queria bebê de até um ano, ele queria bebê, bebê mesmo, de meses.*

**Larissa:** *O mais próximo possível de uma filiação biológica...*

**Denise:** *Aí eu tive que fazer uma negociação tremeeenda pra ele aceitar uma criança até dois anos. E mesmo assim, a única coisa do processo que ele tinha que fazer, que eu não podia fazer por ele, era tirar o atestado de antecedentes porque você tem que pintar a ponta dos dedos né? E ele me enrolou acho que uns três meses pra fazer isso. E eu pedindo, pedindo, pedindo, insistindo...*

*Aí teve um dia que eu surtei, eu falei, olha eu não vou esperar mais! Eu não quero mais! Porque o desejo não é do mesmo tamanho. Daí teve um dia que eu cheguei em casa e eu piquei aquele processo que já tava formado em pedacinhos muito pequenininhos, e quando ele chegou em casa ele me viu fazendo aquilo e perguntou: o que que é isso? Eu falei isso é o desejo de ter um filho com você adotivo! Está indo embora agora! E aquilo pra ele foi um choque, ele quis voltar atrás sabe? Ele quis se posicionar diferente. Eu falei pra ele: Já foi S. Você perdeu a chance, você teve muitos momentos assim de poder ter uma coisa diferente.*

(Angélica interrompe: “Mamãe já brinquei!” **Denise:** “Leva lá pra tia Amanda pra ela limpar seus pincéis, escova os dentes e tira o pijama”)

**Denise:** *Aí na... Aí foi isso que acontece, e aí não demorou muito e a gente foi caminhando pra separação, a gente tinha uma vida sexual legal no começo do casamento, mas depois foi tendo uma série de distanciamentos, e aí eu comecei... Eu me vi numas tardes de domingo... Sabe quando o Faustão fala aquilo: Ah! Vocês tão caídos no sofá, não sei o que... Sabe esse cara de pijama do seu lado desde cedo? Eu falava, meu!*

*E aí eu não perdi as relações com as minhas amigas, as minhas amigadas, aí eu ficava assim: O que eu to fazendo aqui sabe? Será que eu não to deixando minha felicidade passar? Sabe assim... Será que eu gosto dele? ...*

**Larissa:** *Você estava numa idade crítica né? (risos) [idade igual a minha]*

**Denise:** *Eu estava com 27 anos... É...*

**Larissa:** *Idade em que já não estamos tão novinhas pra deixar o tempo passar e por outro lado sente-se que ainda tem uma vida pra construir...*

**Denise:** *É... Eu conheci o S. com 27 anos e fique com ele até os 30 e poucos, até os 36.*

(Angélica interrompe chamando pela mãe. **Denise:** “Filha! Pijama! Oh Amanda! Troca a roupa dela pra mim por favor! Pra ela escovar os dentes, trocar de roupa, ta friozinho aqui fora.” Angélica diz que só veio me ver e já iria tirar o pijama.)

**Denise:** *Eu até perdi o que eu estava falando...*

**Larissa:** *Você disse que até 36 anos você ficou com o S.*

**Denise:** *E aí começou... E aí à medida que o casamento foi virando uma parceria de amizade muito grande porque nós éramos sócios no trabalho, eu comecei ter a consciência de que a gente era muito uma dupla muito mais de sucesso, muito mais duradoura como sócios do que como marido e mulher. Teve um peso muito grande pra mim essa questão da adoção. Muito grande, muito grande, muito grande. Quando... Sabe assim que eu senti que a parceria tava frágil, sabe assim? Eu comecei a repensar uma séria de coisas...*

**Larissa:** *De interesses em comum... Para o futuro...*

**Denise:** *É... E aí os filhos dele com a gente sempre muito bem tal... e aí eu pensei, bom, talvez não seja isso, talvez eu consiga ser ainda... Ter ainda o S. por perto, porque a relação que eu tava tendo com ele é a que eu tenho hoje! Afeto, carinho... O amor se transformou! Se você perguntar pro S. hoje ele vai falar que ama a Denise pra sempre.*

**Larissa:** *Hoje ele teve outros relacionamentos?*

**Denise:** *Tem. Ele tem a A. que é a noiva dele.*

**Larissa:** *Mas virou então uma grande família assim?*

**Denise:** *A A. é apaixonada na Angélica foi no aniversário também... E virou tudo... É uma grande festa! (risos)*

*E aí, e aí, isso pesou bastante, e à medida que o casamento foi amornando isso pra mim foi ficando mais gritante. Né? Até que eu tava fazendo mestrado na F. aqui de São Paulo, e aí menina! Eu comecei a me envolver com minha orientadora de mestrado!*

*E eu casada ainda. E ela casada também. (diminuiu o som da voz)*

**Larissa:** *Você fez a graduação em Minas e o mestrado aqui, você parou os estudos no mestrado?*

**Denise:** *Eu estou fazendo outra pós agora, MBA. (falou nome da instituição).*

**Larissa:** *Quantos anos você tem agora?*

**Denise:** *Eu tenho 42 anos. E aí eu tive uma paixão fugaz e platônica né com essa orientadora de mestrado. Mas ela pra mim também foi um divisor de águas porque... É...*

**Larissa:** *Você tava saindo né dessa relação com S.*

**Denise:** *Daí eu falei, bom! E um belo dia eu acordei no café da manhã, e falei S. vamos conversar, sentamos e fizemos uma catarse sabe assim? Ele falou você não precisa me falar nada não. Ele falou pra mim! Ele falou, eu acho que você é bissexual, eu falei, eu acho que eu não sou só bi, eu acho que eu sou homossexual mesmo! ...Choramos muitos, nos abraçamos muito, sofremos muito. E foi assim... Eu acho que foi tão legítimo... ali a nossa dor, que a gente dividiu com tanta verdade, com tanta sinceridade isso, que mantém a nossa amizade até hoje.*

*E eu fui mesmo muito legítima!*

**Larissa:** *Não foi escondido...*

**Denise:** *É, mas foi naquele momento ali que eu falei olha, eu sempre tive vergonha de assumir, mas eu tive um “affaire” com uma menina, com 25 anos, dois anos antes de te conhecer... E falei pra ele, mas isso agora pra mim tá ficando grande, eu não to conseguindo brincar assim sabe de sou muito feliz, te amo... Eu falei pra ele, te amo, você é o companheiro que eu pedi a Deus, mas to sentindo falta de alguma coisa que eu não to tendo com você.*

*E eu não sabia nem definir isso porque eu não tinha vivido né? E aí foi quando a gente se separou, foi muito doloroso pra mim, foi péssimo, acho que foi a fase mais difícil da minha vida minha separação com S. porque a gente se gostava, mas eu não podia ser desleal com ele nem comigo.*

*E daí ficou tão nítido pra minha família que aquilo tava um sofrimento tão forte e eu não tava envolvida com ninguém e ele com ninguém e a gente... Foi um término mesmo!*

(Denise para para chamar atenção de Angélica)

*E aí foi quando eu comecei a. a... Ah, eu comecei minha busca pela minha identidade mesmo, sabe assim?*

*E aí foi muito interessante que todas minhas irmãs, em dias diferentes, não foi na mesma semana, mas num prazo muito curto de tempo, e todas elas vieram pra mim e tipo assim por a mão nos teus ombros e dizer assim, seja feliz D. (apelido para seu nome), a gente te ama de*

*qualquer jeito. Eu senti essa frase de cada uma das minhas quatro irmãs, meu pai já tinha falecido nessa época e minha mãe sempre foi muito preconceituosa, mas eu falei bom, não dá mais pra brincar de faz de conta e foi a época que eu conheci...*

**Larissa:** *Nisso você estava com 36?*

**Denise:** *É eu estava com 36, 37 anos. Eu demorei um dois anos pra conseguir me separar do S. Entre essas coisas começarem a acontecer e eu ter peito mesmo pra chegar pra ele e falar vamos por um ponto final eu demorei 2 anos e 4 meses. Isso tudo foi no meu processo interno de elaboração, sabe?*

**Larissa:** *Nisso você estava fazendo terapia?*

**Denise:** *Sempre fiz terapia! Eu tive vários espaços assim na terapia, mas eu fiz terapia, eu comecei a fazer terapia em 94 talvez. Vim pra São Paulo, me formei em 92, comecei trabalhar em 93, é de 93 pra 94 comecei. E... Foi minha primeira terapeuta que falava que eu não era gay (Já havíamos conversado pelo telefone sobre esse episódio), foi uma psicanalista.*

**Larissa:** *E foi nessa época que você trabalhava no hospital...*

**Denise:** *Isso, antes de eu conhecer o S. foi a época que eu comecei a ter esse "affair" com a C. que eu comecei fazer terapia com essa... Com a M. E ela falava pra mim que eu não era gay, e eu falava assim, acho que ela está enganada... Eu acho que eu sou, mas... (risos) vamos continuar na terapia né?*

**Larissa:** (risos)

**Denise:** *Mas depois eu troquei de terapeuta né?! (risos)... Depois eu troquei de terapeuta! (risos). Aí eu fiz vários períodos de terapia, aí quando eu conheci o S. eu lembro que ele queria que eu parasse de fazer terapia, ele falou, mas a gente conversa tanto, mas a gente é tão feliz, e aí teve uma época que eu parei mesmo, meio que a pedido dele, mas depois eu senti falta, eu voltei e daí eu fiquei.*

**Larissa:** *Você gostava desse espaço...*

**Denise:** *Eu gosto! Eu gosto! Eu acho super importante, eu gosto sim! E então, quando eu me separei do S. a minha primeira relação feminina que eu posso dizer que foi uma relação de verdade foi com a S. que é irmã da Sa. Que tá aqui em casa hoje, que você conheceu né? Que aí a gente teve um namoro, e aí eu conheci...*

**Larissa:** *Isso foi em noventa e... ?*

**Denise:** *Não a S. foi agora em 2008, 2007 desculpa!*

**Larissa:** *Sim, e esta você considera que foi uma relação mais madura...*

**Denise:** *Na verdade o grande divisor de águas da minha vida foi. Porque daí, eu conheci a S. por uma amiga que apresenta pra amiga, e a gente se conheceu por MSN, falamos por telefone e eu fui pra N. (capital de um estado do nordeste brasileiro) conhecer ela. E aí foi incrível! Conhecer mesmo, de conhecer toda a família dela, de ver todo mundo, o acolhimento que eu tive... Sobrinho dela maior marmanjo, desde o dia que eu cheguei lá já me abraçava, você que é a Denise de São Paulo namorada de titia? E eu falei: Meu! Um sobrinho desse tamanho! Me dando um abraço desse! Me tratando dessa forma! Eu falei: é isso que sempre quis! Sabe? É isso que sempre quis!*

*E aí a gente ficou por um tempo junto, foi muito pouco tempo, mas a gente ficou um ano junto, mas foi um ano que parecem que foram sei lá, 20 anos, 30 anos, muitos anos.*

**Larissa:** *Você se permitiu né? E tendo essa flexibilidade de ver quando não está dando certo terminar...*

**Denise:** *Eu me joguei de cabeça e não me machuquei me machuquei como fim de relação... Porque pra gente era difícil se relacionar assim, mais de 3000 Km de distância, então isso significava pra gente 3 horas de avião mais 3 horas de carro e um preço bastante alto isso, de tempo, distância e dinheiro mesmo... E aí por fim ela se apaixonou por uma menina de uma cidade vizinha dela lá, de uns 40 minutos, é muito mais tranquilo né?*

*E aí a minha relação acabou.... mas a família, a gente manteve o vínculo muito intenso e aí depois de três meses desse término eu conheci a Amanda. Conheci a Amanda.... a gente tá junto faz três anos. Então assim, foram poucas relações, mas, relações muito legais nesse sentido. Quando eu conheci a Amanda eu já tava é... Separando meus documentos pra levar para o Fórum. Porque ali quando eu tive aquele momento com o S. de desistência, de não aderência na verdade, ele não desistiu na verdade porque ele nunca pegou aquilo na mão dele, ele nunca pegou pra ele, então quando houve aquela ruptura nossa, eu resolvi que eu ia fazer carreira solo, sabe assim? Eu não ia me pautar em ninguém mais, aquele sonho eu ia realizar independente da minha relação. Eu tinha uma estabilidade financeira, né? Eu tinha condições de ter...*

**Larissa:** *Emprego legal já né...*

**Denise:** *A nossa empresa é super madura né? Eu já faço a mesma coisa há 20 anos, eu já estou na segunda empresa do mesmo seguimento né? Do Home Care. E eu falei assim, eu não tenho que esperar ninguém, me pautar em ninguém, vai ser carreira solo mesmo!*

*E aí quando eu conheci a Amanda eu já botei na mesa pra ela, eu falei ó...*

**Larissa:** *A Amanda... você conheceu em 2000 e...*

**Denise:** *2009!*

*(Angélica interrompe perguntando se podia botar aquela roupa, Denise afirma que pode colocar a roupa que quiser).*

*Foi em 2009, porque eu fiz meu aniversário de 39 anos com ela. 39, 40, 41 é isso mesmo. Foi...*

*A gente se conheceu em agosto de 2009, e aí já ficou pra ela como uma coisa. Ela se assustou, falou que nunca tinha tido o desejo em ser mãe, em adotar, ela já tinha relato de infância dela do nordeste, do sítio que você acaba criando as crianças que têm menos condição que você, mas não uma adoção assim de fato...*

*Na época daí eu vi assim que ela se assustou, e daí eu falei, fica tranquila que o processo eu vou entrar sozinha. Né? Você vai estar por perto, vai ser uma pessoa que a criança vai amar demais, eu acho que não importa o rótulo! Importa o sentimento!*

*A Angélica tem na Amanda tanto a sustentação que ela tem comigo né? Então... Depois a Amanda sentiu um pouco mal por essa questão de não ser mãe também, mas eu sempre quis deixar transparente isso porque era um objetivo de vida meu, um desejo meu e eu não posso impor isso pra ninguém, então eu nem deixei ela, na verdade eu não permiti que ela é... Sei lá, que ela participasse mais do que ela participa no sentido de rótulo mesmo, de dar nomes, porque eu já entrei no processo sozinha no Fórum, já deixei muito claro, eu acho que eu não sou nenhum modelo de Penélope Charmosa...*

**Larissa:** *Você sentiu em algum momento uma cobrança pessoal ou externa pra uma legalização da união, necessidade de um casamento pra adotar? Pra ter essa família mais quadradinha, redondinha...*

**Denise:** *Não, de forma nenhuma, não. Minha família foi uma grande descoberta pra mim, isso que eu vivi na família da S. foi pra mim o trampolim que eu precisava pra ficar no topo da montanha e falar pra minha família olha, to aqui, agora eu to inteira, to inteira, essa sou eu. E minha família toda comprou o pacote, a S. a primeira vez que ela foi pra São Paulo, ela foi...*

**Larissa:** *Você falou da sua mãe ser mais preconceituosa...*

**Denise:** *Mas aí quando eu me fortaleci, deixou de ter peso pra mim, tinha muito peso antes quando eu não tava preparada.*

**Larissa:** *Você não precisou mais pedir “permissão” né?*

**Denise:** *Não! Eu estava totalmente independente, estabelecida em São Paulo, eu já tinha trabalhado pra caramba, eu já tinha vivido um casamento heterossexual, eu já tinha... Eu já tinha concluído uma série de etapas da minha vida, então eu não me sentia precisando... Eu precisava sim da aceitação, mas não da aprovação, eu não queria chegar com alguém na casa da minha mãe, e a pessoa ser mal tratada, eu não queria me sentir excluída, mas eu não precisava da benção dela no sentindo dela de casar a relação, sabe assim no sentindo de casar a relação? Mas desde a primeira vez que a S. foi lá pra (cidade natal de Denise) ela foi sempre bem tratada!*

(Angélica interrompe: “Olha a minha filha a M. (nome da gatinha de estimação da casa) ela não quer... (correu e se aproximou do gravador)”. **Denise:** *ela não tá com fome agora. Filha e esse punção que você soltou? (risos) vai lá no banheiro filha que você soltou um punção.)*

*Então aí eu lembro que o primeiro Natal que eu tava namorando a S. ela passou aqui em São Paulo, e aí a gente buscou minha mãe em Minas pra passar o Natal aqui com a gente, e aí chegou na hora de dormir... minha mãe virou e falou pra mim e falou pra mim: filha, mas aonde eu vou dormir? Eu falei mãe, você vai dormir aqui no sofá, meu antigo apartamento era de dois dormitórios, mas em um dormitório eu fiz sala de TV, daí eu falei, olha a senhora vai dormir no sofá. E ela falou e a S.? Eu falei, ela vai dormir comigo na cama. Aí ela virou pra mim e falou assim: É... Ela não é só uma amiga né filha? Eu falei mãe... (risos)*

**Larissa:** *Ela sabia, mas não tinha assimilado ainda... (risos)*

**Denise:** *É aí nessa hora eu falei: mãe, eu to com... Na época eu... Mãe, eu to com 38 anos, a senhora já me viu feliz como eu to agora? Ela falou não, eu falei então mãe, ela falou, é isso que importa né filha? Nunca mais ela falou nada.*

**Larissa:** *Mesmo com o S. não foi um casamento de véu e grinalda, a gente falou disso né...*

**Denise:** *Não, a gente casou só no civil. Ele já era pai de dois filhos, ele já tinha casado né...*

**Larissa:** *E você não tinha isso...*

**Denise:** *Nunca quis, quis só porque pra ter uma semana de lua de mel porque eu tava morrendo de vontade de viajar, só isso! (risos) Mas a gente casou só no civil, e fez um almoço, não fizemos nem festa. Fizemos um almoço numa churrascaria assim, uma coisa pra lá de qualquer celebração tradicional. Não fiz chá de panela, chá de cozinha, chá de nada.*

*E aí foi isso, e aí então, e daí quando eu conheci a Amanda Ela já entrou nesse pacote e daí demorou um ano e meio pra Angélica nesse processo todo do Fórum.*

**Larissa:** *Você já tinha dado entrada?*

**Denise:** Não, quando eu conheci a Amanda eu já fui no Fórum e já peguei a papelada.

**Larissa:** Como que foi isso? Como que foi esse dia do “hoje eu vou no Fórum e vou decidir essa papelada!”

**Denise:** No dia que nossas amigas em comum nos apresentaram, na mesa ali do barzinho conversando eu já falei que eu ia ser mãe, e que eu representava um pacotinho, que pra se relacionar comigo...

**Larissa:** Você tinha ido já ao Fórum (nome do Fórum), daí tinha tido aquela cena do picar...

**Denise:** É, eu tive que remontar.

**Larissa:** Como foi isso?

**Denise:** Isso era um pensamento latente, pulsa, pulsa, pulsa, e daí de repente, ele vem pulsando mais forte ainda...

**Larissa:** É né, quando a gente vê uma cena em um filme, ou passeando em um shopping...

**Denise:** Eu sempre me emociono com situações que são nítidas de adoção né? Mais do que famílias tradicionais... Daí quando eu fui no Fórum eu peguei lá a lista tremenda de documentos que você tem que separar. Separei tudo, demorou muito pra eles me chamarem pra primeira entrevista, coisa assim de quatro, cinco meses, entre uma entrevista e outra sempre uma demora muito grande, e eu sempre deixei muito claro no Fórum que eu tinha uma namorada, não me senti vítima de preconceito em nenhum momento, se a pessoa tinha preconceito pessoal, ali ela não podia ter um preconceito profissional porque isso tudo foi meio paralelo com a discussão da união estável por pessoas do mesmo sexo...

**Larissa:** Já existia uma discussão forte nesse sentido na mídia e tudo...

**Denise:** É... Então, e a mídia tem um peso muito grande né? Talvez se eu tivesse feito esse movimento um pouco antes talvez eu tivesse sido vítima, eu não fui, então eu não posso dizer isso do Fórum e demorou um ano e meio pra sair a habilitação, mas o meu cadastro no Fórum foi muito amplo, então eu fiquei habilitada...

**Larissa:** Na ficha você fez exigências?

**Denise:** Minhas exigências foram muito pequenas: Eu aceitava dois irmãos, até 8 anos independente de cor.

**Larissa:** Podiam ser dois meninos? Duas meninas?

**Denise:** Tanto faz, podiam ser dois meninos, duas meninas, um casal, tanto fazia, tanto fazia a cor, eu aceitava todos problemas de saúde. Embora não tenha AIDS, eu aceitava crianças com HIV positivo. Na verdade, Síndrome de Down, eu não quis cercear, sabe assim? Pra mim de todo o processo... pra mim o pior foi a caracterização da criança! Na verdade eu excluí 3 coisas, que aí eram coisas que eu sabia que eu não dava conta de lidar: eu excluí o autismo, pela simples questão de que eu precisava sentir a troca de afeto com a criança, então eu tinha medo de no autismo eu não conseguir isso... Talvez um preconceito bobo... Besta meu, mas não dava conta, eu acho que você tem que ser legítima no que você dá conta, né? Então, eu sabia que naquele momento eu sentia que eu dava conta de ter uma filha ou um filho com Síndrome de Down, que pra mim não fazia questão se a criança tivesse HIV, se ficar fazendo controles e dando coquetéis e tratando e cuidando...

Eu acho até que eu ia conseguir ajudar a criança a vencer o preconceito social depois. De se colocar na adolescência quando começasse namoro e “nãnnã” então isso pra mim não era ruim, mas o autismo era uma coisa ruim, a esquizofrenia, as doenças mentais no sentido de

*dificuldade de vínculo, né? Que impossibilitava vínculo... É troca de afeto e vínculo. E... Crianças com diagnósticos, com prognósticos de... Reservados assim né? Pra morte né?*

**Larissa:** *Risco de morte...*

**Denise:** *É, riscos eminentes de morte. Porque isso eu não queria. Crianças com cardiopatias graves, ou com câncer em fase avançada. Então eu excluí o risco de morte e excluí a ausência do vínculo. E aí é muito cruel né? Porque a psicóloga chega pra você e fala assim: mas você aceita um filho cadeirante? Ela queria saber por que você aceita uma criança com cadeira de rodas! Você quer empurrar uma criança numa cadeira de rodas? Eu falei, jamais! Mas e se eu tivesse engravidado e como eu tive sobrinhos com má formação! E se eu tivesse filhos com má formação? Eu sentia que eu não podia excluir essas coisas, porque quando você engravida você não tem esse processo de seleção!*

(Interrompeu a fala, pois percebeu que a cortina pelo vento estava me atrapalhando, se levantou para arrumar para mim).

*Sabe assim? Eu não me sentia muito... Eu não me sentia no direito, eu não queria mesmo cercear demais, então eu excluí esse risco eu falei, eu não vou conseguir ficar com uma criança que não vai me retribuir o afeto, aí depois quando você assiste aquele filme... “Ensinando a viver”, aí você vê, aquele filme é fantástico! Eu não sei se você já assistiu...*

**Larissa:** *Uhum... Da caixa...*

**Denise:** *Isso da caixa, que ele é um garotinho que quer ser astronauta, da caixa... Aí eu me senti uma babaca, óbvio! Você se sente babaca porque você vê que... Mas enfim!*

**Larissa:** *Ah! Mas foi algo que você pensou com maturidade...*

**Denise:** *Foi legítimo, e eu tinha que ser sincera, eu excluí isso, excluí... Eu tinha um tio que era esquizofrênico e eu via o isolamento que era dele, então eu não queria... Embora a esquizofrenia do meu tio tenha surgido aos 22 anos né? E ele foi uma criança e um jovem muito saudável, então eu falei assim, vou correr os riscos naturais né? Se a criança desenvolver depois qualquer problema de saúde, eu vou estar junto, eu vou ajudar a resolver, eu vou tratar, vou cuidar, vou fazer tudo, mas eu não queria ali naquele momento começar naquela situação né? Então eu excluí só isso.*

**Larissa:** *E a idade também...*

**Denise:** *Deixei até 8 anos, aceitava irmãos, na verdade eu queria aceitar até três, mas minha terapeuta falou se você aceitar três eu te condeno! (risos) Eu vou lá no Fórum e falo que é demais pra você. Duas crianças é um número legal ela falou, a V. sempre falou pra mim.*

*Então, de tudo do Fórum pra mim a única dificuldade foi essa, foi sofrido, cada pergunta que a psicóloga falava: Ah! Mas você quer um filho que ande de muleta? Ah mas você quer um filho que anda de cadeira? Então, né?*

**Larissa:** *...Explorando muito esse limite...*

**Denise:** *O porquê que eu aceitava deficiência né? Então eu fui habilitada no dia 30 de agosto.*

**Larissa:** *E a sua resposta a esse “por quê”?*

**Denise:** *Você não tem essa possibilidade quando você engravida! Isso a gente tava discutindo ontem mesmo lá no grupo de adoção né? Eu que disse mesmo ontem lá no grupo, você pode ter uma gravidez saudável, você pode ser saudável, seu parceiro ser saudável, ou a inseminação pode ter sido bem feita, no caso de mulheres que querem engravidar por mulheres que querem ter filhos com os companheiros, mas por parte da inseminação né?*

*Falei você pode estar tudo muito saudável, mas você pode ter um problema na hora do parto! Né? Qualquer problema no transparto você pode ter uma criança com problema de saúde depois! Se falta oxigenação cerebral! Tá! O risco da morte súbita do prenatura, da morte do recém-nascido... Mil riscos que você pode correr né?*

*Quem garante que a tua criança não vai nascer com seis dedinhos? Ou, com uma perda auditiva? Ou com a... Ah... Qualquer coisa! Né?*

(interrompeu me ajudando novamente com a cortina)

*Então assim... É... Eu não queria, falei assim, eu não estou numa prateleira, sabe assim? Escolher uma embalagem mais perfeita... Eu queria me sentir mãe, e isso a gente não...*

**Larissa:** *E isso você já tava no grupo de apoio? Com essas discussões...*

**Denise:** *Desde o início! Eu fui no Fórum eu já fui na primeira reunião do A. (nome do grupo), então no A. eu estou há dois anos e meio. Comecei indo sozinha nas primeiras reuniões, porque a Amanda trabalhava aos sábados, depois ela começou a ir comigo nas reuniões, e aí sempre apresentei a Amanda como uma companheira, embora a adoção fosse sozinha.*

**Larissa:** *E isso foi bem aceito no grupo?*

**Denise:** *Larissa! Isso aí eu já to meio trator sabe assim? Eu já apresento de uma forma assim que se a pessoa tiver preconceito pra mim ela não vai falar que ela é preconceituosa! Eu chego apresento, falo pronto e se a pessoa for preconceituosa ela vai ser!*

**Larissa:** *Ela vai ter que lidar com isso na terapia dela né? (risos)*

**Denise:** *É! Noquinho dela! ... É meio trator assim mesmo, meio atropelando. E não tenho a necessidade de transformar nada disso em uma situação velada né? Então eu fiquei pouquíssimos dias, quando o Fórum foi me dar a sentença de que eu estaria habilitada para o processo de adoção, no mesmo dia que eu fui chamada no Fórum...*

**Larissa:** *O seu processo demorou...*

**Denise:** *1 ano e meio! Porque o J. (nome do Fórum), o meu Fórum, ele é um Fórum mais burocrático, lá em S. (nome de Fórum procurado anteriormente) eu posso dizer de carteirinha, porque esse grupo que eu faço parte há 2 anos e meio, ele tem, 99% de pais pretendentes à adoção ou de pais adotivos no Fórum S. por condição geográfica, porque ele tá lá próximo ao fórum, é... O Fórum de S. é muito mais rápido, no J. não.*

**Larissa:** *Você sentiu que o processo realmente te avaliou? Você acha que alguém que não tivesse condição...*

**Denise:** *Total! Eles me viraram do avesso, viraram meu umbigo do avesso, eu acho que a psicóloga principalmente, a C. principalmente, e eu achei ótimo, porque assim, na hora que a Angélica chegou e eu me senti assim naquela responsabilidade da maternidade e aí é pra valer, você não pode voltar atrás, você valoriza até, hoje eu valorizo até, esse 1 ano e meio que demorou. Toda ansiedade que eu tive, todo o sofrimento que eu tive...*

**Larissa:** *Você entrou em 2009 né?*

**Denise:** *Eu fiquei um ano e meio, é...*

**Larissa:** *A primeira papelada foi em 2009?*

**Denise:** *Foi.*

**Larissa:** *Aí você ficou até 2010...*

**Denise:** *A Angélica veio em 2011 né? A Angélica foi desabrigada 14 de setembro de 2011.*

**Larissa:** *Você foi habilitada já em 2010?*

**Denise:** *2011. Eu fui habilitada dia 30 de agosto, eles me chamaram lá no Fórum porque eles queriam se certificar de que eu adotava criança com deficiência mesmo. Assim, eles achavam absurdo eu aceitar tanta coisa sabe? Todo mundo queria conversar comigo! Até a juíza! Aí nesse dia 30 de agosto a juíza me chamou no Fórum: Você aceita mesmo? Eu falei: eu aceito! Porque o que você coloca aqui a gente tem MUITAS crianças na nossa Comarca! Você não vai esperar quase nada...*

*Aí eu falei pra ela, ainda brinquei, olha meu aniversário é dia 8 de setembro, quem sabe eu não tenha meu presente de vida na data do meu aniversário?*

*Aí eu acho que o Fórum fez isso meio que proposital, no dia 8 de setembro, aí eles me telefonaram no dia do meu aniversário e me falaram da Angélica! E aí caiu uma bomba!*

**Larissa:** *No dia do seu aniversário!*

**Denise:** *Foi! Oito dias depois né? ... Dia 30, dia 8 de setembro, eles já me ligaram, me ligou a assistente social e me contou.*

**Larissa:** *Você não fez então aqueles processos de ir conhecer...*

**Denise:** *Não, não, não! Eu fiz o trâmite quadradinho. Eu na verdade, sou voluntária de abrigos há muitos anos. Já tive muitas paixões por crianças, desde menorzinha, eu já fiz muitos trabalhos de festas pros abrigos, de ir brincar com as crianças, nunca foi uma atividade assim... sempre foi muito presente.*

**Larissa:** *Mas por que você ia, fazia isso?*

**Denise:** *Ah! Eu sempre quis, fazia parte da minha busca mesmo de conviver com as crianças pra adoção, desde 1997.*

**Larissa:** *O seu trabalho é com crianças?*

**Denise:** *Geriatria... Como enfermeira eu não gosto de ver crianças doentes, eu nunca gostei da pediatria porque eu não tenho estrutura psicológica pra... Dei muita injeção, vacina em criança quando precisei dar, mas não é o que eu gosto de fazer profissionalmente não.*

**Larissa:** *Como escolha você não...*

**Denise:** *É eu não curto não, e aí eu queria ser mãe mesmo né? Eu não queria ser enfermeira ao mesmo tempo do meu filho ou da minha filha.*

**Larissa:** *Sim, você estava me contando que você ia pra abrigos...*

**Denise:** *Eu ia, tinha até irmãs que eu me apaixonei incrivelmente por elas L. e L. Pra mim tem essa questão espiritual forte...*

**Larissa:** *Ah! Tinha algo ligada a sua crença religiosa esse trabalho?*

**Denise:** *Não, eu pessoa mesmo! Nunca fiz isso pelo Centro Espírita isso não. Fiz isso em instituições diferentes (citou nomes e lugares de instituições). Eu levava caixa de leite lá e ficava brincando com as crianças, e daí foi que eu conheci a L. e L. e daí deu tudo errado, elas foram transferidas de abrigo, aí que eu fiquei sabendo que elas tinham sido vítimas de abuso, e elas tiveram processo de adoção delas... Porque a criança tem que estar liberada pra adoção. Né?*

**Larissa:** *Isso foi sem conhecer a Amanda?*

**Denise:** *Não na época da L. e L. eu já conhecia a Amanda e na época a gente ficou na expectativa, mas por elas terem sido trocadas de abrigos, porque elas tiveram que ser afastadas do abrigo anterior, porque elas tinham sofrido um tipo de abuso sexual lá, e aí eles me afastaram delas radicalmente! Eles transferiram de abrigo em segredo de justiça pra afastar das pessoas do abrigo, mas, afastaram de mim também! E aí como eu sempre tive essa questão da espiritualidade muito forte e queria que a adoção sempre fosse...*

(Angélica aparece e tenta chamar a atenção e Denise explica que está conversando com a Larissa)

*E aí eu falei bom, eu tenho que entender os nãoos que a vida tá me dando, se houve esse afastamento da L. e da L. é porque minha filha talvez, meus filhos né, porque sempre foi plural e sempre foi sem sexo, né porque, cadastro é isso! Você não sabe!*

*Aí eu falei bom, eu tenho que lidar com isso. E pra mim foi difícil, eu tive gravidez psicológica, eu fiquei quatro meses sem menstruar...*

**Larissa:** *É?!*

**Denise:** *Eu sofri um aborto! Quando eles tiraram as meninas do meu convívio, eu sofri um aborto mesmo! Eu dei uma despirocada legal! E aí quando eu me conscientizei de que bom não são elas, eu tomei esse não que a vida tá me dando, quando eu fiz isso de fato, foi quando minha sentença saiu. Parece que foi mais uma outra dor que eu tive que ter pra ter um amadurecimento também. E aí a hora que o Fórum me ligou nesse dia 8 de setembro aí, quando a assistente social me ligou pra falar que tinha uma menininha de 2 anos e 10 meses, que tava num Fórum, que tinha nascido com 600 gramas, de 24 semanas de gestação, e que era uma batalhadora! Porque ela nasceu, ficou em ventilação mecânica... A genitora dela era usuária de crack, então aí vem toda a coisa cruel da história né?*

*Cruel de você imagina as dores que ela passou e as vitórias que ela teve que ter pra estar aqui em casa hoje, feliz em casa bagunçando, correndo, fazendo arte como qualquer criança.*

(Denise visivelmente emocionada, olhos lacrimejando)

*E a Angélica morou os dez primeiros meses de vida dela na Santa Casa e de lá foi direto para o abrigo. Porque a C. (nome genitora)...*

**Larissa:** *Ah! A genitora desde o parto...*

**Denise:** *Não, a C. que é o nome da genitora dela, a C. por ser usuária de crack moradora de área de invasão no centro da cidade, nem documento ela tinha, ela foi levada pela polícia na Santa Casa, chegou em trabalho de parto né? Deu a luz, provavelmente o trabalho de parto dela foi muito complicado, ela usava muita droga, e a Angélica nasceu foi direto pra U.T.I. ela nunca viu a Angélica E a hora que ela recobrou depois do parto dela, foi parto normal, ela fugiu da Sta.Casa.*

*Então ela entrou sem documento, saiu sem dar notícia, e a aí o Conselho Tutelar foi depois de alguns dias, é... No processo tá que do décimo primeiro ao décimo segundo dia fizeram uma busca bem grande pra tentar a localizar a pessoa dentro da descrição que a Santa Casa dava e dentro do nome que tinha sido dado na entrada e encontraram num determinado endereço lá do centro da cidade, uma pessoa né? Deitada num colchonete na área de invasão e que diz ser essa pessoa, diz que tinha dado a luz. Foi solicitado pra ela ir na Santa Casa ela disse que não iria, que já tinha outras crianças e que a família tava cuidando e que ela não sabia o destino das crianças, que umas tinham ido pra adoção, que umas estavam com a família, e que ela não tinha intenção de ir na Santa Casa e ela nunca foi mesmo!*

*Aí a Angélica não teve esse processo de destituição porque o juiz até que deu o nome pra ela, o nome foi escolhido pelo juiz, na certidão foi escolhido pelo juiz, Angélica foi escolhido pelo juiz, graças a Deus, porque é um nome maravilhoso que significa descendente dos anjos e aí a (apelido para o nome da filha) e foi dado o sobrenome S. que era o sobrenome atribuído à genitora.*

*Então sem documento prévio dessa pessoa, e aí ela foi direto pro abrigo, porque por esta gestação ela teve muitos problemas de saúde, ela teve por muito tempo diagnósticos terríveis de microcefalia, de retardo mental, de cegueira, ela teve que fazer cirurgia a laser por descolamento de retina do nascimento prematuro.*

*A história dela é triste assim... Eu fiquei quatro horas no Fórum lendo um dossiê que parecia a Barsa completa, aqueles livros todos da Barsa. Eu li aquilo, eu chorava, ao mesmo tempo que eu já sabia que ela é minha eu tinha medo pelo tamanho do processo dela assim, o medo e alegria tinham o mesmo peso, a mesma proporção e a mesma intensidade sabe assim? Meu coração parou de bater...*

**Larissa:** *E isso você sozinha?*

**Denise:** *O tempo todo sozinha! Todas as entrevistas. A assistente social conheceu a Amanda quando ela veio aqui em casa, mas não quiseram falar com ninguém da minha família...*

*Tinha sido dito pra mim que talvez eles quisessem falar com alguém da minha família, mas eles ficaram satisfeitos só comigo mesmo! (risos) Não quiseram falar com ninguém, até quando eu perguntei pra ela, se elas iam precisar chamar alguém da minha família elas disseram que não, elas chamavam quando sentiam a necessidade de confirmar alguma coisa, mas que comigo não tinha sido preciso isso. E aí nesse dia eu fui sozinha e depois que eu vi o processo todo dela a assistente social, a psicóloga e a juíza vieram falar comigo pra saber se eu estava certa de que eu queria mesmo conhecer a Angélica (usou apelido) no abrigo.*

**Larissa:** *E nessas leituras então você foi tendo esse sentimento de...*

**Denise:** *Menina! Meu coração parou de bater no telefonema, quando eles me ligaram dia 8 à tarde pra mim, ali já parei de comer e de dormir, eu acho que eu emagreci uns 8 kg no primeiro mês. E assim, a vida toda eu engordei pra tudo, engordei por feliz, engordei por triste, por ansiosa. E ali eu... Sabe assim? É como se meu coração tivesse parado de bater. A única coisa que eu queria era ir lá e conhecer a Angélica, mas eu não sabia definir, aliás, eu ainda não sei definir o que eu sentia, era medo e alegria com mesmo medo, mesma alegria, na mesma intensidade, na mesma proporção, então assim, igualzinho os dois, e aí quando eu cheguei no Fórum uma sensação de anestesia, eu aí com o processo e elas perguntando e eu não vou recusar... Eu pensava pra mim né, eu não vou recusar, eu não vou recusar por papel, eu quero ver! Quero ver a Angélica aí eu fui zunindo lá pro abrigo.*

**Larissa:** *Por que pra você era importante o que você ia sentir... Com o contato?*

**Denise:** *É uma dúvida que todo mundo tem, vai bater sininho? Não vai bater sininho? O que você vai sentir? ... né? E aí eu acho que é meio... Não dá pra comparar porque os amores são diferentes, mas é quando você bate o olho em alguém e você se apaixona à primeira vista, num namoro...*

**Larissa:** *Foi importante essa coisa da sensação então?*

**Denise:** *É, é muito sensação, é muito pura sensação, é 100% sensação, e aí nessa hora quando eu fui para o abrigo, eu fui o tempo todo preocupada se eu ia ser chamada de mãe... Meu desejo era muito grande né? ... De ser chamada de mãe.*

*E aí eles contaram pra mim que três casais já tinham dito não...*

**Larissa:** *Ela já estava com 2 anos?*

**Denise:** *2 anos e 10 meses... Por causa da perda auditiva, e por conta de... Porque quando eu conheci a Angélica ela tava fechando uma série de diagnósticos né? Então já tinha aquela coisa? Ela vai ficar normal? O que que tem? O que que é? O que que não é?*

**Larissa:** *Isso ficava claro no processo?*

**Denise:** *É porque a Santa Casa tudo que fechava era obrigada a mandar cópia dos laudos pra lá, né? Então tanto a Santa Casa tinha que dar informações pro Fórum quanto o abrigo que ela residia também tinha que dar tudo dela, e as fotos da Angélica lá no Fórum eram fotos dela muito bebê, e ela tinha uma carinha muito sindrômica quando bebê, porque o prematuro ele não está com a formação óssea completa, então ele tá com os olhos muito afastados, o meio do rosto assim uma coisa meio desproporcional... E ela nas fotinhas que eles tinham lá não era uma criança linda! Não é uma criança que você olha e fala: Olha! Que criança linda! Sabe assim? Mas, isso não me pegou na hora, o que me pegou o tempo todinho do Fórum até lá, era se eu seria chamada de mãe, como é que ia ser minha comunicação com ela.*

*Tanto é que quando a psicóloga, elas lá no Fórum, perguntaram pra mim, né... O que que eu estava vendo daquilo tudo, o que eu estava sentindo daquilo tudo, eu respondi pra elas que se ela não me chamasse de mãe, ela ia me chamar de mãe pelo olhar, pelo carinho, no toque, sabe assim? Isso pra mim ali era muito... Eu sabia que ela ia me sentir ali chamando de mãe de outra forma.*

*E aí eu fui, fui voando. Tomei multa! Porque eu tinha pouco tempo, eu já sai do Fórum tarde e eu só podia ficar no abrigo até as 19 horas, e era o primeiro dia meu de MBA, então assim, sabe aquela coisa tudo no mesmo dia?*

**Larissa:** *E era seu aniversário!*

**Denise:** *É, meu aniversário tinha sido na véspera, no dia 8, o Fórum me ligou no dia 8 às 6 horas pra eu ir no Fórum dia 9 à uma da tarde, eu fiquei no Fórum da uma até as quatro e meia lendo papel, vendo tudo aquilo, falando com as profissionais de lá, e aí de lá eu corri pro abrigo da Angélica e quando eu cheguei lá a assistente social E. ... E hoje ela é uma amiga minha! A E. foi assim, ela foi iluminada, porque ela falou assim, você não pode ser apresentada só pra criança né? Você tem que conhecer todo mundo, porque ali eu ainda tinha que sentir se eu queria ou não e dar a resposta pro Fórum né?*

*Porque eu podia ter recusado o telefonema... Ter falado não! Não é essa criança que eu quero. Podia ter recusado o papel, ter falado, não, não é esse... Não quero uma criança assim! Como outros casais tinham feito isso. E lá no abrigo eu também podia ter falado que conhecia a criança e não queria voltar.*

**Larissa:** *Outras pessoas já tinham lido o processo?*

**Denise:** *Já! E não tinham segurado a onda. Hoje eu sei! É porque ela era minha filha mesmo, mas quando eu vi ali no processo que as pessoas recusaram eu pensei: Meu! Que povo idiota! Sabe assim? Não querer... É! É porque ela é minha! Então não ia dar certo mesmo, podiam ter botado lá o príncipe William com a Kate lá e não iam dar certo! E aí quando eu cheguei lá no abrigo, chamaram a Angélica a gente chama ela aqui de G. (apelido que Denise também usa hoje pra chamar a filha). G. de G. (nome de modelo famosa) porque ela é a criança mais aparecida do abrigo.*

*Eu saio de lá do Fórum ser saber se eu ia ser chamada de mãe e ela põe a Angélica pra falar comigo, falando tudo errado. Ela falava muito errado! (risos) Ela usava aparelho ainda, e*

*pra apresentar todos amiguinhos, e ela falava o nome de um por um, e eu entendia o nome de todo mundo!*

*E eu entendi ela inclusive falando do S. do R, umas crianças lá do abrigo.*

**Larissa:** *E ela lembra né das crianças de lá? ( Em momento antes da gravação Angélica me mostrou foto dela com as crianças no abrigo e me apresentou quem eram)*

**Denise:** *A gente vai bastante lá no abrigo, eu mantenho, eu acho que é importante pra ela, ela viveu 2 anos e 10 meses lá né? Ela tem laços de amizade. Eles foram no aniversário ano passado, eles foram no aniversário esse ano.*

**Larissa:** *Você conversa com ela sobre...*

**Denise:** *A gente conversa o tempo todo! Sobre tudo!*

**Larissa:** *Sobre a genitora...*

**Denise:** *Ela sabe da C., ela sabe que o nome dela é C. e algumas vezes é... Eu vou chegar nesse ponto!*

*É, então, aí no abrigo eu conheci a Angélica no meio de todas as crianças, e aí a E. saía as 19h e eu não podia ficar na casa depois que ela saísse porque o Fórum tinha me dado aquele prazo pra ver, e aliás! Eu tinha que ligar no Fórum também antes das 19h pra falar se eu queria continuar visitando a Angélica no final de semana ou não, porque era uma sexta, pra eles darem autorização pro abrigo me receber, e aí...*

**Larissa:** *É tudo muito burocrático né...*

**Denise:** *É tudo pá pá pá, muito disciplinador mesmo o negócio... E aí eu entrei e a E. na hora de ir embora me deu um sorriso assim, e aí amanhã você volta?*

*Eu falei: com certeza!*

*E daí eu saí do abrigo com a mesma sensação do meu coração não bater, é como se meu coração não batesse, é como se eu não respirasse, é como se eu tivesse num estado meio de levitação, sei lá, uma coisa meio estranha. Na hora que eu entrei no meu carro, que eu virei a chave assim eu desabei.*

(Denise bastante emocionada)

*Eu comecei a chorar, chorar, chorar, e daí eu já liguei no Fórum chorando, era uma noite fria e eu já tava preocupada se a Angélica ia se cobrir à noite, se ela ia dormir quentinha, se ela ia jantar. E na hora que liguei no Fórum, a assistente social me deu o ramal direto dela, quando eu fui falar pra ela, eu liguei e falei C. é a Denise, ela falou: Denise? Que Denise? É eu fui conhecer a Angélica. E ela que voz é essa? Eu já tava chorando né? Daí eu falei pra ela aiii, é porque eu to chorando! Então ela falou pra mim, então isso significa um sim? Eu falei pra ela, isso significa um sim não, isso significa um com certeza! E eu quero ir sábado, eu quero ir domingo... E aí pronto! E aí na quarta-feira a Angélica já tava aqui! E aí eu enlouqueci né? Porque eu tive o sábado à noite, porque eu tive aula na (instituição do MBA) naquela noite, fui pro abrigo ficar com ela, aí sábado à noite, domingo, aí eu fui comprar o quarto dela, fui comprar roupa, brinquedo, os remédios que ela tomava e aí você começa né? E aí pratinho... Porque não tem como você preparar antes! Você não sabe a idade da criança! Você não sabe o sexo!*

*E aí eu tive 5 dias pra fazer o enxoval, gastei... Meu! Eu nunca gastei tanto dinheiro numa semana só! Sabe? Em 5 dias... E era tudo uma delícia! Muito gostoso! E daí na quarta-feira ela foi desabrigada e veio pra casa e nunca, por nem um minuto, por nem um segundo essa*

*menina me deu um problema! Me deu trabalho assim no sentido de... Pra dormir, de sentir saudade sabe assim?*

**Larissa:** *Ela é muito doce...*

**Denise:** *Larissa! Nunca! Pra mim isso psicologicamente eu acho até... Eu acho incrível isso! ...Ela tem muita otite, por causa da prematuridade, a perda auditiva dela é porque ela não tinha amadurecido o conduto auditivo. Então ela teve que fazer uma cirurgia. Antes de eu conhecê-la em agosto, eu a conheci em setembro, em agosto ela tinha feito uma cirurgia nos dois canais auditivos colocando um tubo de ventilação, e foi aí que ela começou a ouvir mais. Quando eu conheci ela, ela ouvia há poucos meses, então, por isso que a fala dela era pobre.*

*Mas ela se comunicava incrivelmente, né? Nesse 1 ano, o vocabulário dela, é milhares de vezes melhor do que era antes.*

**Larissa:** *Agora ela esta com quatro, né?*

**Denise:** *4! Quatro mesmo, porque ela fez dia 22 de novembro agora. Então, por nenhuma noite, por nenhum momento ela teve dificuldade pra dormir, ou teve insônia, ou chorou, ou pediu colo, ou demonstrou saudade, nada, nada, como se sempre ela tivesse morado aqui dentro, como se sempre ela tivesse estado com a gente... Me chamou de mãe, sábado lá no abrigo, eu a conheci na sexta, sábado ela me chamou de mãe, porque eu peguei o telefone pra mostrar foto da família toda pra ela né? Aqui é vovó, aqui é tia Amanda, aqui é a pequena, que é minha irmã caçula que eu chamo de pequena, aqui é fulano, ciclano, aqui são meus gatinhos... E aí uma educadora passou por nós e falou, G. o que você está fazendo? To vendo fotos! É? Me mostra? Olha, mamãe e G.*

**Larissa:** *Aaaa!*

**Denise:** *Menina! Eu tava sentada num sofá, parece que eu entrei no sofá (risos), parece que eu... Nossa foi muito legal ter ouvido!*

**Larissa:** *Nossa, porque tem casos que a criança demora anos até...*

**Denise:** *Não, nosso vínculo foi imediato, nosso afeto foi imediato! Sabe assim? Foi tudo... Aí eu entendi a L. e a L. né? Não! Angélica é filha! Elas são meninas que eu amo muito, mas a filha é a Angélica né? Então... Isso porque foi doído! Porque eu tive quatro meses de gravidez psicológica! (risos) mas assim, pra ver como o processo é intenso. Como a gente sofre nesse processo né?*

**Larissa:** *Vinham sentimentos de desistir?*

**Denise:** *Nunca! Nunca! Como eu nunca me arrependi de ter adotado a Angélica nunca! Por nenhum minuto eu pensei assim, ai o que que eu fiz da minha vida, vou voltar com ela, nunca! Nunca! Nunca! Nunca!*

**Larissa:** *Mas agora qual é o sentimento então? Você se sente mais completa?*

**Denise:** *Ah total! Eu já sei que eu quero dar um irmão pra ela, eu já liguei pra essa mesma psicóloga do Fórum que foi a pessoa que me virou do avesso.*

**Larissa:** *Mas agora você quer um menino?*

**Denise:** *É, quero um irmão... Ela tem aí um irmão fictício que é o R. que é um amigo dela do abrigo, inclusive tem foto dele no quarto dela, porque ela fala que ele é meu irmão, meu irmão, meu irmão! Mas ele ainda não está destituído, daí eu vou fazer meu processo, se acontecer de dar certo o R. eu vou fazer uma busca por ele, ao contrário da Angélica. Se eu perceber, pra não fazer a mesma história da L. e da L. pela segunda vez, pra não cometer o mesmo caminho de novo, eu e Angélica temos provas de que o sistema foi muito legal com a*

*gente, porque nós éramos família mesmo, e o Fórum que nos aproximou, eu não precisei ir até ela, então assim, eu não quero que isso seja sofrido pra ela e eu não quero sofrer de novo...*

*Se for pra ser o R. vai dar certo, se não eu sei que esse irmão dela vai chegar, como ela chegou!*

*Então é isso... É incrível. Eu tenho mais outros dois sobrinhos adotivos, C. aquela minha irmã que perdeu uma menina, a C. é a terceira na lista das cinco, e ela adotou o M. o M. foi pra casa no terceiro dia de vida, perdeu o cordão umbilical em casa. Mas ela também fez o trâmite da adoção legal, também foi no Fórum, só que o M. já tinha a genitora dele no caso já tinha sido destituída, então quantas gravidezes essa mulher tiver, todas essas crianças irão pra adoção, enquanto o Estado não fizer uma cirurgia nela!*

*Que aí é que está o processo burro de nossa saúde pública! Né? Ao mesmo tempo que se não existisse essa mulher o M. não seria nosso, e ele é lindo, ele é fofo e ele é nosso, do mesmo jeito que a Angélica é nossa! Mas dá raiva de você pensar num sistema brasileiro, ao mesmo tempo em que a gente precisa dessas crianças pra serem nossos filhos numa família adotiva, é impossível você pensar que o nosso Estado é tão omissivo! Né? Porque quantas crianças não estão abandonadas? Então a gente ainda agradece a Deus que estas mulheres permitiram que essas crianças pudessem vir à vida.*

**Larissa:** *A sua concepção em relação ao aborto... Você é contra?*

**Denise:** *(Pensativa) Hum... Olha, eu acho que... Eu agradeço que as crianças possam vir à vida, mas eu acredito no livre arbítrio, né? Então, eu tenho... Dó é uma palavra ruim de você falar, mas assim, é... Espiritualmente é muito ruim pra quem faz isso, mas se ela precisa passar por essa experiência pra ela evoluir, então ela vai passar. Então não condeno quem faça, não aprovo quem faz, mas também não condeno e agradeço. Eu faço evangelho no lar uma vez por semana, como espírita e nessas orações algumas vezes, provocativamente, eu... Quando eu to sozinha eu vibro pra C. todas às vezes, mas quando a Angélica tá acordada ela faz comigo, provocativamente, várias vezes eu vibrei para a C. e falei pra ela, filha vamos vibrar pra C. e aí eu falo, foi a moça que trouxe você na barriga, né?*

*(começou a chorar, continuou falando aos soluços)*

*Que pena que a Angélica foi gestada com crack, que pena... Sabe? Que pena que ela nasceu com 600 gramas, que pena que ela sofreu pra vir ao mundo, que pena que ela ficou no respirando por aparelho, que pena que ela tem muitas manchas pelo corpo e ela pode ser uma adolescente com dificuldade de se aceitar, que ela tem manchas que ela nunca vai perder da gestação com crack, então assim, têm coisas que eu não vou tirar dela, eu espero dar sustentação a ela, pra que ela encare numa boa, pra que ela sofra o menos possível.*

**Larissa:** *Mas ela já mostrou aí uma fortaleza...*

*(começa a enxugar as lágrimas)*

**Denise:** *É, então, eu quero dar assim uma sustentação pra ela, eu quero! Espiritual e fisicamente, eu quero que ela seja mimada acima de qualquer coisa, quero que ela tenha a melhor autoestima possível. Que essa ferida original que ela tem, não seja um bloqueio, não seja algo que vá prejudicar o desenvolvimento dela, sabe? Então eu vou provocativamente falando, vamos vibrar pra C. filha? Que foi a pessoa que te trouxe na barriga pra mamãe, não sei o que, não sei o que lá...*

*E aí pra minha surpresa agora, na véspera do aniversário dela, eu e a Amanda fomos vibrar com ela, eu sempre ajoelho no pé da cama dela pra rezar né? Pra ficar na altura dela, ela na*

*caminha e eu ajoelhada no chão, eu chamei a Amanda, porque eu chamo a Amanda pra gente rezar junto, e aí a gente foi rezar e eu falei pra ela que era uma noite muito especial, que ela ia dormir com 3 anos e acordar com 4 anos! E pra quem que ela queria mandar estrelinha? Porque no Centro Espírita, quando a gente vibra, a gente manda vibrações, e às crianças a gente ensina a mandar estrelinhas, estrelinhas em forma de amor... Eu falei: você quer mandar estrelinha pra quem hoje filha?*

*Aí ela olha pra mim, sabe olha assim nos meus olhos, igual estou te olhando agora, eu quero mandar pra C. (Denise imita o jeito da fala infantil de Angélica pronunciando o nome da genitora e começa a chorar novamente) que eu morei na barriga dela. Aí ela quebrou nós duas, quebrou eu e a Amanda no ato, porque, pelo menos há uns cinco meses ela não me ouvia falar da C. porque ao mesmo tempo que eu provoquei algumas situações pra falar o nome pra ela, pra isso tudo vir formando ela internamente, eu não quero transformar isso numa esfregação na cara sabe? Uma forçassão.*

*E aí ela vem espontaneamente... Ela podia falar isso pra mim, pra qualquer pessoa, ela vem, ela podia mandar estrelinha pro R. que é esse que ela fala que é irmão dela. Eu sou apaixonada pelo R. eu vou te mostrar depois a fotinha dele. E eu jurava que ela ia mandar estrelinha pro R., eu jurava! Eu podia apostar, ela vira e fala uma dessa.*

*Ela viu que eu comecei a chorar, e perguntou, você está triste mamãe?*

*De jeito nenhum filha! Você me deixa cada dia mais feliz, falei pra ela. Você é muito especial de ter gratidão por ela! Porque se não fosse ela você não tava aqui comigo agora! Eu não seria sua mamãe e você não seria minha filha! A gente tem que mandar todas as estrelinhas do mundo pra que ela fique bem!*

*E aí a Angélica me deu um sorriso maravilhoso, me beijou, eu e a Amanda saímos arrebetadas. A Amanda chorou horrores depois, mas assim, um choro gostoso sabe? De falar assim, que menininha especial! Tomara que isso não seja um lúdico infantil, tomara que isso seja uma superioridade espiritual dela de encarar as coisas assim sabe?*

*Isso de morar na barriga foi interessante porque uma enfermeira que trabalha comigo na empresa engravidou e a Angélica acompanhou todos os passos da gestação, e toda vez que a T. encontrava a Angélica ela falava vem dar um beijo no G. que tá na minha barriga? E quando a gente foi visitar a T. depois que ela deu a luz a Angélica não acreditou, quando a T. abriu a porta pra gente a Angélica não viu barriga de baixo de vestido. Porque a T. deu a luz no MT e quando ela voltou o G. já tava com 2 meses, a T. já tava sem barriga, bailarina, magrelinha, ela só ficou com a bolinha da barriga.*

*T. abriu a porta da casa dela, ela olhou a barriga e falou cadê o G.? Ela falou vem aqui ver ele, que ele tá no berço! Aí pegou a mãozinha da Angélica, ela subiu no berço assim, ela olhou, olhava pra barriga da T., olhava pro berço, ela pôs as duas mãos na barriga da T. e falou assim: ele não mora mais aqui? E a T. falou, não, ele nasceu, ele saiu da minha barriga. Ela tinha feito cesárea, ela ainda mostrou, o médico abriu por aqui, ele saiu por aqui, e aí ele tá aí.*

*E a Angélica ficou meio contemplativa, sabe assim? Eu percebi que ela brincou, ela ficou muito grudada na T. meio que algo com ciúme até do bebê, e ficou meio contemplativa, a gente saiu, entrou no carro, perguntei se ela tava com sono ela falou que sim. Aí chegou em casa, tomar banho, vamos dormir, aí eu peguei e comecei rezar com ela nessa noite e ela perguntou: mamãe eu morei na sua barriga?*

*Daí eu falei não, lembra a C. que a gente manda estrelinha pra ela? Você nasceu da barriga da C. Daí ela começou, e ela mãe? Como é que esta ela? Menina! Ela me fez umas quinze*

*perguntas, aonde ela tava, com quem ela mora, aonde ela vai, se eu conheço, se ela trabalha, se ela estuda... Tudo que eu acho que ela podia perguntar ela perguntou. Eu dei todas as respostas que eu achei que eu podia dar pra ela. Eu falei pra ela que eu não sabia. Eu falei pra ela, você lembra que eu te conheci na (nome do abrigo), você lembra que foi o Fórum que aproximou a gente? Eu não sei quem é a C. , eu não sei se ela trabalha, tudo que eu podia eu respondi, sempre fazendo o link do que de fato aconteceu com a gente. Né?*

*Então, o último dia que eu tinha falado da C. pra ela foi nessa relação do G. morar na barriga da mãe.*

*Então, foi o que ela me disse há duas semanas atrás... E é isso, nossa vida é essa.*

**Larissa:** *E como foi a relação com a avó? Tios...*

**Denise:** *A minha mãe foi comigo buscar a Angélica comigo no abrigo, a De. minha irmã... Porque assim, eu não podia levar a família comigo no abrigo. A aproximação é só você e a criança. Se eu tivesse feito a adoção eu e a Amanda a aproximação seria eu e a Amanda no abrigo. Mas como eu fiz sozinha, tinha que ser só eu.*

*Nesse dia que eu fui visitar a Angélica que foi sexta, sábado e domingo...*

**Larissa:** *Você achou isso ruim?*

**Denise:** *Era meu, era um momento só meu, e eu achei ótimo! Fazer isso só eu e ela, eu falei pra Amanda olha, não leva a mal, mas você tem a questão do vínculo né? Eu e Angélica passamos 5 dias em (cidade do litoral paulista) , sabe assim? Gostoso demais, gostoso demais... Ela sentiu saudade da Amanda, sentiu saudade da minha mãe e eu falei, como isso é legal também né? Pra mostrar que os vínculos estavam sendo estabelecidos. Já estavam estabelecidos né?*

*Bom, com a minha mãe foi sempre muito tranquilo, a gente já tinha o M. né? E aí a minha irmã mais velha que tinha acidez que nunca tinha engravidado, ela e o marido também já estavam em um processo de adoção aguardando a M.J e aí quando o Fórum me chamou pra falar da Angélica o Fórum já chamou os dois pra falar da M.J que estava no Paraná.*

**Larissa:** *Então na sua família não existia preconceito de adoção?*

**Denise:** *Menina! Na minha família se não fosse de três netos adotivos minha mãe não seria avó, então a adoção na nossa família é uma celebração. Então ao mesmo tempo que eu penso que como te falei é um problema de saúde pública deixar tantas crianças ficarem abrigadas, se não fossem essas crianças nossa família não teria continuidade, se não fosse essas crianças o sobrenome do meu pai e da minha mãe não iria perdurar! Eu tenho milhões de primos, mas o F.P (iniciais do sobrenome) não iria existir, tem um monte de O.P, M.P, F.P, que são as uniões dos meus tios com as esposas enfim... Então assim, a nossa continuidade tá nessas crianças, a gente precisa dessas crianças!*

**Larissa:** *Então pra você a maternidade é isso? Essa coisa da continuidade...*

**Denise:** *Ah! Não era, mas ficou, depois que eu perdi meu pai, eu fiquei com muita vontade de dar uma continuidade, eu tive! Da mesma forma que eu quero dar continuidade com o R. se não for o R. ...Eu desejo muito que fosse, que possa ser, porque a Angélica verbaliza isso com muita certeza, e eu já falei pra ela, filha a gente ainda não sabe, o R. ainda tem família, o documento dele ainda não tá pronto, ele não pode ir pra adoção, mas ela fala... Um dia ela falou pra mim, mas mãe, papai do céu quer que ele seja meu irmão, e ele vai ser, a moça do Fórum vai falar!*

**Larissa:** *Ela fala com muita maturidade...*

**Denise:** *Ontem eu e a Su. estávamos voltando do A. (grupo adoção) e ela falou assim, papai do céu quer, a moça do Fórum ela vai deixar o R. ser meu irmão de verdade, porque eu falo pra ela que o R. é o irmão do coração né? Que talvez ele não possa ser no papel como eu sou a mãe dela no papel e tudo, que talvez ele seja pra sempre o irmão dela, o irmão de coração dela, mas que a gente tem que esperar, porque eu não posso deixar isso ser dolorido pra ela né?*

**Larissa:** *É complicado né? Criar uma expectativa...*

**Denise:** *Pra mim foi tão sofrido em relação às meninas, e olha que eu tinha com quem conversar, eu tinha minha família que é ótima, eu tinha meus amigos lindos, maravilhosos e eu tinha a minha terapeuta. E eu tive eu mesma no meu sofrimento interno. E ela só tem 4 anos. Eu tenho uma preocupação muito grande com ela! Pra que isso não seja uma dor, né? Pra que isso seja uma construção mesmo...*

**Larissa:** *Traga um ganho né? Não uma perda...*

**Denise:** *É...*

**Larissa:** *Então sua mãe já veio conhecer?*

**Denise:** *Minha mãe é apaixonada nessas crianças! E o melhor de tudo é que minha mãe sempre foi muito preconceituosa, minha mãe tem preconceito contra gay. O M. é negro a Angélica é mulata, eu acho que ela é mais que parda, ela é meio mulatinha, M.J é branquelinha de cabelo sarará, o pior cabelo é o da M.J! A mais branquela (risos) e o cabelo mais sarará é da (apelido pra M.J).*

*Então, é assim, é a vida ensinando pra gente que preconceito não vale a pena!*

**Larissa:** *Pra família você acha que uniu mais? O fato de ter crianças inseridas...*

**Denise:** *Ah mais. A minha família sempre foi unida! Mas assim...*

**Larissa:** *Digo, que trouxe uma identidade familiar...*

**Denise:** *A nossa família sempre foi unida, mas as crianças uniram a gente muito mais, a gente hoje celebra qualquer coisa, festinha na escola a gente celebra, páscoa a gente celebra, aniversário a gente celebra.*

**Larissa:** *Mas elas moram em Minas?*

**Denise:** *Só a mais velha, a caçula mora aqui na frente, hoje a gente vai almoçar junto, a De. e o marido moram no (outro bairro de SP) essa que perdeu vários bebês, a De. vem almoçar hoje, todo mundo vem ver a Su. Pra matar a saudade. Minha família toda sabe! Na reportagem (se refere a uma entrevista sobre homoparentalidade dada a uma revista. Já havíamos conversado sobre isso pela internet) eu botei no facebook pra todo mundo ver... Todo mundo comprou a revista, na festa da família, eu levei a Amanda e apresentei ela como namorada. Um dos meus primos falou assim, ‘e o tio L.? O que deve tá pensando disso?’ Eu falei pra ele, ‘meu pai deve estar muito feliz! Ele tá com a família dele tão unida! A filha dele tão realizada né?’*

*E aí que eu te falo, eu vou como trator e eu atropelo! O preconceito tá na caixinha de cada um!*

**Larissa:** *Você fala “atropela”, mas eu vejo diferente, vejo que você coloca isso de uma forma tão tranquila... Você coloca o que é mesmo, não chocante, assim, uma imposição de “Ai! Você tem que aceitar!”...*

**Denise:** *É. E aí eu fiz duas coisas importantes pra Angélica, é... Antes dela chegar, eu revelei todas as fotinhas que eu tinha dela do abrigo, eu enchi minha casa de porta-retrato, todos da altura dela, meus gatos viviam derrubando os porta-retratos, mas eu fiz questão de por na altura dela pra ela ver. Aqui na frente da televisão onde estão os “Papais Noéis” hoje, era um monte de porta-retrato, tinha porta-retrato no quartinho dela, nas coisas pra ela já se ver comigo, no meu colo...*

**Larissa:** *E em uma semana você montou tudo isso! Mudou a casa!*

**Denise:** *Menina! Foi um auê, um auê!*

**Larissa:** *tipo, olha, essa tela aqui. (apontando para tela de segurança da varanda)*

**Denise:** *A tela eu já tinha por causa dos gatos. Mas, o quartinho dela, tudo... A cama que eu tinha eu mandei pra minha mãe, pra comprar uma cama berço pra ela não cair... É que a casa hoje tá muito “zoada”! (risos) Mas se não eu ia te mostrar, até porque a Su. que dormiu no quarto da Angélica e eu pus a Angélica pra dormir lá com a gente na cama hoje...*

**Larissa:** *E hoje você se sente realizada? Era o que você sonhou?*

**Denise:** *É eu quero mais, eu sei que a Angélica é minha primeira filha! E aí tem uma coisa de psicólogo que eu não sei qual é a sua opinião! Mas eu até gostaria que você me dissesse!*

**Larissa:** *Estou tentando não opinar muito para que seja sua história...*

**Denise:** *Não! Não! Eu sei, mas olha é uma pergunta... A V. que é minha terapeuta ela diz pra mim...*

**Larissa:** *Ela trabalha com Psicanálise?*

**Denise:** *Ela é Junguiana, a terapia que eu mais gostei de fazer é Junguiana. Eu já fiz... A primeira foi Psicanálise, depois eu fiz a Psicologia convencional, mas daí eu começava a conversar e a terapeuta chorava! Eu falei: meu Deus!*

**Larissa:** *Nossa! (risos)*

**Denise:** *Ela falava comigo e lagrima escorria como se estivesse acontecendo algum problema entendeu? Aí eu não aguentei ficar muito tempo com ela, eu não sentia... (risos) Aí depois eu fui com Lacan, eu saía de lá e parecia que o F. me dava flechada o tempo todo, eu falava assim, meu! Que? Ele falava umas coisas tipo assim, quem mandou gostar de mulher? Eu me sentia às vezes meio agredida por ele, sei lá, não deu, não deu, têm umas coisas que... não deu, daí eu comecei com a V. sabe, eu conversando assim com uma amiga minha que é Psicóloga, e ela tava terminando a especialização dela aí pra ser junguiana também, aí ela trabalhava comigo na empresa, porque no Home Care a gente precisa de psicólogo pra ajudar nos processos domiciliares e a S. me indicou a V.*

**Larissa:** *Qual é o público?*

**Denise:** *Doenças crônicas, doenças terminais, onde entra fortemente o psicólogo. E aí a S. me indicou a V. na época, quando eu conheci a Amanda. Eu tava na V. na época uns três anos e meio, por aí, quase quatro, um pouquinho antes de conhecer a Amanda. Eu fui pra V. e aí eu... A V. tem essa opinião de que como a Angélica chegou primeiro o ideal seria as crianças que eu adotar, os outros filhos que eu tiver, que sejam mais novos do que ela.*

**Larissa:** *É... é um entendimento né?*

**Denise:** *Porque ela chegou primeiro, então que ela tenha ascendência sobre os irmãos. Por isso que te falei, pra mim existe uma coerência muito pesada nisso, mas ao mesmo tempo...*

**Larissa:** *Olha na minha opinião profissional, eu considero que isso não é uma regra, pode ser interessante por um lado, mas não é uma regra. Tem famílias que adotam com uma diferença...*

**Denise:** *Porque eu não tenho esse preconceito em relação à idade! E daí me dá uma cerceada muito grande né pra ampliar a família. Tem a possibilidade, tem garotos mais velhos lá que já tem esse vínculo com ela, e Larissa, eu... Eu... Seria uma mãe muito feliz deles! O M. mesmo que é um garoto de 9 anos né? Que são garotos que não perfazem essa caracterização da maior parte dos casais, não posso dizer dos casais, mas dos adotantes, porque hoje as famílias são tão diferentes!*

**Larissa:** *Mas essa coisa que você vinha falando... É, do seu limite né? Às vezes pra psicóloga possa ter aí também um pouco do limite dela... Na área do conhecimento dela ali, mas não é uma regra mesmo né? É quanto você se vê nessa família, com essa constituição...*

**Denise:** *É, por isso que eu queria conversar com outra psicóloga, você é psicóloga também... Ao mesmo tempo em que parece fazer um sentido danado, me deixa uma coisa meio vaga...*

**Larissa:** *É, é porque é um modelo de família né? Que a gente vê: primeiro tem um irmão mais velho...*

**Denise:** *Então e eu perguntei isso pra C. que é a psicóloga do Fórum. E a C. me deu uma resposta mais próxima de você.*

**Larissa:** *Penso que temos que nesses casos pensar nisso, em o que você dá conta...*

**Denise:** *É porque a Psicologia tem isso né, é uma profissão muito humana...*

**Larissa:** *É complicado isso de ser uma regra né... É... Fica difícil quando tem que encaixar a vida depois na regra.*

**Denise:** *É porque quando fui conversar agora lá com a C. já pensando em retomar meu processo, eu fiz essa pergunta pra ela.*

**Larissa:** *Acho que você tem que considerar aquilo que faz sentido pra você, todas as falas de psicólogos acho que no fundo tem que ser pensadas assim, isso faz sentido pra mim? Isso na minha família cabe?*

**Denise:** *Essa fala da V. fez sentido pra mim, mas ao mesmo tempo eu senti uma vontade de quebrar esse... Achando que é mais um paradigma sabe?*

**Larissa:** *Olha, por um exemplo, tem livros de Psicologia que falam que a adoção interracial, por exemplo, não seria indicada, porque a criança não se sentiria pertencente... Tem Psicologias e Psicologias... Mas o fato é que hoje você ainda quer ter mais filhos, né? Terminando essa história... é, uma história que ainda não terminou.*

**Denise:** *Não menina! O meu sonho é de ser uma velhinha com uma casa cheia com cheiro de café com bolo às 4h da tarde ainda vai ser colocado em pauta muitas vezes, sabe assim? (risos)*

**Larissa:** *E a questão da conjugalidade? Casar? Morar junto?*

**Denise:** *Olha, isso é uma coisa, meio paralela né? Com pouco tempo que eu e a Amanda tava de namoro, a Amanda veio morar junto... Mas casar de jeito nenhum. É que você vai ter chance agora de falar com a Amanda.*

(pausa na conversa, voltamos para sala, me arrependi de não ter gravado essa parte, pois aqui Denise falou da relação da Amanda com a Angélica e nas relações de trabalho dela em

relação ao armário da homossexualidade. Denise inclusive já levou Amanda para ela fazer terapia)

**Larissa:** *Voltando, sobre a conjugalidade, você acha que a legalização foi um ganho?*

**Denise:** *Eu acho triste que precise existir essa luta, podia ter sido uma coisa tão mais natural, mas é óbvio que são ganhos, são ganhos! A questão dos documentos... O direito a documentos... Agoora é que se você tem um caso de adoção em família a justiça manda nominar mãe-mãe, pai-pai, só que assim, você não tem os RGs os CPFs, os documentos ainda não são preparados... Na escola da Angélica mesmo! Vem a matrícula lá pra eu preencher, nome do pai. Eu boto um riscão em cima! Sabe assim? Eu acho que tem que ser nome da família! Eu já falei pra escola dela!*

**Larissa:** *Nos processos de adoção ainda tem assim, quando...*

**Denise:** *Éééé! Tem que ser assim, casal 1, casal 2, sei lá qualquer forma! Não tem que ter o artigo 'o' 'a'. E eu acho que ótimo que estão começando a abrir as mentes né?*

**Larissa:** *Pra você, você sente uma segurança com essa legislação?*

**Denise:** *Pra mim não tanto, eu acho bom pra Angélica, pra que ela cresça numa sociedade mais acolhedora, pra que ela cresça sem comparações... Porque pra mim, eu to com 42 anos! Meu autopreconceito eu acho que ele foi, ele foi grande, grande por uma falta de maturidade, mas foi muito bom. Eu não escreveria uma vida diferente pra mim do que uma vida que eu vivi, eu não escreveria não. Cada etapa, cada pessoa que fez parte da minha vida foi muito legal, foi.*

**Larissa:** *E como foi essa parte da socialização. Da escola... Na hora da matrícula...*

**Denise:** *Na verdade eu já fui apresentada na escola da Angélica. Eu fui apresentada antes de chegar lá, porque eu escolhi a escola da Angélica por proximidade do meu trabalho. O ano passado ela ficou outubro e novembro no (nome da escola1) que é uma escolinha perto do endereço anterior da minha empresa. Como eu já sabia que esse ano a empresa ia mudar de endereço, porque eu sou uma das sócias da empresa e a gente já tava buscando casa nova, sede nova. E eu sempre passava na frente do colégio (nome da escola2) e eu sempre gostei muito do espaço. Muitas árvores, uma escola com ar de ser acolhedora... Mas nunca tinha entrado.*

*E aí um dia eu fui jogar futebol, e no futebol, e a V. aquela amiga do passado que eu falei pra ela, foi a primeira pessoa que eu falei olha eu acho que sou gay (risos), encontrei a V. e a namorada dela que era coincidentemente psicopedagoga desse colégio, e aí quando eu conheci a F. eu disse, Ai! Eu passo lá em frente todo dia! Eu adoro! Quero por a Angélica lá pro ano que vem, e gostei da escola de passar na frente e quero conhecer lá, porque ano que vem eu vou querer matricular a Angélica lá.*

*Aí eu marquei com a F. um dia pra conhecer, e ela já me apresentou pra todo mundo!*

*E sabe, o legal foi no dia dos pais, porque na turma da Angélica tinha muitos pais separados, e eu queria ver como é que as professoras iam trabalhar isso, e a G. que é a professora principal dela falou que nas atividades na sala sempre tomou cuidado de deixar claro, que seria o dia da família, e que a criança escolhesse quem da família que ia presentear, e a Angélica falou que ia ser a mamãe mesmo que ia ganhar o presente.*

*E tem criança lá que tem pai, mas falou que quem ia ganhar o presente era o vô careca! E todas as lembrancinhas ele fez pra dar pro avô careca dele!*

*No ano passado do dia dos pais a Angélica começou a me questionar... ‘Cadê meu papai?’ Do ano passado pra esse ano.*

*Aí eu falei, a gente pode escolher. ‘Quem você quer que seja seu pai?’ Porque eu falei pra ela... Mamãe namora a tia Amanda, então assim, papai como a M. e a S. tem (amiguinhas da escola) a mamãe não pode te dar, mas eu posso te dar um outro tipo de papai, né? Aí eu peguei todas as figuras masculinas que a Angélica tem na vida dela e que ela tem um vínculo legal, que é o S., um deles, que é meu ex-marido.*

**Larissa:** *Isso foi um pensamento seu?*

**Denise:** *Não, eu dirigindo e ela no banco de trás. E lá no grupo de adoção eu sempre ouvi isso né? Que o banco de trás do carro! (risos) É a hora que vem as perguntas que te deixam mais arrepiadas! E aí quando ela veio com isso, foi quando eu tava dirigindo pra casa eu falei pra ela, olha o padrinho C. pode ser seu papai... o tio V. que é aquele que te falei...*

*E ela escolheu o tio V. Eu falei pra ele, ele ficou super feliz.*

*(V. é um amigo de Denise pai adotivo e homossexual)*

*Daí quando a gente vai viajar a gente meio que combina, vamos pra um lugar juntos, lá eu fico com os filhos dele e ele fica com Angélica. O C. é muito ligado comigo e a S. tem um dengo com a Amanda... e aí eu boto eles pra dormir... Meio que a gente virou uma família de apoio... É o que a V. (terapeuta de Denise) fala pra mim, é uma família perfeita! Quando vocês estão juntos vocês se complementam.*

*Fui vendo que Angélica não sente daí tanta ausência...*

**Larissa:** *Então foi tranquilo essa parte da socialização...*

**Denise:** *É... ela vai pra casa de amiguinhas dela, na escola quem não sabia ficou sabendo, quem desconfiava teve certeza.*

*E na festinha de aniversário então? 160 pessoas, 40 crianças e 110 adultos.*

**Larissa:** *Você falou bastante da festa de aniversário, foi algo significativo pra você essa celebração né?*

**Denise:** *Porque na do ano passado ela não tinha amiguinhos sem ser os do abrigo, com dois meses só na escolinha ela tava se sentindo ainda, começando a desenhar, começando a ter vínculos com as crianças. Então a festa de aniversário passado, foram meus amigos e os amigos dela do abrigo.*

*Esse ano foi muito importante, foi a primeira vez que ela pode unir os amigos do passado, que são presente, que são amigos do abrigo, e os amigos do presente que são os amigos da escolinha. E pela primeira vez ela exercitou transitar entre os amigos.*

**Larissa:** *Tem sido tranquilo então esse processo de escolarização dela...*

**Denise:** *Na escola ela é a única criança que usa aparelho. Tem de 12 a 15 crianças por turma... Então, ela tem uma atenção muito dedicada pra ela, pra mim no começo o tempo todo, minha atenção ficou voltada pra questão auditiva. Como ela ficou muito tempo sem ouvir, quando a gente fez o processo de adoção havia um pedido junto à Santa Casa de aparelho pra ela que não chegou, eu disse para tudo isso que eu vou comprar um aparelho pra ela tal, e eu comprei o ano passado esse aparelhinho dela que ela usa até hoje, aliás, ela vai usar pra sempre, porque ela ouve 80% dos sons graves, porque a gente ouve por frequência né? A partir do momento que os sons vão ficando mais agudos ela vai ouvindo menos. Do ouvido esquerdo ela só ouve 20% dos agudos, do direito 25%...*

*Mas eu tive uma acolhida muito legal da escolinha. Até agora tem me suprido, eu tento ser muito atenta a isso, mas ela tá só no maternal né? E eu pensei isso de colocar ela numa escola pequena, pra que ela... fosse percebida e fosse cuidada.*

*Na verdade isso é uma coisa que eu já tinha falado com a V. em terapia, e ela falou isso de colocar a criança num colégio de milhares de alunos e a criança ficar meio perdida num pátio com 200 crianças na hora do recreio né? ... De ser assim uma coisa pessoal mesmo pra ela.*

**Larissa:** *Entendi. Pra ela poder se vincular com as crianças...*

**Denise:** *E até pra ela poder ter esse fortalecimento todo e ser uma criança segura. Ela é uma criança muito segura! Mas pra que ela vá se transformando mesmo nesse sentido...*

**Larissa:** *Muito bom Denise! Eu acho que é isso que eu queria saber... Pelo menos nesse momento... Pra que eu pudesse construir essa história de vocês...*

**Denise:** *Agora eu queria que você batesse um papo com a Amanda.*

*(Amanda fala que não, e Denise fala: ‘Não senhora! Vem conversar, 15 minutos com ela!’ Denise sai e deixa eu sozinha com Amanda)*

**Larissa:** *Então Amanda esse aqui é um termo de consentimento... (apresentei e expliquei)*

**Amanda:** *“Peraí” eu vou amarrar o cabelo!*

**Larissa:** *Mas então é isso, você quer me falar um pouco de quando conheceu a Denise? De quando ela te falou que queria adotar...*

**Amanda:** *Foi normal, porque quando eu conheci a Denise ela já chegou falando isso. E assim adoção na minha família tem muito, meu pai adotou 13 né? Então eu já sou mais... Pra mim sossegado, nenhum problema não. Quando ela falou que ia, eu falei ‘sem problemas’, só que ela falou que ela sozinha seria mais fácil do que comigo né? Acho que com você vai demorar mais, então eu falei tudo bem, ela já queria filho e pra mim foi normal G. (apelido da Angélica) pra mim não é adotada, pra mim ela já nasceu da gente mesmo entendeu? Não tem esse negócio de achar que... E tanto que quando eu vejo foto dela pequena... Eu penso, queria ter ido já lá ter pegado ela pequenininha, ela deve ter sofrido, lógico ela não deve ter sofrido por falta de amor porque ela foi bem cuidada lá no abrigo. E não só ela, qualquer um que viesse seria bem recebido de qualquer jeito.*

*E a gente tá em busca de outro também, eu também tenho... Na minha parte agora eu queria que fosse as duas, se pudesse... Mas, se for pra complicar assim, pra mim, o papel não importa nada, eu vou assumir do mesmo jeito!*

*(interrupção para assinatura do termo)*

*Sabe... Que nem você falou isso aí do comitê de ética, quanto ao nome pra mim não tem nenhum problema, você sabe né? A sociedade é muito preconceituosa, eu trabalho como fisioterapeuta...*

**Larissa:** *(Já havíamos conversado sobre isso) É você explicou isso de ser um trabalho muito corporal...*

**Amanda:** *Tanto que a mulherada fala, Ai Amanda! ... Eu não sei, eu não... Mentindo, omitindo né?*

*Porque é chato você viver nessa coisa... Mas eu prefiro ser assim mesmo, porque eu ouço elas! Fulana ali é sapatão! Aí eu também nunca vi ela com namorado. Aí eu brinco, então,*

*vocês já me viram com algum namorado? Não! Então... Eu posso ser também! Ah! Você não é né Amanda! Bem assim... (risos) Entendeu?*

**Larissa:** *Isso talvez te mostra que seria uma coisa se exposta que talvez não fosse tão tranquilo mesmo...*

**Amanda:** *Não seria! Tem umas duas, umas três, sei lá que até sabem! Mas eu tenho umas 50 clientes... Então, eu preciso, eu preciso!*

**Larissa:** *Pra você esse é um jeito mais tranquilo de lidar com isso?*

**Amanda:** *Dá mais segurança, mas se alguém falar você é, eu falo eu sou, assim com pé no chão, eu não tenho nenhum conflito, desde pequena já, eu já namorei com homens já, mas eu sempre falava. Não gostei! Não quero.*

**Larissa:** *Com mulher, de relacionamento estavel é seu primeiro?*

**Amanda:** *Não. Já vivi casada 8 anos com uma menina. E eu não tenho não, minha segurança por tudo que tem por trás... Vamos dizer assim, que uma cliente minha pegue e me veja aqui nessa revista (revista onde Denise aparece em reportagem em fotos com Angélica), acho que não é nem ela descobrir o que eu sou, é ela descobrir tudo aquilo que eu criei por trás... De falar que eu tenho um namorado. Não de falar pra ninguém, mas de perguntar eu falo que eu tenho! Qual é o nome dele? Fulano! Entendeu?*

*Então é isso... Por que você mentiu? Talvez seja isso que me incomode mais do que minha opção...*

*Então eu prefiro que não... Se chegar e me perguntar um dia, você é? Eu vou falar sim, ou se descobrir assim porque você não contou? Aí eu vou explicar pra pessoa! Não te contei por causa do preconceito, e meu trabalho e você sabe e aí a pessoa vai entender. Agora eu chegar e abrir? Eu não vou abrir nunca!*

*Não vou, mas não vou mesmo! Se perguntar eu vou confirmar! Mas não vou falar! ...Pra alguns clientes entendeu? Pras pessoas eu não me importo, sem problemas, família, eu não tenho nenhum problema.*

*Meu pai sabe, não porque eu falei, porque ele nunca me perguntou!*

**Larissa:** *Se fosse uma profissão de outra ordem?*

**Amanda:** *Se eu fosse arquiteta eu não tava nem aí! Entendeu? Inclusive eu falo, um dia vou mudar de profissão pra eu ter o prazer de dizer, de ficar tranquila, de não ter esse medo de estar em algum lugar e... Às vezes eu pego na mão da Denise e falo solta a minha mão assim sabe? Então eu acho que seria assim mais tranquilo, com certeza, eu não tenho dúvida.*

**Larissa:** *Mas você tem planos de no futuro mudar de profissão?*

**Amanda:** *Eu tenho, tenho! Tenho sim, porque também eu acho que cansa você viver nessa mentira, chega uma hora que a consciência pesa mais que tudo né?*

**Larissa:** *E ainda mais com planos de filhos né?*

**Amanda:** *Aí! Tipo fui numa festa sábado, sexta-feira, com a Angélica de uma paciente minha que teve trigêmeos. Eu levei a Angélica, olha eu falei pra ela, o D. (versão do nome masculino para o nome da companheira) não vai porque ele vai fazer uma prova, mas aí eu vou levar um amigo, o V. que tem as duas crianças. Não como meu namorado... Talvez pra ela não teria... Sabe, ela gosta tanto de mim, eu tô com mais medo de contar pra ela agora ou dela descobrir pelo amor que ela tem por mim sabe? Tipo, poxa Amanda sou sua amiga! E você... Entendeu?*

*Pras outras pessoas eu também não to me incomodando, não fazem parte da minha vida, eu faço meu trabalho, ela faz o dela. Entendeu?*

*Agora pra algumas sim... Ela é uma pessoa que assim, se eu precisar de um emprego pra alguém ela vai lá, e sabe? Ela é bem presente. Então isso me incomoda muito!*

*Então ontem mesmo eu fui lá pegar umas coisas pras crianças do abrigo, só falei que é pro abrigo, que eu faço uma... Falei do projeto A. (projeto de grupo de apoio a adoção)... falei das crianças...*

**Larissa:** *Você fala da Angélica pra eles como sua filha?*

**Amanda:** *Eu falo assim, ela é minha filha, mas ela me chama de tia, porque se eu levar a Angélica... O sonho dela era conhecer a Angélica e eu levei na festa porque eu falei lá ela não vai ter muito contato com a Angélica na casa dela ela ia falar, e a mamãe? E o papai? Tá entendendo? (risos)*

*(Denise chegou para fechar o vidro, estava ventando muito)*

*Mas ela adorou conhecer a Angélica na festa. A Angélica é bem tranquila...*

*O que me incomoda um pouco é só essa relação, mas em relação a tipo lá no projeto A. que a gente participa. Todo mundo sabe! A gente chega lá, a Denise fala, eu falo...*

**Larissa:** *É essa questão mesmo do trabalho né?*

**Amanda:** *É, é, e talvez isso venha da minha primeira namorada, que eu casei, que ficamos 8 anos, porque ela, ela tinha muito medo. Era uma coisa assim absurda, talvez ela passou isso pra mim de ficar... De achar que... E eu acho que foi certo entendeu?*

**Larissa:** *Era uma relação mais fechada então?*

**Amanda:** *Era! Nossa! Nossa ela era uma coisa bem fechada.*

**Larissa:** *Nem pra família?*

**Amanda:** *Ela sim fazia questão de apresentar caras pra dizer que era namorado mesmo, pra dizer que não. Porque nós tínhamos uma clínica dentro da hípica (nome do estabelecimento), então ela fazia questão de levar cara, tirar foto com cara pra mostrar, pra dizer pras pessoas. Então o medo dela assim era um negócio absurdo. Não vou dizer que o medo dela passou pra mim. Porque eu tenho o pé no chão, eu sei o que quero e não quero.*

*Mas, nessa relação ficou um pouco assim essa liçãozinha que foi assim, que funciona. Talvez hoje em dia a cabeça mudou mais, da mentalidade das pessoas, por causa de novela essas coisas, então já mudou, mas mesmo assim eu prefiro manter.*

**Larissa:** *Tem homens que são m\*. (profissão) ou são só mulheres?*

**Amanda:** *Olha tem homem sim, mas são poucos, eu conheci um que ele era só m\*., não trabalhava com f\*. (profissão)*

**Larissa:** *E o público é menor?*

**Amanda:** *É menor! É só pra mulher mesmo que é mais*

**Larissa:** *Então tem um dado aí que realmente...*

**Amanda:** *É!É, tanto que tem um P.F, ele é meu amigo, ele é f\*. também, como eu trabalho só com a e\*. (profissão), não com a f\*., eu indico ele. E as pessoas às vezes se sentem incomodadas, elas falam, olha Amanda eu não sei, você não tem um f\*. mulher pra indicar?*

*Eu prefiro uma mulher... Você não tem? Eu falo tá bom! Entendeu? É complicado, é complicado em relação a isso. Mas tá tudo certo.*

*É que a Denise ela me coisa um pouco, ela me põe na parede sabe às vezes... Fala! Fala! E eu falo, se eu tivesse seu trabalho filha! Pode ter certeza que eu não tava nem aí, mas você sabe que no meu não dá. Infelizmente.*

*Olha, eu tenho uma cliente espanhola minha, ela foi em casa, porque ela tava doida pra conhecer meu apartamento, ela sempre tomou conta da minha vida, como se fosse minha mãe, ela sempre se preocupo comigo, sabe era uma coisa absurda!*

*Ela chegou a falar que ela só tinha uma filha, que a filha dela era muito milionária que morava na Espanha e ela morava aqui, e o amor que ela tinha pela filha ela tinha por mim.*

*Ela chegou a falar que eu tava na herança dela, ela falou Amanda eu gosto tanto de você. E você vê como as coisas são, ela chegou ir na minha casa, e tinha uma foto da Denise na minha casa, porque na minha casa né? (Amanda já havia me contado que mantinha apartamento) E ela... Foi assim, não tinha como eu tirar a foto, porque eu tava na padaria eu e a G (Angélica) Ela me encontrou e falou, hoje eu vou na sua casa! Eu vou é agora! Eu quero conhecer a sua casa... Aí eu falei, então vamos...*

*Quando ela chegou em casa que ela viu a foto ela falou bem assim: ‘quem é essa?’*

*Aí eu e a G (Angélica) ... Foi a primeira vez que ela encontrou eu e a Angélica eu não tinha falado nada de adoção de relação de nada. Mas ela me encontrou com Angélica e perguntou, quem é a menina? Eu falei, é minha sobrinha! Como ela me chama de tia né? ... Daí ela falou quem é essa? Eu falei a mãe de Angélica. Ela mudou na hora! Tanto que até hoje ela deixou de fazer, ela não liga pra mim mais, eu senti sabe?*

**Larissa:** *Uma traição...*

**Amanda:** *Uma traição! Eu senti sabe! Quando ela olhou a foto, deu cinco minutos, depois da foto ela foi embora. Ou seja, ela percebeu, porque a gente tava bem coladinha ali, uma coisa que não dava pra ser amiga ali...*

*Então ela percebeu... Você vê... Eu já liguei várias vezes pra ela, dia das mães, dia dos pais, todo dia eu ligava pra ela sabe? Uma coisa assim...*

**Larissa:** *Era o natural da relação...*

**Amanda:** *Era! E ela não quis mais falar comigo! E graças a Deus que ela não passou pra outras pessoas, porque eu tenho, mais umas cinco pessoas que foi ela que indicou. Ela não... Se ela passou, as pessoas não deram... Mas ela não quis saber de falar comigo.*

**Larissa:** *E também não te perguntou nada?*

**Amanda:** *Não me perguntou, ela enterrou aquilo!*

**Larissa:** *Ela não deu conta, não deu conta nem ao ponto de contar pra outras pessoas... Parece que não foi inteligível pra ela...*

**Amanda:** *Ela não deu conta... Foi... Foi... Era porque ela era uma senhorinha, senhorinha não! Ela tem 60 anos, ela era uma pessoa assim que era minha mãe praticamente, era tanto que tinha dias que ela passava lá na frente do meu apartamento e via uma luz acesa ela ligava: ‘você tá em casa?’ Eu falava não, tô trabalhando, ela a luz ta acesa! Você deixou a luz acesa? Eu falava “putz!”. Ela chegava a ser chata, as pessoas falavam: a dona M. H (sobrenome bastante espanhol) ela é muito chata! Ela queria me por... Ela deu uma fechadura, que era uma fechadura, que era inteligente assim, que tinha duas travas, porque ela disse que tinha medo que entrasse alguém... Sabe?*

**Larissa:** *Era um cuidado, uma maternagem mesmo...*

**Amanda:** *Era, mas eu não entendi... Quer dizer eu entendi porque que foi... Aquela foto que acabou. Mas foi uma coisa que eu senti muito. Entendeu?*

**Larissa:** *Porque ela te conhecia, sabia de todas suas várias características, das suas qualidades...*

**Amanda:** *Realmente ela matou! Então eu fiquei... Aí eu fico pensando... Não dá pra falar mais, porque se eu falar olha aí, pronto já era.*

*Até pra alguns homens né? Ele vai dizer minha mulher? Tá lá com uma sapatão?! Porque na língua dele é eu vou deixar minha mulher com uma sapatão? Então é complicado... Então eu prefiro manter esse...*

**Larissa:** *Mas tem o desejo de poder viver isso em uma outra profissão...*

**Amanda:** *Sim! Uma outra profissão que eu possa...*

**Larissa:** *Mais tranquila...*

**Amanda:** *É... Mais tranquila...*

**Larissa:** *E sobre ter filhos?*

**Amanda:** *Eu quero, quer dizer, eu vou ter um filho! Eu espero né... Eu quero também... Eu quero adotar, sempre quis adotar... Por sinal eu já adotei uma criança! Quando minha mãe faleceu eu tinha 16 anos, eu adotei uma menina de 3 anos e fiquei com ela até os 6 anos, porque foi aquela adoção, a mãe tinha 21 filhos e morava na mesma cidade e não tinha como criar, eu levei dois na verdade a menina que eu chama de J. e o menino que chamava R. O menino só ficou 3 meses e a J. ficou cinco anos comigo.*

**Larissa:** *Foi uma coisa de ajuda?*

**Amanda:** *Isso! Mas a menina me chamava de mãe, até parecia comigo, todo mundo falava, é sua filha mesmo! Me chamava de mãe era um amor muito grande, foi uma decepção muito grande porque o irmão dela que morava em São Paulo, que era mais velho falou, vou levar ela pra cá, vou levar ela pra casa.*

*E menina sofreu demais, eu sofri muito, hoje em dia ela é casada já, é uma mocinha já, mas foi muito sofrimento. Se eu tivesse papel tudo no meu nome, ela estaria comigo, se não tivesse ido embora dessa cidade pra outra...*

**Larissa:** *Então sua vontade é de uma adoção no papel?*

**Amanda:** *É no papel eu quero e minha vontade é dos 5 até os 8 anos...*

**Larissa:** *Daí, tanto faz o sexo...*

**Amanda:** *A cor. Sinceramente, eu quero pretinho! Eu tenho sobrinhos negros, negras. Porque meu pai, ele sempre foi preconceituoso, mas ele deu um azar! Pelo... Só por ele ser preconceituoso meu irmão é casado com uma negona! Meu irmão é branco, casado com uma negona bem bonita, minha irmã é casada com um moreno, negão também. Todos eles são. Então saiu uns sobrinhos... são bonitos eles. E eu sou apaixonada mesmo, eu quero uns pretinhos mesmo, tô nem aí! Eu quero bem moreninho mesmo!*

*Se vier, branco, claro, eu não vou... Mas dos 5 aos 8... Até os 9 eu vou.*

**Larissa:** *Pra poder vivenciar essa parte da infância?*

**Amanda:** *Bebê se eu quiser eu tenho.*

**Larissa:** *Mas você tem vontade?*

**Amanda:** *Se eu posso... Se eu tenho essa facilidade de ter, eu quero um filho meu mesmo, sabe? Eu fico imaginando como será um filho meu, uma filha sabe? Então eu quero deixar essa garra do que já passei na minha vida, do que eu já passei pra ele sabe?*

*Não que assim! Não que o que vier não vai ser! Vai ser a mesma coisa!*

**Larissa:** *Mas como você ia fazer? Ia buscar clínica de reprodução?*

**Amanda:** *É, eu tava até falando com esse amigo V. ... Mas se não der certo também, o que vier, vem dois, três, o que vier, vai ser a minha história do mesmo jeito, não tem esse problema não.*

*E é isso aí!*

**Larissa:** *Então acho que é isso... Foi muito bom conhecer vocês, pra mim foi uma oportunidade assim, de não só estudar isso no papel, de ver histórias reais. Pra mim isso é muito enriquecedor ter esse contato com quem realmente esta vivendo isso.*

**Amanda:** *Todas minhas amigas de (estado natal nordestino de Cr.). Eu tenho umas 15. Todas elas adotaram agora! Todas! Todas! Eu tenho uma que é oftalmologista e ela falou assim, só eu que não adotei ainda, eu falei assim, até brinquei, porque (estado natal nordestino de Cr.) é muito modista! Aliás o nordeste né? Se você passar na televisão uma pessoa com um cacho de banana na cabeça, lá todo mundo vai por porque é moda. O nordeste em si ele é modista. Então, vocês têm consciência do que vocês estão fazendo ou é porque fulana adotou que você também quer adotar? Né?*

*Não, não, não é isso é que chega uma hora que tem que adotar, e como elas não querem nem saber de ter filhos mesmo, elas preferiram adotar. E é uma coisa linda também elas, você precisa ver o cuidado, o amor, que você não tem noção, uma coisa muito linda. Então eu falei, muito bem! E no nordeste está assim, principalmente, uma que adotou um e depois descobriu que a mãe tinha quatro, e tava pra adoção, eu seja ela tava com quatro, ela tá com cinco. Entendeu? É uma coisa assim, eu não esperava isso dela, porque ela foi uma pessoa assim que sempre quis curtir a vida, nunca foi aquela pessoa que eu imaginava cuidando de filhos, e olha tá de parabéns, então, mudou muito né? Bom pra elas.*

**Larissa:** *Você já teve essa experiência de cuidar de filhos...*

**Amanda:** *Nossa eu sou até chata de cuidar!*

**Larissa:** *A Angélica não foi um susto...*

**Amanda:** *Não! Eu tenho desde sobrinhos. Eu convivi com sobrinhos dentro de casa, eu que cuidava, eu adoro cuidar, eu gosto de dar o remedinho, de arrumar, de levar e buscar na escola, de arrumar aquela roupinha. O pior de tudo é o bolso, porque tudo que eu vejo na rua eu quero comprar sabe? (risos)*

**Larissa:** *Você já imagina né como vai ficar na criança...*

**Amanda:** *Angélica mesmo, meu Deus do céu! Até estraga a criança! É complicado... Meus sobrinhos também, eu tenho 13. Tenho sobrinho de seis meses a 30 anos.*

**Larissa:** *Você pega a Angélica na escola?*

**Amanda:** *Quando a Denise não pode, eu que vou, sem problemas.*

**Larissa:** *Então vocês dividem?*

**Amanda:** *Divide. Divide. Os dias que fico em casa lá, (apartamento que mantém em outro bairro. Bairro nobre de SP) eu fico com muita saudade. Às vezes a Denise fala ela tá na escola, então eu falo, assim que ela sair me liga! E eu fico o tempo todo... Como foi a escolinha tal... Eu fico super preocupada.*

**Larissa:** *E ela também sente falta de você?*

**Amanda:** *Ela me chama de irmã, ela me chama de amiga... Porque quando ela chegou assim ela tinha um negócio de saber se eu era amiga dela. Todo mundo que ela olhava ela falava: Você é meu amigo? Uma necessidade pra ela... E eu falei, eu sou sua amiga, sua mãe, tudo eu sou!*

*E daí um dia eu tava sentada na mesa... E ela tava ali no sofá e ela falou bem assim: Tia Amanda você é minha mãe! Minha tia! Minha irmã e minha avó! E aí eu pulei da mesa! avó não! Vovó não! (risos)*

**Larissa:** *Aí já é demais né? (risos)*

**Amanda:** *Aí ela ficou o dia todo, vovó, vovó, só pra encher mesmo sabe?*

**Larissa:** *Hoje ela falou de amiga né?*

**Amanda:** *E vira e mexe ela me chama de mãe. Não tem essa não, ela me chama de mãe daí tia Amanda daí mãe, porque no começo a gente não podia confundir, ela tinha que ter uma referência! Mãe e tia. Mãe e tia. Porque se não, mãe, mãe, mãe ela não ia saber. Desde o começo que ela chegou que ela me chamava de mãe, mãe, mãe, aí eu falava eu sou sua tia, mamãe é ela. E aí ela parou de me chamar de mãe. Mas ela sempre me chamou de mãe.*

*E as outras crianças que são filhos do V. eles também, no começo, quando eu conheci logo, a menina me chamava de mãezinha, e o menino também. Porque assim eu sou muito moleca de sentar no chão, de fazer bagunça, porque eu não tive infância! Todo mundo: Você não teve infância? Eu não tive meeesmo!*

*Com 10 anos eu trabalhava na roça, então, eu nunca tive brinquedo na vida.*

**Larissa:** *Até essa coisa que você falou de comprar, coisas que você gostaria de ter tido pra você...*

**Amanda:** *É, que eu nunca tive, mas nunca teve problema. Às vezes a Denise fala assim, mas a Angélica tem tanta coisa! E eu fico pensando assim, é mesmo! Eu não tinha nem uma boneca na minha vida. Não que eu gostasse. Eu nunca gostei mesmo de ter uma boneca na minha vida. Eu fazia uma boneca de milho, mas aí eu já fazia uma e depois comia o milho. (risos)*

*Você sabe que eu queria, mas ao mesmo tempo eu nunca senti falta. Porque eu tinha outras coisas. Eu tinha o amor da minha mãe, não tinha do meu pai, porque eu fui rejeitada. Ele queria um menino na época e eu vim uma menina.*

**Larissa:** *Essa coisa do nordeste, do filho homem, do filho macho.*

**Amanda:** *Essa coisa do machismo, e eu tinha esse sofrimento, não que eu quisesse provar pra ele, que hoje em dia eu sou o que sou porque ele queria, mas eu acho que de tanto ele querer o homem, sei lá o que aconteceu, que eu... Tudo meu era de homem! Eu queria provar pra ele que eu podia fazer o que o homem não fazia. Mas ele nunca gostou. Ele nunca teve... Ele nunca quis nem saber de mim. Nunca!*

*Hoje em dia não, é diferente né? Já mudou tudo, mas antigamente ele nunca quis saber.*

**Larissa:** *Eles moram em São Paulo?*

**Amanda:** *Minha mãe faleceu quando eu tinha 16 anos, meu pai mora no nordeste também, ele tem outra mulher, eu tenho um irmão de 13 anos.*

**Larissa:** *E desde 16 você já...*

**Amanda:** *Desde os 10 anos eu já trabalhava! Porque assim, minha mãe me criou sozinha. Eu tinha juízo lógico, porque se eu não tivesse juízo eu tava que nem minhas amigas que tão aí nas drogas, que fizeram não sei quantas faculdades, que tiveram muito mais oportunidade do que eu, essas filhas de papai que fizeram faculdade tudo comigo e hoje em dia elas usam droga, não terminaram a faculdade... Por ter eu acho que tudo, porque o que meu pai fez comigo eu acho que eu agradeço, porque se ele não tivesse feito... Talvez eu queria mostrar pra ele que eu era uma pessoa boa né?*

*E provei pra mim mesma! Não só pra ele!*

**Larissa:** *Que é o mais importante! Que é o que fica!*

**Amanda:** *É o mais importante! Então eu agradeço, as pessoas me falam, você é uma santa! Você ainda tem coragem de ligar pro seu pai? De ficar cuidando dele?*

*(Amanda se emociona)*

*Eu falo ‘gente! ele só deu o que ele teve condição de dar!’ Nunca foi na escola... Minha avó morreu com 55 anos, a mãe dele.*

**Larissa:** *Foi o que ele aprendeu que era o certo...*

**Amanda:** *Ele morou sempre em mato, nunca morou numa cidade, o que ele vai ter pra oferecer? O que ele tem pra oferecer foi isso que ele deu.*

**Larissa:** *Você que tem um pouco mais de compreensão que tem que, infelizmente, ali trabalhar com isso...*

**Amanda:** *Hoje em dia que eu tenho todas as informações do mundo eu sei, ele só deu o que tinha pra dar. Eu acho que você não tem que guardar mágoa essas coisas de nada! Hoje em dia eu amo ele, eu cuido dele, se ele querendo que eu seja menino, menina, o que for, eu não tenho mágoa dele, nem de ninguém do que passou na minha vida que é outra história né? Que é bem pesada né? Mas que eu venci e tô aqui, tô vencendo! Eu tô correndo ainda atrás, porque quando a gente consegue uma coisa, a gente quer conseguir outra, você nunca para de lutar.*

*Então eu quero os meus filhos pro que eu lutei tudo. “Deusôlivre” eu lutei tanto, pra não ter pra quem deixar? Pra eles... Pra eles...*

**Larissa:** *Pra ter uma continuação?*

**Amanda:** *Tanto que tem uma história em rima. Eu faço rima. Rimas né? Que já é outra história que nada ver com o que você tá fazendo a entrevista...*

**Larissa:** *É a sua história, é o que fez você chegar até aqui.*

**Amanda:** *Então desde os 18 anos que eu fiz essa história. Não que eu sentei e fiquei pensando, às vezes eu tava dormindo, deitada, e eu acordava e lembrava, isso ... isso rima com isso, e aí ia lá e escrevia...*

*Era só madrugada de manhãzinha sabe, essa horas, e no dia eu não lembrava de nada. A noite era que eu consegui lembrar, então eu tenho tudo isso do começo ao fim escrito em rima. Não tem nada assim que você vai pegar e não vai rimar. É muito engraçado, nessa fase assim que eu tô, eu não lembro como eu fiz aquilo, eu juro, se me perguntar, eu posso fazer*

*uma rima agora, mas eu não sei como eu fiz aquilo. Como pode assim pegar de uma ponta a ponta? Juntei tudo e deu uma história muito grande, assim, muito.*

**Larissa:** *Talvez foi um jeito seu de lidar com isso, por meio da arte, porque não deixa de ser uma expressão artística isso.*

**Amanda:** *É...*

**Larissa:** *Esses conteúdos de sofrimento...*

**Amanda:** *É... Porque eu não fico falando pras pessoas de sofrimento. Porque todo mundo sofreu na vida. Quem que não sofreu? Eu não conto pra pessoas assim com mágoa... Assim, eu sou muito chorona (risos). Quando eu tô perto de menstruar, pior ainda!*

*Eu conto com... Eu acho que a Denise também é chorona... Mas minha mãe era chorona, eu falava mãe! Porque ela era assim de ir rezar em velório, e eu ia junto, e tanto que agora eu adoro assim dar notícia de que fulano morreu. A Denise diz assim você gosta de dar essas notícias! Eu falei assim, Denise eu não gosto de flores...*

**Larissa:** *Fez parte da sua vida né?*

**Amanda:** *Domingo. Eu não gosto de dia de domingo, porque no nordeste direto é que eles matavam o povo... Que é outra história também!*

*Eu tinha que levar flores, arrumar o caixão. Eu não gosto de flores! Por isso! Por tudo aquilo! Mas eu não tenho trauma porque meu pai me abandonou, porque meu pai... Deus me livre! Isso aí já foi passado, pelo amor de Deus, isso aí fez eu é crescer! Não tenho nem uma falta de afeto por isso, tem aquilo atrás que eu perdi, não, porque minha mãe cobriu até onde ela pode cobrir, e em relação ao que eu tava falando a você em relação a adotar é por isso, não que eu quero adotar porque eu trabalhei pra dar pra criança, pra deixar pra ela. É porque eu quero! Nossa eu sou muito família, por mim, eu tinha umas 10 crianças aqui!*

**Larissa:** *Por uma questão afetiva e não só financeira né...*

**Amanda:** *Eu sinto muita falta. Eu chego em casa e não gosto de ficar sozinha, eu não gosto eu gosto de muita gente, lá em casa era 12 pessoas...*

*E quando eu vou pra casa eu fico lá sozinha...*

*E em relação à minha história, em meu pai não me querer quando eu nasci, você pode dizer assim, ah! Você sente falta pelo amor que não teve. Mas não é, eu sinto falta de família mesmo sabe? Eu tenho a G (Angélica) a Denise, eu até falei, vamos vender nossos apartamentos e comprar um maior? É isso que eu quero! 2013 já falei pra ela! Eu vou fazer! O que eu ponho o pé na frente eu vou! Eu falei pra ela: 'Pode dar seus "pitís!'" Ela falou, não, vou ver isso direitinho. O tempo vai passando...*

**Larissa:** *Com quantos anos você está agora?*

**Amanda:** *36. Então... Parece que eu tenho 50 né? ... Pela história (risos)*

**Larissa:** *Você trabalhou muito cedo... Tem muita vivência.*

**Amanda:** *É! Desde os 10 anos, hoje em dia eu sei, se eu pegar uma bicicleta, eu desmonto ela todinha e faço, porque antigamente eu comprava bicicleta velha, aqueles "carcaço" e comprava as coisas na feira e montava a bicicleta e vendia na feira. Eu não tenho vergonha de dizer! Eu vendi galinha na feira... E eu não gosto de ficar contando, porque as pessoas contam pra se engrandecer, não todo mundo, mas infelizmente... Não precisa estar contando sua vida, todo mundo já sofreu!*

*É difícil eu contar essas coisas, entendeu? Eu não gosto de contar, nem de pegar minhas escritas e mostrar pra ninguém por isso, por eu ser mais reservada, por as pessoas acharem que eu tô contando pra elas ficarem com dó, eu não gosto disso das pessoas ficarem achando que eu sou uma coitadinha...*

*Às vezes a Denise fala, ‘Amanda você tem que ir numa psicóloga, mulher!’ Eu falei Denise! É de mim mesmo, eu aceito, mas fico pensando na minha cabeça, eu vivi sozinha até agora nesse mundo (começou a chorar). Claro, a gente tem a ajuda de muita gente, se não fosse a ajuda das pessoas você não estaria onde está. Mas eu, consegui fazer minha vida sozinha, eu não tenho necessidade de ir na psicóloga. Claro que eu tenho! Todo mundo tem necessidade de sentar, conversar, e eu converso demais, parece o homem da cobra. Então o que acontece? Ela sempre fala. E eu falava pra ela. ‘Me entenda!’ Eu acho que se acontece algo com aquela pessoa, tipo aquela pessoa tá precisando daquela garrafa ali, e eu também tô precisando, mas eu falo assim, não! Pode pegar você!*

*Eu acho que assim, com o meu, eu consigo outra garrafa, e eu tenho medo que aquela pessoa possa não conseguir. Tá entendendo o que tô querendo dizer?*

**Larissa:** *Uhum...*

**Amanda:** *Então eu sou assim! É meu jeito de ser! Não é que eu queira ser boa, ou que eu acho que as pessoas não têm capacidade, só eu tenho. E é por isso mesmo meu “coiso” de não ir na psicóloga, tá entendendo?*

**Larissa:** *Pra você, é importante ter essa força pessoal, foi o que te trouxe até aqui...*

**Amanda:** *Não que eu fique achando que a pessoa é fracassada, mas eu penso, não, não, não preciso disso, não preciso de ninguém resolver a minha vida, eu resolvo, então eu tenho uma barreira com esse negócio (risos)*

*Eu já fui, duas ou três vezes, e depende também, tem psicólogas talvez que... Que... Acabam...*

**Larissa:** *Piorando? (risos)*

**Amanda:** *Eu não diria que piorando... Uma vez até, essas histórias da minha família estavam há muito tempo guardadas, e eu não contava pra ninguém, então eu tirei lá de baixo, e quando eu fui pra essa psicóloga ela me tirou tudo isso...*

**Larissa:** *E o que fazer com isso?*

**Amanda:** *E acabou me pondo contra meu pai, ela me pôs contra. Não, seu pai é homem como qualquer um, você não tem que ficar bajulando porque é seu pai. E isso começou... Eu acho que eu que to certa, mas eu fiquei pensando, eu acho que ela tá certa. Porque que ela ficou falando isso? Realmente ele me maltratou, ele maltratou minha mãe, minha mãe morreu disso, porque que eu vou ficar agora... ? Ele tem que sofrer pra ele pagar! E isso não vinha antes.*

**Larissa:** *E isso não te fez bem.*

**Amanda:** *Então isso não me faz bem jamais, isso nunca passou pela minha cabeça. As pessoas sempre falavam, deixa seu pai lá, deixa ele se ferrar, e eu falava não! Por quê? O que ele fez comigo? Gente, pelo amor de Deus, fez graças a Deus, eu agradeço a ele ter feito o que fez pra tá onde eu tô, se não eu não estaria! É isso que eu faço, meu agradecimento é esse.*

*E ela me fez um pouco eu ficar, contra ele, fiquei infelizmente, e quando eu percebi que eu tava assim eu falei Denise você pode dar seus “pitís” que eu não vou mais, eu não quero ter raiva de ninguém, nem de nada, nem dele.*

**Larissa:** *Se pra você não teve esse efeito de resolver questões...*

**Amanda:** *Pra mim teve esse efeito da mágoa que eu nunca tive de ninguém, se alguém me bater agora, na hora eu sou capaz de bater também, mas daqui há 3, 4 horas, vou dizer, bateu porque foi uma necessidade dela, deixa prá lá. É de mim.*

*É isso que eu digo pra Denise eu conquistei meus clientes por ser humilde. Eu já fui muito rebaixada.*

**Larissa:** *É um público de alto poder aquisitivo...*

**Amanda:** *É, de você chegar, deitar na maca e não olhar nem na cara assim...*

**Larissa:** *E essa coisa do sudeste de...*

**Amanda:** *É! De achar que é do nordeste que veio pra cá! Eu sempre falo que eu não tenho nada, porque seu eu falar que tenho, eles falam você veio de lá e já tem isso?*

*Parece brincadeira eu te falar isso, mas as pessoas falam: ‘você veio no nordeste e hoje você tem apartamento no (nome de um dos bairros de maior poder aquisitivo de SP) que é isso?’ Mas ninguém sabe da onde eu vim e o que aconteceu pra eu chegar até onde eu tô.*

**Larissa:** *Não foi de graça né?*

**Amanda:** *Algumas pessoas me valorizam! Me põe lá pra cima. Mas eu quero fazer meu trabalho e o que eu puder ajudar eu vou lá e ajudo. Não preciso contar nada, só fazer meu trabalho e pronto. E passar isso pros filhos pra eles valorizarem cada centavo, tratar as pessoas bem, isso é que eu aprendi, aprendi com a vida...*

*Família pra mim sempre tá em primeiro lugar entendeu? Você pode ser um bandido, o que for a família vai estar do seu lado, seus amigos vão sair fora, mas os da família vão estar do seu lado. Primeiro família. Primeiro família.*

*E filho quando a G. (Angélica) chega aqui que a professora manda às vezes que acontece de ela ter mordido ou batido em alguém. Agora não. Eu fico, se ela fez isso é porque alguém fez isso com ela e Denise fala não foi e eu falo foi Denise! Ela não ia de um nada pegar e fazer isso!*

*E aí ela conta, ‘tia ele pegou minha cabeça e pá pá!’*

*Só que a professora só viu o final, não viu o começo e pegou aquilo lá. E eu sou muito ciumenta com isso sabe? Em relação à criança eu tenho medo de como ela está sendo tratada... Nossa! Você não tem noção! Eu sou... Uma proteção que até protejo demais! Minha sobrinha tá com 29 anos agora e eu ligo, ligo, ligo. Você está bem?*

**Larissa:** *Seus parentes sabem da Denise?*

**Amanda:** *Minhas sobrinhas sabem que eu convivo tudo. Minhas irmãs ficam pra Denise e aí cunhadinha? Sabe assim... Minha tia que mora aqui e minha irmã falam.*

*(Denise entra na varanda e fala que estão me procurando. Denise: A gente demorou pouco né?)*

*(Encerramos pelo horário avançado)*

## Transcrição da entrevista com Jorge

**Larissa:** *Primeiro eu queria conhecer um pouco sobre o processo de conjugalidade de vocês... Como você conheceu o Raul e depois como passaram a ter algo mais estável, uma vida de casal, uma vida juntos.*

**Jorge:** *Eu conheci o Raul foi numa boate em C. (cidade interior de SP), eu nunca tinha ido nessa boate, tinha uns amigos meus que falavam vamos, vamos, eles trabalhavam comigo numa empresa e falavam vamos lá tem um lugar em C. legal e tal. Eles também são, mas também nunca tinham ido e eu também nunca tinha ido.*

*Eu tinha um relacionamento, eu não morava junto, era mais um namoro só, mas já fazia 3 anos, e tava meio balançado...*

**Larissa:** *Quando você conheceu o Raul então não coincidiu com seu momento de “descoberta” da sexualidade...*

**Jorge:** *Eu nunca fui encanado com isso, eu nunca cheguei pra família e falei olha eu sou isso eu sou aquilo, nunca. Como eu já era maior de idade não tinha o porquê de eu ficar dando satisfação, embora eu não fizesse nada que afetasse alguém ou agredisse alguém. Eu nunca tive esta intenção, ao contrário de muita gente né? ...Eles fazem muitas vezes certas coisas pra agredir né?*

**Larissa:** *Pra chocar?*

**Jorge:** *Pra chocar! Esta nunca foi a minha intenção, e como eu estava com o relacionamento meio balançado e tal, meio pra baixo... Porque a pessoa não era... Eu descobri que a pessoa não era uma pessoa que tinha um interesse de morar junto, de ter uma vida conjugal né?*

**Larissa:** *E no seu histórico familiar você era próximo à família?*

**Jorge:** *Muito próximo! Muito próximo à família! Sou até hoje! ... E então a gente foi pra esse lugar e acho que lá... Numa certa hora lá, eu tava passando num lugar e eu vi que o Raul ficava olhando muito pra mim!*

**Larissa:** *Isto era em que ano assim mais ou menos?*

**Jorge:** *Foi em 94! Foi novembro de 94.*

**Larissa:** *Uhum...*

**Jorge:** *Tem até a data (risos)*

**Larissa:** *É né? Esses fatos que marcam a vida... (risos)*

**Jorge:** *É, porque foi pelo fato de ter ido pela primeira vez... Eu não tinha interesse nenhum, e ele ficava olhando... Até que o L. amigo meu, esse amigo meu, que era muito próximo, ele disse pra mim, aquele carinha lá não para de ficar olhando pra cá, e não sei o quê...*

*Daí eu não dei muita bola não. E continuamos lá, você ficava dançando, ouvindo música e... Que a intenção era só essa, eu mantinha um envolvimento com uma pessoa ainda né?*

*E aí no final pra ir embora tinha uma escada, o Raul veio e me passou o pé quase que eu caio na escada! E aí ele falou, Ô! Você não vai nem olhar pra mim? Não vai conversar comigo?*

*É... Não dei muita atenção pra ele, fiz de conta que não... Aí no final eu tava pagando a conta ele chegou lá e falou, poxa você não quer conversar comigo? Aí eu falei ah tá, vou lá conversar com ele. Aí começamos a conversar, ele me chamou para o andar de cima de novo, eu fui lá, peguei uma bebida lá, e aí começamos a conversar, e daí, descemos tal, e ele falou pra mim, você não vai vir pra cá amanhã? Por que isso era uma sexta-feira. Eu falei não, não vou vir, porque não sou daqui, e sabe? Eu não tava querendo ir mais, porque eu não gostava do ambiente... Achei que não era muito legal não.*

*Aí ele falou assim, então me dá seu telefone a gente se comunica... Ele falou, fiquei muito interessado. Aí eu peguei e passei meu telefone, mas eu não pedi o dele, eu não tive interesse em pegar o telefone dele.*

*Aí passado... No sábado à tarde, pra minha surpresa, ele pegou e me ligou. Ligou, conversou comigo, perguntou se eu ia na próxima vez, se na semana que vem eu poderia ir... Falei olha não sei, mas é mais certeza que não.*

*Mas daí, conversei com os amigos eles falaram vamos, vamos, você está com a cabeça muito pra baixo por causa do cara outro cara lá, e eles já não gostavam do outro indivíduo, e aí acabei indo, acabei indo e a gente começou a pegar amizade assim mas sem ter nada... Só conhecimento mesmo... Mas daí ele já me convidava pra ir pra J. (cidade atual) se tinha alguma festa aqui, ele me convidou pra vir pra cá eu vim, cheguei a vir com ele.*

**Larissa:** *Ah, sim, porque você morava em A. (cidade do interior de SP) né? Sim! Mas gente se conheceu em C. , e aí a gente começou a vir pra cá nessa festa tal, aí já começou uma coisa mais... Aí já começou a rolar... é assim mais afetividade né? Começou a ficar uma coisa e a gente começou a ficar mais junto tal, mas sem ter qualquer intimidade, não tinha ainda, como eu tava muito envolvido ainda com outra pessoa eu não quis que isso fosse muito adiante. Mas aí depois eu acabei... Eu acabei terminando lá com o outro também... Porque o outro queria que eu... Eu tinha uma pessoa, uma moça que eu conheci lá, fazia muitos anos que eu já conhecia, eu cheguei até a ter um envolvimento com ela.*

*Aí ele chegou a fazer uma proposta indecente, você namora ela e eu namoro outra. Eu disse que jamais faria isso.*

**Larissa:** *Mas assim, pela aceitação social?*

**Jorge:** *Ele se preocupava muito, por exemplo, com a família dele e eu já não tenho essa preocupação, quer dizer, eu vou me preocupar com isso, com a minha família e ela? Tem o lado dela, tem que respeitar isso! Tem que ser honesto, eu disse, jamais vou desrespeitar isso! Isso eu nunca vou fazer na minha vida! Não quero! E tanto é que ela não sabia de nada... e aí ele se encarregou de ir lá e contar, falar tudo, sei lá porque, qual o motivo real dele de fazer isso, ela acabou virando a cara comigo, tentei explicar... Bem, eu simplesmente preservei ela, fiz uma coisa pra preservá-la e ele já não ele queria outra.*

*Tanto é que quem ele queria namorar arrumou um namorado, casou foi morar na I. (país europeu) está muito bem casada, olha se ele tivesse ficado com ela! Você já pensou?*

**Larissa:** *Uma vida inteira...*

**Jorge:** *Já pensou? Ele ia atraparlar a vida da menina! Eu falei de jeito maneira! Então foi isso aí, eu acabei terminando e eu acabei engatando com o Raul já, um relacionamento...*

*Por coincidência eu trabalhava numa empresa de J. (nome cidade) Só que eu não tinha contato com ele aqui, eu trabalhava lá, mas daí eu tava saindo dessa empresa eu tava meio perdido assim com relação ao meu lado profissional, a gente tenta montar uma coisa lá, como eu gostava muito de cachorro, ele criava cachorro, tem um amigo meu que cria P. (raça de cachorro) aí eu vim conheci, gostei, e vimos de comprar esse Pet Shop aqui, tinha uma pessoa vendendo, umas três casas, falido tal, e nós acabamos comprando. Isso foi em janeiro, a gente já tava bem junto já...*

**Larissa:** *Em que ano foi isso Jorge?*

**Jorge:** *Foi em 95.*

**Larissa:** *Mas morando junto?*

**Jorge:** *Não, sem morar junto, ele morando aqui e eu morando lá, e aí nós compramos esse Pet Shop em janeiro e começamos a reformar ele.*

**Larissa:** *Então primeiro vocês foram sócios?*

**Jorge:** *Mas a gente já tava junto, já namorava. Ele quis comprar mais isso aqui pra fazer com que eu viesse pra cá. Entendi bem a jogada dele depois (risos). Então eu acabei vindo, acabei deixando a minha família. Ele comprou esse Pet Shop, reformamos, refazemos a parte de frente da loja, a parte de banho e tosa e eu fiquei com a parte do fundo, tinha um quarto e uma cozinha que eu acabei morando, vim morar pra esse lugar, aí em março dia 3 de março eu mudei pra J. (nome cidade) definitivamente, passamos o carnaval juntos, fomos viajar, passamos 4 dias juntos se conhecendo e aí em 3 de março de 95 passamos a morar juntos.*

**Larissa:** *E já tinha o desejo de filhos?*

**Jorge:** *Eu sempre tive! Porque esse rapaz que você viu aqui em baixo é meu sobrinho né? A minha irmã teve ele solteira então praticamente quem cuidou dele fui eu.*

**Larissa:** *É uma irmã mais nova?*

**Jorge:** *Mais velha, ela tinha dois empregos então ela ficava mais ausente, ela namorava, meu pai falou pra ela que ela não precisava casar se ela não gostasse não tinha que casar, não tinha necessidade disso.*

**Larissa:** *Sua família é mais aberta assim então...*

**Jorge:** *Aberta no sentido de... Meu pai gostava muito da gente perto dele assim...*

**Larissa:** *Tinha uma afetividade grande?*

**Jorge:** *Muito grande, meu pai teve dez filhos, e esse desejo... Meu pai sempre gostou de criança...*

**Larissa:** *Você tem nove irmãos então?*

**Jorge:** *Oito né, comigo são nove, é que o último nasceu morto, mas o desejo de ter muito filho foi do meu pai, pela minha mãe tinha tido um filho só, mas o meu pai sempre gostou de criança, sempre quis, sempre foi um desejo dele, a diferença de um filho pra outro é de dois três anos, naquela época era muito difícil isso, então, ele teve filho de dois, três anos de diferença.*

**Larissa:** *Um pai muito afetivo então?*

**Jorge:** *Meu pai sempre foi, minha mãe também. A turma fala assim, mas como seu pai aceitou você? Veja bem, você pode enganar quem você quiser, mas os pais jamais os filhos enganam, não conseguem enganar!*

**Larissa:** *É, tem alguns pais que fingem que não veem...*

**Jorge:** *Mas meu pai não era bobo, não era bobo, ele contava uma história pra mim quando eu era criança, já adolescente, que ele teve um tio que veio da I. (país europeu) junto com o pai dele, irmão do pai dele, e esse tio com trinta e poucos anos cometeu suicídio, e tudo isso aconteceu porque uma pessoa brincou com ele, falou, ah não sei não, você é muito estranho, não vai casar, não sei o que, não namora... Então meu pai conta que esse tio com certeza ele devia ser homossexual.*

**Larissa:** *E o suicídio veio decorrente disto...*

**Jorge:** *Decorrente disso, porque imagina naquela época, em 1920, 1930 e pouco, era uma coisa muito...*

**Larissa:** *Sim, os i. (habitantes da I. país europeu) que vieram pra trabalhar né?*

**Jorge:** *Meu avô veio no navio sabe que a novela mostrou, ele veio nesse navio com nove anos de idade, então uma família muito religiosa, muito católica, você imagina, isso era um tabu.*

**Larissa:** *Bem I. aquela coisa né...*

**Jorge:** *É, e meu pai contava isso, hoje eu entendo que ele contava isso pra ver se ele conseguia dar uma certa tranquilidade que ele aceitava... A minha mãe já era assim mais autoritária, mas ela sempre foi assim aquela mãe protetora, então a afetividade assim dentro de casa... Eu fui muito próximo dos dois, por seu o caçula né? Fui muito próximo... Então quer dizer, eu não tive problema na família, meu pai nunca chegou a me poder disso ou daquilo, pelo contrário, eu tive mais liberdade que meus outros irmãos.*

*Ele falava, olha eu confio mais em você do que nos outros!*

**Larissa:** *Você tem irmãos homens e mulheres?*

**Jorge:** *São quatro mulheres e... Pera aí e agora? Acho que são cinco mulheres e quatro homens. E eu não tenho problema nenhum, tenho um irmão acima de mim ele foi muito ciumento por eu ser o caçula e... Então ele teve muito ciúme, brigava, xingava, mas é coisa de...*

**Larissa:** *Coisa de irmão mesmo?*

**Jorge:** *De irmãos... De família, mas, com relação a isso eu nunca tive problema, e por ser criado dessa forma tem irmão meu que casou e foi morar junto, as crianças nasceram a gente que cuidava, depois de muito tempo sem criança em casa veio o A. (sobrinho). Quando o A. nasceu eu tinha 18 anos, eu levava ele nas reuniões de escola, na psicóloga, que ele por não ter contato com o pai ele teve muito problema, tanto é que ele me chamava de pai, a primeira palavra dele foi papai e foi pra mim. A gente foi ensinando que não era pai, que era tio...*

**Larissa:** *Mas foi uma coisa que te tocou isso?*

**Jorge:** *Sim, eu sempre quis ter filho, uma coisa que eu sentia muito por não casar, era por não ter filho, como é que eu teria filho?*

**Larissa:** *É porque é uma coisa que as pessoas colocam né? A mãe vira e fala nossa então não vou ter netos!*

**Jorge:** *É... A minha era por não poder ter filhos, o meu pai queria até adotar uma criança, eu devia ter uns 9, 10 anos de idade, ele sempre gostou de criança, e mais aí acabou não dando certo lá, mas aí eu sempre tive essa vontade. A minha preocupação era realmente: “Putz!” Eu não vou casar! Como é que vou ter filhos?*

**Larissa:** *Você fala assim, até sua tentativa de namorar mulheres você acha que veio disso?*

**Jorge:** *Ah sim! Eu acredito!*

**Larissa:** *Mas que por uma aceitação social ou algo assim?*

**Jorge:** *Ah sim, eu não me preocupava muito com isso, eu era meio desencanado com isso.*

**Larissa:** *Sim, você tinha emprego, uma família mais tranquila...*

**Jorge:** *Sim, eu não tinha esse problema não e o Raul também, a mesma coisa! Só que o Raul nunca falou em adotar ninguém.*

**Larissa:** *Hum, você pode me contar um pouco mais sobre isso, sobre como ele chegou até a adotar?*

**Jorge:** *Ele falava que não gostava muito de criança. Eu falei pra ele, é porque você não tem contato! O dia que você tiver contato muda né? E... O filho desse irmão acima de mim, o V. quando a gente veio pra cá ele tinha 2 anos, que é esse menino da foto (apontou foto). Ele tinha 2 anos de idade, e ele era muito apegado, ele se apegou muito porque o A. já estava grande né? A mim, e ele começou a se apegar ao Raul porque o Raul ia muito à casa dos meus pais...*

**Larissa:** *Então assim, vocês tinham bastante essa interação familiar... E você também na família dele?*

**Jorge:** *Também, a mesma coisa. A família dele demorou mais assim, o pai e a mãe dele pra aceitar assim... Na minha frente não, mas por trás, eu sabia porque ele comentava, isso foi logo no comecinho... Mas depois o pai dele viu, viu que a gente tava realmente engajado querendo trabalhar e tirando o lado afetivo tinha muito trabalho mesmo nisso, vontade de constituir uma família...*

*Tanto é que o pai dele não... eu vim pra cá em março. Julho o tio dele foi assaltado e acabou morrendo no assalto, eu acabei correndo com tudo pra eles porque eles estavam muito abalados e o pai dele ofereceu uma área pra gente construir, construir uma casa, fazer um hotel... Tanto é que essa loja aqui o pai dele comprou e deu pra gente...*

**Larissa:** *Que legal!*

**Jorge:** *O pai dele tem uma situação financeira bem definida né? Não é rico...*

**Larissa:** *Tem uma tranquilidade financeira...*

**Jorge:** *Ele tinha uma área em um bairro bem afastado, e tem esse sítio onde o avô e avó do Raul moravam e falou que a gente podia escolher... Eu escolhi morar no sítio onde o avô e a avó do Raul moravam. E o pai dele falou: tá vendo? Ele é mais sensato ao invés de ficar longe ele quis ficar perto... Tanto é que os pais dele moram hoje lá no sítio, construíram uma casa enorme do lado da minha, por causa dos netos, entendeu? Que estão lá agora.*

**Larissa:** *Que nem agora que tem Natal...*

**Jorge:** *Junto, sempre junto! No Natal eu passo com a minha família, e ano novo com a família dele. Tranquilo... Os primos dele são todos formados, quando eu vim pra cá eles eram todos moleques, hoje um é dentista, outro é professor (nome de universidade estadual), outro é professor da (nome de curso) na (nome de outra universidade estadual), outro sobrinho dele é médico em (cidade do interior de SP), então a gente se dá muito bem, eu frequento a casa dele, teve um casamento da família dele lá em (cidade do interior de SP) duas semanas atrás, festas de aniversário, outros daqui também... Eu sou bem entrosado na família dele, mais na dele do que ele na minha! Porque eu convivo mais aqui...*

**Larissa:** *É morando aqui né?*

**Jorge:** *Tanto é que a minha família fica até meio enciumada porque diz que eu só fico aqui, mas não é, é que aqui tem muito mais evento do que lá...*

**Larissa:** *E daí ele passou a ter mais contato com criança...*

**Jorge:** *Ele passou a ter mais contato com o V. Eu saía, eu ia pra lá, e a gente saía pra andar de carro com o V. e o V. foi pegando uma afinidade com ele, e eu comecei a trazer o V. pra cá, pra (cidade onde moram hoje), ele ficava assim, uma semana comigo e eu levava embora, aí meu irmão já começou a ficar com ciúme né? (risos)*

**Larissa:** (risos)

**Jorge:** *O V. pra ver ter uma ideia... Meu irmão foi um pai muito ausente, hoje que ele está mais próximo, mas ele foi muito ausente, teve uma época que quis morar nos Estados Unidos... Ficou lá um tempinho, deixou os filhos, então eu me aproximei muito...*

**Larissa:** *Uma pessoa não tão família...*

**Jorge:** *Ele é um cara amoroso, mas uma pessoa... Como eu posso te dizer? ... Inconstante... Hoje não, mas eu acho meio estranho, sei lá, um cara meio diferente... E o filho dele se apegou muito porque a figura paterna ele não estava tendo, ou era meu pai, ou era eu, mas ele acabou se apegando ao Raul E o Raul nossa ficou apaixonado pelo moleque, V. ficou até uns 12, 13 anos praticamente, dele ficar até uns 3, 4 meses aqui, ele dormia assim e acordava e falava eu quero o Raul o Raul, Raul! Tanto é que na casa dele quando ele ia embora, ele demorava pra se adaptar novamente!*

**Larissa:** *O dia de embora devia ser...*

**Jorge:** *Nossa! Era terrível pra gente! Aí eu mudei pra outra casa, essa casa atual que eu moro hoje, ali tinha de tudo, mamadeira, quarto dele, e o moleque é... Depois a gente começava a mexer nas coisas e encontrava mamadeira, as coisas... Se sofria né? E o Raul até hoje, o V. esta com 21 anos, quando ele vê ele, ele abraça, beija, sem nenhum preconceito sabe?*

**Larissa:** *É ele já foi criado assim né?*

**Jorge:** *Sempre ele sabendo, ele é muito mulherengo, eu pego no pé dele, porque ele é assim, ele é um moleque alto, bonito, e a mulherada cai matando né? (risos)*

**Larissa:** *(risos) É né? Hoje em dia...*

**Jorge:** *E ele não perde tempo, não perde tempo, então quer dizer, tanto o A. que foi o primeiro, quanto o V., o A. tá casado, tem filho...*

*Até no Fórum lá, quando perguntaram como é que era, porque até chegar no Fórum de adoção, como é que foi, porque elas quiseram saber, saber como é que foi a história do V. do A., elas perguntaram como que é a sexualidade deles. Eu falei: bem definida!*

**Larissa:** *Como se a convivência fosse influenciar...*

**Jorge:** *É, mas então, foi aí que o Raul começou a se interessar e eu falei pra ele tô a fim de adotar uma criança, ele levou um choque! O que? Adotar uma criança?*

**Larissa:** *Nisso vocês já estavam bem estáveis, morando junto?*

**Jorge:** *Sim, sim.*

**Larissa:** *Vocês começaram a morar junto em... 95?*

**Jorge:** *Março de 95, eu comecei a construir a casa em agosto de 95, e aí em dezembro de 96 nós mudamos para casa nova, que já é uma casa grande, uma casa bem construída.*

**Larissa:** *Já podendo receber bastante crianças (risos)*

**Jorge:** *Nossa, minha casa é enorme, tem 450 metros de construção, com piscina, uma casa muito grande...*

**Larissa:** *Você tem cachorro né?*

**Jorge:** *Hoje eu tô com um cachorro só, mas já cheguei a ter 60 cachorros lá...*

**Larissa:** *Nossa!*

**Jorge:** *Hoje a gente só hospeda né? Eu criava muito.*

**Larissa:** *Ah! O hotel que você fala é hotelzinho de cachorro!*

**Jorge:** *É, hotel pra cachorro! Eu criava cachorro, tinha os cachorros que ficavam dentro casa, que a gente tratava como filho. A gente falava, vem com o papai, vem com o papai e ficava isso aí né? Mas você trata o cachorro como filho, mas você sabe que falta algo mais né?*

**Larissa:** *É, mas não é né?*

**Jorge:** *Não é como se fosse uma criança, os cuidados são totalmente diferentes, são outros, a preocupação é outra, cachorro você não se preocupa, preocupação diferente...*

**Larissa:** *É como deixar em um holtelzinho (risos)*

**Jorge:** *Filho... é complicado a coisa!*

**Larissa:** *E por aí começou a ter conversa sobre adoção?*

**Jorge:** *Olha deixa eu ver, quando eu comecei mesmo falar foi acho em 2000, que eu comecei mesmo, que eu acho que essa necessidade de querer construir uma família e ter um filho cresceu, o A. e o V. já estavam crescendo, então eles foram distanciando, as horas mais felizes eles passavam com os pais deles, eles não passavam com a gente, então eu falei, tem alguma coisa errada aí, a gente tá precisando ter um.*

**Larissa:** *E em relação à união de vocês, vocês pensavam em uma oficialização legal?*

**Jorge:** *Na época não havia essa possibilidade... A gente não se preocupava com esse papel, com isso, mas tinha sim, que nem, a gente tem imóveis essas coisas, como é que fica? E amanhã ou depois?*

**Larissa:** *Trabalho né... junto...*

**Jorge:** *É amanhã morre um ou outro e quem vai ficar com o que?*

**Larissa:** *Mas então até hoje vocês não têm?*

**Jorge:** *Tem, hoje temos a união estável já, logo que saiu eu já fiz.*

**Larissa:** *Você lembra a data de quando fizeram a união?*

**Jorge:** *E agora? ...Eu acho que... Eu não tenho certeza se foi em 2012 ou final de 2011.*

**Larissa:** *Bem assim que saiu né?*

**Jorge:** *É, assim que saiu, dois, três meses depois eu já fiz já, não tive problema nenhum. Cheguei no cartório... Liguei no cartório...*

**Larissa:** *Isso eu gostaria de perguntar, eu conversei com um casal de mulheres e elas tiveram que pagar bem mais do que se fosse uma união hétero, elas sentiram preconceito nisso, elas estavam com um casal de colegas hétero casando e elas compararam assim, então, como foi esse processo assim no cartório?*

**Jorge:** *Eu liguei em um cartório, e eles me disseram o seguinte, que o chefe lá do cartório, que assina assim as coisas lá né, eu não sei ele é muito conservador, eu não sei se ele vai concordar com isso, ele não quer nem fazer. Eu já descartei de cara!*

**Larissa:** *Como assim né?*

**Jorge:** *É eu não vou entrar no mérito da questão, falei, porque tem uma amiga minha que é advogada...*

**Larissa:** *Nossa! Mas complicado! Porque teve então esse fato! Não tem isso, é lei.*

**Jorge:** *Teve! Mas daí liguei em outro cartório e a moça disse, olha não tem problema nenhum, eu não sei se foi 90 reais, alguma coisa assim, nesse sentido aí, não foi muito caro não, foi bem baratinho mesmo, e falou não, não tem problema nenhum não. Inclusive, eu não sabia, o dono do cartório é parente meu, eu não sabia que era ele, e a mulher dele é muito amiga, tanto é que a nora dele acabou de sair daqui... Então a gente era de muito conhecimento com eles, mas a gente não sabia.*

*Eu cheguei no cartório, que a moça falou, vocês querem que a gente faça em reservado tal? Muito gente boa a menina que me atendeu lá... Cheguei lá estava tudo pronto.*

**Larissa:** *Você chegou a saber se mais alguém já tinha feito?*

**Jorge:** *Ela me falou que já tinha um ou dois casos já, eu perguntei pra ela, até na hora de ler a escritura da união...*

**Larissa:** *E nesse dia vocês fizeram alguma coisa pra comemorar a união?*

**Jorge:** *Não, como o Lucas (filho) está só no meu nome, o juiz... Foi negado aqui a paternidade do Raul, o juiz aqui negou, por falta de... Ele fala que foi por falta de esclarecimento, de alguma outra coisa, de algum documento que comprovasse a união tal, por isso que eu fui atrás pra fazer, e daí a gente acabou fazendo, como eu vou dar entrada fora daqui novamente, então o juiz falou pra que a gente providenciasse isso.*

**Larissa:** *Então não foi um desejo mais romântico... Foi de uma ordem mais prática?*

**Jorge:** *Eu sempre quis isso, eu sempre quis fazer e ele também, o Raul sempre me cobrava, sempre me cobrou isso!*

**Larissa:** *Então teve essa função simbólica?*

**Jorge:** *Por segurança! Mais por segurança, porque ele falou, se eu tiver que passar tudo para o seu nome eu passo sem problema nenhum, mas se acontece alguma coisa comigo ou com você? A gente tem que ter uma segurança, e foi aí que a gente foi atrás, e eu tenho uma amiga advogada que pegava muito no meu pé, ela falou, vocês já foram atrás disso? Já pensaram no Lucas amanhã? Como é que vai ser isso?*

**Larissa:** *Uhum, então deixa eu voltar aqui, pra eu conseguir criar uma cronologia, mais ou menos em 2000 vocês começaram a pensar em adoção, partiu de você.*

**Jorge:** *Foi! Aí ele tomou um choque quando eu falei que eu queria adotar uma criança, ele falou 'como assim adotar uma criança?' Ele se preocupou com que os outros iriam falar...*

**Larissa:** *Bom, naquela época, há treze anos era uma coisa ainda mais assim impensável.*

**Jorge:** *Eu falei pra ele, com ou sem você eu vou ter filho! Você pode ter certeza disso! Isso na frente de todo mundo da minha casa, com ou sem você eu vou ter filho! Até a minha cunhada mãe do V. que eles estão separados, ela do meu irmão, falou, ah! Se for o caso a gente até casa, adota uma criança e você cria, eu te ajudo no que for preciso! E falaram até de emprestar o útero pra gerar um filho, na época isso não era tão assim, hoje já está mais evidente né? Aí ele viu que eu tava falando muito sério, e a preocupação dele era, como é que vão dar uma criança para dois homens? E eu falei pra ele, o V. não conviveu com a gente? O A. não conviveu com a gente? O que que o A. é hoje? O V. tava começando ainda né... E ele falou você tem razão.*

**Larissa:** *Pra você, você acha que foi algo assim de achar que vocês não iam dar conta?*

**Jorge:** *Não, dar conta é certeza que ia dar conta, ele tava mais preocupado assim com o preconceito em cima disso, tanto é que até hoje ele é encanado ainda um pouquinho com isso... Mas, a preocupação dele era nesse sentido, capacidade ele tinha, e tem hoje até muito... Aí ele foi amadurecendo essa ideia...*

**Larissa:** *Sempre surgia em conversas?*

**Jorge:** *Ah! Sempre, ele sabia, eu tava doido...*

**Larissa:** *Quando via alguma coisa na TV...*

**Jorge:** *Na TV ainda não saía esses assuntos ainda, aí eu falei, como vou adotar uma criança?*

*Aí tinha uma cliente minha que trabalhava num Fórum da região, e tinha adotado uma menininha, e ela adotou a menina já grandinha, e eu falei pra ela, 'nossa eu tenho tanta vontade de adotar', ela falou, então 'porque você não adota?' E eu expliquei pra ela... E ela falou não! Mas você pode adotar como solteiro!*

**Larissa:** *Você não sabia dessa possibilidade?*

**Jorge:** *Não! Não sabia, ela falou, sua cunhada não precisa adotar com você, aí eu pensei, nossa então tem essa possibilidade!*

**Larissa:** *Mas considerando essa possibilidade da sua cunhada engravidar, não pesou pra você ter um vínculo biológico com um filho?*

**Jorge:** *Eu não me preocupava com isso, eu não me preocupava com vínculo biológico, isso nunca me preocupou, porque sendo seu ou não, o que vai definir é o amor e o carinho que você vai dar, a educação que você vai dar, isso na minha cabeça foi bem resolvido...*

**Larissa:** *Você nunca teve isso como preocupação?*

**Jorge:** *Não nunca tive isso, tanto é que meus sobrinhos gostavam mais de mim do que dos pais deles!*

**Larissa:** *Sim.*

**Jorge:** *E daí também tem uma outra amiga minha que adotou em B. (cidade interior SP), e ela falou, nossa mas você tem essa vontade? Se você quiser eu te ajudo! Ela falou a minha família que trabalha em B. trabalha lá nessa parte de adoção, você pode adotar como solteiro.*

*Sabe? Cada hora vinha alguém me falar uma coisa, eu comecei a ficar. Aí quando foi em 2005, final de 2004, minha irmã me falou assim... Eu tenho uma irmã também que não tem filho nenhum, casada, mais de 30 anos, e não tem filho, ela não engravidou, então ela sempre ficava sabendo... Ah! No Paraná tem uma criança... Olha tem um lá que vai dar uma criança, você não quer? Aí eu falava, mas é muito longe... Aí surgiu uma possibilidade de uma criança em A. (cidade da família de J.), a moça engravidou e ela não cuidava, e eu ficava revoltado com isso! Como é que pode?*

**Larissa:** *Isso tudo fora do Fórum...*

**Jorge:** *Isso tudo fora, depois veio né as consequências disso daí! Porque eu cheguei a pegar a criança...*

*E aí essa moça, ela dava calmante para o filho pra poder sair à noite, ela era nova né? Então o filho dormia, de dois três meses sabe? Ela fazia isso...*

**Larissa:** *Não estava preparada pra ser mãe né?*

**Jorge:** *E eu achava um absurdo! Me revoltava ver uma coisa dessa! E ela engravidou de novo, o menino dela tava com um ano e pouco e ela engravidou e ela falou que ia dar. Minha irmã falou olha se você for lá tem uma pessoa e comentou comigo. E ela falou fala pro seu*

*irmão vir aqui conhecer. E eu fui lá conhecer. Eu fiquei tendo esse contato com ela, em 2000... Comecinho de 2005.*

(J. apresentou-se revoltado todas as vezes que falou nessa situação)

**Larissa:** *E como era isso?*

**Jorge:** *Ela morava com um rapaz, ela tinha tido 3 filhos, as duas meninas cada uma de um pai diferente...*

**Larissa:** *Mas como foi pra você vivenciar isso, esse contato?*

**Jorge:** *Pra mim foi revoltante, ver que você pode fazer algo pelas crianças...*

**Larissa:** *Você querendo ter filho e a pessoa que tem não querendo...*

**Jorge:** *Com certeza! Mas ela falava que o outro menino se eu quisesse levar, podia levar ficar com ele em casa. Eu falei não, não é isso que eu quero, eu falei, já foi muito confuso na minha cabeça cuidar dos meus sobrinhos e depois eles irem embora e ficar um vazio dentro de mim, sabe? De querer estar cuidando e saber que meu irmão não faz, não tem estrutura que a gente propõe para o menino, que não era nem nada financeiro não! Era mais o carinho, o amor, passear, levar sair pra brincar, fazer as brincadeiras que a gente fazia muito. Não era nada financeiro, porque eu não enchia o moleque de presente! Sabe? Não era isso!*

*E meu irmão falava: Ai! Porque ele agrada muito, meu filho gosta mais dele porque ele vive enchendo o moleque... Eu nunca dei dinheiro pro meu sobrinho! Meu irmão confundia, tentava desviar o foco do que ele fazia... Mas a gente não é bobo, e o filho dele não é bobo!*

**Larissa:** *É criança é meio difícil de enganar né? (risos)*

**Jorge:** *Criança sabe quem gosta, quem não gosta! Aí nessa situação dessa moça a criança ia nascer em agosto, a aí ficou né? Um dia ela veio com uma conversa, com negócio de dinheiro, eu achei meio estranho, eu falei não! Eu vou me afastar porque eu não vou comprar a criança de ninguém, não é isso que eu quero! Pra eu ficar amarrado com coisa errada? Não era comigo...*

**Larissa:** *E esse medo né, que fica, e depois? E quando estiver bonito, alimentado, bem cuidado... ?*

**Jorge:** *Sim! Claro! Aí eu me afastei, o Raul era meio contra, porque ele queria uma coisa mais concreta né? A gente não tinha noção muito disso, a gente não tinha nem levado nada no Fórum pra me inscrever...*

**Larissa:** *Era mais movido por esse desejo de ter...*

**Jorge:** *Lógico! De constituir uma família mesmo! Todo mundo tinha, tem os sobrinhos dele que ficavam muito com a gente! O L. nasceu no final de 94, eu já estava com o Raul quando o sobrinho dele nasceu, então o L. conviveu muito com a gente também, a gente levava o L. pra passear, pra ir no cinema, levava nos parques, levava em circo, e o V. também, depois nasceu os outros sobrinhos dele também a mesma coisa.*

*O L. tem o tempo de relacionamento que eu tenho com o Raul! E hoje tão uns moção bonito pra caramba! Gostam muito da gente, e a gente nessa... Querendo ter uma família mesmo! E*

*aí no caso dessa moça aí, até dei um tempo, fiquei uns dois meses sem contato, daí ela começou a ligar, seu irmão não vai querer mais? Liga pra ele vir aqui pra gente conversar, fomos lá conversamos, e ela falou, não, vamos dar pra você mesmo! Não tem problema...*

*Só que ela não sabia que a gente tinha um relacionamento, ou sabia e não queria perguntar, eu também falei, eu só vou falar se ela perguntar! Se ela não perguntar também não vou falar! E ficou assim...*

*Aí a criança nasceu. Ela mandou me avisar que ela estava no hospital, ela não comentou no hospital, porque se ela tivesse comentado já tinha ficado lá, ela não comentou no hospital, eu dei um tempo pra ela pensar! Ela teve alta, eu fui lá ver o menino, eu comecei, eu levei coisas pra ele, eu levava até remédio para o outro moleque, o moleque vivia doente, e aquilo me comovia, ver aquele menino doente e ela não fazer nada!*

*Que às vezes tinha o remédio lá, e eu via que tava cheio, que ela não deu uma gota do remédio pro moleque! Sabe? Não cuidava mesmo! E ela falou, olha eu vou dar mesmo pra vocês, só deixa eu amamentar ele uma semana tal, eu falei, eu pensei, eu sei que estou fazendo uma coisa errada! Mas eu vou deixar ela amamentar, ela vai pegar um vínculo com essa criança e depois vai ser mais difícil...*

*Tudo bem, eu dei esse tempo pra ela, aí ela me ligou uma semana depois, eu fui prá lá, ela falou não a gente faz um documento, eu assino, meu marido também assina porque ele também não quer. Os dois fizeram, assinaram, ele tava demorando pra chegar, ela já achou que ele não queria mais, eu também, aí assinaram o documento, e eu peguei cópia do documento deles também, porque pelo advogado aqui de J. que foi no Fórum, conversou no Fórum, falou, só que eles tem que se inscrever aqui no Fórum pra fazer o estudo psicossocial, falei não, tudo bem! E vim com a criança embora, vim, isso foi numa sexta-feira? Não! Foi numa segunda! Quando foi uma segunda feira assim 5h30 da tarde, aliás tocou o telefone cedo, eu já achei estranho... Eu vi pelo número lá e liguei de volta perguntando endereço daqui, aí eu vi que era do Conselho Tutelar aí eu falei, aí tem coisa! Essa moça vai vir atrás de mim, mas não deu outra, quando foi, seis e pouco da tarde veio o Oficial de Justiça aqui dizendo que eu fui lá peguei a criança pra tratamento em J. ...Aquela história né? Mentira! Ela foi lá e mentiu! Aí eu achei meio estranho o A. tava aqui na loja até e eu tava em casa cuidando do menino e o Raul também...*

**Larissa:** *Já vivenciando né, aquela coisa...*

**Jorge:** *Lógico! A família toda envolvida... A gente pensava na família no Raul de como eles iam aceitar isso, a gente pensou, primeiro a gente pega, depois eu comunico a minha família, eu fui pra casa com o menino, e ele foi contar pra mãe dele, a mãe dele falou o que?*

*Você está ficando louco! Tomou um susto!*

**Larissa:** *Aquela ideia de que agora já foi demais...*

**Jorge:** *Aí ligou pra irmã do pai dele, a mãe dele né, e contou, porque a preocupação dele era a família, ela é uma pessoa muito centrada, a irmã dele, ela falou nossa, mas que coisa linda! Eu quero ver! Vamos lá ver! Vamos lá ver! E já contou pra mãe dela, que é a avó do Raul Isso foi umas 6h da noite, quando foi umas 7h minha casa encheu de gente!*

*Aí veio a avó dele com 90 anos que tava desesperada né? Porque é bisneto! Foi lá pra conhecer a tia dele, o primo dele com a mulher...*

**Larissa:** *Nossa que legal isso, porque às vezes só pelo fato de ser por adoção a família acaba não adotando junto também né? A gente vê muito disso...*

**Jorge:** *Foi assim uma coisa que até eu fiquei surpreso! Sabe aquilo de um monte gente em casa, todo mundo querendo pegar a criança, querendo ajudar, levando presente... E aí a mãe do Raul ficou mais tranquila, porque a preocupação dela, qual era? Era pensar o que os outros iam falar, e a gente sofrer com o comentário dos outros, eu entendo muito bem ela porque eu me dou muito bem com ela! Até ela fala que eu me dou melhor com ela do que o Raul com ela! Os dois às vezes se pegam! Não tanto porque eu vivo podando ele! Eu tenho essa preocupação...*

*Aí na mesma semana veio isso, a moça veio atrás, até o advogado falou, olha você não é obrigado a entregar agora, porque já passou das 6 da tarde, pode entregar na segunda. Eu falei não, quero resolver isso hoje! Se tiver que ir embora que seja hoje!*

**Larissa:** *Uma semana depois?*

**Jorge:** *Uma semana depois... E aí a gente foi pro Fórum, arrumei as coisinhas dele, a malinha dele, até o nome dele eu dei o nome de L. que era o nome do meu bisavô, nome i. que veio da I. com esse nome. Levamos, fomos pro Fórum, e aí veio a conselheira tutelar, o A. começou a conversar com ela, e falou nossa mas que estranho, ela deu o menino pra ele, ela assinou o papel! Ela falou, ela assinou papel? Porque ela tá contando uma outra história! Aí eu falei então ela tá mentindo!*

*Aí o Raul conversou com ela, isso deve estar equivocado e contou pra ela, ela falou não é possível, mas então se vocês puderem ir para o Fórum resolver isso é melhor, porque ela veio mesmo com autoridade de... Ela viu mesmo que o negócio era bem diferente daquilo que ela contava, ela amansou, aí eles foram com ela no carro e começaram a brigar com a moça lá, e aí fui pro Fórum, cheguei lá tava maior briga, a chefe do Fórum, a assistente social, e a conselheira tutelar brigando com a moça, porque a moça mentiu, e aí foram mexer lá e acharam a entrada no processo que já tava na mão do juiz, e a carta assinada por ela e pelo marido.*

*Como que você me faz uma coisa dessas? Você está mentindo! Aí começou aquela discussão toda lá, e eu falei o que eu tenho que fazer? A minha advogada começou a brigar com ela lá e eu falei nem adianta. Você quer a criança de volta, tudo bem!*

*Mas ela falou: segunda-feira eu vou falar com o juiz porque ela mentiu, e aí eu fui, entreguei a criança, porque eu fiquei arrasado. O pai do Raul não se conformava, eles queriam tanto outro neto, o irmão dele só tem dois meninos, não vai ter mais filho, e o outro irmão dele tem problema mental, então quer dizer, a possibilidade de ter outro neto aí era sem chance, então, eles ficaram assim revoltados, deram o maior apoio pra gente. A avó dele veio me consolar com 90 anos, ela falou, olha, não era pra ser seu, o de vocês vai vir ainda, sabe uma pessoa muito...*

*Nossa! Eu fiquei arrasado, fiquei desolado, na segunda-feira eu fui falar com o promotor da vara da infância, fui falar com o juiz, o promotor me aconselhou a desistir, falou olha desiste, é a melhor coisa que você tem a fazer, você já está inscrito no Fórum, faz todo estudo psicossocial, se habilita na adoção que é a melhor coisa que você tem a fazer, que é uma coisa concreta...*

*Eu desisti do processo, teve uma audiência com o juiz, até o juiz falou, você vai querer continuar? Eu falei não, paro por aqui, eu desisto por aqui, não é assim que eu quero...*

**Larissa:** *Passar uma vida inteira com isso né?*

**Jorge:** *Tanto é que ela deu a criança depois! Ela se drogava, o menino ficava na pracinha até 11 horas da noite enquanto ela tinha os encontros amorosos..., porque ela largou do cara que tava com ela o cara também não quis saber... Eu sei que depois ela acabou dando pra esse marido dela o menino, não aguentou, não teve estrutura pra criar, deu pra outra pessoa, olha só!*

*Eu cheguei a acionar o Conselho Tutelar quando eu fiquei sabendo o que as crianças estavam passando, eles foram lá, botaram os dois na parede... o juiz!*

**Larissa:** *Sim, e é pra isso que existem esse órgãos né? Isso não é pra acontecer!*

**Jorge:** *Eu não deixei barato não, é uma vida que está ali, vê o que está acontecendo e ficar quieto é ser omissos né? Mas eles tiveram as consequências lá, nunca mais tiveram sossego, porque aí ficaram em cima deles né?...*

*Aí acabei fazendo no Fórum, fazendo o estudo psicossocial, aí eles foram na minha casa, a assistente social, teve entrevista com a psicóloga...*

**Larissa:** *Sim, todo o processo...*

**Jorge:** *Aí dois meses depois saiu o deferimento do juiz...*

**Larissa:** *Você enquanto solteiro?*

**Jorge:** *Eu, mas o Raul também participou, foi feito como solteiro mas ela quis... Aí esbarrou na seguinte questão né? Eu fui fazer entrevista, e eu não sabia o que eu ia falar, como é que eu ia falar, que eu vivia um relacionamento homoafetivo? Eu falo isso? Eu escondo?*

**Larissa:** *Isso era em 2000 né?*

**Jorge:** *Isso foi em 2006, final de 2005 começo de 2006... foi, aliás saiu em novembro de 2005. Aí eu fiquei naquela, eu conto a verdade ou não conto? Como é que eu vou falar? Se eu falar que eu sou, será que eu vou conseguir adotar? Minha preocupação era essa, o juiz podia barrar nisso, não aceitar.*

*Aí eu conversei com uma psicóloga, que era uma psicóloga do A. eu nunca tinha comentado com ninguém, eu nunca tinha falado sobre isso com ninguém, eu falei C. tá acontecendo isso, isso e isso, eu não sei como reagir, se ela perguntar eu falo a verdade? Eu omito? O que eu faço? Ela falou, nossa eu fico muito feliz de você estar... Porque ela também trabalhava nessa área, ela faz parte daquele grupo de hospitalhaços sabe? Palhaços que vão no hospital para as crianças e tal, e ela falou não, eu acho melhor se eles te perguntarem você fala a verdade, vai ser a melhor coisa, eu tenho certeza que não vai ser problema.*

*Ela me orientou tal, e aí eu fui, eu comecei a contar tudo né? Tudo que eu estou te falando, com exceção sobre o Raul, falei que a gente tem uma sociedade que a gente mora no mesmo local, contei a história do V. do A. Aí elas me perguntaram se o Raul era meu companheiro, e eu falei é, assim muito tranquilo.*

**Larissa:** *Foi de uma forma natural, no meio da conversa...*

**Jorge:** *Aí elas quiseram conhecer o Raul , elas falaram queremos conhecer ele também, e foi aí que ele entrou, lá consta estudo meu e estudo dele, tanto é que ele foi ouvido em dia diferente.*

**Larissa:** *Mas foi você então que deu a entrada sozinho no processo de adoção?*

**Jorge:** *Um dos dois tinha que dar a entrada, como eu estava mais engajado no assunto ele falou pode ir você, depois se eu precisar ir, eu vou também, não tem problema nenhum, porque não se cogitava duas pessoas do mesmo sexo adotar, aí logo que eu fiz isso aí, aconteceu aquele caso acho que de... Uma cidade do interior...*

**Larissa:** *Catanduva?*

**Jorge:** *Catanduva né? Daqueles dois rapazes...*

**Larissa:** *Foi...*

**Jorge:** *Da Theodora né, aquela menina?*

**Larissa:** *Isso! Foi Catanduva!*

**Jorge:** *Eu já tinha tido o menino lá quando eles pegaram... Até a moça do Fórum falou você foi praticamente o primeiro que veio, que assumiu de querer.*

*Aí teve um outro caso aqui em I. (cidade do interior de SP) que o promotor deu entrevista na televisão mostrou esse casal com uma menina... E... Eu sei que entrevistaram o Raul tal, aí saiu o deferimento em novembro, eu tava muito arrasado com essa história aí do menino...*

**Larissa:** *Novembro de 2005?*

**Jorge:** *2005, aí eu tava muito arrasado com essa história aí do menino e... Aí entrou uma moça na loja e falou assim... Porque eu tava assim, querendo que querendo uma criança de qualquer jeito! Queria porque queria!*

**Larissa:** *Porque ficou tão perto né essa realização...*

**Jorge:** *Nossa com berço, com quarto montado! Eu gastei acho que uns cinco mil reais só pra refazer o quarto né? Não era pelo dinheiro...*

**Larissa:** *Sim, trata-se de todo um investimento sentimental junto.*

**Jorge:** *Lógico, mais o sentimental!*

**Larissa:** *Aquele carinho de escolher uma toalhinha que seja pra por ali...*

**Jorge:** *Aí essa pessoa entrou aqui na loja e fazia transporte de cachorro, falou você está tão triste, você não é assim, o que está acontecendo? Você é um cara alegre! O que está acontecendo? Eu contei, e então ela falou, olha eu conheço um cara aqui de J., tem uma moça que adotou um casalzinho de gêmeos lá no (nome de estado do nordeste brasileiro), e o cara que indicou pra ela é um cara amigo do marido dela que mora por lá e que falou que por lá nasce muita criança, região muito pobre... Se você quiser eu falo com ele tal.*

*Passando uma semana ela veio com o telefone dele eu liguei pra ele, aí ele falou não, ele me contou que tem três ou quatro filhos que são de lá, que não é natural, que não é dele, que não*

*é filho biológico, e me falou também de outros casos aqui de J. que ele mandou pra lá, aí eu já fiquei mais assim...*

*Aí o que que eu fiz? Eu tirei cópia do processo, que aquela época não tinha entrado o cadastro nacional ainda, tirei cópia do processo e mandei pra vários lugares, mandei para um juiz em B. (cidade em outro estado do Brasil) mandei pro Paraná, para o Paraná mandei para umas quatro ou cinco cidades, fiz vários contatos, mandei pra Santa Catarina, foi pra Minas, pro Mato Grosso, e aí fui distribuindo o processo...*

**Larissa:** *Sim, você ficou ansioso?*

**Jorge:** *Sim, deu uma ansiedade, mas eu não fiquei muito assim porque em alguns lugares eu senti uma certa discriminação, porque no processo tava ali o Raul junto, ali tava, era categórico, era evidente que eu mantinha um relacionamento, então eu vi que algumas pessoas não viam com bons olhos.*

**Larissa:** *Você percebeu isso então?*

**Jorge:** *Percebi, tanto é que essa juíza de B. tem um marido que é juiz também, só que ela não é mais daquela área lá, e ela é evangélica, então... A pessoa foi levar em mãos pra ela, têm umas pessoas que resolveram me ajudar, aqui, clientes meus da loja, resolveram ajudar! E ela foi levar em mãos pra ela, ela ficou meio assim...*

**Larissa:** *Vocês têm alguma religião?*

**Jorge:** *Eu sou católico né? A família do Raul é do Racionalismo Cristão, é uma religião espírita, mas eu não sigo a religião católica...*

**Larissa:** *Você diz assim de não viver a religião?*

**Jorge:** *Mais ou menos, tanto é que o Lucas é batizado na Igreja Católica, ele foi batizado e a Glória eu vou batizar também! Eu quero que eles tenham... É...*

**Larissa:** *Uma educação religiosa?*

**Jorge:** *É depois eles decidem o que eles querem fazer da vida deles... E aí essa de B. ela pra minha surpresa foi em 2007 acho... 2006... Ela, 2007, ela me ligou falando que tinha um menino, de dois anos e meio falando se eu não queria... Que a mãe estava disposta a entregar, ela contou o caso meu para essa mãe e ela mandou foto do moleque e tudo. E eu fiquei de pensar, mas aí eu resolvi não aceitar, não aceitar porque daí eu mandei o processo para o C. (nome estado), aliás falei com a parente desse cara aqui de J., ela trabalhava no hospital lá na cidade ela era agente de saúde, e ela falou, quando nascer pra você eu te falo, mas eu vi que era uma coisa muito informal, mas daí eu falei, pera aí, eu já entrei em uma, não quero entrar em outra. Daí eu fiquei uns 3 meses ligando pra ela, até que um dia eu virei e falei, escuta, não tem serviço social aí? ...Da prefeitura, um órgão que responda por isso? Ela falou, tem a Dra. C. se você quiser eu passo o telefone, na mesma hora eu liguei.*

*Eu falei com ela, olha estou querendo adotar, eu falei com a T. aí tal, e ela falou olha faz o seguinte, aqui não tem fila, porque não tem tanto pretendente assim, e realmente tem muita família aqui que nasce, eles deixam a criança pra gente entregar pra adoção mas, essas pessoas são pessoas mesmo da cidade que adotam, mas manda que a gente vai encaminhar para o Fórum.*

*E aí mandei, mas não contei nada pra ela, quando ela leu, ela se interessou e entrou em contato, ela falou olha, por mim, não tem problema nenhum ela falou.*

**Larissa:** *Você sentiu uma aceitação maior da parte dela?*

**Jorge:** *Nossa completamente! Ela falou não tem problema nenhum, você pode ficar tranquilo, eu estou conversando com as pessoas aqui, as conselheiras tutelares são tudo muito católicas, e ela falou pra elas, elas ficaram tudo meio assim tal, mas também não acharam nenhum empecilho, e ela falou assim, não sei porque mas eu confio em você ela falou pra mim, desse jeito! Eu nunca tinha visto ela na frente!*

*Ela disse não sei porque... E eu comecei a conversar com ela por MSN, ver ela por câmera, então aí surgiram várias oportunidades, mas as pessoas desistiram, e aí veio esse de B. e daí eu desisti, e foi com um ano e pouco que o Lucas nasceu, e quando foi em março, nasceu o B. que ela acabou adotando. Só que o B. nasceu e eles tiraram quando tinha um mês da mãe, moleque estava desnutrido, em fase final pra morrer mesmo, estava na UTI muito mal.*

**Larissa:** *Isso no C.?*

**Jorge:** *No C. E ela me contando, eu acabei ficando amigo dela, a gente acabou ficando, trocando vários assuntos, e aí ela me falou.*

**Larissa:** *Entendi, mas de que forma ela atuava junto à adoção no C.?*

**Jorge:** *Ela era assistente social de lá. E ela me contou da história do B. que o menino estava assim, assim, assim, ela me contou que ele foi pra casa dela, ela começou a cuidar dele, ela chegou a pegar uma menina também, a mãe também não quis, e como não tem abrigo, não tem pra onde mandar, ela ficou cuidando dessa menina, assim, mas sem...*

**Larissa:** *Vínculo oficial?*

**Jorge:** *Sem vínculo, mas ficou cuidando, tratando da menina, e depois a mãe foi lá quis a menina de volta, ela entregou... Mas sempre o juiz, o promotor, ciente do que se passa, porque eles são muito, apesar da cidade ser pequena, eles são muito atuantes lá dentro! Ela me falou do B. tal, quando ela pegou amor no menino, porque ela começou a cuidar dele, ela resolveu, ela conversou com o juiz, aí conversou com a mãe, a moça né? A avó, a família, e falou perante o juiz e o juiz acabou dando pra ela a guarda do menino, e o B., o Lucas ... O B. tinha 3 meses quando o Lucas nasceu, aí ela me ligou um dia, um belo dia aí, nesse período, interessante, nesse período, foi no mês de abril que ela falou que tinha alguma possibilidade que era o B. que tava com ela, foi bem no meu aniversário que ela falou. Ela falou, então tem uma oportunidade tal, mas eu não vou te falar porque vai que não dá certo, vamos esperar, porque tem que ser uma coisa concreta!*

*Eu falei tá bom, eu fiquei com aquilo, eu comecei a sonhar com criança toda a noite eu sonhava! Sonhava que eu fui chamado, que eu tinha filho, sempre um menino, um menino, um menino... Um dia eu tava vindo pra loja, uma terça-feira, eu lembro até hoje assim, eu muito triste né? Não acontecia nada... E aí na quarta-feira de manhã, toca o telefone, era o Raul ele falou a C. está tentando falar com você e não está conseguindo, eu falei, nossa! O que será que ela quer? Ele falou, é melhor você ligar pra ela que tem alguma coisa!*

*O Raul sempre que ele chegava na hora do almoço eu estava no MSN falando com a C. olha aí está você falando com ela! Você acha que ela vai te arrumar uma criança?! (risos) Ele estava descrente né?*

*Depois de tanto tempo né? Hoje eu falo pra ele, você engole cada palavra que você disse!*

*Então... Eu consegui falar com ela, ela disse J. nasceu, é um menino, só que você tem que vir pra cá imediatamente porque eu vou buscar ele no hospital, não tem com quem ficar.*

**Larissa:** *Mas no princípio você tinha alguma exigência? Em relação ao sexo da criança, etc.?*

**Jorge:** *Não tanto faria ser um menino como uma menina...*

**Larissa:** *Você queria que fosse mais novinho né?*

**Jorge:** *Eu até pegaria mais velho, eu até coloquei isso pra ela, não teria problema não, eu não fiz uma exigência que fosse recém-nascido, bom, se fosse eu iria gostar muito, mas não necessariamente. Eu aceitava criança, moreno, pardo, não teria problema, ela falou negro, negro eu não falo pra você, porque essa região aqui não tem negro, mas são todos pardos, morenos, eu disse pra mim não tem problema nenhum! Minha família são tudo moreninho, eu disse olha eu estou indo buscar, aí ela falou pra mim, eu mas estou indo pra F. mas é muito longe, porque onde ela mora é perto do P. (outro estado nordestino) estou levando o B. pro médico, porque ele tá comigo e está muito doente, e eu tenho que levar pra lá pra ele passar no médico, o bebê vai ficar na casa da C. que era a outra conselheira tutelar.*

*Eu falei tá bom! Só que eu vou chegar aí no domingo, porque eu tenho que largar a loja tudo em ordem pra poder sair né? E mobilizar a família né? Porque eu não contei pra ninguém, só contei pra mãe para o pai dele, pra minha irmã e cunhada que ficaram sabendo, e aí a gente embarcou para o C. chegamos lá no domingo a noite lá.*

**Larissa:** *Nossa assim, resolvendo tudo de um dia pro outro né?*

**Jorge:** *Isso! Foi super corrido! Da Glória então foi pior ainda!*

*Aí cheguei lá falando com ela, falei olha, estou aqui, isso era na segunda de manhã, eu falei, à noite a gente se encontra eu vou estar no médico, tenho muito médico pra ir porque o menino está muito doente, falei a gente se encontra aqui, deu o endereço pra mim de onde ela estava, de onde o marido... Até então era namorado, porque ela não tinha casado com ele ainda, mas ela ficava na casa dele... E a gente se encontra à noite.*

*Aí fomos almoçar, almoçamos lá num restaurante à beira-mar e toca o telefone, era a S. daqui de J., falando liga pra B. urgente porque tem um negócio pra você lá, eu falei não, mas eu estou aqui em F. eu vim atrás... J.! Liga pra lá imediatamente! Se não der certo um vai dar certo outro! Liguei pra lá, era um casalzinho. Era um menininho de um ano e meio e a menininha de oito meses, uma coisa assim, ou dois anos acho, e eram irmãos, e estavam lá já prontos pra adoção, e que ela queria falar comigo de qualquer jeito.*

*Daí eu liguei, falei lá com a mulher do abrigo, e ela falou, eu já sei do problema de vocês, ela falou, pode ficar tranquilo, não tem problema nenhum, vocês podem vir pra cá, mas aí eu falei olha só que eu estou aqui em F, nasceu também aqui, eu tenho que dá... Tenho que ver o que vai acontecer nesse sentido.*

*Aí à noite, eu já fiquei né? Um filho pelo menos eu vou ter! Tenho certeza!*

**Larissa:** *Deu uma tranquilidade né?*

**Jorge:** *Sim, aí eu fui, falar com ela à noite lá... Conheci o B. que tava com ela, e ela falou, olha ele já era pra ter sido seu! Mas ele ficou muito doente...*

**Larissa:** *E ela se apegou né?*

**Jorge:** *Ela se apegou e ela acabou cuidando dele, ficando com ele, e ela ficou meio assim porque o marido dela já tem dois filhos, ele era viúvo, e aí ela falou então... Amanhã cedo a gente marca, fala o hotel que você está e eu passo lá e a gente vai junto pra lá, você vai no meu carro... E aí o Raul alugou um carro, ele vai atrás, são 5 horas de viagem daqui, e aí eu fui pro shopping lá à noite comprar mais algumas coisas, porque ela me falou que o menino não tinha, levei uma mala, levei toda roupa pra ele, ela ficou encantada a hora que viu a roupa... Que era do outro né?*

*E aí a gente marcou às 9 horas da manhã, ela passou no hotel, eu fui no carro com ela, eu fui com o B. e o Raul atrás.*

**Larissa:** *Uhum...*

**Jorge:** *Aí chegamos na cidade lá, almoçamos, ela falou, você quer almoçar primeiro ou quer ir lá ver? Eu falei, não, vamos almoçar primeiro!*

**Larissa:** *Você estava tranquilo?*

**Jorge:** *Por dentro eu não tava, mas eu sabia que ela queria comer né? Eu tava desesperado pra querer ver! Mas, eu não queria demonstrar tanto!*

*Aí fui, cheguei na casa da conselheira lá, estava ela e o marido, abriram a porta, aquelas casas pequenininhas sabe? Mal da pra ficar de pé dentro sabe?*

**Larissa:** *Bem do interior ali do C. né?*

**Jorge:** *Muito simples! Muito simples mesmo. Aí entrei, entramos lá dentro, estava o moleque deitado lá, lembro até hoje, uma cama de casal, ele deitado no meio, com aquele véu de berço lá, coberto em cima sabe?*

**Larissa:** *Mosquiteiro?*

**Jorge:** *Uhum, uma casa muito simples, mas tudo muito limpo! Muito assim! Me chamou muito a atenção! E eu olhei pra cara dele e eu já tive a certeza que ele era meu! Aquilo lá, não sei por que mas, veio aquela emoção muito forte né? E... Ela falou assim, eu lembro até hoje, pega seu filho no colo né?*

*Peguei o menino no colo e era uma felicidade muito grande! O Raul então... Não se cabia né?*

**Larissa:** *E ele não tinha um nome?*

**Jorge:** *Não, ele foi registrado com o nome... Por que pra sair do hospital tem que registrar né? A genitora lá registrou, registrou ele como R. e... Mas eu já comecei a chamar ele de Lucas né? Que meu pai chama Lucas né? Então eu já comecei a chamar de Lucas A.*

*(perguntei sobre a grafia do nome, J. me explicou)*

*Então e aí começamos a cuidar dele né? E eu tinha que dar entrada no processo lá né? Na terça-feira...*

**Larissa:** *Mas nesse dia vocês já foram pra um hotel com ele?*

**Jorge:** *Hotel não, lá não tinha hotel, lá tinha pousada, mas a C. não deixou. A assistente social falou, olha, eu não posso deixar vocês irem porque vocês não têm a guarda e se o juiz souber...*

**Larissa:** *Se pedirem qualquer documento né?*

**Jorge:** *Se pedir qualquer documento vocês vão ter problema aqui, então, o que eu posso fazer mesmo sem conhecer vocês, eu conheço o J. há mais de um ano, vocês vão ficar na minha casa, tem um quarto lá, vocês podem ficar lá sem problema nenhum, vocês podem ficar lá sem problema nenhum, pode ficar lá. E ela hospedou a gente na casa dela, sabe de um coração assim... Imenso, sabe? Daí eu fiquei na casa dela, porque ela morava sozinha, ela e o B. só né? Ela namorava o F. ainda né? E... Aí ficamos cuidando do moleque, já fui atrás do advogado, fui no Fórum, o Fórum me orientou que eu pegasse o advogado, pra entrar com a documentação, e aí eu dei a entrada.*

*Eu fui até a cidade onde ele nasceu, porque a cidade que ele nasceu é uma e a cidade onde ela mora é outra cidade ali vizinha, e na cidade ninguém quis, ninguém queria, família também, ninguém queria, aí foi lá peguei o advogado de lá mesmo, da prefeitura, lá eles me indicaram o advogado que não me cobrou nada, o advogado pediu toda documentação, pediu todo o processo, fez, deu entrada no Fórum e aí teve a audiência, a mãe foi chamada...*

**Larissa:** *Vocês conheceram então a genitora?*

**Jorge:** *Conheci, fui obrigado a conhecer. Pra mim foi até bom isso. Aí quando ela soube, porque o juiz ouviu ela primeiro e a primeira coisa que ele falou pra ela foi que o menino ia morar com dois homens. Olha só!*

*O juiz já tava ciente já, o juiz já sabia do meu caso, o promotor já sabia, eles falaram não tem problema nenhum, a gente não tem preconceito nenhum aqui, o importante é o bem-estar que nós vamos dar pra essa criança...*

*E aí ela ficou meio assim, ela falou, ah! não vou dar mais, não vou dar mais, e ela começou com essa... E aí o juiz conversou com ela, a assistente social da cidade dela, as conselheiras tutelares da outra cidade que eu não conhecia estavam com ela, as que foram levar ela lá, e explicaram pra ela que... Falando pra ela que não tinha problema nenhum que se não fosse pra mim ia ser pra outro porque pra ela não ia voltar mais porque ela não tinha condição de cuidar, falou: sua mãe não quer, seu irmão não quer, ninguém quer, e não tem abrigo.*

**Larissa:** *Bom, e ela tinha demonstrado não querer né porque senão ela não estaria até ali né?*

**Jorge:** *Não! Ela não tinha afeto nenhum! Demonstrou nada! E aí começaram a falar pra ela, olha se eles não adotarem seu filho, vão adotar outro, porque sem criança eles não vão ficar, e vai ter uma vida melhor, não sei o que né? E... Você tem condição de criar? Ela falou, não, eu não quero, ela falou. Então você vê bem, pensa bem né? O juiz mandou chamar ela de novo me chamou de novo também...*

**Larissa:** *Mas o fato de ela não querer vocês como pais pesaria de alguma forma na decisão do juiz?*

**Jorge:** *Depois ele me chamou e falou, olha se ela realmente não quiser dar pra vocês eu não posso fazer nada, só que pra ela não vai voltar, porque ela não tinha condições mentais pra isso. Ela diz que assim... Saía com vários homens, ah! Umass coisas absurdas!*

*E... Aí ele conversou com ela e ela falou, não, eu vou dar sim, eu vou dar sim e não tem problema nenhum começou a falar pra ele, falou a senhora tem certeza? Você não quer pensar de novo? Eu te dou mais um tempo... Não! Não, não quero não. Pode ser pra ele, eu quero assinar, dá o papel que eu quero assinar ela falava. E assim, eu muito calmo tranquilo não abri minha boca, fiquei quieto!*

**Larissa:** *Diretamente pra você ela falou alguma coisa? Teve algo direto?*

**Jorge:** *Ela olhava muito pra mim, ela olhava muito, ficou olhando muito pra mim, aí ela acabou assinando tudo, aí veio a parte do depoimento meu, o juiz me ouviu a promotora me ouviu, aí ele perguntou se ela tinha algum questionamento pra mim, alguma pergunta, aí ela falou não, pra mim, tá tudo tranquilo, não vejo problema nenhum.*

*Aí saiu, terminou lá o processo, mas ele não deferiu na hora né? Deferiu lá uns dois dias depois... Nossa eu tava numa angústia muito grande até sair.*

**Larissa:** *É né... Até não sair a coisa não ficar concreta...*

**Jorge:** *Eu já tava cuidando do moleque né? Até o escriturário me chamou lá e falou pra mim, fica tranquilo! Já deu certo! E eu falei, olha eu só acredito na hora em que eu estiver com a certidão de nascimento na mão! Tanto é que eu nem falei pra ninguém aqui, o que tinha dado! Eu falei, não, não saiu nada aqui ainda... E eles ficavam querendo notícia, querendo notícia e eu quieto e o Raul quieto. O Raul quase morreu de infarto porque ele ficou cuidando do L. (nome no diminutivo) e querendo saber notícia.*

*E o juiz falou lá, olha eu só não posso dar no nome dos dois porque o processo que vem do Fórum de J. só está no nome de um.*

**Larissa:** *Era em 2000...*

**Jorge:** *2008 que nasceu, 2008.*

**Larissa:** *Vocês tiveram um tempo grande de espera né?!*

**Jorge:** *Muito grande, muito grande! E aí foi, e aí quando ele falou isso eu já fiquei mais ou menos tranquilo, depois que saiu lá dois dias depois, saiu o deferimento, perguntou o nome, eu falei o nome que eu queria, aí o cara do cartório deu os parabéns, falou parabéns você já é pai! Pode ficar tranquilo, agora é só você ir na cidade vizinha lá, fazer a averbação, fazer o cancelamento da certidão de nascimento, a primeira certidão, e fazer agora a dele atual.*

*Ah! Mas não deu outra! Sai correndo, o juiz de lá ainda ia embora, ia pra outra Comarca, o Fórum de lá ligou, pediu pra ele aguardar que eu já estava indo, demorava o que? Uns dez minutos...*

**Larissa:** *Aí ele ficou com seu sobrenome?*

**Jorge:** *Só meu sobrenome. Nome dos meus pais como avós, aí fui lá o juiz estava esperando lá, aí ele deu o visto dele pro cartório cumprir, o 'cumpra-se' né? Aí o cartório também já fez o... Tava fechado o cartório eu fui almoçar, nossa aquilo... O coração parecia que ia sair pela boca né? Aí o cartório fez a certidão de nascimento e eu vim embora já com ele.*

*Cheguei no aeroporto já estava a mãe do Raul o pai do Raul a cunhada dele, todos esperando, a mãe dele a hora que pegou o moleque no colo ela chorava lá no carro, do aeroporto pra cá ela veio chorando com o menino no colo, e da minha casa, eu cheguei num sábado, foi num sábado que eu cheguei, foi no sábado à noite que eu cheguei, no domingo tinha assim umas cinquenta pessoas na minha casa da família dele, mas encheu! Todo mundo, aí a prima dele de C. (cidade do estado de São Paulo) que tinha bebezinho também, levou carrinho, levou bebê conforto, roupa, é... Praticamente eu não comprei nada, me deram tudo, foi aquela felicidade né?*

**Larissa:** *Quanto tempo de vida ele estava?*

**Jorge:** *Ele nasceu no dia 11... Deixa eu ver, dia 12,13,14, no dia 15 eu peguei ele...*

**Larissa:** *Ele nasceu 11 de?*

**Jorge:** *Junho! Desde 15 de junho eu peguei ele, que ele ficou com a gente, que a gente ficou cuidando dele.*

**Larissa:** *Nossa, foi aquela coisa então de viver tudo né?*

**Jorge:** *Ah sim! De viver tudo, começamos a cuidar dele né, olha só que coisa, ele chorava muito, muito, muito, assim de a gente acordar de madrugada lá cuidando dele, e ele começou a ter sabe como se tivesse uma, um, ah! A gente fala tic nervoso né? Assim, no lado esquerdo dele interinho, braço perna, a cara dele... Eu fiquei assustadíssimo com aquilo, eu falei nossa será que o moleque tem algum problema né?*

*Aí o Raul falou assim, mesmo que ele tiver problema esse moleque não sai mais da gente! Nós vamos cuidar dele!*

**Larissa:** *Qual seria a sua relação assim com uma doença, um problema de ordem física e mental? Você falou que na família do Raul tem um caso de um irmão né?*

**Jorge:** *Ele tem 40 anos e tem idade mental de 10 anos, e ele é muito apegado a mim, ele se dá melhor comigo, comigo ele se dá bem... Ah, eu fiquei preocupado, eu liguei pra uma amiga minha que é médica aqui em J. e falei olha, está acontecendo isso, isso, isso, e ela falou então você espera que eu vou ligar pro P. que é pediatra dos filhos dela, que os filhos dela são adotivos também né? Porque eu estou no Raul (cidade de um estado nordestino) eu vou ligar pra ele e vou conversar com ele, aí ele falou assim olha, porque a mãe tomou muito antidepressivo na gravidez dele, e eu fiquei preocupado, e ele falou, não, fala pra ele, que não tem problema nenhum, que isso aí deve ser um espasmo, ou... Ele falou lá... A formação da mielina ainda não tá... É como se estivesse dando um choque nele, e faz isso aí, fala pra ele não se preocupar não que ele chegando aqui eu examino, fala pra ele ficar tranquilo.*

*Aí eu fiquei tranquilo em termos né? E esse moleque chorava, tinha cólica, nossa senhora! Tinha cólica esse moleque! E a gente não dormia direito! Não relaxamos lá, quando saiu lá que eu registrei ele, que saiu o documento lá na mão do Raul pra ele ver, a gente ficou muito emocionado! O moleque parou de chorar! Uma coisa estr... sabe, sei lá, uma coisa difícil de explicar...*

**Larissa:** *Uma coisa mágica pra vocês?*

**Jorge:** *Sei lá, o moleque parou de chorar, ficou mais calmo, e a gente se preparou tudo, viemos embora, conseguimos marcar, a gente ficou com ele no hotel lá em F., a gente*

*conseguiu marcar voo, marcamos voo direto, pra poder vim, pra segunda-feira já vir no pediatra, aí ele tomava dois medicamentos, porque a mulher falava que ele soltava muito leite, então levou no pediatra e o pediatra deu M. (nome medicamento) e outro remédio pra ele lá, que recém-nascido não pode tomar.*

*Nossa, a hora que ele viu aquilo ele não acreditava, ele catou aquilo e tchum, jogou no lixo, ele falou assim, essa é a causa do choque que ele está tendo! Aí ele mostrou na bula pra mim, olha você está vendo o que que causa isso? E criança dessa idade não pode tomar! Com cinco, seis dias de nascido? Acabou o problema, não teve mais nada! Mas a cólica ele teve até três meses...*

**Larissa:** *Mas até aí normal né de criança...*

**Jorge:** *Mas era demais, ele gritava, gritava assim... Mas foi assim, a adoção dele foi muito... Muito sofrida... Nossa senhora, pelo amor de Deus, da Glória também não foi diferente, foi quase que a mesma coisa!*

**Larissa:** *Bom, então vocês estavam convivendo com o Lucas e como foi a adoção da Glória?*

**Jorge:** *Imagina: com três meses eu já estava querendo ter outro filho, eu já queria, não queria ficar esperando...*

**Larissa:** *Então apesar do aspecto sofrido foi uma experiência muito positiva então? Mudou a vida?*

**Jorge:** *Foi, foi, mudou, muda tudo! Mudou a casa, mudou o jeito!*

**Larissa:** *Você acha que seu relacionamento conjugal mudou?*

**Jorge:** *A gente briga menos né? (risos) Por que todo casal briga, não tem como...*

**Larissa:** *(risos) Agora tem outras preocupações do que picuinhas de casal né? (risos)*

**Jorge:** *Por que eu e o Raul a gente sempre viajou muito, a gente ia muito pra F. , eu conheço F. como a palma da minha mão, F. (listou cidades turísticas do Brasil). Eu fui pra vários lugares, viajei muito com ele...*

**Larissa:** *E quando começou a se estabelecer essa ideia mais forte de paternidade este fato não pesava em discussões sobre a decisão? Sei lá, de pensar, ah! A gente viaja tanto...*

**Jorge:** *Minha família! Minha irmã falava, nossa, mas vocês viajam tanto... Vai ser difícil, vocês não vão conseguir viajar, vocês são loucos! Minha irmã falava! Vocês são loucos! Onde já se viu? Arrumar filho e não sei o que, e começou a falar um monte pra mim... Eu falei olha eu sei muito bem o que eu estou querendo, olha eu vou, vocês apoiando ou não apoiando eu falei, quem vai cuidar vai ser eu! Eu vou adotar sim! Eu quero!*

**Larissa:** *E hoje pensando você acha que atrapalhou?*

**Jorge:** *Pelo contrário! Eu só não fiz viagem de avião com o Lucas, porque ele só viajou de avião quando ele tinha vindo, mas com um ano e meio, um ano e sete meses eu fui pra F. com ele, nós ficamos dez dias lá com ele, viajei com ele normal, só que eu ia mais perto, às vezes daí deixava de ir pro litoral ia pra S. (cidade turística do interior de SP) ia pra algum lugar... Ia pra casa da minha família também em O. (cidade do interior de SP) ficava com ele, e eu nunca tive problema pra chegar num hotel eu e o R. com ele junto...*

*A primeira coisa que eles questionam é você chegar com um a criança num hotel né? Nunca houve problema! Ou, restaurante, os restaurantes que eu vou em A. (bairro de São Paulo capital) tem que trocar né? E todo trocador é em banheiro feminino! Como que vai fazer né?*

**Larissa:** *Nossa! Isso é uma questão que tem se colocado hoje em dia e precisa ser reformulada! Está diretamente ligada a um pensamento de mulher enquanto única cuidadora possível e imaginável pra uma criança pequena!*

**Jorge:** *Eu falo lá com a chefe dos garçons, e ela fala olha não tem problema nenhum, a gente fecha o banheiro, a gente avisa, se tiver mulher lá dentro você espera sair...*

**Larissa:** *Mas olha! Uma coisa que as pessoas não pensam!*

**Jorge:** *Ela até chegou a falar, se você quiser eu troco pra vocês!*

**Larissa:** *Não!*

**Jorge:** *Eu falei não! Quem vai trocar é eu ou o Raul.*

**Larissa:** *Não! Eu que sou o pai!*

**Jorge:** *Não de jeito nenhum! Ela fechava e a gente trocava, eu frequentei muito esse lugar aí!*

**Larissa:** *E tem que ser uma coisa que tem que ser pedida mesmo! Pra eles irem atualizando isso!*

**Jorge:** *Tem! Eu nunca tive problema. No shopping... Eu fui em um (nome de clube de compras), e lá é muito grande, e a moça falou assim pra mim, eu falei, olha eu vou precisar levar o neném no fraldário e ele é no banheiro feminino! Ela falou assim, olha não tem problema nenhum, vamos lá, vocês entram e eu fico lá com vocês, não vai ter problema nenhum, sabe... Pessoas dispostas a ajudar e vendo, a gente vai pra restaurante as pessoas ficam olhando pra gente com o menino no bebê conforto aqui em J.*

**Larissa:** *E como vocês se sentem? Como vocês sentem isso? Houve casos de comentário? Perguntas? São só olhares?*

**Jorge:** *Tive de uma pessoa que eu conheço desde quando eu era criança, é... Esse cara tem dois ou três filhos, ele foi, foi né? Por que pra fazer um comentário absurdo desses pra mim eu não considero mais! Ele falou pra mim, onde é que já se viu dar uma criança pra dois homens cuidar?*

*Ele fez assim um comentário meio besta, eu ignorei, falei olha, eu não vou nem responder, não vou nem responder, falei pra ela não sabe o que ele está falando! A mulher dele, a gente morava assim meio vizinho, brincava quando era criança junto muito! E ela me encontrou no shopping me abraçou, me beijou, deu os parabéns e me falou, olha nem fala nada pra ele, ele não sabe nem o que ele está falando, ele está ficando besta! Mandou ignorar e eu simplesmente ignorei, eu nem dei bola!*

**Larissa:** *Como foi o processo do batismo?*

**Jorge:** *O batismo foi assim, eu liguei na Igreja, tinha que ir lá, eu não falei nada, porque se eu falasse teria problema, como na certidão só estava meu nome, mas eu pensava muito no Raul porque ele é pai, ele faz papel de pai, eu me preocupava como é que ele ia se sentir em relação a isso, aí ele falou, não, não tem problema nenhum, a gente vai lá e batiza! O*

*importante é batizar ele, ele queria muito batizar, até que quem batizou ele foi o A., meu sobrinho e com a C. assistente social, eu convidei ela pra ser madrinha.*

**Larissa:** *Que legal!*

**Jorge:** *Ela aceitou prontamente! Ela falou aceito sim!*

**Larissa:** *Já tinha um vínculo né?*

**Jorge:** *Tanto é que eu batizei ele quando ele fez um ano, e você vê que coisa, ela casou, ele nasceu em junho, de 2008, em novembro, dia dez de novembro de 2008 ela casou e ela foi passar a lua de mel em (capital de país da América Latina) e ela foi pegar o voo em São Paulo, ela falou, olha eu vou ficar, três dias aí, eu posso ficar na sua casa? Eu senti que ela teve vontade de ver... Eu falei não! Claro! Fui buscar ela no aeroporto, fui buscar ela, o marido, o F. eu conheci ele no dia em que eu fui no apartamento deles lá, o F. (falou sobre a família do F., uma família conhecida) então ele era pra ser uma pessoa conservadora né? Mas ele é um cara estritamente bem resolvido, sem problema nenhum, eu fui buscar eles no aeroporto, eles ficaram na minha casa... A gente acabou mesmo ficando mais...*

**Larissa:** *Um vínculo né?*

**Jorge:** *Um vínculo muito forte! Aí eu falei pra ela, C. é o seguinte, o L. ia fazer o que? Cinco meses ele tava! Eu falei C. eu quero adotar outra criança, eu quero que você me coloque na fila de novo! Ela falou J. se eu te falar uma coisa, aqui não tem fila! Então, você está mesmo disposto? Eu disse: estou, estou disposto a adotar uma criança!*

*E aí no ano seguinte venceu meu, meu... No Fórum tive que atualizar o cadastro, fiz a atualização do cadastro, mandei pra ela de novo, quer dizer continuei na fila, e ela comunicou o Fórum que eu tinha interesse de adotar outra criança... Aconteceu umas oportunidades... Chamaram eu pra adotar uma criança no Paraná com nove anos, era um menino tal, eu aí já não quis, eu achei muito a idade dele, e o Raul falou... Ah, nove anos é muita coisa pra gente... Se a gente não tivesse tido o Lucas agora a gente até podia pegar... Ia ser muito legal, porque eu tive convivência com o V. com o A. , eu sei o histórico da criança lá, era uma criança tadinha... Ela estava tendo problemas aparentemente psicológicos né?*

*Essa idade é meio complicada né? E... Então a gente permaneceu lá, permaneceu na fila... Então me chamaram de novo, eu não quis, e daí ficou né, a gente encontrava várias vezes inclusive no C., aí teve uma outra oportunidade, o Lucas tinha 1 ano e meio, de uma menininha que nasceu lá, e a menina já tinha um mês e pouco e uma outra que a C. vivia cuidando dela que ela... O juiz mandava tirar a menina porque tava com desnutrição porque a família não cuidava, então levava pra casa da C. ficava dois, três, meses até a menina se recuperar e voltava de novo pra casa, ela me falou dessa menina. Só que ela falou J. ela sofre muito, porque ela chora demais, tem muita fome, ela tá doente, tá debilitada, então vai ser complicado pra você, ela se preocupava sabe?*

*A vida que vocês tem aí, vai ser meio complicado ela falou, aí surgiu a Raul essa menina... Também de um mês, e que a mãe foi lá no F. que a mãe dela o marido mantinha em cárcere privado, ela não aguentava, a mãe colocava a menina só pra mamar lá e largava ela acorrentada no chão, o marido batia, a sogra batia...*

**Larissa:** *Nossa, uma situação bem complicada... Se a gente começa ver umas histórias, é cada coisa que acontece que nem dá pra acreditar!*

**Jorge:** *Eu nem conto pra ninguém isso porque o pessoal... tem gente que não acredita mesmo nisso né? Acha que é ficção! E aí essa mãe conseguiu sair, foi lá e eles, o Fórum foi em cima, conselheira tutelar e tudo, essa menina começou, falou que ela não queria mais a menina que ela ia dar que o marido falava que não era filho dele, ela não queria mais e não tinha mais vínculo nenhum com a criança, e deixou lá, e eles começaram a cuidar, a menina ficou lá, uns dois meses e pouco, lá com eles e ia, e nisso a C. falou olha então tem uma pessoa, assim, assim, que quer, ela falou não tem problema nenhum, eu vou no juiz eu falo que quero dar, e ela foi no juiz, o juiz destituiu o poder familiar, então, quer dizer, ela já não tinha mais a guarda, mas tinha o marido, que tava registrado no nome dele.*

*Aí o advogado entrou com processo no meu nome e falei pra ele, olha só que eu quero uma coisa concreta no meu nome, não tem problema, já tinha passado por uma eu não quero outra.*

*E aí o pai foi convocado por edital, porque o pai desapareceu né? Porque o que ele fez lá com a mulher ele ia ser enquadrado na lei Maria da Penha né?*

**Larissa:** *É um crime né?*

**Jorge:** *E aí eu fiquei aguardando, eu falei, vamos esperar, vamos esperar porque o juiz não expediu nem a guarda pra você, então você não pode fazer nada agora, melhor você esperar, eu falei não, tudo bem, e eu fiquei esperando esse edital que nunca vencia, aquilo pra mim foi uma eternidade, o dia que foi pra vencer o edital, ele foi lá no Fórum e falou que queria a criança, se apresentou. Aí ele arrumou uma testemunha que era um cabo da polícia e falou que não, que não era bem assim, que ele não fez nada daquilo pra mãe, sabe aquele certo machismo?*

*Então acabou livrando a cara dele, e o juiz determinou que ele levasse a criança, ele e a mãe dele, a menina pra você ver está com três anos e pouco agora, a menina não cresceu, não desenvolveu, continua pequenininha, desnutrida, muito doente...*

*A C. falou assim, eles pegaram a menina, eles tiraram mais de 300 piolhos da menina, sabe? Maltratada, assada, cheia de ferida, foi a judiação de se ver! Ainda bem que você não veio pra cá, não presenciou isso, mas foi terrível.*

*Aí eu fiquei muito triste tal, mas falei, bom, não era pra ser essa, aí eu sei que o juiz várias vezes pediu pra que o Fórum acompanhasse né? As assistentes sociais acompanhassem lá, a nutricionista, a nutricionista foi lá falou que a criança tava bem, está no peso tal, falou que tava bem, com medo de se comprometer né? Acabou que a criança acabou ficando. E aí eu fiquei, e a C. acabou ligando ano passado, e falou o J. , em abril em março do ano passado... foi em março, foi em março.*

**Larissa:** *De 2012?*

**Jorge:** *De 2012, J. é o seguinte, ela tava indo fazer tratamento pra conseguir engravidar, ela estava tentando engravidar e não conseguia, ela foi atrás de tratamento e descobriu que estava com menopausa precoce, o médico falou olha pode esquecer que você não vai conseguir engravidar, só se for com inseminação artificial com óvulo doador, nossa ela ficou arrasada, porque ela queria ter um filho natural também né?*

*Bom, ela falou, como eu já adotei um, não custa nada adotar outro né? E aí ela falou com as amigas, as amigas são tudo assistente social, participam de reunião assim lá em F. , mesmo em F., nas regiões lá, falou vai surgir uma oportunidade, então ela falou assim, existem três*

*possibilidades ela falou, uma eu vou adotar, e se surgir as outras, como você falou que está na fila, outra vai ser seu, e outra do primo dela que também, porque ela tem um primo dela que também vive em união homoafetiva, e já adotou um menino já lá na cidade também.*

*Só que o dele já saiu no nome dos dois já né? Porque hoje já permite, já permite né? Então já saiu o nome dos dois. E o menino tem já dois anos e meio, uma graça, esse menino ela ofereceu pra mim, se eu não queria, eu falei no C. agora como eu tenho ele eu quero uma menina. Pelo Raul eu já teria pego, o Raul falou nossa, ficou louco na hora em que ficou sabendo, nossa ele queria de qualquer jeito, então ela falou, então eu vou falar para o meu primo, porque como ninguém quer aqui na cidade eu vou falar com o juiz e meu primo está no processo de adoção também então eu vou ver se meu primo não quer.*

*Acabou dando certo para o primo dela. E... Ela me falou isso o ano passado das possibilidades e ela me falou de novo da menina que tava com ela que era a M. que sofria desnutrição, que ia e voltava pra família e ela cuidou, aí o negócio chegou numa situação lá que ela ligou, que a irmã mais velha dela de 18 anos comunicou eles lá que ela sofria abuso desde os 14 anos de idade pelo pai.*

*Sabe aquele depoimento da Xuxa? Por causa da Xuxa ela criou coragem e procurou o Conselho Tutelar e falou: olha eu sofro abuso desde os 14, ele já está mexendo com a minha irmã de 10, e com a M. de dois anos e meio também, de vez em quando eu já peguei ele passando a mão nela também, e aí foram lá comunicaram o juiz e o promotor de lá super chato, casca grossa pra caramba, mas você tem certeza do que você está falando? Você não está inventando tudo isso não? Ela falou olha doutor, eu não ia perder meu tempo fazendo uma coisa dessas não, a moça está aí, o senhor quer falar com ela?*

*Aí disse que ele ouviu a moça, a moça contou barbaridade, ele mandou prender o cara imediatamente! Expediu mandato de prisão na mesma hora, tanto é que ele está preso e aí a mãe falou que não queria mais a filha, e aí o juiz mandou que tirassem a menina, entregassem para uma família substituta só para cuidar né? Porque não pode ir pra adoção porque tem vínculo familiar né?*

*E aí a mãe se apresentou falando que não queria que lá é muito fácil de falar isso, não quero, não tenho condições, passo fome, e passam mesmo!*

**Larissa:** *E é até uma outra cultura né?*

**Jorge:** *É completamente diferente! A gente fica abismado, esse negócio de pai abusar de filha isso está na cultura deles isso! É um absurdo! Pra eles ninguém se espanta muito, com exceção da C. As conselheiras tutelares caem matando quando sabem disso, lá eles vão mesmo em cima, e aí a C. ficou com a M. cuidando dela, a mãe não quer mesmo.*

**Larissa:** *Ela tinha dois anos?*

**Jorge:** *Dois anos, mas a M. vai pra lá desde um ano e pouco de idade, que ela cuida e volta pra casa, cuida e volta pra casa, entendeu? E aí tem um outro menininho de dois anos que eu fiquei sabendo que ele está para um casal que é sobrinho de um cara aqui de J. que pegou o menino, está com o irmãozinho de cinco anos de idade que a mãe também não quer.*

*E agora parece que o juiz pediu o depoimento do pai lá, e o pai abriu mão lá, não quer mesmo os filhos e a C. acabou adotando a M., a M. era pra ser minha, ela falou da possibilidade, até quando eu fui pra lá com a Glória, buscar a Glória a M. já estava com ela, ela só tinha a guarda provisória, mas uma graça a menina! Linda!*

**Larissa:** *É bom que vocês convivem né, é uma extensão familiar assim...*

**Jorge:** *E ela é assim, você senta perto dela, ela sai, ela é muito assim com homem, demorou pra ela fazer amizade comigo...*

**Larissa:** *Ela tem esse histórico né...*

**Jorge:** *Aí eu começava a assistir Xuxa com ela, ficava cantando as musiquinhas, dançando. E eu falei, vamos pra São Paulo comigo? Ela fala, eu vou! Eu vou! Eu saí de lá apaixonado pela menina! Meu Deus do céu! Falei C. olha se eu não tivesse eu traria a M. junto, eu traria com processo de adoção essa menina! Lá não tem abrigo sabe? Essa região, é assim, fica a critério das conselheiras e a boa vontade de algumas famílias de cuidar, e o irmãozinho da M. foi pra casa agora desse casal, esse casal é muito bem estruturado e parece que ele tem também um menino que tá adotado, tem 18 anos tá namorando, vai casar, tá com ele, e também foi situação parecida, e agora ele tá com esse menino, e a G. a C. falou pra mim, olha tem essas possibilidades e nasceu a L. a L. nasceu em maio, e ela falou olha Jorge tem uma pra nascer em junho, eu não sei se é menino ou menina, eu falei, C. olha nem se for menino eu vou ficar!*

*Eu vou adotar! Por que o Raul já estava me enchendo o saco, a idade vem chegando, eu não quero esperar muito!*

*Aí a C. me ligou e falou, olha eu me enganei não vai ser em junho não, é mais certeza que vai ser em setembro, acho que erraram a conta aí tal, aí eu fiquei assim meio triste né? Mas eu fiquei muito pra baixo porque eu tava assim ansioso, e eu tinha conversado com ela um dia antes, lá de casa, foi no dia... ela nasceu no dia 9, no dia 8 eu falei com ela. Ela falou: aí Jorge eu não estou sabendo de nada, mas eu vou ligar pra minha amiga...*

**Larissa:** *Ela nasceu dia 9 de...?*

**Jorge:** *Agosto de 2012. Aí ela falou eu vou ligar pra minha amiga, e vou ver com ela se ela tem alguma notícia, se ela sabe quando vai nascer. Eu falei tá bom né? Mas eu não senti muita firmeza nela, sabe quando você joga um balde de água fria? O jeito que ela falou né?*

*E vim embora, dormi aquela noite, sonhei a noite inteira com criança, fazia uns quinze dias que eu vinha sonhando de novo, falei: meu Deus! Estou sonhando demais! Era com menino, com menina, com criança... E o Raul também sonhando...*

*Daí eu cheguei aqui na loja, foi acho que em uma segunda-feira, toca o telefone, eu olhei assim o celular, C.! Nossa eu gelei! Gelou na hora! Falei oi C. ... Jorge! Nasceu! Sua filha nasceu! É menina, nasceu essa madrugada, nasceu às duas horas da manhã, a assistente social acabou de me ligar dizendo que eu vá buscar, porque a mãe já vai indo embora do hospital, não quer pegar a criança, não deu de mamar, falou não tem roupa, não tem nada! Ela não tem nada, não tem abrigo lá, ninguém quer, não tem para onde ir, você tem que vir imediatamente pra cá!*

*Eu falei C. e agora? Como é que eu faço? Eu tremia sabe? Igual vara verde! Sabe quando você fala nossa era pra ser seu mesmo, eu fiquei em um estado que... E aí ela ligou, conversou já com o advogado para saber, ligou no Fórum tal, e falou não, ele pode vir já, vir que a gente dá entrada no processo! Ele já está inscrito, já tinha atualizado o cadastro de novo né? E aí eu tinha que ir... Isso era umas oito e meia da manhã, aí liguei pro Raul e falei, Raul vem pra cá urgente! Vem pra cá imediatamente! Ele falou, mas por quê? Porque acabou de nascer! Falei vem pra cá imediatamente que a gente tem que ir pra lá, precisa ir! E aí a C.*

*eu fui falando com ela durante a manhã, eu conversei com ela e com o advogado junto no telefone.*

*Ele falou pode vir porque a gente já dá entrada também, e vamos lá, mas como é cidade de fora vocês vão ter que fazer um documento lá para poder transitar com essa criança, o juiz não está aqui hoje, vocês podem fazer em cartório, desde que a genitora lá autorize para vocês transitarem, mas isso o pessoal de lá providencia, e aí eu comecei ligar na (nome empresa aérea) para conseguir voo, tinha que ir no Fórum daqui pegar uma carta do Fórum pra levar, porque ele falou, olha o juiz não abre mão do documento do Fórum aí heim! Então mesmo estando aqui o processo, eu preciso disso!*

*E aí eu fui no Fórum daqui, fiquei falando na (empresa aérea) lá por quase duas horas pra conseguir, eu estava comprando por milhas né? E eu queria o voo das cinco da tarde daquele mesmo dia, eu falei não, eu estou indo para aí hoje! No máximo nove horas da noite eu estou aí, se Deus quiser eu estou aí, e aí acabou não dando certo a parte área eu corri pro Fórum, aí o Raul chegou eu falei vamos para o Fórum imediatamente!*

*Minto... O Raul foi pra casa! O Raul foi pra casa arrumar a mala! Falei vai lá arruma as coisas e eu vou dando sequência aqui! E o Lucas estava na escola, tinha que pegar o Lucas na escola, ele saía meio dia...*

**Larissa:** *Um trabalho de parto heim! (risos)*

**Jorge:** *Nossa eu liguei pra minha irmã! Juro por Deus foi pior viu? Liguei pra minha irmã em A. para ela vir de lá pra cá. M. vem pra cá porque você vai ficar com o Lucas pra mim, ela falou não, mas não posso, eu falei pelo amor de Deus! Larga tudo aí! Não quero saber! Ela chegou aqui meio dia e quinze, de A. pra cá ela falou que não sabe nem como ela conseguiu, ela falou que nem lembra o trajeto que foi, mas ela chegou aqui com tempo de pegar o Lucas e aí o pai do Raul veio pegou o Lucas e a M. e aí eu falei, tchau filho, o papai vai em um lugar mais o papai volta logo! Eu nunca tinha me separado dele!*

**Larissa:** *Com quantos anos ele estava?*

**Jorge:** *Com quatro anos! Aí ele não tava entendendo muito, eu já sabia que tinha uma criança que podia vir né? Então eu já estava preparando o terreno, tanto é que Glória foi ele que escolheu, no dia que ela me ligou falando das possibilidades né? Então ele falou que se fosse menina ele queria que chamasse Glória e aí nós ficamos com aquilo, eu contei pra C., mas eu não lembrava mais da Glória, mas a C. gravou bem isso!*

*E aí nós fomos, o Lucas, pai do Raul levou eles para casa com a minha irmã e nós fomos para o Fórum, consegui fechar a parte aérea, ver a confirmação de voo tudo, aí fui para o Fórum com o Raul, falei com a assistente social tudo, tive que esperar abrir porque o Fórum estava fechado né? Uma hora, a assistente social estava lá, Jorge a gente tem que pedir no cartório, mas não tem ninguém no cartório aí, mas o que vocês querem? Eu preciso pelo menos que vocês façam um documento que eu atualizei cadastro, que eu estou no cadastro nacional, sob o número tal, tal, e o juiz lá, eles vão querer. Ela falou não, não tem problema, então a gente faz aqui, se tiver algum problema, depois a gente faz tudo por precatória alguma coisa, vê o que vai fazer.*

(Fim da gravação por motivo de falta de bateria no gravador digital)